

Arelis Felipe Ortigoza

**UNIDADES FRASEOLÓGICAS DA VARIANTE CUBANA DO
CASTELHANO: REGISTROS E ANÁLISES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do grau de doutor em Estudos de Tradução.

Linha de pesquisa: Lexicografia, Tradução e ensino de línguas.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Antunes Maciel.

Florianópolis
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Ortigoza, Arelis Felipe

Unidades Fraseológicas da variante cubana do castelhano:
registros e análises / Arelis Felipe Ortigoza ;
orientador, Carlos Alberto Antunes Maciel - Florianópolis,
SC, 2016.

421 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós
Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Estudos da Tradução. 2. Unidades Fraseológicas. 3.
Cubanismos. 4. Fraseografia. 5. Tradução Intralinguística.
I. Maciel, Carlos Alberto Antunes. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em
Estudos da Tradução. III. Título.

Arelis Felipe Ortigoza

**UNIDADES FRASEOLÓGICAS DA VARIANTE CUBANA DO
CASTELHANO: REGISTROS E ANÁLISES**

Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de “Doutor em Estudos da Tradução” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Florianópolis, 30 de maio de 2016.

Profa. Dra Andréia Guerini.
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Carlos Alberto Antunes
Maciel
Orientador e Presidente (UFSC)

Profa. Dra. Viviane Maria
Heberle (UFSC)

Profa. Dra. Andrea Cesco
(UFSC)

Profa. Dra. Deise Joelen Tarouco
de Freitas (UFSC)

Prof. Dr. Maurizio Babini
(UNESP)

Profa. Dra. Maria da Graça
Krieger (UNISINOS)

Este trabalho é dedicado aos meus queridos pais e ao meu amado avô Antonio (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

A Deus, que esteve sempre do meu lado e a quem devo tudo.

Aos meus pais, ao meu irmão, ao Matheus e ao Flavio, meu porto seguro, minha referência.

Ao Prof. Dr. Carlos Maciel, por incentivar minhas escolhas; pelas leituras atentas do meu trabalho, pelas sugestões e pelas críticas sempre construtivas.

Às minhas amigas-irmãs Giovana e Valdirene.

Às amigas Claudia, Sônia, Marta, Silvana, Roberta, Marisa, Rosane, Tatiana, Camila, Patrícia, Zenilda, Luzia.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução PGET-UFSC, pela minha formação acadêmica.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelas bolsas obtidas para o apoio a minha formação no Brasil e no Exterior.

Ao professor Reinhold Werner (*in memoriam*) pelas orientações durante o período do meu Doutorado Sanduíche na Alemanha e por todas as coisas que me ensinou.

Aos amigos que se tornaram minha família na Alemanha, Martin, Anamarja, Carmen e Sabine.

Ao amigo Al Patino pela sua ajuda e incentivo.

Aos secretários do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução PGET-UFSC na época, Carlos Fernando Santos e Gustavo Marcel Guaita.

E aos demais familiares e amigos, que aqui não foram citados, mas que são lembrados com gratidão, pelo apoio inestimável e pela torcida.

RESUMO

O dicionário de autor de Santiesteban (1985) é um dicionário geral de língua, contudo, em comparação com o *Diccionario de la Real Academia Española (DRAE)*, apresenta as UFs como entradas e não como sub-entradas. Apesar disso, para a elaboração de um dicionário fraseológico da variante cubana do castelhano, a microestrutura dos verbetes formados por essas UFs deveria conter outras informações, as quais, compõem a proposta de registro que elaboramos, com base nos estudos de áreas do conhecimento como a Fraseografia. Esta pesquisa busca ser um instrumento de consulta para pesquisadores da área da Lexicografia, da Tradução, da Fraseologia e da Fraseografia, considerando-se que um dicionário não é uma obra neutra, isto é, ele é depositário da ideologia de uma determinada comunidade de falantes ou de traduções intralinguísticas da linguagem do pensamento e isso pode aparecer no formato de UFs.

Palavras-chave: Unidades Fraseológicas. Tradução Intralinguística. Lexicografia. Fraseografia. Cubanismos.

ABSTRACT

The dictionary of Santiesteban (1985) is a general dictionary, however, in comparison with the *Diccionario de la Real Academia Española (DRAE)* it registers the Phraseological Units (PUs) as entries and not as sub-entries. Nevertheless, for the preparation of a phraseological dictionary of Cuban variant of Castilian, the microstructure of entries formed by these PUs should contain other informations, which make up the proposed record that we developed, based on studies of areas such as Phraseography. This research seeks to be a reference tool for researchers in the field of Lexicography, of Translation, of Phraseology and Phraseography, considering that a dictionary is not a neutral work, that is, it is the depository of the ideology of a particular community of speakers or intralinguistic translations of the language of thought and it may appear in PUs format.

Keywords: Phraseological Units. Intralinguistic Translation. Lexicography. Phraseography. Cubanisms.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas
a.C. – antes de Cristo
ADJ. – adjetivo
ADV. – advérbio
AIE – Aparelhos Ideológicos do Estado
ARE – Aparelhos Repressivos do Estado
ART. – artigo (definidos e indefinidos)
C. D. – complementos (objeto direto)
C. I. – complementos (objeto indireto)
Com. – Comum
CONJ. – conjunção
CONTR. – contração (preposição + artigo, por exemplo)
Cub. – Cuba
DRAE – *Diccionario de la Real Academia Española*
E – Enunciado
EA – Enunciado Alvo
EF – Enunciado Fonte
EI – Expressão Idiomática
ELE – Espanhol como Língua Estrangeira
fr. - fraseologismo
GER. - Gerúndio
LE – Língua Estrangeira
LM – Língua Materna
L1 – primeira língua
L2 – segunda língua
LOC. – locuções adverbiais ou adjetivas dentro das locuções verbais
MLP - Memória de Longo Prazo
MCER – Marco Comum Europeu de Referência para as Línguas
MCP – Memória de Curto Prazo
NLU – Natural Language User
NUM. – numeral
OCEM – Orientações Curriculares para o Ensino Médio
PREP. – preposição
PRON. – pronome
PUs – Phraseological Units
RAE – *Real Academia Española*
S1 – Semema 1
Sn – Semema n
UFs – Unidades Fraseológicas
ULN – Usuários de uma Língua Natural
URSS – União de Repúblicas Socialistas Soviéticas
V – Verbos em infinitivo ou formas verbais conjugadas
(V.) – Sinal de remissão, *véase*.
V. R. – Verbos reflexivos (em infinitivo, com a partícula SE).

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	19
1.2 OBJETIVO GERAL	25
1.2.1 Objetivos Específicos	25
1.2.2 Hipóteses	25
1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO	26
2 A ORIGEM DA PESQUISA	29
2.1 DO LATIM AO CASTELHANO DO SÉCULO XVI.....	30
2.2 VARIANTES DO CASTELHANO.....	36
2.3 A VARIANTE CUBANA DO CASTELHANO: FORMAÇÃO E CARACTERÍSTICAS	38
2.3.1 Palavras patrimoniais da variante cubana do castelhano	39
2.3.1 Empréstimos linguísticos.....	41
2.3.3 Neologismos semânticos e a ideologia construída.....	54
2.3.4 Modificações morfossintáticas e fonológicas do léxico patrimonial	60
2.4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS CONCEITOS DE <i>ARGOT, JERGA, JERIGONZA E GERMANÍA</i>	62
2.4.1 Argots.....	62
2.4.2 Jerga.....	64
2.4.3 Jerigonza.....	65
2.4.4 Germanía	66
3 LEXICOGRAFIA.....	69
3.1 O FAZER LEXICOGRÁFICO AO LONGO DO TEMPO	71
3.2 A LEXICOGRAFIA E A VARIANTE CUBANA DO CASTELHANO.....	73
3.3 LEXICOGRAFIA E METALEXICOGRAFIA.....	82
3.4 INTERFACES ENTRE A LEXICOGRAFIA, A SEMÂNTICA E A TRADUÇÃO	93

3.5 TIPOS DE DEFINIÇÃO E POSSIBILIDADES DE SE DEFINIR NA LEXICOGRAFIA	110
4 FRASEOLOGIA E FRASEOGRAFIA	121
4.1 A FRASEOLOGIA E A FORMA CANÔNICA DA UNIDADE FRASEOLÓGICA (UF)	124
4.2 ENSINO E APRENDIZAGEM DE UFS	133
5 ANÁLISE DOS DADOS	163
5.1 ANÁLISES FRASEOGRÁFICAS PELO TIPO DE LEMA	165
6 RESULTADOS E COMENTÁRIOS DA ANÁLISE FRASEOGRÁFICA FEITA	329
6.1 ANÁLISE E COMENTÁRIOS SOBRE A LEMATIZAÇÃO DAS UFS	334
6.1.1 Heterogeneidade no formato dos lemas	335
6.1.2 Elementos do contorno	336
6.1.3 A partícula “no”	337
6.1.4 A partícula “se”	338
6.1.5 A variação fraseológica e seu registro	338
6.1.6 Exemplos de uso	340
6.1.7 Notas ou Observações	342
6.1.8 A remissão	343
6.1.9 A definição de unidades fraseológicas do ponto de vista da fraseografia	346
6.1.10 Proposta de verbete de dicionário fraseológico	348
6.2 O CONTEÚDO IDEOLÓGICO VEICULADO POR MEIO DAS UFS	350
6.2.1 A ideologia no âmbito governamental	351
6.2.2 A ideologia no âmbito moral	354
6.2.3 A ideologia no âmbito religioso	356
6.2.4 A ideologia no âmbito familiar	365
CONSIDERAÇÕES FINAIS	367

REFERÊNCIAS.....	373
ANEXO 1 - LISTA DE UFS RETIRADAS DE SANTIESTEBAN (1985).....	387

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Começamos os nossos estudos sobre a variante cubana do castelhano em 2005¹. À época, como fruto dos primeiros estudos realizados sobre as peculiaridades dessa variante do castelhano, foi escrita uma monografia, sob o título “A ideologia por trás do léxico no ensino da gramática do espanhol em Cuba”, a qual foi concluída em 2006.

Dando continuidade aos nossos estudos sobre o tema e após a conclusão do trabalho monográfico citado anteriormente, foi escrita uma dissertação de mestrado intitulada “A contextualização sociolingüística [sic] e histórico-política como explicação para usos e sentidos de unidades léxicas ideologicamente marcadas: uma análise contrastiva do espanhol considerado padrão em relação à variante lingüística [sic] falada em Cuba”, a qual foi defendida em 2008.

Nos trabalhos anteriores, os objetos de análise foram unidades léxicas simples retiradas de um manual de gramática. Este tipo de material é considerado por Rey-Debove (1984) como essencial para o estudo de uma língua estrangeira. Contudo, há um segundo tipo de recurso didático que essa autora francesa considera, também, como sendo essencial para quem estuda uma língua, isto é, o dicionário.

Nesta pesquisa, analisaremos um dicionário de autor escrito por Argelio Santiesteban e intitulado *El habla popular cubana de hoy*.

1.1. DESCRIÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA: *EL HABLA POPULAR CUBANA DE HOY*

*Es un libro audaz, actual, imprescindible y, sobre todo, cubanísimo*²
(SANTIESTEBAN, 1985, p. 528).

Santiesteban (1985) compilou, a modo de dicionário, as unidades léxicas simples e complexas mais frequentes da variante cubana do castelhano nas décadas de 1960, 1970 e 1980 na ilha caribenha. O título da obra de Santiesteban (1985) permite que o leitor apreenda algumas informações na escolha das palavras que o compõem. Ele anuncia que, na sua obra, ocorrerá o registro de lexias simples e complexas pertencentes aos domínios da fala, *el habla*, e não aos da língua, de acordo com a oposição saussuriana.

¹ A autora desta pesquisa tem a variante cubana do castelhano como língua materna.

² “É um livro audacioso, atual, imprescindível e, sobretudo, cubaníssimo”.

A fala, ao contrário da língua, por se constituir de atos individuais, torna-se múltipla, imprevisível, irredutível a uma pauta sistemática. Os atos linguísticos individuais são ilimitados, não formam um sistema. Os fatos linguísticos sociais, bem diferentemente, formam um sistema, pela sua própria natureza homogênea. Vale ressaltar, no entanto, que tanto o funcionamento quanto a exploração da faculdade da linguagem estão intimamente ligados às implicações mútuas existentes entre os elementos língua (virtualidade) e fala (realidade), de acordo com as palavras de Carvalho (2003) na sua releitura da obra do mestre genebrino.

El habla popular cubana de hoy, como título da obra de Santiesteban (1985) pode traduzir algumas posturas teóricas do autor. Talvez, a intenção de Santiesteban (1985) ao nomear sua obra e usar o vocábulo *habla* em lugar de *lengua* tenha sido a de registrar lexias que são efetivamente usadas em Cuba.

Em relação ao adjetivo *popular*, também no título da sua obra, acreditamos que Santiesteban (1985) faça referência ao fato de as lexias registradas sejam de uso comum, ou, como ele mesmo afirma, de conhecimento do cubano médio.

De acordo com Eagleton (1997, p. 38), quando se constroem significados em sociedade, isso não é feito para toda a comunidade linguística e sim para um grupo de falantes em específico, portanto, para se veicular uma ideologia, é necessário que exista um grupo determinado de usuários de um código linguístico ou uma das variantes de um idioma; no caso, a variante *cubana* do castelhano.

Sobre a locução adverbial *de hoy*, Santiesteban (1985) refere-se ao recorte que ele próprio faz do registro das lexias da variante cubana do castelhano, isto é, as entradas do dicionário foram compiladas ao longo das décadas de 60, 70 e 80 em Cuba.

Resumidamente, o dicionário de autor de Santiesteban (1985) faz um registro da fala (realidade) comum entre os cubanos, no formato de unidades léxicas simples e complexas que eram mais frequentes da década de 60 a 80 na ilha caribenha. Prado Aragonés e Galloso Camacho (2004, p. 9) afirmam que:

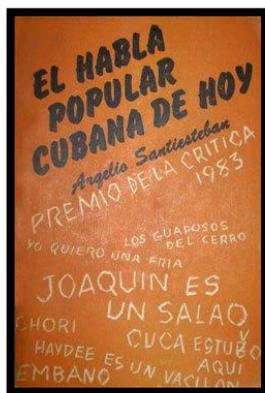
[...] el diccionario constituye un producto cultural, que, lejos de ser una obra neutral, por una parte, refleja los valores de la sociedad en cada momento, condicionados por múltiples circunstancias socioculturales, políticas y religiosas; y, por otra, el pensamiento de sus autores, pues, como seres

humanos que son, difícilmente pueden evitar dejar traslucir sus propias opiniones³.

A obra de Santiesteban (1985) é permeada pelas peculiaridades do seu discurso, tanto nas palavras introdutórias, quanto no corpo do dicionário, incluindo-se a macro e a microestrutura. Seu pensamento e opiniões sobre determinadas lexias aparecem nas definições que apresenta para seus lemas. Dessa forma, a ideologia, como “o processo de produção de significados, signos e valores na vida social” (EAGLETON, 1997, p. 15) encontra-se presente na obra de Santiesteban (1985) e o move em seu labor de aproximar significados e valores na vida social e possíveis significantes, para mostrar como a comunicação acontece por meio da fala em Cuba.

A primeira edição da sua obra é de 1982, a segunda de 1985 e a última de que temos notícia foi publicada em 1997. A edição de 1985 será objeto de estudo desta pesquisa:

Figura 1 - Capa da 2a. ed.



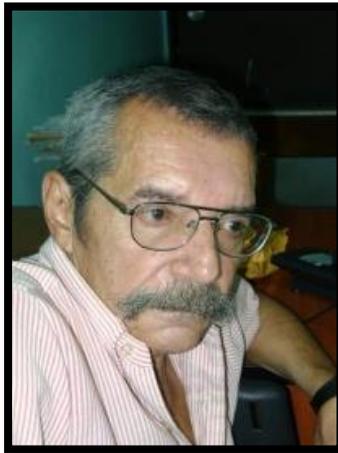
Fonte: Santiesteban (1985)⁴.

³ “[...] o dicionário constitui um produto cultural, que, longe de ser uma obra neutra, por uma parte, reflete os valores da sociedade em cada momento, condicionados por múltiplas circunstâncias socioculturais, políticas e religiosas; e, por outra, o pensamento dos seus autores, pois, como seres humanos que são difícilmente conseguem evitar deixar transparecer suas próprias opiniões”.

⁴ Disponível em: << <https://milibreria.wordpress.com/2009/01/28/el-habla-popular-cubana-de-hoy/>>> Acesso em: 22 jul. 2015.

Argelio Santiesteban, nascido em Banes, Holguín, Cuba, em 1945 é o autor de *El habla popular cubana de hoy* (1982, 1985, 1997). O autor pertence à categoria de pessoas, de profissões diversas e, em vários casos, sem o título acadêmico para isso, que se dedicaram a elaborar obras de cunho lexicográfico, inseridas na chamada “lexicografia de autor”. No próprio dicionário aparece uma breve biografia sobre Santiesteban, na qual é possível ler que ele é jornalista e professor, mas, não é lexicógrafo (SANTIESTEBAN, 1985, p. III).

Figura 2 - Argelio Santiesteban



Fonte: Disponível em: <<http://www.ecured.cu/Argelio_Santiesteban>>
Acesso em 25 mai. 2016.

De acordo com Rafel i Fontanals (2004, sem página), a “lexicografia de autor” é aquela em que o dicionário se encontra ligado a uma pessoa determinada, da qual figura como autor, tendo sido responsável pela concepção original, pelos critérios lexicográficos e pela realização da obra. É o caso de obras como os dicionários *Aurélio* e *Houaiss*, dentre outros, tais como a obra em análise nesta pesquisa, a qual inclui o léxico formado por:

- a) las voces que la Academia registra como cubanismos, americanismos o de otro uso regional, siempre que en Cuba se escuchan⁵.
- b) las que aquí se usan y la Academia ignora, sean cubanismos, americanismos o voces que el pueblo español también utiliza (señaladas *Com.*, comunes)⁶ (SANTIESTEBAN, 1985, p. 21).

Nesta obra, o autor, além de reunir unidades léxicas próprias da variante cubana do castelhano, as compilou a modo de verbete de dicionário. Apesar de não chamar sua obra desta maneira e sim de *LÉXICO*, Santiesteban (1985) a estruturou seguindo procedimentos lexicográficos e fraseográficos, sobre os quais discorreremos mais adiante.

Outra diferença relevante entre a monografia (ORTIGOZA, 2006) e a dissertação (ORTIGOZA, 2008), mencionadas anteriormente, e esta pesquisa diz respeito ao conceito de ideologia que adotamos como base para determinar como e se ela está presente nas unidades léxicas analisadas. Nos trabalhos anteriores, as análises das unidades léxicas simples da variante cubana do castelhano foram feitas no âmbito da ideologia em sua interface com a política e com o discurso pedagógico. E, mais especificamente, no contexto do marxismo-leninismo que serve como base para o sistema de governo cubano, no poder desde 1959.

Nesta pesquisa, à diferença das pesquisas anteriores, partiremos de conceitos mais amplos do que consideramos como ideologia, já que, apresentar um único conceito para essa palavra limitaria as possibilidades de um estudo mais aprofundado sobre a variante cubana do castelhano. Dizemos isso, com base em estudiosos da área, tais como Eagleton (1997, p. 15), o qual afirma que “[...] o termo ‘ideologia’ tem toda uma série de significados convenientes, nem todos eles compatíveis entre si”. Portanto, cabe reafirmar que não é o objetivo desta pesquisa apresentar um conceito único para o vocábulo ideologia.

No entanto, gostaríamos de discorrer sobre a “[...] matéria da qual cada um de nós é feito, o elemento que constitui nossa própria identidade” e que, também, pode ser “[...] uma miscelânea de refrões ou provérbios

⁵ Lexias que a *Real Academia Española* registra como cubanismos, americanismos ou de outro uso regional, contanto que sejam usadas em Cuba e não produto de um registro feito de acordo com outros critérios que não a frequência de uso efetivo da unidade léxica simples ou composta.

⁶ Lexias que eram usadas em Cuba e que eram ignoradas pela *RAE* até o momento da publicação da obra em 1982.

impessoais [...]; esses chavões batidos [que] estão profundamente entrelaçados com as raízes de identidade pessoal”. Dessa forma, na esfera da ideologia “[...] o particular concreto e a verdade universal deslizam sem parar para dentro e para fora um do outro [...]” (EAGLETON, 1997, p. 31). Interessa-nos, portanto, apresentar formas de pensamento próprias dos usuários da variante cubana do castelhano, a cultura e a ideologia que são veiculadas por meio de unidades da língua, já que, “a linguagem é uma parte da cultura e pode esclarecer muitos aspectos da história da cultura e da mudança cultural” (ESPINA BARRIO, 2007, p.17).

De acordo com estudiosos da antropologia cultural⁷, tais como Azcona (1988, p. 7),

[...] o conceito de cultura encerra a problemática teórica da antropologia, mas, por sua vez, o que os antropólogos pensaram e pensam sobre o homem. O valor ideológico do conceito de cultura é com frequência mais importante que seu valor analítico e heurístico.

Embora a antropologia cultural e a etnolinguística tenham se dedicado a estudar a cultura e a linguagem de um determinado grupo de indivíduos, neste estudo, interessa-nos focar em determinadas formas de expressão, as quais são próprias de cada comunidade linguística e que carregam significados construídos e compartilhados pelos usuários de um determinado código linguístico, isto é, nosso objeto de estudo serão as chamadas **unidades fraseológicas (UFs)**.

Até o presente momento, em consulta a bases de dados de programas de pós-graduação de universidades brasileiras de destaque, não encontramos teses defendidas no Brasil que abordem especificamente o estudo das UF's da variante cubana do castelhano, registradas num dicionário de autor, pelo viés da Fraseologia, da Lexicografia, da Tradução Intralinguística, da(s) Semântica(s) e da Fraseografia. Dessa forma, consideramos que este trabalho poderá contribuir para o avanço das pesquisas nessas áreas do conhecimento.

Considerando:

1) a interlíngua de brasileiros aprendizes de castelhano como língua estrangeira e os *erros de subprodução* cometidos por estes por

⁷ [...] definiremos a antropologia cultural como o estudo e descrição dos comportamentos aprendidos que caracterizam os diferentes grupos humanos” (ESPINA BARRIO, 2007, p.17).

evitem o emprego de determinadas estruturas em suas produções orais e/ou escritas;

2) as implicações do fato de a língua castelhana e a língua portuguesa serem línguas-irmãs;

3) a circunstância de o *Diccionario de la Real Academia Española (DRAE)* consultados não contemplar o registro de grande parte das UFs da variante cubana do castelhana.

Este estudo se justifica pelo fato de entendermos que o conhecimento das UFs auxilia os aprendizes brasileiros de castelhana como língua estrangeira, na compreensão de enunciados nesse idioma, assim como na elaboração de enunciados orais e escritos mais naturais e próximos aos de falantes nativos.

1.2 OBJETIVO GERAL

O presente trabalho tem como objetivo principal apresentar uma proposta de verbete de dicionário fraseológico, a partir das análises dos registros das UFs da variante cubana do castelhana presentes no dicionário de autor de Santiesteban (1985).

1.2.1 Objetivos Específicos

Pretendemos, para alcançar o objetivo citado anteriormente:

- a. analisar o registro das UFs feito por Santiesteban (1985), levando em consideração os fundamentos fraseográficos e ideológicos;
- b. apresentar as conclusões da análise do registro fraseográfico, de forma tal que possam servir de orientação para a elaboração de um dicionário fraseológico da variante cubana do castelhana.

1.2.2 Hipóteses

Considerando o caráter propositivo desta pesquisa e os objetivos citados anteriormente, gostaríamos de confirmar as seguintes hipóteses:

- 1) as UFs analisadas podem ser a materialização do pensamento ou da ideologia dos usuários da variante cubana do castelhana;
- 2) no dicionário de Santiesteban (1985), as UFs são registradas de forma heterogênea, portanto, será necessário elaborar uma proposta de registro dessas estruturas que apresente uniformidade.

1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO

No **Capítulo 2**, citamos alguns fatos históricos ocorridos na Península Ibérica a partir do ano de 1492 e que visaram ao estabelecimento do castelhano como sistema linguístico. Esse idioma se desenvolveu também nas Américas, após o processo de conquista do Novo Mundo pelos súditos dos reis Isabel e Fernando de Castela, dando origem a variantes da língua falada nesses territórios, isto é, a variantes do castelhano.

Uma delas é a variante cubana, sobre cujas características discorreremos neste capítulo. Além disso, citaremos as línguas e os processos de formação de palavras que influenciaram a sua identidade.

O objeto de estudo desta pesquisa é o dicionário de autor elaborado por Santiesteban (1985), chamado *El habla popular cubana de hoy*, pois esta obra registra lexias simples e complexas da variante cubana do castelhano que são consideradas como cubanismos ou formas pertencentes ao *argot*, *jerga* ou *germanía* que os cubanos usam para comunicar-se. Discorreremos sobre o significado dessas três palavras, a partir do registro que encontramos nos dicionários da *Real Academia Española (RAE)*, no âmbito de uma reflexão sobre o prestígio das lexias consideradas de uso popular. Santiesteban (1985) encarregou-se de registrar, em seu dicionário de autor, neologismos semânticos que surgiram no seio dessa variante linguística e que eram mais frequentes a partir da década de sessenta em Cuba.

No **Capítulo 3**, após um breve relato da história e o surgimento da Lexicografia, falaremos, também, sobre alguns autores anteriores a Santiesteban (1985) que se dedicaram ao registro de formas de expressão coloquial correntes em Cuba e que o fizeram de acordo com os pressupostos da Lexicografia.

Além disso, discorreremos sobre a função do dicionário para a tradução. Assim, descreveremos os problemas em relação ao tratamento dado às UFs em dicionários de forma geral e relacionaremos as contribuições da Lexicografia para a tradução, explicando como um bom registro de UFs poderia trazer benefícios para os aprendizes de um idioma que consultassem os dicionários.

Falaremos, também, sobre a tradução intralinguística e a fraseologia, com o intuito de mostrar o espaço reservado ao estudo das UFs. Resumidamente, inter-relacionaremos pressupostos teóricos advindos da lexicografia, da(s) semântica(s), da fraseologia e da tradução intralinguística, com o objetivo de focar nas UFs da variante cubana do castelhano, retiradas da obra de Santiesteban (1985).

No **Capítulo 4**, falamos sobre a Fraseologia como ciência, definiremos o conceito daquilo que consideramos uma unidade fraseológica (UF) e apresentaremos os diferentes tipos de estruturas que se encaixam nessa nomenclatura, tomando como referência o trabalho feito por Corpas Pastor (1996). A partir daí, comentaremos sobre a importância de que as UFs sejam incorporadas à Memória de Longo Prazo (MLP) de qualquer aprendiz de um idioma, com o objetivo de avançar na sua interlíngua em direção à língua meta. Reservamos este capítulo para discorrer sobre a Fraseografia como ciência e, também, sobre a lematização das UFs.

Reservamos o **Capítulo 5** para descrevermos os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa e, em seguida, apresentaremos o levantamento das UFs presentes na obra de Santiesteban (1985) em formato de tabelas. Nelas, foram separadas as diferentes partes que formam a microestrutura de um verbete e, por isso, apresentamos a análise descritiva de cada uma das 483 UFs encontradas, de acordo com os pressupostos teóricos da Fraseografia. Depois, descreveremos a estrutura da obra de Santiesteban (1985), citaremos exemplos de lexias complexas ou de unidades fraseológicas (UFs), sobre cujo conceito, classificação e registro falamos nos capítulos anteriores.

No **Capítulo 6**, apresentaremos as considerações sobre os resultados obtidos da análise da lematização das UFs retiradas da obra de Santiesteban (1985), contemplando: a heterogeneidade no formato dos lemas; os elementos do contorno; a partícula ‘no’; a partícula ‘se’; a variação fraseológica e seu registro; os exemplos de uso; a presença de Notas ou Observações; a remissão e a definição de UFs pelo viés da fraseografia.

A partir dessas considerações teóricas, apresentamos uma proposta de registro de UFs da variante cubana do castelhano para a elaboração de um dicionário fraseológico que as contenha.

Após tecermos algumas considerações sobre a análise fraseográfica feita, passaremos a mostrar alguns exemplos de UFs que veiculam a ideologia ou forma de pensar dos usuários da variante cubana do castelhano.

Por último, comentaremos quais objetivos foram alcançados e as limitações da pesquisa. Esperamos que este estudo possa servir como ponto de partida para novas pesquisas sobre o tema, já que apresentamos: 1) um possível modelo de análise de UFs presentes num dicionário de autor; 2) uma proposta metodológica para o registro de UFs em dicionários fraseológicos.

2 A ORIGEM DA PESQUISA

Gostaríamos de citar as palavras introdutórias da obra de Santiesteban (1985, p. 3), na seção intitulada “DONDE SE CUENTA CÓMO LA SEMÁNTICA LLEGÓ A ENLOQUECER⁸”:

Humpty Dumpty le dijo desdeñosamente a Alicia, la peregrina en el País de las Maravillas: ‘Cuando yo uso una palabra ella significa lo que se me antoja que quiera decir, ni más ni menos.’ Nosotros los cubanos podríamos hacer nuestra la anterior afirmación⁹ [...].

A citação anterior refere-se à criatividade dos cubanos na hora de se comunicar e às mais diversas influências que o castelhano tem recebido na ilha. Considerando que a história de um povo e os fatores sociais são capazes de atravessar uma mesma língua, fazendo com que ela seja (co)habitada por falares diversos ou linguagens sociais dinâmicas que se cruzam, é possível afirmar que pessoas que falam uma mesma língua, também compartilham um “pensamento de identidade”.

Essas formas diferentes da variedade de línguas existentes, em que estão inscritos pontos de vista inseparáveis das transformações da experiência cotidiana, são, portanto, compartilhadas pelos membros das comunidades linguísticas que se identificam entre si (BAKHTIN, 2002 [1975], p. 86). É por isso que concordamos com a afirmação de que:

A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1986 [1929], p. 95).

Na citação anterior, o autor fala sobre “sentido ideológico” para fazer referência ao conteúdo que as palavras possuem numa língua.

⁸ “Onde se conta como a semântica chegou a enlouquecer”.

⁹ “Humpty Dumpty lhe disse desdeñosamente à Alice, a peregrina no País das Maravilhas: ‘Quando *eu* uso uma palavra ela significa o que eu tiver vontade que queira dizer, nem mais nem menos’. Nós os cubanos poderíamos tornar nossa a afirmação anterior [...]”.

Eagleton (1997, p. 16) propõe uma das definições para o vocábulo ideologia como sendo: “o meio pelo qual os indivíduos vivenciam suas relações com uma estrutura social”. Quando se fala de um idioma ou de uma língua, então, fala-se de um conjunto de palavras que possibilitam aos seus usuários vivenciarem experiências com outros membros da mesma comunidade linguística, devido a essas “ressonâncias ideológicas” que acontecem numa interação linguística.

Por conseguinte, concordamos com o que Prado Aragonés e Galloso Camacho (2004, p. 9) afirmam sobre a língua, a qual é um “[...] sistema de comunicación, pero también es un vehículo de conservación y transmisión de aspectos culturales, de modos de vivir y entender la vida, de sistemas de organización social y de creación de valores¹⁰”. Um sistema linguístico encontra-se, portanto, permeado pela ideologia, já que cada palavra ou expressão está sempre carregada de um sentido ideológico, de acordo com as definições de ideologia já citadas.

2.1 DO LATIM AO CASTELHANO DO SÉCULO XVI

As línguas evoluem e vão, ao mesmo tempo, consolidando-se como sistemas linguísticos e, também, transformando-se de acordo com o conteúdo ou sentido ideológico que as palavras vão adquirindo para os usuários do idioma.

Quando falamos de castelhano como sistema linguístico já consolidado, cabe destacar que esse idioma pertence à família linguística¹¹ indo-europeia. Esta costuma ser dividida em “[...] diversos ramos, que são o *germânico*, o *céltico*, o *eslavo*, o *báltico* (agrupado em balto-eslavo), o *albanês*, o *armênio*, o *grego*, o *irânico*, o *índico*

¹⁰ “[...] sistema de comunicação, mas, também, é um veículo de conservação e de transmissão de aspectos culturais, de modos de viver e de entender a vida, de sistemas de organização social e de criação de valores”.

Cabe destacar que todas as traduções para o português de textos em línguas estrangeiras que serão apresentadas nesta tese de doutorado foram feitas pela autora da pesquisa; quando a tradução for de autoria diferente, será feita uma nota ou observação sobre o autor da tradução. Dessa forma, seguindo as normas da ABNT, deixamos os textos em língua estrangeira no corpo do texto e, em Nota de Rodapé, entre aspas duplas, colocamos a tradução feita pela autora desta pesquisa.

¹¹ De acordo com Dubois et al. (1999[1973], p. 266): “Diz-se que duas ou mais línguas pertencem à mesma *família* quando são aparentadas geneticamente (historicamente), isto é, quando tudo leva a pensar que elas se desenvolveram a partir de uma origem comum”.

(agrupados em indo-irânico), o *tocário* e, talvez também, o *hitita* (hoje desaparecido)”, de acordo com Dubois *et al.* (1999 [1973], p. 268). Além desses, citamos o ramo *itálico*, sobre o qual os autores discorrem nesta citação:

As línguas românicas mais importantes são o português, o espanhol, o catalão, o provençal, o francês (que deram origem a diversos crioulos), o rético, o italiano, o sardo, o dalmático (hoje desaparecido) o romeno. Essas línguas nasceram da evolução do latim popular, mas línguas atestadas na Antiguidade e hoje desaparecidas, como o osco, o umbro e os dialetos sabélicos, formavam com o latim o ramo itálico (DUBOIS ET AL., 1999[1973], p. 268, grifos nossos).

O castelhano, portanto, descende do indo-europeu primitivo, pertence ao ramo itálico e advém do latim falado ou vulgar. Sobre o latim, Pharies (2007, p. 54) afirma que: “Durante el PERÍODO MEDIEVAL o bajo (siglos VII al XIII), siguen coexistiendo las dos modalidades de la lengua, una viva, dinámica y hablada, y otra artificial, estática y escrita¹²”. O nascimento do castelhano costuma ser situado, cronologicamente, no século XIII, devido ao maior número de registros desse idioma que foram encontrados¹³.

O reinado de Isabel I (1451-1504), a Católica, é de fundamental importância na história de Castela e, por consequência, para o estabelecimento do castelhano como língua. Quando aconteceu o casamento entre Fernando II de Aragão e a rainha Isabel I, no ano de 1469, aconteceu, também, a unificação de grande parte da Península Ibérica sob uma mesma coroa e uma mesma religião. Dessa forma, Fernando e Isabel passaram a ser conhecidos como os *Reyes Católicos*.

Muitos dos acontecimentos mais importantes do reinado de Fernando e Isabel se deram no ano de 1492. O primeiro deles foi a conquista de Granada, após uma guerra de onze anos contra os

¹² “Durante o PERÍODO MEDIEVAL ou baixo (séculos VII ao XIII), continuam coexistindo as duas modalidades da língua, uma viva, dinâmica e falada, e outra artificial, estática e escrita”.

¹³ Contudo, em 2010, a *Real Academia Española (RAE)* reconheceu a autenticidade dos “fondos de Valpuesta”, os quais constam de oito documentos do século IX, 39 do X, 49 datados no XI, 90 no XII e um do XIII. Disponível em: <<http://www.elmundo.es/elmundo/2010/11/07/castillayleon/1289123856.html>> Acesso em 11 set. 2015.

muçulmanos que ainda resistiam nesses territórios. Após quase oitocentos anos de presença muçulmana na Península Ibérica, os *Reyes Católicos* conseguem expulsar os mouros e se dedicam a levantar a bandeira de uma única religião: a católica. Com isso, passaram a perseguir e expulsar, também, a população judia que não abraçasse a fé católica, cujo êxodo aconteceu no ano de 1492¹⁴. Além desses acontecimentos, nesse mesmo ano, também ocorreu o “descobrimento” das Américas por Cristóvão Colombo e começou a conquista dos territórios do chamado Novo Mundo.

Se o latim serviu como veículo de comunicação entre os conquistadores durante a época do Império Romano, o castelhano passou a ser o código linguístico utilizado pelos súditos dos *Reyes Católicos* para concretizarem o domínio cultural e religioso na América.

Em relação à data em que os castelhanos começaram a conquista dos novos territórios, costuma-se afirmar que o castelhano que serviu como base para o estabelecimento e formação do idioma nos novos territórios a serem colonizados era o do século XV. Contudo, para oferecer uma maior precisão a esse pressuposto, Lapesa (1992, p. 21) afirma que “en el castellano de 1492, camino de convertirse en español, había inseguridades en la fonética y fonología, en la morfología y en la sintaxis, manifestaciones de inestabilidad creadora¹⁵”.

Na *Gramática sobre la lengua castellana* de Antonio de Nebrija¹⁶, publicada, também, no ano de 1492, o autor afirma que a língua castelhana se encontrava no topo, contudo, à época, seria mais provável esperar sua “decadência” do que sua “ascensão”. O fato de Nebrija publicar um dicionário bilíngue, o *Diccionario latino-español*, em 1492

¹⁴ As consequências linguísticas desse fato histórico têm a ver com o surgimento do sefardita ou língua que se formou a partir do castelhano do século XV que os judeus que foram expulsos da Península Ibérica usavam e que foi misturando-se às línguas do norte da África, dos Balcãs e do Oriente Médio, para onde eles fugiram. Contudo, o sefardita mantém muitos dos seus traços originais, o qual o torna o dialeto espanhol mais arcaizante. Ver: PULIDO FERNÁNDEZ, Á. *Los israelitas españoles y el idioma castellano*. Barcelona: Riopiedras. 1993.

¹⁵ “no castelhano de 1492, em vias de tornar-se espanhol, existiam inseguranças na fonética e na fonologia, na morfologia e na sintaxe, manifestações de instabilidade criadora”.

¹⁶ “lo cual hezimos en el tiempo más oportuno que nunca fue hasta aquí. por estar ia nuestra lengua tanto en la cumbre que más se puede temer el decendimiento della: que esperar la subida” (Prólogo). Ver o site onde se encontra esta gramática na íntegra: Disponível em: <<http://www.antoniodenebrija.org/indice.html>> Acesso em 06 jul. 2015.

também, mostra o conhecimento que ele tinha do castelhano na época. Isto é, Nebrija sabia que essa língua ainda não estava amadurecida o suficiente para ser registrada num dicionário monolíngue, já que este “[...] vale para interpretar esa madurez cultural [...]”¹⁷ (AHUMADA LARA, 2004, p. 18) de um povo e, no caso, esse “povo” ainda estava em formação no século XV.

Para justificar a escrita da sua *Gramática*, Nebrija escreve à rainha Isabel (a quem dedicou essa obra) sobre a necessidade de se estabelecerem normas e regras que permitissem zelar pela “elevação” da língua castelhana, a qual poderia ser usada nas conquistas do reino, como o autor vaticina:

Que después que vuestra Alteza metiesse debaxo de su iugo muchos pueblos bárbaros y naciones de peregrinas lenguas: y con el vencimiento aquellos tenían necesidad de recibir las leyes: quel vencedor pone al vencido y con ellas nuestra lengua: entonces por esta mi Arte podrían venir en el conocimiento della como agora nos otros dependemos el Arte de la Gramática latina para depender el latín y cierto assí es que no sola mente los enemigos de nuestra fe que tienen ia necesidad de saber el lenguaje castellano: mas los vizcaínos, navarros, franceses, italianos y todos los otros que tienen algún trato y conversación en España y necesidad de nuestra lengua: si no vienen desde niños a la depender por uso: podrán la más aína saber por esta mi obra (NEBRIJA, 1492, documento eletrônico, grifos nossos).

No Prólogo da sua gramática, Nebrija (1492) discorre sobre a língua castelhana e sobre a utilidade que sua obra teria para os povos estrangeiros a serem conquistados e catequizados, pois eles passariam a conhecer as leis e preceitos religiosos dos conquistadores castelhanos por meio da sua língua. Além disso, a obra de Nebrija seria útil para os povos que rodeavam o reino de Castela e os territórios mais longínquos, com os quais se mantinha contato na época (a Itália, por exemplo). E, por último, a normatização da língua castelhana seria útil para todos aqueles que não

¹⁷ “[...] vale para interpretar essa maturidade cultural [...]”.

tivessem o castelhano como língua materna e se interessassem posteriormente por seu estudo¹⁸.

O vaticínio de Nebrija em relação à expansão do domínio dos castelhanos e da sua língua começou a se tornar realidade a partir do século XV. No entanto, embora o descobrimento e as primeiras ocupações dos novos territórios na América tenham acontecido nesse século, Moreno de Alba (1995, p. 95-96) afirma que a verdadeira colonização dos territórios americanos foi feita ao longo do século XVI. E não somente isso: os dados estritamente linguísticos permitem supor que a base linguística do espanhol americano é o espanhol do século XVI. Moreno de Alba (1995, p. 95-96) afirma que não há na América traços léxicos ou fonológicos próprios do século XV e, no entanto, os neologismos semânticos do século XVI podem ser encontrados em registros escritos, ao terem sido plenamente assimilados no território americano.

Existe, também, uma premissa em relação ao castelhano do século XVI que consideramos inexata: afirma-se comumente que o “español americano” tem como origem a variante andaluza do castelhano. O fundamento para a hipótese andaluzista como base do espanhol americano tem a sua origem na comprovação de que determinadas características das duas variantes coincidem. Essas características em comum são: o *seseo* (em oposição ao *ceceo* do centro da Península Ibérica¹⁹), o *yeísmo*²⁰, a aspiração do *s* implosivo, a troca do *-l* e *-r* implosivos, dentre outras características. E se existiu a teoria de que a origem geográfica dos emigrantes da Península Ibérica era predominantemente andaluza e que por isso o “español americano” possui características similares àquele falado na Andaluzia, também foi defendida a ideia de que a emigração andaluza era minoritária e que, portanto, não justificaria que a origem do “español americano” fosse

¹⁸Ahumada Lara (2004, p. 17-18) afirma que: “La figura de Antonio de Nebrija se agiganta, antes que por su *Gramática* (1492) o su *Ortografía* (1516), cuando comparamos su quehacer lexicográfico con los diccionarios medievales [...]”. O autor se refere ao *Diccionario latino-español* (1492) elaborado por Nebrija e afirma que este “[...] innova en todo, de aquí el éxito de sus diccionarios bilingües en la Europa renacentista, en la Europa del siglo XVI”.

¹⁹ Recomendamos a leitura deste texto sobre o assunto: ALONSO, A. *Historia del ceceo y del seseo españoles*. In: *Thesaurus*, vol. VII, n. 1, 2 e 3, 1950. Disponível em:

<http://cvc.cervantes.es/lengua/thesaurus/pdf/07/TH_07_123_123_0.pdf>

Acesso em: 07 jul. 2015.

²⁰ Sobre o tema, recomendamos ler: AMADO, A. *Estudios Lingüísticos: temas hispanoamericanos*. Madrid: Gredos, 1961.

exclusivamente dessa região da Península Ibérica. Um dos defensores dessa ideia foi Henríquez Ureña (1932), que advogou pela impossibilidade da teoria andaluzista para explicar a origem do “español americano”, baseado em determinadas estatísticas de emigrantes que mostravam uma escassa presença andaluza. A partir daí, formulou-se a hipótese de que as características em comum das duas variantes teriam se desenvolvido de forma paralela de um e de outro lado do Atlântico e, dessa forma, as características da variante andaluza não seriam a base da variante americana do castelhano, mas uma simples coincidência evolutiva.

Atualmente, embora se saiba que a colonização da América foi uma empresa castelhana, também é fato que pessoas de todas as regiões da Coroa participaram desse processo, portanto, não é possível dizer que a origem geográfica do “español americano” seja exclusivamente andaluza, embora as duas variantes continuem compartilhando uma das características mencionadas anteriormente: o *seseo*. Dizemos isso porque as outras características mencionadas, tais como o *yeísmo* e a troca do *-l* e o *-r* implosivos, por exemplo, não são características compartilhadas por todas as variantes do castelhano na América.

Ao longo dos séculos, também tem se afirmado que o castelhano que chegou às Américas a partir do século XV possuiria uma base formada quase exclusivamente por uma variedade sociologicamente popular e vulgar, própria de pessoas sem cultura. Essa afirmação fez com que, ao longo de muito tempo o “español americano” fosse visto, também, como vulnerável, devido à falta de fixidez das variantes populares que se formavam na América e, inclusive, devido à tradição oral. Na época da colonização dos territórios americanos, um grande número de pessoas sem instrução participou da conquista e do povoamento das novas terras, contudo, havia, também, na América, assim como na Europa e na Espanha, pessoas cultas que se dedicavam ao ofício da escrita de uma forma mais especializada. Este fato é destacado por Frago Gracia (1999, p. 71), que considera insustentável a hipótese de que o substrato do “español americano” seja tão somente a de uma variedade sociologicamente popular e vulgar. Para concluir esta parte, gostaríamos de comentar as considerações de Moreno de Alba (1995, p. 96) sobre o pouco prestígio que tradicionalmente lhe foi atribuído ao “español americano” em relação ao “español peninsular”. Este autor afirma que a colonização da América foi levada a cabo “por el *pueblo* español”, dando a entender que o povo que emigrou para a América era, em relação à sua composição social, muito parecido ao povo que permaneceu nos territórios que hoje são chamados de Espanha. Esta afirmação corrobora

o ponto de vista aqui defendido de que a variedade americana do castelhano não deve ser considerada mais inculta ou linguisticamente mais vulgar do que a variedade peninsular da época, simplesmente, deve levar-se em consideração que “[...] una cosa es el español transplantado en el siglo XVI al ‘nuevo mundo’ con la conquista y colonización españolas, y otra ‘el español actual de Hispanoamérica’ derivado de aquí²¹” (VAQUERO DE RAMÍREZ, 1992, p. 251). A partir de aí, acreditamos ser limitador afirmar que “apenas” a variedade popular ou vulgar do castelhano peninsular esteve presente na formação das variantes hispano-americanas desse idioma, sendo mais adequado dizer que o componente popular que é inerente a um idioma também esteve presente nesse processo.

A modo de resumo das ideias apresentadas anteriormente, é necessário dizer que: 1) foi o castelhano do século XVI e não o do século XV que foi usado como instrumento de comunicação e de colonização cultural e religiosa dos povos que habitavam as Américas; 2) a origem geográfica desse “español americano” não é exclusivamente andaluza, pois não existe um único “español americano” (a não ser para se falar de um espanhol que não for peninsular, contudo, ainda assim, seria inexato afirmar isto, pois o castelhano também é falado nas Filipinas e na Guiné Equatorial, por exemplo); e 3) o substrato do que se considera “español americano” em oposição a “español peninsular” não era formado apenas pela variedade popular ou vulgar do castelhano do século XVI.

2.2 VARIANTES DO CASTELHANO

Quando os conquistadores espanhóis atravessaram o Atlântico e chegaram aos novos territórios tiveram que enfrentar literalmente um novo mundo. Nesta parte, cabe lembrar que os castelhanos do século XV se aventuraram além-mar e em direção ao desconhecido após a reconquista dos seus territórios que permaneceram sob o domínio árabe do ano de 711 a.C. até o ano do “descobrimento” do Novo Mundo, ou seja, até 1492. Depois de quase oito séculos de contato com as línguas faladas pelos “mouros”, o castelhano da época contou, também, com a contribuição dos arabismos para sua formação. Contudo, conforme

²¹ “[...] uma coisa é o espanhol transplantado no século XVI no ‘novo mundo’ com a conquista e colonização espanholas, e outra ‘o espanhol atual da América hispânica’ derivado daquele”.

Valdés Bernal²² (1984, p. 12), embora alguns exemplos de lexias árabes sejam usados para nomear novos objetos próprios dos territórios que estavam sendo conquistados, os quais aparecem no *Diario de navegación* e nas *Cartas de Cristóbal Colón*, aconteceu que:

[...] ni aun recurriendo al árabe lograron satisfacer las necesidades que exigía la comunicación en el nuevo entorno americano. Por este motivo, se vieron obligados a apelar al léxico de la primera lengua indoamericana con que entraron en contacto²³ (VALDÉS BERNAL, 1984, p. 12)

Os conquistadores castelhanos enfrentaram, portanto, o desconhecimento de animais, plantas, fenômenos climáticos, comidas, deuses e rituais da população nativa e a necessidade de se nomearem esses elementos novos, já que, nem mesmo os *arabismos* davam conta de ajudá-los nessa empresa. O castelhano do século XVI que chegou aos territórios americanos passou por modificações que foram fruto do contato com o substrato linguístico das populações que já habitavam os territórios que foram colonizados e que deram origem a variantes linguísticas do castelhano.

Existem diversas tentativas de classificação para as diferentes zonas ou áreas dialectais do castelhano nas Américas. Se forem consideradas as variantes diastráticas e diafásicas desse idioma, estabelecer fronteiras entre as diversas formas que ele adquiriu longe da Península Ibérica poderia resultar em classificações falhas e incompletas. Portanto, a classificação por áreas dialectais do “español americano” que reproduziremos a seguir foi feita apenas para situar geograficamente a variante cubana do espanhol.

Citaremos a primeira proposta de classificação das zonas do espanhol de América considerada relevante por alguns autores: nos referimos àquela feita pelo dominicano Henríquez Ureña (1932) e que dá especial atenção ao substrato linguístico anterior à conquista dos castelhanos, como reproduzimos a seguir:

²² VALDÉS BERNAL, S. En torno a los remanentes del aruaco insular en el español de Cuba. in: *Islas*, n. 77 (jan.-abr.), 1984, p. 5-22.

²³ “[...] nem recorrendo ao árabe conseguiram satisfazer as necessidades que exigia a comunicação no novo entorno americano. Por este motivo, foram obrigados a apelar para o léxico da primeira língua indoamericana com que entraram em contato”.

1. México, América Central e sul-sudoeste dos Estados Unidos: substrato *nahuatl*.
2. O Caribe hispânico: Cuba, Santo Domingo e Porto Rico, grande parte da Venezuela e a costa atlântica da Colômbia: substrato *arahuaco* e *caribe*.
3. A zona andina: a maior parte da Colômbia, parte da Venezuela, Bolívia, Peru e Equador (o centro da América do Sul): substrato *quechua*.
4. A do Rio da Prata: Argentina, Uruguai, Paraguai: substrato *guaraní*.
5. A do Chile: substrato *araucano* o *mapuche*.

O *nahuatl* era a língua dos astecas e já foi a língua usada na província de Nova Espanha no ano de 1570. Atualmente é falada por mais de um milhão e meio de pessoas no México. E o *quechua* foi a língua do império Inca e, na atualidade é falada por mais de 10 milhões de pessoas, do sul da Colômbia ao norte do Chile, sendo língua oficial de países como Bolívia e Peru. Dentro dessas zonas em que o castelhano esteve em contato com o substrato linguístico dessas línguas, desenvolveram-se diferentes variantes do idioma com características próprias.

2.3 A VARIANTE CUBANA DO CASTELHANO: FORMAÇÃO E CARACTERÍSTICAS

Para os objetivos deste trabalho, interessa-nos falar sobre a variante cubana do castelhano, a qual está enquadrada na zona do Caribe hispânico. Sobre sua formação, cabe destacar que, como a história de qualquer língua, esta deve contemplar, também, a história da formação do seu léxico, isto é, as diferentes formas como as palavras passaram a fazer parte desse sistema linguístico. Especificamente, em relação ao processo de formação do léxico do castelhano, é possível dizer que:

[...] hay esencialmente tres categorías de palabras: las que forman parte del latín hablado y que se han mantenido en el vocabulario ininterrumpidamente (denominadas “palabras patrimoniales”), las que se han tomado de otras lenguas (“préstamos”) y las que se han creado mediante los recursos internos de la lengua²⁴ (PHARIES, 2007, p. 166).

²⁴ “[...] existem essencialmente três categorias de palavras: as que fazem parte do latim falado e que têm se mantido no vocabulário ininterrompidamente (denominadas “palavras patrimoniais”), as que se têm tomado de outras línguas (“empréstimos”) e as que se criaram mediante os recursos internos da língua”.

A seguir, exemplificaremos como, na variante cubana do castelhano é possível encontrar **palavras patrimoniais, empréstimos e neologismos semânticos**, fruto de processos de formação, tais como a metáfora e a metonímia.

2.3.1 Palavras patrimoniais da variante cubana do castelhano

Na seção “QUE TRATA DE LAS RAÍCES Y DE LAS CEPAS” e, mais especificamente, dos “ARCAÍSMOS Y MODIFICACIONES VARIAS” que aparecem no repertório lexicográfico de Santiesteban (1985), o autor afirma que:

El habla popular cubana, en especial la del campesino, es un arcón repleto de sabrosas antiguallas. Por cierto que ello lleva a coyunturas no exentas de comicidad: al culterano le da un soponcio y quisiera desnucar al guajiro cuando este dice *escuridad*, pero así aparece el término en *La Celestina*, en Cervantes y en Quevedo²⁵, entre otros. *Melecina*; *mesmo*, *celebro* (por “cerebro”) *padrasto*, *dotor*, *nadie*, etcétera, monedas en curso en nuestros campos, se hallan por doquier en la obra de los clásicos²⁶ (SANTIESTEBAN, 1985, p. 10).

Embora o autor fale do assunto na seção sobre arcaísmos, acreditamos que a nomenclatura tenha mais a ver com a antiguidade dos vocábulos do que propriamente com os que caíram em desuso, já que o autor fala dos usos que os *guajiros* ou pessoas do campo fazem dessas lexias ainda no século XX. Além disso, na citação anterior é possível perceber que o castelhano do século XVI não somente serviu como base para a formação das suas variantes, a exemplo da falada em Cuba, senão

²⁵ Recomendamos a leitura de DEYERMOND, A. *Historia de la literatura española*. vol. I. Barcelona: Ariel, 1979.

²⁶ “A fala popular cubana, em especial a do camponês, é uma arca repleta de saborosas antiquarias. Certamente isto leva a conjunturas não isentas de comicidade: o culteranista tem um ataque e gostaria de quebrar o pescoço do caipira quando este diz *escuridad*, mas assim aparece o termo em *La Celestina*, em Cervantes e em Quevedo, dentre outros. *Melecina*; *mesmo*, *celebro* (por “cérebro”) *padrasto*, *dotor*, *nadie*, etcetera, moedas correntes em nossos campos, são encontradas por todo lado na obra dos clássicos”.

que suas formas ainda permanecem vivas na fala popular da citada ilha, como afirma:

La mayor parte de las modificaciones [...] son heredadas y bastante añejas. Tal es el caso de la omisión de las consonantes cultas. “La misma afectación de doctrina y saber han desterrado del uso del castellano la pronunciación fácil de *dotor* por doctor, de *retor* por rector”, comenta Diego de Clemencín (1765-1834). *Dotor* leemos en el Arcipreste de Hita y en Quevedo, *vitoria* en *El Quijote* de Avellaneda y en Garcilaso. Juan Valdés proclamaba en el siglo XVI: “Cuando escribo para castellanos y entre castellanos, siempre quito la *g* y digo *sinificar* y no significar, *dino* y no digno”[...] Tampoco la caída de la *d* final (*usté, libertá*, etc.) es un pecadillo cuya paternidad se nos pueda endosar. En su *Manual de Escribientes* (1574), Antonio de Torquemada declara que la *d* final “apenas si se siente [...] y hay algunos que no la escriben”. Los diálogos de las novelas de Galdós ilustran la presencia de tal vicio en el lenguaje del español: *senetú, dinidá*, etcétera, pronuncian los personajes. Aquí es frecuente la caída de esa *d*²⁷ [...] (SANTIESTEBAN, 1985, p. 10).

Como é possível perceber, o castelhano do século XVI é o que de fato serviu como referência para a origem das variantes americanas desse idioma e não o do século XV, como poderia ser dito. O castelhano do

²⁷ “A maioria das modificações [...] são herdadas e bastante antigas. Tal é o caso da omissão das consoantes cultas. “A mesma afetação de doutrina e conhecimento desterraram o uso do castelhano a pronúncia fácil de *dotor* por doctor, de *retor* por rector”, comenta Diego de Clemencín (1765-1834). *Dotor* lemos no Arcipreste de Hita e em Quevedo, *vitoria* em *El Quijote* de Avellaneda e em Garcilaso. Juan Valdés proclamava no século XVI: “Quando escrevo para castelhanos e entre castelhanos, sempre tiro o *g* e digo *sinificar* e não significar, *dino* e não *digno*” [...]. Tampouco a supressão do *d* final (*usté, libertá*, etc.) é um pecadinho cuja paternidade pode ser endossada a nós. Em seu *Manual de Escribientes* (1574), Antonio de Torquemada declara que o *d* final “apenas é percebido [...] e há alguns que não o escrevem”. Os diálogos dos romances de Galdós mostram a presença de tal vício na linguagem do espanhol: *senetú, dinidá*, etcetera, pronunciam os personagens. Aqui é frequente a supressão desse *d* [...]”.

século XVI deixou suas contribuições, também, no uso contemporâneo de palavras da época, por parte de pessoas que preservam a língua por meio da oralidade, como é o caso das pessoas do campo ou *guajiros* a que se refere Santiesteban (1985, p. 10).

Em relação à variante cubana do castelhano, também se fala da *hipótesis andalucista* e, em Cuba,

La *d* intervocálica es aquí casi invariablemente omitida (*sala 'o, de 'o*, etcétera). Se ha supuesto que se trata de una herencia de la usanza andaluza, aunque Zamora Vicente afirma que es más fácil enumerar las zonas de España que conservan esa *d* que las que la han abolido²⁸ (SANTIESTEBAN, 1985, p. 10).

Essa afirmação tem a ver com o castelhano usado no cotidiano, no dia-a-dia dos falantes ou a chamada variante popular. O próprio Santiesteban (1985, p. 3) corrobora nossa afirmação na sua obra, ao afirmar que em Cuba, junto ao espanhol, floresce paralelamente uma riquíssima língua popular, dotada de completa autonomia de voo. Dessa forma, embora os falantes do chamado “español americano” façam uso de palavras do registro coloquial ou familiar, isso não quer dizer que em territórios hispano-americanos não se conheça ou não se tome como referência a norma culta do castelhano, ainda que para transgredi-la por motivos estilísticos ou artísticos como afirma Santiesteban (1985, p. 4): “Digámoslo de una vez: el habla popular cubana constituye – a la par que un lenguaje de andar por casa, liberados de rigideces de grandes ocasiones – un ejercicio colectivo de búsqueda artística²⁹”.

2.3.2 Empréstimos linguísticos

Apresentamos um resumo das fontes que contribuíram para formar o caldo cultural e linguístico que forma Cuba, o qual não poderia ter recebido um nome melhor:

²⁸O *d* intervocálico aqui é quase omitido invariavelmente (*sala 'o, de 'o*, etcetera). Presumiu-se que se trata de uma herança do uso andaluz, embora Zamora Vicente afirme que é mais fácil enumerar as zonas da Espanha que conservam esse *d* do que as que o aboliram.

²⁹ “Falemos de uma vez: a fala popular cubana constitui – ao mesmo tempo que uma linguagem de casa, liberados de rigidezes de grandes ocasiões – um exercício coletivo de busca artística²⁹”

Cuba es un *ajiaco*... El ajiaco fue el guiso de los indios taínos, como de todos los pueblos primitivos cuando, al pasar de la economía meramente extractiva y nómada a la economía sedentaria y agrícola, aprendieron a cocer los alimentos en cazuelas al fuego... A la cazuela iba todo lo comestible. La imagen del ajiaco criollo nos simboliza bien la formación del pueblo cubano. Con los blancos de Europa, llegaron los negros de África y estos nos aportaron guineas, plátanos y ñames y su técnica cocinera. Y luego los asiáticos con sus misteriosas especies del Oriente; y los franceses con su ponderación de sabores que amortiguó la causticidad del pimiento salvaje; y los angloamericanos con sus mecánicas domésticas que simplificaron la cocina... Con todo ello se ha hecho nuestro ajiaco nacional." La cita, nuevamente de don Fernando Ortiz, y referida a la manera en que se ha forjado la nacionalidad cubana, es igualmente válida para la comprensión del proceso de incorporación de voces al español hablado en la mayor de las Antillas. A las fuentes anteriores, súmanse las que emergen del habla de cada región donde es el español la lengua para la comunicación. Así, los propios españoles tienen el *caló* y la *germanía*³⁰ (GUERRERO RUIZ;

³⁰ Cuba é um *ajiaco*... O *ajiaco* foi o ensopado dos índios *taínos*, como de todos os povos primitivos quando, ao passarem da economia meramente extrativista e nômade à economia sedentária e agrícola, aprenderam a cozinhar os alimentos em caçarolas no fogo... À caçarola ia tudo aquilo que fosse comestível. A imagem do *ajiaco* crioulo nos simboliza bem a formação do povo cubano. Com os brancos da Europa, chegaram os negros da África e estes nos aportaram galinhas-d'angola, bananas e inhames e sua técnica de cozinha. E logo os asiáticos com suas misteriosas especiarias do Oriente; e os franceses com sua ponderação de sabores que amortizou a causticidade do pimentão selvagem; e os anglo-americanos com suas máquinas domésticas que simplificaram a cozinha... Com tudo isso foi feito o nosso *ajiaco* nacional." A citação, novamente de dom Fernando Ortiz, e referente à maneira em que se forjou a nacionalidade cubana, é igualmente válida para a compreensão do processo de incorporação de palavras para o espanhol falado na maior ilha das Antilhas. Às fontes anteriores, somam-se as que emergem da fala de cada região onde é o espanhol a língua para a comunicação. Assim, os próprios espanhóis têm o *caló* e a *germanía*.

PASTOR PASTOR; DEPESTRE CATONY,
2002, p. 139).

Sobre a *germanía*, é necessário dizer que Juan Hidalgo publicou em Barcelona, Espanha, no ano de 1609, seu *Vocabulario de germanías*, em que se registrou a gíria ou *jerga* própria de “[...] cada una de las asociaciones de truhanes que [...] florecieron en España hace varios siglos [...]”³¹:

Si hiciera falta alguna prueba de la presencia entre la inmigración de ‘indianos’ – españoles que venían a América a enriquecerse [...], bastaría como argumento convincente la ubicuidad de los vocablos de la germanía en el argot del cubano³² (SANTIESTEBAN, 1985, p. 14-15).

Para comprovar o que diz sobre a presença de *germanías* na variante cubana do castelhano, o autor cita:

Algunos ejemplos: *afanar* (“robar”) *arañar* (“hurtar”), *diñar* (“dar”, en muchas de sus acepciones), *palmar* (“portarse tontamente o perder el dinero”, inicialmente voz de jugadores), *primavera* (“primo, incauta”), *nabo* y *polla* (vocablos de la anatomía masculina), *papo* (“órgano sexual femenino”), *cate* (“golpe”), etcétera³³ (SANTIESTEBAN, 1985, p. 14).

Se olharmos os exemplos apresentados pelo autor na citação anterior, é possível perceber por que ele abre um parêntese para um pedido de desculpas para aquelas pessoas que fizeram parte do grupo de

³¹ “[...] cada una das associações de bandidos que [...] floresceram na Espanha faz vários séculos [...]”.

³² “Se se precisasse de alguma prova da presença entre a imigração de ‘indianos’ – espanhóis que vinham à América para enriquecer-se [...], bastaria como argumento convincente a ubiquidade dos vocábulos da *germanía* na gíria do cubano.

³³ “Alguns exemplos: *afanar* (“roubar”) *arañar* (“hurtar”), *diñar* (“dar”, em muitas das suas acepções), *palmar* (“comportar-se tolamente ou perder o dinheiro”, inicialmente voz de jogadores), *primavera* (“primo, incauta”), *nabo* e *polla* (vocábulos da anatomia masculina), *papo* (“órgão sexual feminino”), *cate* (“golpe”), etc.”

espanhóis que emigraram para a América buscando fazer fortuna, mas que não faziam parte do grupo formado por “[...] más de un picaronazo [...]”. (Dicho sea con respeto de la gente honrada, que también la habría entre los antepasados que nos llegaron de *España*.)³⁴”, de que Santiesteban (1985, p. 14) fala. Essa ideia de que o substrato da variante cubana do castelhano foi formado pela variedade popular e pela variedade vulgar do castelhano do século XVI tem a ver com a etimologia do vocábulo *germanía*, o qual significava “irmandade” e designava cada uma das associações de delinquentes que floresciam na Espanha, aparentemente desde antes do século XVII, pois, como dissemos, já em 1609 foi publicado o *Vocabulario de germanías* de Hidalgo.

Ainda comentando a citação de Guerrero Ruiz, Pastor Pastor e Depestre Catony (2002, p. 139) em que se fala da *germanía* e do *caló* que vieram da Espanha com os colonizadores, Santiesteban (1985) contribui para complementar essas informações ao afirmar que:

También el caló, lengua de gitanos, contribuyó copiosamente a nuestro argot. (Debe aclararse que siglos de coexistencia del gitano y el pícaro español han hecho hoy difícil diferenciar el origen de muchas palabras, que algunos catalogan como nacidas de la germanía y otros, como provenientes del caló.) Entre las procedentes del *caló* encontramos: *jara* por “guardia o policía” (del *caló jarcia*, “justicia”, o *jaracanal*, “carabineiro”), *jiña* por “excremento” (de *jidipén*, “inmundicia”), *socairo* por “ojo” (de *sacais*), *curralar* por “trabajar” (de *curelar*). *Pirabar* o *pirabear* por “ayuntarse carnalmente”, *jamar* por “comer”, *puro* por “padre”, y los pronombres *andoba* y *mangui* tienen igual origen³⁵ (SANTIESTEBAN, 1985, p. 14).

³⁴ “[...] mais de um malandrão [...]. (Diga-se com respeito às pessoas honradas, que também teria algumas delas entre os antepassados que nos chegaram da *Espanha*)”.

³⁵ “Também o *caló*, língua de ciganos, contribuiu copiosamente com a nossa gíria. (Deve esclarecer-se que séculos de coexistência do *cigano* e do *pícaro español* tornaram hoje difícil diferenciar a origem de muitas palavras, que alguns catalogam como nascidas da *germanía* e outros, como provenientes do *caló*.) Entre as procedentes do *caló* encontramos: *jara* por “guarda ou polícia” (do *caló jarcia*, “justiça”, ou *jaracanal*, “carabineiro”), *jiña* por “excremento” (de *jidipén*, “imundice”), *socairo* por “olho” (de *sacais*), *curralar* por “trabalhar” (de

Já em território cubano, Fasla Fernández (2007-2008, p. 79) nos relata que o contato étnico dos colonos espanhóis com os três grupos “[...] indocubanos (*guanahatabeyes*, *siboneyes* e *taínos*)” que ocorreu nas primeiras fases da colonização teve consequências linguísticas ao ocorrer um processo de adoção, transmissão e consolidação do tipo de empréstimo linguístico conhecido como *indigenismo antillano*.

Antes de apelarem para o léxico da primeira língua *indoamericana* com a qual entraram em contato, os conquistadores tentavam nomear por aproximação, ou seja, chamavam o *caimán* de *lagarto*, ao referir-se ao réptil comumente encontrado em Cuba, que parece com o crocodilo. Posteriormente, no período de povoamento da ilha (1493-1519) ocorreu *interferência linguística* das línguas dos aborígenes da região sobre o castelhano do século XVI, principalmente por parte do: a) *taíno* (*arahuaco insular*); do b) *caribe* (*insular* e continental ou *cumanagoto*); do 3) *nahuatl* e do 4) *quechua*, predominantemente.

O contato do substrato ameríndio em Cuba com o castelhano do século XVI trazido pelos conquistadores foi mínimo pelo fato de esses povos autóctones terem sido dizimados pela barbárie dos castelhanos da época, a qual foi classificada por Santiesteban (1985, p. 15) como sendo digna de que já se tivesse inventado a palavra genocídio. O autor comenta a presença de lexias ameríndias na sua obra e, se compararmos o período de contato que o castelhano do século XVI que chegou a Cuba teve com o substrato *arahuaco* ou com o substrato *caribe* a que se refere Henríquez Ureña (1921) com o contato que o castelhano do século XVI teve com o substrato linguístico de outras zonas, é possível dizer que em Cuba esse contato foi mínimo:

A diferencia de otros muchos países de América, Europa y demás regiones donde el idioma del Estado comparte, en mayor o menor grado, su dominio con otras lenguas y dialectos, en Cuba se habla un solo idioma, el que llevó consigo el conquistador-colonizador de ese archipiélago, el español³⁶ (GUERRERO RUIZ, PASTOR PASTOR E DEPESTRE CATONY, 2002, p. 139).

curelar). *Pirabar* ou *pirabear* por “ajuntar-se carnalmente”, *jamar* por “comer”, *puro* por “pai”, e os pronomes *andoba* e *mangui* têm igual origem.

³⁶ Diferentemente de muitos outros países da América, Europa e outras regiões onde o idioma do Estado compartilha, em maior ou menor grau, seu domínio

Efetivamente, em Cuba, não há outras línguas oficiais e a influência do substrato *caribe* ou do substrato *arahuaco* acontece no nível léxico, como é de regra. É nesse nível que são registradas palavras de origem americana que já fazem parte do castelhano falado na Península Ibérica de forma definitiva, incorporando-se, inclusive, ao acervo lexicográfico do castelhano tido como comum ou geral, por exemplo:

He aquí sólo algunas de ellas, cuya significación recogen ya los diccionarios comunes del idioma: *aguacate, bohío, biajaca, butaca, caguama, guajiro, guataca, jimagua, güiro, manjuarí, tuna, batea, caimán, barbacoa, mamey, jicotea, jutía, manatí, mangle, papaya, piragua, colibrí, guaracha, cacao, hule, jícara, petaca, tomate, zocato, chocolate, tabaco, maraca, tiburón, cucaracha, guagua, ñapa, pita...* De procedencias diversas - arahuaca, caribe, nahua, maya, tupí-guaraní, quechua... - conforman estas voces un conglomerado en el cual abundan las referencias a elementos de la flora, la fauna, objetos manufacturados, etc.³⁷ (GUERRERO RUIZ, PASTOR PASTOR E DEPESTRE CATONY, 2002, p. 139).

Diante da iminente extinção da população indígena, incapaz de suportar o rigor do trabalho e as penalidades impostas pelo conquistador, os espanhóis trouxeram mão-de-obra escrava da África:

Lucumís, congos, mandingas y carabalís están esparcidos por todo el territorio de Cuba, al azar de la trata y de las transmigraciones de esclavos.

com outras línguas e dialetos, em Cuba se fala um só idioma, o que levou consigo o conquistador-colonizador desse arquipélago, o espanhol.

³⁷ Eis aqui só algumas delas, cuja significação registram já os dicionários comuns do idioma: *aguacate, bohío, biajaca, butaca, caguama, guajiro, guataca, jimagua, güiro, manjuarí, tuna, batea, caimán, barbacoa, mamey, jicotea, jutía, manatí, mangle, papaya, piragua, colibrí, guaracha, cacao, hule, jícara, petaca, tomate, zocato, chocolate, tabaco, maraca, tiburón, cucaracha, guagua, ñapa, pita...* De procedências diversas - arahuaca, caribe, nahua, maya, tupi-guarani, quíchua... - formam estas palavras um conglomerado no qual abundam as referências a elementos da flora, da fauna, objetos manufacturados, etc.

Difícilmente podrá hallarse un pueblito en Cuba cuyos negros no procedan de diferentes patrias africanas", apunta el etnólogo Fernando Ortiz³⁸ (GUERREIRO RUIZ; PASTOR PASTOR; DEPESTRE CATONY, 2002, p. 140).

Ao comentar sobre a contribuição substancial para o castelhano falado em Cuba que as línguas africanas trouxeram consigo, Santiesteban (1985 p. 16) afirma que: "Generoso fue el aporte del negro en este nuestro 'ajiaco' étnico [...]. La trata constituyó uno de los más asombrosos movimientos migratorios de la historia³⁹". Se considerarmos que desde 1517, o ano em que começou o tráfico de escravos para a ilha, e até o último grupo deles que foi comercializado de que se tem notícia, no ano de 1873, mais de meio milhão de africanos, provenientes de uma vintena de etnias diferentes, foram levados para Cuba, é inegável que o castelhano tenha recebido e adotado lexias advindas dessas populações (ALZOLA *apud* SANTIESTEBAN, 1985, p.16). Contudo, apesar do grande número de pessoas que foram levadas para Cuba devido ao tráfico de escravos provenientes da África, a influência das línguas desses territórios ocorreu em nível léxico, como é comum. Foi precisamente essa procedência étnica tão diversa, uma vintena de etnias diferentes, como já dissemos, que contribuiu para que o castelhano mantivesse sua estrutura morfossintática. Sobre o assunto, afirma-se que:

[...] los africanos llegados a América hablaban multitud de lenguas, de modo que nunca constituyeron un substrato, una fuerza lingüística mínimamente uniforme, lo cual sin duda limitó mucho su posibilidad de interferir en la lengua dominante⁴⁰ (FRAGO GRACIA, 1999, p. 295).

³⁸ "Lucumís, congos, mandingas e carabalís estão espalhados por todo o território de Cuba, ao acaso do tráfico e das transmigrações de escravos. Difícilmente poderá achar-se uma cidadezinha em Cuba cujos negros não procedam de diferentes pátrias africanas", aponta o etnólogo Fernando Ortiz".

³⁹ "Generosa foi a contribuição do negro neste nosso 'caldo' étnico [...]. O tráfico negreiro constitui um dos mais assombrosos movimentos migratórios da história".

⁴⁰ "[...] os africanos vindos a América falavam múltiplas línguas, de modo que nunca se constituíram um substrato, uma força linguística minimamente uniforme, o qual sem dúvida limitou muito sua possibilidade de interferir na língua dominante".

As palavras de origem africana abundam mais no sincretismo religioso, bastante estendido em Cuba:

Entra completo en el léxico el panteón de los orishas: *Babalú Ayé (San Lázaro)*, *Eshú (San Antonio Abad)*, *Eleguá (Niño de Atocha, Ánimas del Purgatorio, Anima Sola, etc.)*, *Obatalá (Nuestra Señora de las Mercedes)*, *Oyá (Nuestra Señora de la Candelaria)*, *Shangó (Santa Bárbara)*, *Yemayá (Virgen de la Caridad)*, el *ireme* (diablito), etcétera, además de voces que denotan lugares de procedencia, como *arará, carabalí, congo, lucumí, mandinga* y otras que identifican símbolos, instrumentos musicales, alimentos, bebidas, animales⁴¹ (GUERREIRO RUIZ; PASTOR PASTOR; DEPESTRE CATONY, 2002, p. 140).

Exemplos de lexias de origem africana também aparecem no levantamento feito por Santiesteban (1985, p. 16), tais como: “[...] *ampanga, bamba, beroco, babalao, bilongo, cumbancha, cúmbila, ecobio, iriampo, macri, moropo, ñampiarse, ocambo, Las Quimbambas, subuso*, etcétera.” Ainda sobre a presença de africanismos no castelhano falado em Cuba, há autores que consideram que houve um planejamento prévio em relação à diversidade linguística das etnias africanas no território, como forma de se evitar possíveis movimentos que reivindicassem a liberdade das massas escravizadas pelos espanhóis e pelos seus descendentes, os chamados *criollos*. Nesse caso, considera-se que a diversidade linguística foi forçada e:

[...] exacerbada por los propios dueños de ingenios, quienes intencionalmente constituían las dotaciones con esclavos de las más diversas procedencias, para que ninguna lengua subsaharana [sic] sirviese de medio de

⁴¹ O panteão dos orixás entra em sua totalidade no léxico: *Babalú Ayé (San Lázaro)*, *Eshú (San Antonio Abad)*, *Eleguá (Niño de Atocha, Ánimas del Purgatorio, Anima Sola, etc.)*, *Obatalá (Nuestra Señora de las Mercedes)*, *Oyá (Nuestra Señora de la Candelaria)*, *Shangó (Santa Bárbara)*, *Yemayá (Virgen de la Caridad)*, o *ireme* (diabinho), etc., além de lexias que denotam lugares de procedência, como *arará, carabalí, congo, lucumí, mandinga* e outras que identificam símbolos, instrumentos musicais, alimentos, bebidas, animais”.

comunicación y de reforzamiento identitario e ideológico⁴² (VALDÉS BERNAL, 2007, p. 42).

Contudo, hoje em dia, é inegável que os *afronegrismos* se constituem como o componente linguístico motivado pelo processo de transculturação entre a África e a Espanha em Cuba, já que, como afirma de Toro (2006, p. 17): “[...] el prefijo trans- [...] se entiende como un diálogo desjerarquizado, abierto y nómada que hace confluír diversas identidades y culturas en una interacción dinámica⁴³”, da qual podemos ser testemunhas, ao consultarmos as páginas escritas por Santiesteban (1985) e nos depararmos com lexias simples e compostas frutos da contribuição das diversas etnias africanas que a Cuba chegaram.

Além das lexias de origem africana, no castelhano falado em Cuba aparecem palavras de origem francesa. É possível afirmar que a presença em Cuba de galicismos ou de palavras formadas a partir deles tem a sua origem na parte ocidental de Cuba por causa da Louisiana francesa e, na parte oriental da ilha, devido aos ex-colonos franceses que saíram do Haiti, no ano de 1791, devido às mudanças políticas do país. Estas provocaram um êxodo significativo dos falantes do *créole*, ou o francês falado no Haiti, em direção a Cuba. Sobre o processo de afrancesamento imperante na sociedade cubana do século XIX até os anos de 1930, é possível afirmar que, nesse período:

[...] la Luisiana francesa mantenía [...] una estrecha influencia en la zona occidental de la isla. En las dos últimas décadas de este periodo, el prestigio de la lengua francesa influye especialmente en el *sociolecto* representado por la burguesía criolla que, asentada sobre todo en la zona oriental de la isla, defendía a *ultranza* los ideales de la educación francesa, ideales que también hicieron eco en la España de los años 20. Así, frente al vasto *corpus* de galicismos heredados del español peninsular [...], resultan significativos en cambio aquellos que se adoptan bajo la influencia cultural francesa ya

⁴² “[...] exacerbada pelos próprios donos de engenhos, que intencionalmente constituíam as dotações com escravos das mais diversas procedências, para que nenhuma língua subsaariana servisse de meio de comunicação e de reforço identitário e ideológico”.

⁴³ “[...] o prefixo trans- [...] é entendido como um diálogo desprovido de hierarquias, aberto e nômade que faz confluír diversas identidades e culturas numa interação dinâmica”.

señalada; sin olvidar los galicismos de uso general en la cultura hispánica [...], son típicos del español hablado en Cuba, v. gr., *afer*, *afiche*, *balance*, *bureo*, *carota*, *creyón*, *crupié*, *chalana*, *chambra*, *cheslón*, *chofer*, *garete*, *matiné*, *pantuflas*, *rendibú*, *surmenaje*, *tolete*, *trusó*. Esta doble vía de penetración constituye una importante fuente de *variación fonética*; de hecho, llaman especialmente la atención los galicismos que presentan diferente adaptación morfológica en la diatopía cubana respecto de la solución peninsular: v. gr., *bufet-buffet-bufé*, *chofer-chófer*, *cheslón-cheislón-chaise-longue*, *crupié-crupier*⁴⁴ (FASLA FERNÁNDEZ, 2007-2008, p. 85-86).

Então, cabe destacar que esses galicismos tiveram uma “morfonologênese” bastante peculiar em Cuba, como foi possível perceber na citação de Fasla Rodríguez (2007-2008, p. 85-86) e é por isso que Santiesteban (1985, p. 13) lhes dedica uma subseção intitulada “DEL FRANCÉS”, na seção que tem por título “QUE TRATA DE LAS RAÍCES Y DE LAS CEPAS”, com o objetivo de registrar essas lexias que têm “[...] abolengo galo [...]”⁴⁵ (SANTIESTEBAN, 1985, p. 13).

Santiesteban (1985, p. 13), ao referir-se à fuga dos ex-colonos franceses para a parte oriental de Cuba e mais próxima do Haiti, relata esse fato histórico com humor, talvez fazendo referência às costumeiras disputas de territórios americanos entre as potências europeias da época, e afirma que: “Las relaciones de los fugitivos con los españoles y con los

⁴⁴ [...] a Luisiana francesa mantinha [...] uma estreita influência na zona ocidental da ilha. Nas duas últimas décadas deste período, o prestígio da língua francesa influencia especialmente no *socioleto* representado pela burguesia nativa que, assentada sobretudo na região oriental da ilha, defendia *até a morte* os ideais da educação francesa, ideais que também encontraram eco na Espanha dos anos 20. Assim, diante do vasto *corpus* de galicismos herdados do espanhol peninsular [...], resultam significativos, no entanto aqueles que são adotados sob a influência cultural francesa já apontada; sem esquecer os galicismos de uso geral na cultura hispânica [...], são típicos do espanhol falado em Cuba, v. gr., *afer*, *afiche*, *balance*, *bureo*, *carota*, *creyón*, *crupié*, *chalana*, *chambra*, *cheslón*, *chofer*, *garete*, *matiné*, *pantuflas*, *rendibú*, *surmenaje*, *tolete*, *trusó*. Esta dupla via de penetração constitui uma importante fonte de *variação fonética*; de fato, chamam especialmente a atenção os galicismos que apresentam diferente adaptação morfológica na diatopia cubana em relação à solução peninsular: v. gr., *bufet-buffet-bufé*, *chofer-chófer*, *cheslón-cheislón-chaise-longue*, *crupié-crupier*.

⁴⁵ “[...] estirpe gaulesa [...]”.

criollos no fueron idílicas, ni mucho menos⁴⁶”. Contudo, o autor registra que:

Lo cierto es que, a despecho de los asquitos del criollaje y de la gallegada, los advenedizos iban a dejar su impronta en las costumbres, en la música y – dicho sea con toda inocencia – en la lengua⁴⁷ (SANTIESTEBAN, 1985, p. 13).

Um dos exemplos das palavras que tiveram como origem a língua francesa é a palavra *balance*, cadeira-de-balanço, forma usada nas províncias orientais em lugar de *mecedora* e que provém de *balançoire* em francês. Outros vocábulos muito comuns são *bidel* (de *bidet*), *fуетe* (em lugar de “látigo”, influenciado por *fouet*) e *creyón* (em lugar de “lápiz labial” e que vem de *crayon*). Além disso, ainda hoje existem muitos sobrenomes de origem francófona no leste do país, tais como *Crombet*, *Lafitte*, *Lafargue*, dentre outros, que são grafados das mais diversas maneiras em Cuba.

Além dos galicismos, não poderíamos deixar de mencionar a influência da língua inglesa sobre o espanhol de Cuba. Esta influência começou já no século XVIII, durante a ocupação inglesa da cidade de Havana. Contudo, já aconteciam trocas comerciais, na época, consideradas como contrabando entre os habitantes do sul da Ilha e a Jamaica. Isso teve suas consequências linguísticas, inclusive para a literatura da época:

En la literatura cubana de la etapa colonial se siente, aquí y allá, el influjo anglosajón. Por ejemplo, en *Cecilia Valdés* [de 1882] hallamos para “ron” la grafía *rom*, híbrido más cercano a su progenitor inglés *rum*. En la misma obra encontramos el verbo “realizar” como equivalente de darse cuenta o caer en conocimiento de algo, acepción que conserva el inglés *realize*: “...pasaron algunos segundos antes que ella

⁴⁶ “As relações dos fugitivos com os espanhóis e com os nativos não foram idílicas, nem muito menos”.

⁴⁷ “A verdade é que, a despeito das frescuras dos nativos e dos espanhóis conhecidos como *gallegos*, os adventícios deixariam sua marca nos costumes, na música e – dito seja com toda a inocência – na língua”.

realizase la presencia del amante...”⁴⁸(SANTIESTEBAN, 1985, p. 12).

Além do mais, Cuba passou também por décadas de forte presença de anglicismos, provenientes dos Estados Unidos, os quais entraram na ilha por meio de esportes como o beisebol - passatempo nacional dos cubanos- o boxe, os anúncios de espetáculos musicais, as variadas mercadorias provenientes dessa nação e de outras formas mais. Por exemplo, atualmente são poucos os falantes que em Cuba optam por dizer *emparedado*, em vez de *sandwich*. Santiesteban (1985) registra em sua obra várias palavras que têm sua origem no inglês e que passaram por uma “cubanização” que as torna praticamente irreconhecíveis em relação ao vocábulo original. É relevante citar algumas dessas palavras:

Así, por ejemplo, la invasión de nuestras pantallas con el emético género de los *westerns* y la frecuente mención en los mismos de Yuma, pueblo de Arizona, hizo que *La Yuma* pasara a designar a los Estados Unidos de Norteamérica, y que un *yuma* equivaliera a un norteamericano, *yoni* por otro nombre. La importación de equipos mecánicos y eléctricos dejó también su huella: un interruptor eléctrico es un *catao* (transcripción fonética de *cut out [switch]*); algunos mecánicos nos hablan del *sefesta* (*self-starter*), en tanto que los obreros de la construcción llaman *trescabitos* a cierta grúa autotrasportada (del nombre de la casa fabricante *Transcavator*)⁴⁹ (SANTIESTEBAN, 1985, p. 12-13).

⁴⁸ “Na literatura cubana da época colonial se sente, aqui e ali, o influxo anglo-saxão. Por exemplo, em *Cecilia Valdés* [de 1882] achamos para “ron” a grafia *rom*, híbrido mais próximo do seu progenitor inglês *rum*. Na mesma obra encontramos o verbo “realizar” como equivalente de dar-se conta ou cair em si sobre algo, acepção que conserva o inglês *realize*: “...passaram-se alguns segundos antes de que ela *realizasse* a presença do amante...”.

⁴⁹ Assim, por exemplo, a invasão de nossas telinhas com o emético gênero dos *westerns* e a frequente menção nos mesmos de Yuma, cidadezinha de Arizona, fez que *La Yuma* passasse a designar os Estados Unidos de América, e que um *yuma* fosse equivalente a um norte-americano, *yoni* por outro nome. A importação de equipamentos mecânicos e elétricos deixou também sua marca: um interruptor elétrico é um *catao* (transcrição fonética de *cut out [switch]*); alguns mecânicos nos falam do *sefesta* (*self-starter*), ao mesmo tempo que os

Essas variações “morfológicas” acontecem, inclusive, como no caso do francês que mencionamos anteriormente, em relação aos anglicismos que aparecem na variante peninsular. Além disso, Domínguez Hernández (2006, p. 183) registra que em Cuba há uma tendência a que os indivíduos mais jovens e, dentre eles, os indivíduos do sexo masculino, usem anglicismos com maior frequência. Sobre a presença de anglicismos na variante cubana do castelhano podemos afirmar que:

En el caso del inglés, la presencia del angloantillano – representado sobre todo por la figura del bracero jamaicano – adquiere un notable grado de influencia en las primeras décadas del siglo XX; por otra parte, sin olvidar el exiguo caudal de *inmigrantes anglófonos* de diversa procedencia geográfica (norteamericanos, británicos, canadienses...) – y al margen de la conocida *toma de La Habana* por los ingleses en 1762 – el contacto con el inglés alcanza especial relevancia ya en el siglo XX, en el *periodo neocolonial* (1902-1958), situación que, como es bien sabido, cambia drásticamente a partir del triunfo de la Revolución cubana en 1959⁵⁰ (FASLA FRENÁNDEZ, 2007-2008, p. 76).

Sobre a última frase da citação de Fasla Fernández (2007-2008, p. 76, grifos nossos), é necessário dizer que, nela, aparece uma nota de rodapé da autora em que se lê: “La nueva realidad sociolingüística derivada de este hecho histórico favoreció la desaparición progresiva de muchos *anglicismos* transmitidos sobre todo a través de los medios de

operários da construção chamam de *trescabitos* a um certo guindaste automático (do nome da casa fabricante *Transcavator*).

⁵⁰ No caso do inglês, a presença do *angloantillano* – representado sobretudo pela figura do branceiro jamaicano – adquire um notável grau de influência nas primeiras décadas do século XX; por outra parte, sem esquecer o exíguo caudal de *imigrantes anglófonos* de diversas procedências geográficas (norte-americanos, britânicos, canadenses...) – e à margem da conhecida *tomada de La Habana* pelos ingleses em 1762 – o contato com o inglês alcança especial relevância já no século XX, no *período neocolonial* (1902-1958), situação que, como é bem conhecido, muda drasticamente a partir do triunfo da *Revolución* cubana em 1959.

comunicación⁵¹”. Embora muitos anglicismos possam ter desaparecido em Cuba a raiz da *Revolución cubana*, muitos outros vocábulos surgiram nesse contexto.

2.3.3 Neologismos semânticos e a ideologia construída

Já nas primeiras páginas da obra de Santiesteban (1985, p. 3) é possível ler sobre o assunto: “[...] un *gusano* no designa a un verme, sino al individuo hostil a la Revolución (por evidente analogía)⁵²”. Essa “evidente analogia” de que um indivíduo só possa ser chamado de “verme”, caso seja “hostil à Revolução”, pode encontrar sua justificativa, não na definição lexicográfica do substantivo comum *revolución*, como parte de um dos lemas que o autor registra em seu repertório léxico, mas, na seção da obra intitulada “DONDE SE CUENTA CÓMO LA SEMÁNTICA LLEGÓ A ENLOQUECER”:

La Revolución, acertadamente calificada como el hecho cultural más genuino y grandioso de nuestra historia – que llevó a término epopeyas como la campaña de alfabetización y la creación de editoriales que producen anualmente en el orden de las siete cifras -, va haciendo posible el conocimiento profundo y el dominio garboso del idioma por grandes masas de población⁵³ (SANTIESTEBAN, 1985, p. 3).

Sobre o triunfo de *La Revolución*, como movimento social, o autor continua com a explicação sobre a relevância de mencionar este fato histórico, na subseção intitulada “LA REVOLUCIÓN CREA VOCABLOS”: “*Todo acto genial viene del pueblo y va hacia él...*, dijo

⁵¹ “A nova realidade sociolinguística derivada deste fato histórico favoreceu o desaparecimento progressivo de muitos *anglicismos* transmitidos sobretudo através dos meios de comunicação”

⁵² “[...] um *gusano* não designa um verme, senão o indivíduo hostil à *Revolución* (por evidente analogia) ”.

⁵³ “ONDE SE CONTA CÓMO A SEMÁNTICA CHEGOU A ENLOQUECER”: a *Revolución*, acertadamente qualificada como o fato cultural mais genuíno e grandioso da nossa história – que levou ao fim a epopeias como a campanha de alfabetização e a criação de editoras que produzem anualmente no montante das sete cifras -, vai tornando possível o conhecimento profundo e o domínio garboso do idioma por grandes parcelas da população.

el poeta. Y un pueblo en efervescencia revolucionaria es capaz de genialidades cotidianas que se plasman en su léxico⁵⁴ (SANTIESTEBAN, 1985, p. 18). E para comprobar que essas “genialidades cotidianas que se plasmam no seu léxico” e fruto da “efervescência revolucionária”, o autor registra que:

A partir de enero del '59, del que percibía lo justiciero del proceso político que se iniciaba, se dijo que estaba *claro*. *Oscuro* pasó a designar al que no comprendía los cambios desencadenados desde esa fecha. Esta “oscuridad”, convertida ya en completa desafección, tuvo como resultado al *gusano* (voz con tremenda carga despectiva para referirse al contrarrevolucionario), frecuentemente alguien a quien *le habían partido la siquitrilla* (eufónico giro basado en el cubanismo *siquitrilla*, hueso de las clavículas del ave, espoleta)⁵⁵ (SANTIESTEBAN, 1985, p. 19-20,).

O autor situa o leitor da sua obra e o leva até o ano de 1959, em que o movimento social liderado por Fidel Castro Ruz chegou ao poder e iniciou-se o “processo político” de que Santiesteban fala na citação anterior. Quem era capaz de entender e de aceitar as “mudanças desencadeadas desde essa data” na ilha era considerado como sábio ou esclarecido (*estar claro de algo*) e quem permanecia na “escuridão”, sendo desafeto de *La Revolución*, era considerado um “verme” e seu descontentamento tinha a ver com o fato de ser um *siquitrillado*. Esse vocábulo é definido na própria obra de Santiesteban:

SIQUITRILLADO, DA adj. y s. *Cub.* Persona desafecta a la Revolución por haber sido dañada

⁵⁴ “A REVOLUÇÃO CRIA VOCÁBULOS”: “*Todo ato genial vem do povo e vai em direção a ele...*”, disse o poeta. E um povo em ebulição revolucionária é capaz de genialidades cotidianas que são estampados em seu léxico”

⁵⁵ A partir de janeiro de '59, daquele que percebia quão justiceiro era o processo político que se iniciava, se disse que *era um esclarecido*. *Oscuro* passou a designar aquele que não compreendia as mudanças desencadeadas a partir dessa data. Esta “escuridão”, convertida já em completo desafeto, teve como resultado o *gusano* (voz com enorme carga despectiva para referir-se ao *contrarrevolucionario*), frequentemente alguém a quem *le habían partido la siquitrilla* (gíria eufônica baseada no cubanismo *siquitrilla*, osso das clavículas das aves, fúrcula).

económicamente por alguna de sus leyes. Se decía festivamente de aquel cuyos bienes eran nacionalizados: “Le rompieron la *siquitrilla!*” (V.). ...*un conjunto de gusanos, que representan a los antiguos explotadores, los siquitrillados de hoy...* (Del guión de la película cubana *Ustedes tienen la palabra*)

...siquitrillados *que andan por ahí...* (A. C. Pérez: *La ronda de los rubíes*, 1973)

...*en la jerga popular se les dio el nombre de siquitrillados – la burguesía de terratenientes, industriales, casatenientes.* (C. Rivero: *Los sobrinos del Tío Sam*, 1976) (SANTIESTEBAN, 1985, p. 454, grifos nossos).

É necessário dizer que *la Revolución* “lesou economicamente por alguma das suas leis” todos aqueles que possuíam algum tipo de bens. Estes não foram “nacionalizados”, foram tomados dos seus donos, sem nenhum tipo de indenização. É por isso que muitas dessas pessoas eram “desafetas” ao movimento social, pois se negavam a entender as “mudanças desencadeadas” desde janeiro de 1959 em Cuba. A população que não tinha sido “lesada economicamente por alguma das leis” de *la Revolución* e os simpatizantes ao movimento comemoraram “festivamente” o “fato cultural mais genuíno e grandioso” da história de Cuba e, estando em plena “efervescência revolucionária” foi capaz, ainda, de mais uma “genialidade cotidiana que se plasmou no seu léxico”, agora para homenagear o líder máximo de *la Revolución*, o qual é registrado por Santiesteban (1985, p. 19-20):

Pero donde más alto brilló el genio popular fue al llamar el *Caballo* al jefe de la Revolución Cubana. Ser un caballo en una disciplina cualquiera es, en argot cubano, dominarla brillantemente. Quizás sea una herencia española: allí se llama *caballo* al sarmiento que brota con mayor pujanza. Puede haber influido también la charada, donde el uno era el caballo (en el habla popular cubana se dice indistintamente *ser el uno o ser el caballo*, refiriéndose a quien se distingue tremendamente). Pero haber llamado a alguien el *Caballo* por antonomasia, es un homenaje singularísimo. Este hecho ya ha tenido variada resonancia literaria, especialmente en el bellissimo poema de Juan

Gelman: *Historia, agranda tus portones, entramos con Fidel, con el caballo...* Para finalizar el tema, mencionemos la curiosa observación del profesor Leonardo Betancourt: puesto que los castros fueron baluartes edificados en las alturas del norte de la península ibérica, por impar coincidencia Fidel Castro significa “fortaleza fiel de la montaña⁵⁶”.

Em trabalhos anteriores desenvolvemos pesquisas específicas em relação às unidades léxicas ideologicamente marcadas da variante cubana do castelhano. Nesses trabalhos analisamos lexias como *revolución; revolucionario, -a; socialismo; compañero, -a*; dentre muitas outras,

⁵⁶“Mas onde mais alto brilhou o gênio popular foi o de chamar de *Cavalo* ao chefe da *Revolución* Cubana. Ser um cavalo numa disciplina qualquer é, na gíria cubana, dominá-la brilhantemente. Talvez seja uma herança espanhola: ali se chama de *caballo* ao sarmento que brota com maior pujança. Pode ter influenciado também a charada, onde o número um era o cavalo (na fala popular cubano se diz indistintamente *ser o número um* ou *ser o cavalo*, referindo-se a quem se distingue tremendamente). Mas ter chamado alguém de *Cavalo* por antonomásia é uma homenagem singularíssima. Este fato já teve ressonância literária diversa, especialmente no belíssimo poema de Juan Gelman: *História, alarga teus portões, entramos com Fidel, com o cavalo...* Para finalizar o tema, mencionemos a curiosa observação do professor Leonardo Betancourt: já que os castros foram baluartes edificados nas alturas do norte da península ibérica, por impar coincidência Fidel Castro significa “fortaleza fiel da montanha”.

portanto, recomendamos a leitura de Ortigoza (2006⁵⁷; 2008⁵⁸) para aqueles interessados em conhecer mais sobre o assunto.

⁵⁷ Trata-se de uma pesquisa bibliográfica baseada na Análise Contrastiva de dois manuais de gramática da língua espanhola, um considerado padrão no mundo hispânico e outro editado em Cuba, e, portanto, considerado uma gramática de uma variante do espanhol. Buscou-se comprovar as hipóteses de que os exemplos de classes gramaticais ou da sintaxe que apareciam no manual de gramática editado em Cuba apresentam um léxico diferenciado em relação ao que aparece nos exemplos de uma gramática considerada padrão. Buscou-se também comprovar que existe relação entre o vocabulário do manual de gramática de Cuba e o discurso político presente em outros materiais impressos, os quais expõem idéias [sic] similares. Isto é feito através da contextualização das lexias apresentadas nos exemplos desta gramática, explicando-se as diferentes acepções que estas podem ter, segundo a ideologia socialista que está por trás das mesmas, em Cuba. Esta monografia baseia-se nos trabalhos de autores como Émile Benveniste, Mikhail Bakhtin, Diana Luz P. de Barros, Zilda Gaspar Oliveira de Aquino, Maria Tereza de Assunção Freitas, Evandro Ghedin, Juan José Verdesio, Michael Silverstein, Teun A. Van Dijk. Também foram utilizados outros recursos como livros, sites da Internet sobre Cuba, discursos dos líderes políticos do país e as experiências da autora deste trabalho, natural da ilha e residente na mesma até os dezesseis anos (ORTIGOZA, 2006, p. 4).

⁵⁸ Este trabalho tem como objetivo mostrar, com base na Linguística [sic] Contrastiva, como dentro do Manual de Gramática I, editado em Cuba e adotado como material de análise deste trabalho, existem frases que veiculam conteúdos ideológicos e políticos próprios do sistema de governo de Cuba, legitimadas pelo Discurso Pedagógico. Contrastamos unidades léxicas que, segundo nosso ponto de vista, apresentam outras acepções em relação aos seus equivalentes na variante padrão da língua espanhola, para verificar o grau de semelhança e as diferenças entre eles. Embora os vocábulos ou locuções que analisamos pertencessem à língua espanhola, acreditávamos que os mesmos não eram totalmente transparentes para outros falantes dessa língua, os quais não tivessem passado pelo(s) mesmo(s) processo(s) que os usuários da variante cubana ou não tivessem acesso a determinadas informações. Tendo como referência essa hipótese, propusemos os seguintes questionamentos: 1) até que ponto, certos vocábulos e locuções da variante do espanhol falada em Cuba eram transparentes para falantes nativos e para aprendizes de espanhol que não usam ou que não conhecem a variante cubana? 2) o que poderia ser feito para haver uma maior compreensão do significado de mensagens que certos enunciados e termos usados na variante cubana do espanhol carregavam consigo e que estavam ligados aos valores ideológicos do sistema governamental cubano? 3) até que ponto as idéias [sic] comunistas, provenientes do marxismo e adaptadas para a realidade cubana, apareciam nas frases do manual de gramática que selecionamos como material de análise? Este trabalho pretende ser um instrumento de consulta para pesquisadores da área da Lexicologia e da Lexicografia, além de auxiliar

“Se toda linguagem articula interesses específicos, então, aparentemente, toda linguagem seria ideológica”, afirma Eagleton (1997, p. 178, grifos nossos). Contudo, quando se trata de uma ideologia construída, ela:

[...] não se limita, de maneira nenhuma, ao ‘discurso interessado’ ou à produção de efeitos persuasivos. Refere-se mais precisamente ao processo pelo qual os interesses de certo tipo são mascarados, racionalizados, naturalizados, universalizados, legitimados em nome de certas formas de poder político [...] (EAGLETON, 1997, p. 178).

Em Cuba, o sistema político que está no poder desde 1959 foi trabalhando, por meio da língua, nessa racionalização, naturalização, universalização e legitimação do seu discurso para que a grande maioria aceitasse agir em nome do que era ideologicamente aceito. Cabe destacar que aqui estamos falando de ideologia em sua interface com o discurso político de orientação marxista-leninista e com o discurso pedagógico, como já dissemos. Ao longo dos anos, os manuais de gramática e os dicionários passaram a ser instrumentos de disseminação dos ideais socialistas de *La Revolución*, no contexto de ensino e de aprendizagem do castelhano, isto é, nas escolas:

Como modo de apreensão do funcionamento da ideologia, o conceito de *aparehos ideológicos* de Althusser é bastante esclarecedor. Retomando a teoria marxista de Estado, o autor afirma que o que tradicionalmente se chama de Estado é um aparelho repressivo do Estado (ARE), que funciona “pela violência” e cuja ação é complementada por instituições – a escola, a religião, por exemplo –, que funcionam “pela ideologia” e são denominados *aparehos ideológicos de Estado* (AIE). Pela maneira como se estruturam e agem esses aparelhos ideológicos – por meio de suas práticas e

professores de espanhol como língua estrangeira à hora de mostrarem aos aprendizes as diferentes variantes do espanhol. E, ainda, pretende constituir um material de consulta para aquelas pessoas interessadas em conhecer as particularidades linguísticas [sic] de base sócio-culturais [sic] e políticas de Cuba (ORTIGOZA, 2008, p. 6).

de seus discursos – é que se pode depreender como funciona a ideologia (trata-se sempre, para Althusser, do funcionamento da ideologia dominante, pois, mesmo que as ideologias apresentadas pelos AIE sejam contraditórias, tal contradição se inscreve no domínio da ideologia dominante) (MUSSALIN, 2001, p. 104).

Os AIE se servem da língua com o objetivo de promover os valores ideológicos do sistema, sendo ela um forte instrumento com o qual o Estado conta para se manter no poder desde 1959 em Cuba.

2.3.4 Modificações morfossintáticas e fonológicas do léxico patrimonial

Além dessas fontes de que se nutriu a variante cubana do castelhano para sua formação, é necessário citar mais uma: as modificações morfossintáticas e fonológicas de unidades léxicas já existentes. Sobre elas, Santiesteban (1985, p. 11) apresenta a seguinte descrição:

- Próteses: *arrecostarse* em lugar de *recostarse*; *emprestar* em lugar de *prestar*.

- Aféreses: *e* em lugar de *de*; *cucha* por *escucha*.

- Metátese: *naide* em lugar de *nadie*; *estógamo* em lugar de *estómago*.

- Paragoge: *vinistes* em lugar de *viniste*; *fuistes* em lugar de *fuiste*.

- Apócope: *pá* em lugar de *para*.

- Contrações: *pacá* em lugar de *para acá*.

- Formas abreviadas: *porsia* em lugar de *por si acaso*.

- Conjugações verbais: *haiga* em lugar de *haya*.

- Adjetivos adverbializados: *ven urgente* em lugar de *ven urgentemente*.

- Mudança acentual: *váyamos* por *vayamos*.

- Troca de *r* por *l*: os habitantes da capital falam *veldá* em lugar de *verdad* e assim fazem com todos os verbos em infinitivo: *comel* em lugar de *comer*, por exemplo.

- Mudança de gênero: *el sartén* em lugar de *la sartén*.

- Aspiração do *h* no início de palavras: *jediondo* em lugar de *hediondo*.

- Omissão do *s*: é comum que se brinque com isso usando a frase “*lo patos se lavan la patas a la orilla de lo ríos*”.

Resumidamente, é possível afirmar, então que as fontes linguísticas que contribuíram para a formação da variante cubana do castelhano são: *arcaísmos*, *arabismos*, *indigenismos*, *afronegrismos*, *galicismos*, *anglicismos*, *italianismos* (herdados do castelhano peninsular), *germanias*, *calós*, *La Revolución*, e outros vocábulos advindos de línguas orientais, como o chinês⁵⁹ e o japonês, além daquelas lexias formadas a partir de modificações morfossintáticas e fonológicas de unidades léxicas já existentes.

Quando termina essa “radiografia” da variante cubana do español, Santiesteban (1985, p. 12) não demora em inserir um “contudo” no seu texto e diz que tudo o dito anteriormente não atenta contra sua opinião de que em Cuba se fala tão bom espanhol quanto o melhor. Isto coincide com o que Guerrero Ruiz, Pastor Pastor e Depestre Catony (2002, p. 143) afirmam sobre o assunto: a maioria dos falantes tem senso comum o suficiente como para apelar a níveis diferentes de linguagem conforme a ocasião. A seleção das palavras e frases nunca será a mesma para o ambiente familiar, amistoso, de trabalho ou acadêmico. Também a literatura, em especial aquela interessada em recriar o mundo atual, tem na fala popular um dos pontos de apoio para a eficácia dos diálogos. Escritores cubanos amplamente reconhecidos têm sido artífices no uso da linguagem popular, tais como: Nicolás Guillén, Emilio Ballagas, Félix Pita Rodríguez, Miguel de Marcos, Enrique Serpa, Carlos Montenegro, Pablo de la Torriente Brau, Raúl Roa, Samuel Feijóo, José Zacarías Tallet, Onelio Jorge Cardoso, José Soler Puig, Manuel Cofiño, Francisco Chofre, dentre muitos outros (GUERREIRO RUIZ; PASTOR PASTOR; DEPESTRE CATONY, 2002, p. 143). Não fossem suficientes esses autores, Santiesteban (1985, p. 6) cita Ernest Hemingway e sua obra “O velho e o mar” em que se lê: “[...] (‘the old man was now definitely and finally *salao*, which is the worst form of unlucky...’, *The Old Man and the Sea*)⁶⁰”, verificando-se que Hemingway não desprezava a forma de falar do povo cubano. Outro autor citado por Santiesteban (1985, p. 6) é o escritor uruguaio Mario Benedetti, que classificou a obra de Francisco Chofre, *Odilea*, como “a apoteose da melhor graça dialetal cubana”.

Essas características da variante cubana do castelhano vão formando, efetivamente, uma forma de comunicação própria dessa comunidade de falantes, materializando o que Santiesteban (1985, p. 3,

⁵⁹ Vide FIGUEROA ARENCIBIA, J. Aproximación al estudio del español chino hablado en Cuba. In: *RILI*, n. 1 (11), 2008, p. 185-204.

⁶⁰ “[...] (‘o velho estava agora definitivamente e finalmente *salao*, o que é a pior forma de azar...’, *O Velho e o Mar*)”.

grifos nossos) chama “[...] de nuestro argot, jerga, germanía o como quiera llamársele⁶¹”.

2.4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS CONCEITOS DE ARGOT, JERGA, JERIGONZA E GERMANÍA

Sublinhamos as palavras da citação anterior porque queremos abrir um longo parêntese dedicado aos vocábulos: *argot*, *jerga*, *jerigonza* e *germanía*. Esse longo parêntese se justifica pelo fato de que, ao lermos sobre os *argots* na língua espanhola, verificamos que a própria definição desse vocábulo não é clara (CUDÍN SANTOS y OLEATA RUBIO, 2005) e que esse fato se constitui como um problema para os lexicógrafos (WERNER, 2000). Sendo assim, embora as *lexias* que fazem parte dos *argots* sejam palavras que oferecem dificuldades para linguistas e lexicógrafos, é inegável que, ainda assim são “formas” que fazem parte do patrimônio linguístico de uma determinada comunidade de falantes e que estão presentes em obras literárias, por exemplo.

Se partirmos da definição de dicionário como “Libro en el que se recogen y explican de forma ordenada voces de una o más lenguas, de una ciencia o de una materia determinada” (*Diccionario de la Real Academia Española – DRAE – 22ª edición*), podemos começar a entender por que as palavras pertencentes a um *argot* são consideradas como palavras difíceis de serem registradas, já que “unas voces que han sido argots pueden dejar de serlo⁶²” (CUDÍN SANTOS, OLAETA RUBIO, 2005, p. 244) e os dicionários têm a função de recolher e explicar essas unidades léxicas de forma organizada, o que pressupõe uma certa fixidez ou estabilidade na língua para que as unidades léxicas consigam ser registradas nas obras lexicográficas.

Considerando o prestígio dos dicionários da *Real Academia Española (RAE)* como dicionários normativos ou de referência, os quais pretendem informar o usuário de uma língua sobre aquilo que é aceito socialmente na comunicação de uma determinada comunidade de falantes “cultos”, verificaremos, a seguir, o que aqueles registram sobre o *argot*.

2.4.1 Argots

Em relação à microestrutura ou a outra parte constitutiva do dicionário, Hausmann & Wiegand (*apud* WELKER, 2004, p. 108)

⁶¹ “[...] de nosso *argot*, *jerga*, *germanía* ou como quiserem chamar-lhe”.

⁶² “umas *lexias* que têm sido *gérias* podem deixar de sê-lo”.

consideram que, nela, devem aparecer informações que identifiquem o lema na sincronia (grafia, pronúncia, classe gramatical, flexão), além das marcas de uso *et coetera*. Gostaríamos de destacar que as marcas de uso podem ser variadas; especificamente, comentaremos as marcas de uso diastráticas, que incluiriam registros familiares, coloquiais, elevados ou baixos. Na categoria de palavras registradas como fruto das variações diastráticas de uma língua estão as pertencentes aos *argots*. Já que a norma é uma convenção imposta pelo grupo social dominante, a simples omissão das produções linguísticas consideradas como “desvios” da norma já se constitui como sendo uma postura adotada pelo lexicógrafo ou pela instituição que representa.

O quadro a seguir mostra o registro das definições que os dicionários da *RAE* registram do vocábulo “*argot*”:

Lema	RAE M 1927 p. 171, 2	RAE M 1950 p. 137, 2	RAE M 1983 p. 171, 1	RAE U 1984 p. 123, 1	RAE M 1989 p. 132, 2	RAE U 1992, p. 132,1	RAE U 2001
Argot	m. fam. Jerga, Jerigonza, germanía.	m. fam. Jerga, Jerigonza, germanía.	(Voz francesa.) m. Jerga, jerigonza. Lenguaje especial entre personas de un mismo oficio o actividad	(Voz francesa.) m. Jerga, jerigonza. Lenguaje especial entre personas de un mismo oficio o actividad	(Voz francesa.) m. Jerga, jerigonza. Lenguaje especial entre personas de un mismo oficio o actividad	(Voz francesa.) m. Jerga, jerigonza. 2. Lenguaje especial entre personas de un mismo oficio o actividad	(Del fr. <i>argot</i>) 1. m. Jerga, jerigonza. a. Lenguaje especial entre personas de un mismo oficio o actividad.

Tabela 1 – Dicionários da *Real Academia Española (RAE)*.

Como é possível perceber, dos dicionários da *RAE* consultados, entre os anos de 1726 a 2001, encontramos sete registros do significado de *argot*. O primeiro registro desta palavra o encontramos no *Diccionario manual e ilustrado de la lengua española* (RAE M 1927), publicado em 1927, com segunda edição em 1950 (RAE M 1950). Na terceira edição revisada da obra (RAE M 1983), se faz referência à etimologia do vocábulo *argot*, acrescentando-se uma definição para ele. Na quarta edição revisada da obra (RAE M 1989) aparece a mesma informação dada

em 1983. É apenas em 1984 que se registra o vocábulo *argot* no *Diccionario de la lengua española*, na sua vigésima edição (RAE U 1984), mantendo-se a definição elaborada em 1983, num dicionário de porte menor. Inclusive, a primeira definição de 1983 para o lema *argot* se mantém na vigésima primeira e na vigésima segunda edição do *Diccionario de la lengua española* (RAE U 1992 e RAE U 2001, respetivamente), como podemos ver no quadro.

A seguir, verificamos as definições dadas para as palavras “jerga”, “jerigonza” e “germanía” nessa ordem, já que são registradas como sinônimos de “argot”.

2.4.2 Jerga

Na consulta às definições de “jerga”, feitas no mesmo período, de 1726 a 2001, verificamos que seu primeiro registro aconteceu em 1817: “JERGA. Lo mismo que jerigonza; y así se dice: habla en jerga [...]” (RAE U 1817, 1817, p. 506).

Como é possível observar, o registro do vocábulo “jerga” no *Diccionario de la lengua castellana*, na sua 5ª edição (RAE U 1817) é anterior ao do galicismo *argot* feito em 1927. Em relação à etimologia da palavra “jerga”, encontramos informações sobre o tema, apenas na 13ª edição do dicionário antes mencionado (RAE U 1899): “originario de una voz escandinava *jarg*”. A definição do vocábulo “jerga” é feita por meio de sinonímia e “jerigonza” aparece como seu sinônimo também, ocorrendo uma circularidade nas informações: “argot” é sinônimo de “jerga”, e este é sinônimo de “jerigonza”. A definição por meio de paráfrase definitiva para a palavra “jerga” é registrada apenas em 1925, no *Diccionario de la lengua española*, 15ª. edição: “lenguaje especial y familiar que usan entre sí los individuos de ciertas profesiones y oficios, como los toreros, los estudiantes, etc.” e que tem como sinônimo a palavra “jerigonza” (RAE U 1925, 1925, p. 710).

Lembrando que o primeiro registro do vocábulo “argot” nos dicionários da RAE aconteceu em 1927 e que “jerga” foi apresentada como seu sinônimo, consultamos esse dicionário e verificamos que foi acrescentada uma informação à registrada em 1925: “[...] Jerigonza, lenguaje difícil de entender” (RAE M 1927, p. 138, grifos nossos). Esta definição não remete ao lema *argot*, ou seja, as duas palavras são consideradas como sinônimas na direção *argot-jerga*, mas não na direção *jerga-argot*.

Depois de verificar que a palavra “jerga” aparece registrada 23 vezes nos dicionários da RAE, no período de 1726 a 2001, passamos ao

segundo sinônimo de “argot”, na primeira definição por sinônimos, de 1927. A palavra “jerigonza” aparece registrada 20 vezes nos dicionários consultados da *RAE* e seu primeiro registro é de 1837:

JERIGONZA. f. Germanía. || met. Lo que está oscuro, complicado y difícil de entender. *Sermo obscurus, difficilis*. || Acción extraña y ridícula. *Ridiculum, res ridícula*. || Andar en Jerigonzas. fr. Andar en rodeos ó tergiversaciones maliciosas. *Circuitationibus uti* (RAE U 1837, p. 429).

Se nas definições anteriores tínhamos encontrado o adjetivo “especial” para referir-se a “argot” e a locução adjetiva “difícil de entender” para referir-se a uma “jerga”, na definição de “jerigonza” aparecem palavras pejorativas como “escuro”, “ridículo” e “malicioso”.

2.4.3 Jerigonza

De acordo com a Retórica, imperante na época em que o dicionário citado foi escrito, palavras definidas como *jerigonzas* seriam classificadas como viciosas, já que comprometiam a beleza e a forma de um texto.

Considerando que o primeiro registro de *argot* foi feito em 1927, como já dissemos e que esse vocábulo foi definido como sendo sinônimo de “jerigonza”, vejamos como este foi definido nesse mesmo dicionário:

JERIGONZA. f. Jerga, lenguaje de toreros, estudiantes, etc. || fig. y fam. Lenguaje difícil de entender. || fig. y fam. Acción extraña y ridícula. || Andar en jerigonzas. fr. fig. y fam. Andar en rodeos o tergiversaciones maliciosas” (RAE M 1927, 1927, p. 1139).

É possível perceber que a definição de “jerigonza” é uma mistura da definição de “jerga” com a definição de “jerigonza” do dicionário de 1837 (RAE U 1837, p. 429). Na definição de “jerigonza” de 1927, contudo, não ocorre remissão à palavra “argot”, ocorrendo sinonímia na direção *argot-jerigonza*, mas não na direção *jerigonza-argot*.

“Germanía”, o terceiro sinônimo que aparece no dicionário de 1927 para a palavra “argot”, aparece 29 vezes nos dicionários da *RAE* e seu primeiro registro foi feito em 1734: “GERMANÍA.f.f. Lo mismo que Gerigonza. Quev. Tacañ. cap. 14. Hablaronse los dos en *Germanía*, de lo qual resultó darme un abrazo y ofrecérseme” (RAE A 1734, p. 47). Como

não foi dada uma definição por meio de paráfrase e sim por sinonímia, decidimos verificar o significado de “gerigonza” no mesmo dicionário, com a grafia antiga, já que o primeiro registro de “jerigonza”, com a grafia atual, só aconteceu em 1837, como já dissemos, e verificamos que foi definida da seguinte forma:

GERIGONZA. s. f. El dialecto ò modo de hablar que usan los Gitános, ladrónes y rufiánes, para no ser entendidos, adaptando las voces comunes a sus conceptos particulares, è introduciendo muchas voluntárias. Covarr siente puede venir esta voz del nombre Latino *Gyrus, ri*, por la vuelta y rodéo que hai en las voces y mudanza de la significación: ò que se pudo decir quasi *Gerigonza*, por lo peregrina que era en lo antiguo la lengua Griega. Llámase también Germanía. Lat. *Cingarum idioma* [...] Se llama por extensión todo aquello que está obscuro, y dificultoso de percibir ò entender. Lat. *Inordinatus Sermo*. Quev. Fort. Estaba un Poeta en un corrillo leyendo una canción cultísima, tan atestada de Latines y tapiada de *gerigonza*...que el auditorio quedó en ayunas Cerv. Quix. tom. I. cap. 11. No entendían los Cabreros aquella *gerigonza* de Escudéros y Caballeros andantes (RAE A 1734, 1734, p. 47).

Cabe destacar que o autor do dicionário da citação anterior considera que tanto um texto cheio de arcaísmos (*latines*) quanto um texto com palavras próprias de grupos minoritários e marginalizados, como “ladrões, malfeitores ou ciganos” (*gerigonzas*) são textos difíceis de serem entendidos. Se para que ocorra a comunicação é necessário que o código utilizado entre os interlocutores seja conhecido, é possível perceber o porquê de vocábulos “obscuros”, tais como as “germanías” ou “gerigonzas” terem sido evitados para que “o auditório não fique em jejum” quando entrar em contato com o texto que os contiver.

2.4.4 Germanía

Se procurarmos o significado de “germanía” no dicionário em que a palavra aparece como sinônimo de “argot”, encontraremos a seguinte definição:

GERMANÍA. f. Jerga o manera de hablar de los gitanos, o de ladrones y rufianes. || **Amancebamiento.** || Hermandad formada por los gremios de Valencia a principios del siglo XVI. || fam. *Albac.* y *Cuen.* Tropel de muchachos” (RAE M, 1927, p. 996).

Assim como no caso de “jerga” e de “jerigonza”, não se faz referência à palavra “argot”, acontecendo a sinonímia apenas no sentido “argot-germanía” e não no sentido “germanía-argot”.

Foi possível detectar uma circularidade parcial nas definições do dicionário de 1927, levando-nos a consultar os sinônimos dados para o vocábulo “argot” e verificamos que as palavras classificadas como tal possuem uma carga semântica relacionada a contextos informais e a grupos sociais minoritários.

Embora os dicionários da RAE classifiquem os “argots” como “jergas” ou “jerigonzas” ou “germanías”, verificamos que, pelas definições encontradas, essas palavras não deveriam ser apresentadas como sinônimos, pois partilham apenas a característica de pertencerem a um tipo de linguagem diferenciado. Portanto, embora Santiesteban (1985, p. 3) fale de “nosso *argot*, *jerga*, *germanía* ou como quiser ser chamado” para referir-se à forma como os cubanos falamos, seria preferível esclarecer que, ainda que a definição nos dicionários da palavra “argot” inclua a sinonímia com “jerga”, “jerigonza” o “germanía”, o autor se refere apenas às palavras próprias da linguagem coloquial, ou seja, que aparecem cotidianamente nas produções orais e escritas de usuários de um sistema linguístico.

E, embora sejam consideradas como um problema para o labor do lexicógrafo, os “argots” deveriam ser tratados em estudos diacrônicos e sincrônicos. Esses estudos poderiam refletir a ideologia subjacente ou um saber social sobre o qual os falantes não têm consciência, mas, que constitui “um corpo de ideias característico de um determinado grupo ou classe social” (EAGLETON, 1997, p. 16) e que pode compor um material de consulta para os interessados em conhecer peculiaridades da fala desses indivíduos, num dado momento da história.

Nesta pesquisa, gostaríamos de olhar mais atentamente para as unidades léxicas complexas, discorrendo sobre sua forma, seu registro no dicionário de Santiesteban (1985). Nosso interesse se justifica no fato de essas UFs serem uma maneira de expressão do povo cubano, desde o ponto de vista da tradição ou da criatividade popular, no seio de uma variante diferente da língua castelhana, como sinal de identidade

linguística, que é o mesmo que falar de sua própria riqueza cultural e da ideologia veiculada por meio das suas definições.

3 LEXICOGRAFIA

Começamos nosso trabalho falando da variante cubana do castelhano, a qual fez que a obra de Santiesteban (1985) ganhasse corpo, registrando unidades simples e complexas a modo de dicionário. Como autor do seu dicionário, Santiesteban (1985) enfrenta a árdua tarefa de registrar o que ele próprio chama de *LÉXICO*.

O léxico de uma língua é

[...] integrado por el conjunto de palabras que la constituyen, refleja fielmente la cultura de la comunidad de habla que la utiliza y nos permite conocer y comprender la realidad, puesto que las palabras sirven para nombrarla y para estructurarla simbólicamente y son en esencia las que establecen la necesaria relación entre la lengua y la realidad social⁶³ (PRADO ARAGONÉS; GALLOSO CAMACHO, 2004, p. 9).

O que Santiesteban (1985, p. 31) chama de *LÉXICO* tem a ver com a terceira definição que Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 494, grifos nossos) registram ao “chamar de léxico o conjunto de palavras que uma língua coloca à disposição dos locutores, e vocabulário o conjunto de palavras utilizadas por um dado locutor em dadas circunstâncias”.

As palavras de Ortiz Alvarez (2000) nos permitem entender o porquê de tomarmos como referência pressupostos teóricos de diferentes áreas do conhecimento:

Tudo parece indicar que o léxico é a encruzilhada, o ponto onde se interpenetram aspectos muito diversos e se cruzam metodologias e disciplinas distintas, cujos objetivos podem divergir, mas que coincidem em não poder passar por alto a unidade lexical com seu potencial comunicativo, combinatório e sintagmático e sua integração múltipla, sistêmica e paradigmática (ORTIZ ALVAREZ, 2000, p. 2-3).

⁶³ “[...] integrado pelo conjunto de palavras que a constituem, reflete fielmente a cultura da comunidade de fala que a utiliza e nos permite conhecer e compreender a realidade, já que as palavras servem para nomeá-la e para estruturá-la simbolicamente e são em essência as que estabelecem a necessária relação entre a língua e a realidade social”.

O léxico, portanto, permite esse cruzamento de metodologias e de disciplinas diferentes, como afirma Ortíz Álvarez (2000) no seu texto. Humblé (2005, p. 235), por sua vez, afirma que:

A tradução de expressões idiomáticas, provérbios e metáforas [...] se aproxima mais do trabalho tradicional dos tradutores. Trata-se, com efeito, se não de textos, pelo menos de conjuntos de, no mínimo, duas palavras. É uma problemática que seria, portanto, legítima aos olhos dos teóricos da tradução, mas que eles preferem tratar sob o ângulo de ‘técnicas de tradução’ e, mais especificamente, sob a perspectiva da ‘compensação’. A tradução de ‘desse mato não sai cachorro’ é um problema ao que podem ser confrontados tanto lexicógrafos como tradutores, mas a maneira de resolvê-lo será diferente. Se um tradutor pode decidir não traduzir e compensar de outra maneira em outro lugar, o lexicógrafo não tem essa opção.

As UFs, nas suas mais variadas formas, fazem parte daquilo que é mais particular de cada idioma e, considerando-se que vivemos tempos em que a comunicação entre as pessoas tem atingido níveis que eram inimagináveis há algumas décadas, as informações são e devem ser veiculadas com a maior rapidez e eficiência possível. Os indivíduos passam a ter dúvidas em relação a estruturas próprias das línguas com que entram em contato e, em consequência, esperem contar com uma boa tradução daquelas. Esta atividade “promove a circulação de textos, um fluxo, seja do ponto de vista material [...] e não material, aquele simbólico, já que o processo tradutório é um complexo de escolhas e atitudes diante da forma e do conteúdo” (BLUME e PETERLE, 2013, p. 8, grifos nossos). Cada vez mais, exige-se do profissional da tradução que seja capaz de oferecer o melhor produto a partir do seu trabalho. E, para esse fim, Welker (2006, p. 252) nos lembra que:

difícilmente um tradutor [...] trabalha sem dicionários [...] e, embora novos instrumentos venham se impondo (por exemplos, textos paralelos, bancos de dados, internet), os dicionários – quer impressos quer eletrônicos – permanecem um dos recursos mais importantes.

Apesar das mudanças ocorridas ao longo do tempo em relação à forma como os dicionários são consultados, ainda há espaço para estudos nessa área, especialmente quando inter-relacionada com outras áreas do conhecimento.

3.1 O FAZER LEXICOGRÁFICO AO LONGO DO TEMPO

Sobre a história dos dicionários e da lexicografia. Béjoint (2000, p. 6) afirma que a palavra dicionário originou-se do vocábulo latino *dictionarius*, usado pelo poeta e gramático inglês Joannes de Garlandia em 1225 para nomear “uma coleção de vocábulos latinos”, e da palavra *dictionarium* que foi usada cem anos mais tarde⁶⁴.

Biderman (1998, p. 17) assinalou que a lexicografia ocidental se iniciou no princípio dos tempos modernos, entre os séculos XVI e XVII, pois, o que havia antes, em sua opinião, eram listas de palavras ou glossários, que auxiliavam na interpretação de textos antigos (como a Bíblia, por exemplo). Contudo, muito antes, alguns autores falam da “paleolexicografia”, como, por exemplo, as tabuinhas sumérias que continham listas lexicais de diversos tipos, por isso podiam ser consideradas como “protodicionários”, já no ano de 3300 a.C (WELKER, 2004, p. 61).

Cabe destacar que, na Europa⁶⁵, “[...] os primeiros dicionários que visam a uma relativa exaustividade são posteriores à invenção da imprensa” conforme registram Dubois *et al.* (1999[1973], p. 367). Os autores citados acreditam que esses primeiros dicionários surgiram, provavelmente, devido à demanda por materiais auxiliares para a leitura de textos que passaram a circular entre os leitores com maior frequência ao serem impressos e não mais manuscritos, tanto em LM como em LE;

⁶⁴ Na língua inglesa, a palavra *dictionary* apareceu pela primeira vez em 1526 e, na língua francesa, a palavra *dictionnaire* parece ter sido usada pela primeira vez pelo lexicógrafo francês Estienne, cujos dicionários datam do século XVI (WELKER, 2004, p. 26).

⁶⁵ Em relação ao par de línguas em foco neste trabalho, é relevante registrar que o *Tesoro de la Lengua Castellana o Española* foi publicado na Espanha em 1611, por Sebastián de Covarrubias y Horozco (1539-1613), sendo considerado o primeiro grande dicionário monolíngue da língua espanhola (COLLISON, 1982, p. 77). Em relação à língua portuguesa, Biderman (1998, p. 17) registra que: “[o]s primeiros dicionários em língua portuguesa dignos de nome são: o **Vocabulário Português-Latino** de Rafael Bluteau (1712-1728), obra bilíngue [sic] em 8 volumes e o **Dicionário da Língua Portuguesa** de Antônio de Moraes Silva (1ª ed. 1789; 2ª ed. 1813)”.

esses leitores, portanto, foram se tornando, também, consulentes de dicionários para melhor compreenderem os textos na sua LM e numa LE.

No contexto de ensino e aprendizagem⁶⁶ de línguas estrangeiras, é relevante discorrer sobre a função que desempenharam os dicionários bilíngues como materiais didáticos. A forma como estes foram utilizados ou não depende do método, da abordagem e da técnica que orientaram esse processo. De acordo com Richards e Rodgers (1986, p. vii), a proliferação de abordagens e de métodos é uma característica do ensino de uma segunda língua (doravante, L2) e de uma LE que predominou no século XX. Antes disso, estudavam-se as línguas clássicas, o latim e o grego, seguindo o método tradicional de Gramática e Tradução ou *Grammar-Translation Method* (HOWATT, 1984, p. 131; RICHARDS e RODGERS, 1986, p. 2-3). Este método também era conhecido como Método Prussiano (RICHARDS e RODGERS, 1986, p. 3) e, de acordo com Howatt (1984, p. 131), no final do século XVIII começou a ser adotado nas escolas secundárias do reino da Prússia⁶⁷. Richards e Rodgers (1986, p. 3) destacam alguns traços distintivos do Método de Gramática e Tradução:

1. o objetivo de estudar uma língua estrangeira era o de aprender uma língua a fim de ler sua literatura [...];
2. ler e escrever eram o foco principal [...];
3. a escolha do vocabulário era feita unicamente nos textos para leitura utilizados e as palavras são ensinadas por meio de listas bilíngues de palavras, pelo estudo com os dicionários e pela memorização.

Richards e Rodgers (1986, p. 4) afirmam que o Método de Gramática e Tradução foi dominante no ensino de línguas europeias e

⁶⁶ Entendemos por aprendizagem um processo consciente que resulta do conhecimento formal “sobre” a língua (KRASHEN, 1985, p.1). Por meio da aprendizagem, a qual depende de esforço intelectual para acontecer, o indivíduo deve ser capaz de explicitar as regras existentes na língua estrangeira (KRASHEN, Stephen D. *The input hypothesis: Issues and implications*. Addison-Wesley Longman Ltd, 1985, p. 1).

⁶⁷ O reino da Prússia deu lugar ao Império Alemão em 1871, contudo, depois da I Guerra Mundial (1914-1918) este perde poder e vastos territórios. A Prússia, como estado, foi praticamente abolida em 1934 pelos nazistas e, definitivamente, em 1947 pelos aliados, vencedores da II Guerra Mundial.

estrangeiras dos anos 1840 até a década de quarenta do século XX, afirmando, que, ainda na atualidade, esse método continua sendo amplamente utilizado em algumas partes do mundo, com algumas modificações. Se a confecção dos dicionários ocorreu devido à necessidade por essas obras de consulta no contexto de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, é necessário dizer, contudo, que “é muito recente, pelo menos entre nós, o advento de um fazer lexicográfico fundamentado numa teoria lexical e com critérios científicos” (BIDERMAN, 1998, p. 15). É recente, portanto, que o fazer lexicográfico esteja aberto a possibilidades de análise e de estudo em suas diversas interfaces com outras áreas do conhecimento como a tradução e a fraseologia. Embora Rey-Debove (1984, p. 45, grifo nosso) afirme que para se aprender uma língua de forma artificial ou metalinguisticamente precisa-se de “dois tipos de obras descritivas conhecidas como indispensáveis e complementares: a gramática e o dicionário [...]”, Lara (2004, p. 134) afirma que os lexicógrafos não se preocuparam por muito tempo em teorizar sua prática, como um fenômeno digno de estudos mais aprofundados. Dessa forma, é possível corroborar o fato de Biderman (1998, p. 15)⁶⁸ falar em ‘recente’ ‘advento de um fazer lexicográfico fundamentado numa teoria lexical e com critérios científicos’.

3.2 A LEXICOGRAFIA E A VARIANTE CUBANA DO CASTELHANO

Os cubanos têm o *cubiche* de que fala Santiesteban (1985) no prólogo da sua obra. Embora essa variante dialetal não seja tão conhecida no mundo pela sua nomenclatura, serve para reunir os *cubanismos* ou palavras próprias da ilha. Prado Aragonés e Galloso Camacho (2004, p. 9) afirmam que:

Los hablantes aprendemos a través de las palabras los arquetipos sociales y los esquemas de experiencia creados por la cultura que son transmitidos e institucionalizados por los usos

⁶⁸ Biderman (*ibid*, p. 15) também registra que foi com as considerações teóricas feitas por autores como Rey (1965) e Rey-Debove (1984), entre outros, que a Lexicografia e o dicionário passaram a ser alvo de análises que foram além do método, preocupando-se, portanto, com questões linguísticas.

léxicos recogidos en las páginas de los diccionarios⁶⁹.

Sobre o registro das palavras próprias dos cubanos, Santiesteban (1985, p. 7) afirma que: “Los primeros vestigios de un lenguaje cubano con personalidad definida se hallan [...] en las décimas y seguidillas *Al sitio y toma*, en ocasión del ataque y la conquista de la Capital por los ingleses⁷⁰”. Esse fato aconteceu em 1762 e foi fruto das guerras entre as potências europeias que acabaram estendendo-se às colônias, no caso, os ingleses tomaram a cidade de Havana e permaneceram lá por dez meses. De acordo com os historiadores, embora Cuba fosse ainda colônia da Espanha, foram os *criollos* ou os descendentes de espanhóis nascidos em Cuba que protagonizaram as ações que levaram à recuperação da ilha por parte da Coroa espanhola, após dez meses de ocupação inglesa. É por isso que *Al sitio y toma* foi elaborada como composição musical tipicamente cubana e que, por isso, continha esses “vestigios de um linguajar cubano com personalidade definida” de que fala Santiesteban (1985, p. 7), como forma de narrar os fatos históricos que aconteceram à época e de exaltar o papel que os cubanos tiveram defendendo uma terra que começavam a sentir como sua.

A partir daí, se já existiam formas linguísticas com características ou personalidade definidamente cubanas, o natural seria que elas fossem, então, registradas de alguma maneira pelas pessoas cultas da época. Dessa forma, aconteceu a primeira demonstração de interesse na elaboração de um trabalho lexicográfico em Cuba, no ano de 1795, por parte de José María Peñalver, um frei nascido em Havana, que “[...] en su ‘Memoria que promueve la edición de un diccionario provincial de la Isla de Cuba⁷¹’”, lida diante da *Real Sociedad Patriótica de La Habana* em 29 de outubro de 1795,

[...] expresa que ‘el Diccionario Provincial dará a la Metrópoli, y a todo el mundo, nociones muy altas de nuestra Provincia, y a nosotros mismos ideas

⁶⁹ “Os falantes aprendemos por meio das palavras os arquétipos sociais e os esquemas de experiência criados pela cultura que são transmitidos e institucionalizados pelos usos léxicos compilados nas páginas dos dicionários”.

⁷⁰ “Os primeiros vestígios de uma linguagem cubana com personalidade definida são encontrados [...] nas décimas e seguidilhas *Al sitio y toma*, em ocasião do ataque e a conquista da Capital pelos ingleses”.

⁷¹ “[...] em sua ‘Memória que promove a edição de um dicionário provincial da Ilha de Cuba’”.

más claras del suelo en que hemos tenido la dicha de nacer⁷² (GUERREIRO RUIZ; PASTOR PASTOR; DEPESTRE CATONY, 2002, p. 141).

Santiesteban (1985) também comenta essa tentativa pioneira de se registrarem de forma sistemática as lexias próprias dos cubanos da época, trinta anos depois do ataque e da conquista da capital de Cuba, *La Habana*, por parte dos ingleses e fala desse fato no capítulo que tem por título: “Donde el autor se felicita por no haber tenido que partir de cero” (SANTIESTEBAN, 1985, p. 7):

Sólo [sic] una treintena de años después surge el primer intento de estudiar seriamente el tema: el *Discurso para promover la formación de un diccionario de voces cubanas*, por fray José María Peñalver (29 de octubre de 1795), en pos del *Lexicon Havano*, según sus palabras⁷³.

Posteriormente, o dominicano Esteban Pichardo, residente em Cuba e advogado de profissão, mas que, por pura vocação, se dedicava aos estudos linguísticos, encarregou-se de assumir a dura tarefa de lexicógrafo e, assim, criou uma obra transcendente: *Diccionario provincial casi razonado de voces y frases cubanas* [sic], cuja primeira edição aconteceu em 1836. Cabe destacar que até aquela data, não se conhecia nenhum outro dicionário que se dedicasse a registrar os americanismos ou lexias regionais da América:

El autor mismo, en el prólogo, patentiza su esperanza de que "fuese digno de incluirse en el diccionario general de la Real Academia a semejanza de los provincialismos de Andalucía, Murcia, etc". Su compilación de voces fue por tanto, la primera de América en definir las denominaciones de animales, plantas, costumbres, productos y demás elementos propios de una

⁷² “[...] expressa que ‘o *Diccionario Provincial* dará à Metrópole, e a todo o mundo, noções muito altas de nossa Província, e a nós mesmos ideias mais claras da terra em que tivemos a sorte de nascer”.

⁷³ Só uma trintena de anos depois surge a primeira tentativa de estudar seriamente o tema: o *Discurso para promover la formación de un diccionario de voces cubanas*, por frei José María Peñalver (29 de outubro de 1795), em pós do *Lexicon Havano*, segundo suas palavras.

región, Cuba en este caso. La obra de Pichardo mereció una segunda edición en 1849, una tercera en 1861-1862 y una cuarta en 1875, todas en vida de su autor y aumentada cada una de ellas⁷⁴ (GUERREIRO RUIZ; PASTOR PASTOR; DEPESTRE CATONY, 2002, p. 141).

Santiesteban (1985, p. 7) registra mais uma edição dessa obra, feita em 1976, e afirma que essas sucessivas edições do *Diccionario provincial casi razonado de voces y frases cubanas* de Esteban Pichardo (1836, 1849, 1862, 1875 e 1976) “[...] ponen en manos del estudioso una fuente que, a pesar de lo singularmente proteico del tema, mantiene gran parte de su vigencia al cabo de más de un siglo⁷⁵”. Essa vigência pode ser comprovada pelo fato de esse dicionário ser consultado por outros autores, alguns contemporâneos à primeira edição da obra, como José García de Arboleya (pesquisador de origem andaluza, especialista em estudos filológicos), que publica o *Índice Alfabético y Vocabulario Cubano*, no ano de 1859,

[...] con aportaciones a la obra de Pichardo, ‘cuya respetable opinión he procurado seguir en mis definiciones, aunque sean estas más breves y no siempre de acuerdo con las suyas’, como apunta en su Advertencia⁷⁶ (GUERREIRO RUIZ; PASTOR PASTOR; DEPESTRE CATONY, 2002, p. 141)

⁷⁴ “O próprio autor, no prólogo, patenteia sua esperança de que “fosse digno de ser incluído no dicionário geral da *Real Academia* a semelhança dos provincialismos de Andaluzia, Murcia, etc.”. Sua compilação de lexias foi, portanto, a primeira da América em definir as denominações de animais, plantas, costumes, produtos e demais elementos próprios de uma região, Cuba neste caso. A obra de Pichardo mereceu uma segunda edição em 1849, uma terceira em 1861-1862 e uma quarta em 1875, todas em vida do seu autor e aumentada cada uma delas”.

⁷⁵ “[...] põem nas mãos do estudioso uma fonte que, apesar do singularmente substancial do tema, mantém grande parte da sua vigência depois de mais de um século”.

⁷⁶ “[...] com contribuições à obra de Pichardo, ‘cuja respeitável opinião procurei seguir nas minhas definições, ainda que sejam estas mais breves e não sempre de acordo com as suas’, como aponta em sua *Advertencia*”.

e por autores do século XX, como o próprio Santiesteban (1985, p. 25), que o cita nas páginas da sua “Bibliografía más frecuentemente consultada”.

Ainda sobre o registro de cubanismos em repertórios lexicográficos, cabe citar a obra de Juan I. de Armas, *Orígenes [sic] del lenguaje criollo*, publicada em Havana no ano de 1882. Sobre esta obra, Santiesteban (1985, p. 8) tem uma curiosa observação a fazer, dizendo que o autor passou a:

[...] emprenderla contra nuestros aborígenes, que si bien – los pobres – estaban sensiblemente atrasados con respecto a otras culturas precolombinas, no hay por qué negarles su generoso aporte a nuestro léxico, ni llegar a los extremos del último autor, quien afirma que no tenían dioses y hasta les cancela la patente de invención del humilde casabe⁷⁷.

É peculiar que Armas (1882), no registro da palavra *casabe* não se inclua em sua definição a sua origem *arahuaca*, já que, consultando os dicionários da *Real Academia Española (RAE)* da época, encontramos o primeiro registro da entrada *casabe*, feito no ano de 1852 por Castro y Rossi, no *Gran Diccionario de la Lengua Española*. Nesse dicionário do castelhano elaborado na Espanha, Castro e Rossi (1852, p. 530) citam o dicionário de Pichardo (1836 e 1849), que faz alusão a outras lexias indígenas para definir a palavra *casabe*, tais como *buren* e *cuisa*. Portanto, quando Armada (1882) “cancela a patente de invenção” da palavra *casabe*, como se não tivesse surgido na língua *arahuaca*, o faz ignorando que até nos dicionários da variante peninsular é registrada a origem dessa palavra.

O *Diccionario cubano etimológico* de José M. de Macías foi publicado em Veracruz, no ano de 1885, de acordo com Santiesteban (1985, p. 7), que ainda menciona a obra de A. Montori, chamada de *Modificaciones populares del idioma castellano en Cuba*, no ano de 1916, ou seja, já no século XX.

⁷⁷ “[...] procurar briga com os nossos aborígenes, que se bem – os coitados – estavam sensivelmente atrasados a respeito de outras culturas pré-colombianas, não há por que negar-lhes a sua generosa contribuição com o nosso léxico, nem chegar ao extremo do último autor, que afirma que não tinham deuses e até lhes cancelou a patente da invenção do humilde *casabe*”.

Nesse século, outros autores, tais como Constantino Suárez ("el Españolito"), continuaram contribuindo com o registro das palavras típicas cubanas. Em 1921, Suárez publicou o *Vocabulario cubano*, em que "[...] recopiló una muestra extensa, no exenta de inexactitudes, pero valiosa herramienta a partir de la cual otros muchos investigadores continuaron sus aportaciones⁷⁸", conforme registram Guerrero Ruiz, Pastor Pastor e Depestre Catony (2002, p. 141). Santiesteban (1985) faz uma observação sobre as marcas veladas que se escondem numa obra lexicográfica e que ele identificou nas definições de Suárez (1921) para palavras como "[...] SON *Cub.* m. Baile de origen africano y maneras indecentes, que usan los negros y la gentualla blanca..."; o autor afirma que: "[d]oloroso es tener que admitirlo, pero es cierto que la tradición lexicográfica cubana carga con un oprobioso baldón: un aire de reaccionarismo y de racismo furibundos recorre sus páginas⁷⁹" (SANTIESTEBAN, 1985, p. 8). Comprova-se, portanto, que os dicionários registram as visões de mundo de cada época. Nesse caso, a herança da época da escravatura ganhou corpo nas palavras carregadas de preconceito que o autor do dicionário utiliza na definição apresentada.

Seguindo a ordem cronológica, no que diz respeito à elaboração de obras lexicográficas que registrem os cubanismos, citemos os trabalhos de Fernando Ortiz. Este advogado, etnólogo, jornalista, sociólogo, antropólogo, historiador e editor, dedicou-se também à linguística, com méritos indiscutíveis. Compilou *Un catauro de cubanismos*, publicado em 1923, sobre o qual afirmou que era um "[...] rimero de cubicherías en el que acaso pueda alguien hallar materiales para más serias composiciones⁸⁰" (GUERREIRO RUIZ; PASTOR PASTOR; DEPESTRE CATONY, 2002, p. 141). Além dessa obra, Santiesteban (1985, p. 7) registra a publicação de *Glosario de afronegrismos*, no ano de 1924. E, se no trabalho de Suárez (1921), "un aire de reaccionarismo y de racismo furibundos⁸¹" percorria suas páginas, Santiesteban (1985, p. 8), afirma com satisfação que:

⁷⁸ "[...] compilou uma amostra extensa, não isenta de inexactidões, contudo uma valiosa ferramenta a partir da qual outros muitos pesquisadores continuaram suas contribuições".

⁷⁹ "[d]oloroso é ter que admiti-lo, mas, é verdade que a tradição lexicográfica cubana carrega uma oprobriosa ofensa: um ar de reaccionarismo e de racismo furibundos percorre suas páginas".

⁸⁰ "[...] um conjunto harmonioso de cubanismos no qual, talvez, alguém possa achar materiais para composições mais sérias".

⁸¹ "um ar de reaccionarismo e de racismo furibundos".

Un caso diametralmente opuesto lo constituye el aporte de don Fernando Ortiz, quien, sin paternalismos intelectualoides ni ofuscaciones prejuiciosas, supo recoger, con mano de parigual, lo mejor de la gracia popular. Quizás por esto, entre tanto ceñudo bicho de gabinete, es de los pocos que se acercan al tema con sentido del humor⁸².

Além das citadas contribuições do mestre Ortiz (1923, 1924), Juan Manuel Dihigo, considerado como um dos grandes linguistas cubanos, escreveu abundantemente sobre o tema dos cubanismos, até meados do século XX, quando veio a falecer. Dihigo ocupou-se em estudar fonética experimental, lexicografia cubana, a fala popular por meio da literatura, além de ser um especialista em língua e cultura gregas. Seus diversos trabalhos impulsionaram notavelmente os estudos filológicos no país, ao mesmo tempo em que formava discípulos, frutos da sua longa carreira pedagógica e pelo prestígio na área, como representante de Cuba em congressos internacionais, além de ter publicado o *Léxico cubano* no ano de 1925.

Outro mestre que não poderíamos deixar de mencionar é Juan Marinello. Foi advogado, um dos melhores ensaístas de Cuba no século XX, além de ser poeta e crítico. No ano de 1926 publicou *Un guacalito de cubanismos*, o qual significou adentrar num tema sempre exposto à polêmica, de acordo com Guerrero Ruiz, Pastor Pastor e Depestre Catony (2002, p. 142):

Debe reconocerse que, con independencia de su carácter más o menos conservador -en correspondencia con el de la "casa matriz" en España- y además proteccionista de la pureza del lenguaje, la creación en mayo de 1926 de la Academia Cubana de la Lengua representó un importante paso hacia la afirmación de voces procedentes de Cuba en el análisis y estudio del español universal. La Academia Cubana de la

⁸² “Um caso diametralmente oposto é a contribuição de dom Fernando Ortiz, quem, sem paternalismos intelectualoides, nem ofuscamentos preconceituosos, soube compilar, de uma forma semelhante, o melhor da graça popular. Talvez por isso, entre tantos bichos carrancudos de escritório, é dos poucos que se aproximam do tema com senso do humor”.

Lengua⁸³ tiene entre sus funciones la de presentar sus propuestas para la aceptación de los cubanismos y en consecuencia, muchos de los ahora aprobados por la Real Academia Española (en adelante, R.A.E.), que "limpia, fija y da esplendor", son el resultado de la gestión inicial de los académicos cubanos⁸⁴ (GUERREIRO RUIZ; PASTOR PASTOR; DEPESTRE CATONY, 2002, p. 142).

Essa “gestão inicial dos acadêmicos cubanos” em prol do registro e reconhecimento das lexias próprias da ilha caribenha continuou ao longo do século XX, e um exemplo disso são os estudos lexicográficos feitos por Esteban Rodríguez Herrera. Este fez parte da delegação cubana que participou do *11º Congreso de Academias de la Lengua*, que aconteceu em Madrid no ano de 1956 e em 1959 publicou sua obra *Léxico Mayor de Cuba*, em dois volumes, considerado por Guerrero Ruiz, Pastor Pastor e Depestre Catony (2002, p. 142) “[...] sin dudas un texto capital para las investigaciones sobre el habla popular⁸⁵”. Além disso, os autores afirmam que:

[...] los temas filológicos han tomado gran auge, en medida considerable debido a la creación en 1965 del Instituto de Literatura y Lingüística, que reúne a un grupo valioso de investigadores y promueve la publicación sistemática de los trabajos lingüísticos. Por su exhaustividad y actualización dos libros constituyen materiales de obligada consulta. *Uno es El habla popular cubana de hoy*, con primera edición en 1982, de Argelio Santiesteban, quien además es excelente periodista

⁸³ A *Academia Cubana de la Lengua* foi fundada em 1926. Recomendamos a consulta ao site: <<http://www.acul.ohc.cu/>>.

⁸⁴“Deve reconhecer-se que, independentemente do seu caráter mais ou menos conservador -em correspondência com o da "casa matriz" na Espanha- e também protecionista da pureza da linguagem, a criação em maio de 1926 da *Academia Cubana de la Lengua* representou um importante passo em direção à afirmação de lexias procedentes de Cuba na análise e estudo do espanhol universal. A *Academia Cubana de la Lengua* tem dentre suas funções a de apresentar suas propostas para a aceitação dos cubanismos e em consequência, muitos dos agora aprovados pela *Real Academia Española* (doravante, R.A.E.), que "limpa, fixa e dá esplendor", são o resultado da gestão inicial dos acadêmicos cubanos”.

⁸⁵ “[...] sem dúvidas um texto capital para as pesquisas sobre a fala popular”.

y humorista; el otro es *De lo popular y lo vulgar en el habla cubana*, de Carlos Paz Pérez, aparecido seis años después. Ambos trabajos, además de la extensa recopilación de voces, incluyen valoraciones de los autores sobre el fenómeno del habla popular, expuestas con la óptica de quien lejos de criticar a ultranza la utilización o no de determinados términos, reconoce las numerosas aristas del asunto⁸⁶ (GUERREIRO RUIZ; PASTOR PASTOR; DEPESTRE CATONY, 2002, p. 142).

Na citação anterior, reconhece-se o valor da obra que pretendemos analisar pelo viés da tradução e da lexicografia e que lida com as “arestas” ou adversidades que se apresentam para os linguistas à hora de adentrarem nos domínios daquilo que consideram popular. O próprio Santiesteban (1985, p. 5) comenta sobre essas “arestas” e começa uma das seções da sua obra com uma pergunta: “POR ACASO VALE LA PENA ACOMETER ESTE TRABAJO, O ES, CUANDO MENOS, UNA LABOR INOCUA O AÚN DECIDIDAMENTE PERNICIOSA?”⁸⁷ e afirma que o desprezo por aquilo considerado como popular, nos domínios linguísticos, essa pugna entre o culto e o vulgar, surgiu desde que, nos primeiros grupos humanos, houve uma classe social privilegiada. José Martí, Herói Nacional dos cubanos, afirmava que “no hay por qué invalidar vocablos útiles, ni por qué fijarse em la tarea de dar palabras

⁸⁶ “[...] os temas filológicos têm alcançado um grande auge, considerável devido à criação em 1965 do *Instituto de Literatura y Lingüística*, que reúne um grupo valioso de pesquisadores e promove a publicação sistemática dos trabalhos linguísticos. Por sua exaustividade e atualização dois livros constituem materiais de consulta obrigatória. Um é *El habla popular cubana de hoy*, com sua primeira edição em 1982, de Argelio Santiesteban, quem, além disso é um excelente jornalista e humorista; o outro é *De lo popular y lo vulgar en el habla cubana*, de Carlos Paz Pérez, que surgiu seis anos depois. Ambos os trabalhos, além da extensa compilação de lexias, incluem valorações dos autores sobre o fenômeno da fala popular, expostas com a ótica de quem, longe de criticar até a morte a utilização ou não de determinados termos, reconhece as numerosas arestas do assunto”.

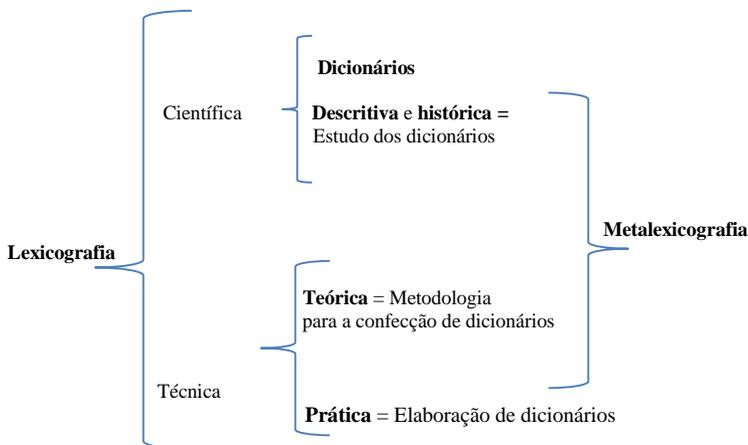
⁸⁷ “POR ACASO VALE A PENA ACOMETER ESTE TRABAJO, OU É, NO MÍNIMO, UM LABOR INÓCUO OU AINDA DECIDIDAMENTE PERNICIOSO?”

nuevas a ideas nuevas⁸⁸" (GUERREIRO RUIZ; PASTOR PASTOR; DEPESTRE CATONY, 2002, p. 143), somente pelo fato de as palavras ou expressões já existentes na língua serem consideradas da variedade popular. O trabalho de Santiesteban (1985) tem a ver com a tarefa de registrar esses “vocábulo úteis” de que fala Martí e que se consagraram pela frequência de uso.

3.3 LEXICOGRAFIA E METALEXICOGRAFIA

Para abordar esses conceitos, existe a lexicografia, a qual é definida por Porto Dapena (2002, p. 23) como a disciplina que se ocupa de tudo o que concerne ao dicionário, tanto no que se refere ao seu conteúdo científico (estudo do léxico), como à sua elaboração material e às técnicas adotadas na sua realização ou, por fim, à análise dos mesmos. Estes dois últimos aspectos dizem respeito à lexicografia teórica ou à metalexigrafia, que está estruturada em duas partes: uma de tipo descritivo, crítico e histórico, que se ocupa do estudo dos dicionários existentes, e outra de caráter técnico ou metodológico que, por sua vez, pode ter caráter geral, ao estudar questões que dizem respeito à elaboração de qualquer obra lexicográfica. O próprio autor resumiu esse conceito num esquema que consideramos esclarecedor:

Figura 3 - Esquema de representação dos objetos de estudo da Lexicografia e da Metalexigrafia.



⁸⁸ "não há por que invalidar vocábulo úteis, nem por que fixar-se na tarefa de dar palavras novas a ideias novas"

Fonte: Porto Dapena (2002, p. 23, tradução nossa).

Esta representação daquilo que a Lexicografia e a Metalexigrafia estudam vai além do que Welker (2004, p. 11) nos apresenta como a dicotomia tradicional entre 1) *lexicografia prática* ou a “[...] ‘ciência’, ‘técnica’, ‘prática’ ou mesmo ‘arte’ de elaborar dicionários” e a 2) *lexicografia teórica* ou *metalexigrafia*, a qual “abrange o estudo de problemas ligados à elaboração de dicionários, a crítica de dicionários, a pesquisa da história da lexicografia, a pesquisa do uso de dicionários [...] e ainda a tipologia [...]”. O esquema de Porto Dapena (2002, p. 23, tradução nossa) é um avanço no entendimento do próprio conceito de Lexicografia e de Metalexigrafia, porque esta postura “[...] parece responder à tendência, praticamente generalizada hoje, de unir os aspectos teórico-técnicos ou metodológicos aos teórico-científicos, representados fundamentalmente pelos estudos teórico-críticos sobre os dicionários” (PORTO DAPENA, 2002, p. 22, tradução nossa). Dessa forma, a Lexicografia se alimenta dos estudos desenvolvidos no seio da Metalexigrafia para a elaboração dos dicionários e esta, por sua vez, estuda esses dicionários de uma forma crítica e oferece novas possibilidades à primeira, sendo processos complementares e não excludentes.

Nesta pesquisa, discorreremos sobre a metodologia de confecção de dicionários, suas características, os principais tipos de dicionários existentes, sua estrutura, entre outras informações relevantes. Na segunda parte, na qual será feito o estudo do dicionário de autor mencionado nas páginas introdutórias deste trabalho e uma análise das informações contidas nele, com foco no registro das UFs. Com base na divisão proposta por Porto Dapena (2002, p. 23), esta pesquisa encaixa-se como **lexicografia teórica** ou **metalexigrafia**.

Para Porto Dapena (2002, p. 34), o dicionário se constitui como a finalidade e o resultado de toda atividade lexicográfica. Além disso, esse autor considera que o dicionário representa a lexicografia como ciência ou como o conjunto de conhecimentos sobre o léxico. Sobre a estrutura de um dicionário, citamos Porto Dapena (2002, p. 34):

- lista de lemas, i.e., o conjunto ordenado de entradas do dicionário;
- textos externos: prefácio (opcional); tabela de conteúdos; guia para o consulente; lista de abreviaturas; apêndice gramatical, de índices, das fontes bibliográficas consultadas e de apêndices. (Esses últimos todos opcionais).

Hartmann e James (1998, p. 92) e o próprio Porto Dapena (2002) falam da:

- *megaestrutura*: “conjunto formado pela nomenclatura (macroestrutura ou corpo do dicionário) e os textos externos”.
- *Macroestrutura*: conjunto das entradas ou lemas ou, também, a forma como o corpo do dicionário é organizado. A macroestrutura é a organização vertical dos artigos ou entradas por ordem alfabética, etimológica, de assuntos, de campos léxicos, semânticos etc. (SVENSÉN, 2009, p. 76-82).
- *microestrutura*: “conjunto das informações ordenadas de cada verbete após a entrada”, Rey-Debove (*apud* WELKER, 2004, p. 107). Conforme Barbosa (*apud* WELKER 2004, p. 107), o verbete é o conjunto da entrada mais o enunciado lexicográfico.

Para esclarecer o tipo de informação que os verbetes devem conter, citamos Hausmann e Wiegand (*apud* WELKER 2004, p. 108):

- informação que identifica o lema na sincronia (grafia, pronúncia, acentuação, classe gramatical, flexão);
- informação que identifica o lema na diacronia (etimologia);
- marcas de uso;
- informação explicativa (principalmente, a definição; às vezes, descrições enciclopédicas);
- exemplos de uso dos verbetes em construções, sinônimos ou antônimos para os mesmos e informação semântica.

Outro sinônimo para a palavra **entrada de verbete** nos dicionários é o vocábulo **lema**. Por trás da escolha dos **lemas**, há critérios que orientam essa escolha, tais como a frequência com que determinada lexia aparece nos enunciados dos membros de uma determinada comunidade linguística. Apesar de a frequência de aparecimento das lexias ser o critério mais comum que orienta os lexicógrafos na hora de elaborarem um dicionário, estes se deparam com situações em que devem tomar algumas decisões em relação ao registro ou não de alguns signos. Welker (2004, p. 96) elenca dez tipos desses signos, a saber:

- a) nomes próprios e marcas registradas;
- b) siglas e abreviaturas;
- c) afixos [...];
- d) formas flexionadas opacas [...];
- e) formas consideradas incorretas pelos puristas;
- f) palavras “tabus”, frequentemente classificadas como chulas [...];
- g) lexemas depreciativos, considerados ofensivos por certos grupos sociais [...];
- h) estrangeirismos;

- i) gírias;
- j) lexemas polilexicais.

Welker (2004, p. 102-103) afirma que os lexemas polilexicais “na maioria dos dicionários, [...] não são lematizados”. Corpas Pastor (1996, p. 269), afirma que a primeira das características das UFs é sua polilexicalidade. Além dessa característica, as UFs se caracterizam por serem próprias da comunidade de falantes que as usa e são transmitidas, muitas vezes, oralmente. Quando são registradas em dicionários, correspondem ao que Orlandi (2000, p. 98) afirma sobre eles como sendo: “[...] lugar de construção de memória social [...]”, ou seja, é o lugar de encontro do conhecimento sobre a língua que determinada sociedade acumula ao longo do tempo. E, embora Biderman (1998, p. 15) afirme que os lexicógrafos, ao elaborarem os dicionários, procuram registrar e criar definições de signos lexicais, os quais se referem a conceitos construídos e já cristalizados dentro de uma cultura, é essencial que se destaque que essa descrição é sincrônica, ou seja, conforme apontam Rey-Debove (1984, p. 57) e Lara (2004, p. 134), quando um dicionário é elaborado, é feito um recorte do léxico que determinada comunidade linguística utiliza para se comunicar num determinado momento da história. Por esse motivo é que afirmamos que a natureza dinâmica do léxico faz com que os dicionários tenham falhas ao registrarem os vocábulos que efetivamente são utilizados por uma comunidade linguística num momento determinado da sua história. Contudo, ainda que os lexicógrafos não tenham conseguido registrar todos os vocábulos de um idioma, os dicionários têm um papel a desempenhar, conforme registra Dubois *et al.* (1999 [1973], p. 186), quem os definem como sendo:

[...] um objeto cultural que apresenta o léxico de uma ou mais línguas sob a forma alfabética, fornecendo sobre cada termo certo número de informações (pronúncia, etimologia, categoria gramatical, definição, construção, exemplo de emprego, sinônimos, idiotismos); essas informações visam a permitir ao leitor traduzir de uma língua para outra ou preencher as lacunas que não lhe permitiam compreender um texto na sua própria língua. O dicionário visa também a dar o domínio dos meios de expressão e a aumentar o saber cultural do leitor.

Um bom dicionário pode tornar-se um dos “dois tipos de obras descritivas conhecidas como indispensáveis e complementares” (REY-DEBOVE, 1984, p. 45) que auxiliam professores, aprendizes e tradutores no objetivo comum de estes alcançarem a *competência lexical*, o qual ocorreria se os aprendizes de um idioma avançassem na sua interlíngua ao terem acesso a lexias registradas de tal forma que o ‘saber cultural’ do aprendiz aumentasse. Nos textos teóricos lidos, todos os autores afirmam que um dicionário é sempre uma obra de consulta e não uma obra de leitura, já que, “[...] mesmo que a definição se restrinja ao estritamente necessário, os exemplos, às vezes, não mostram apenas como o lexema é usado, e sim informam, ao mesmo tempo, sobre a coisa designada por ele” (WELKER, 2004, p. 46). Sobre os lexemas, Barbosa (2001, p. 40) aponta que:

[...] o lexema, enquanto unidade-padrão do dicionário de língua, tem um significado abrangente, estruturado como um sobressema polissemêmico que contém semas relativos a diferentes *topoi*, *chronoi*, *strata* e *phasei*, ou, se, preferirmos, resulta da recuperação de normas semânticas diversas, das variações diacrônicas, diatópicas, diastráticas e diafásicas; compreende vários vocábulos correspondentes a distintas acepções, que, no entanto, mantêm uma intersecção, isto é, um subconjunto semêmico definido como núcleo sêmico. Trata-se de unidade de sistema, *in absentia*.

Para registrar os lexemas e torná-los *lemas* ou *entradas* existem os dicionários “de língua”, os quais podem ser classificados, de acordo com a proposta de Welker (2004, p. 44), que resume as ideias de outros teóricos do assunto:

Figura 4 - Tipos de dicionários.

Dicionário "de língua"

1. Impresso ou convencional:

- a) monolíngue (geral ou especial);
- b) bi/multilíngue (geral ou especial).

2. Eletrônico:

- a) monolíngue (geral ou especial);
- b)** bi/multilíngue (geral ou especial).

Fonte: Welker, 2004, p. 44.

Depois desta breve introdução sobre os dicionários e a lexicografia, continuaremos este capítulo verificando o significado atribuído ao ato de traduzir no dicionário especializado em estudos linguísticos que consultamos anteriormente, o qual, de acordo com o prefácio da obra:

[...] deve poder responder às perguntas dos leitores que, nos textos lingüísticos [sic], encontram termos tomados numa acepção particular ou que não pertencem ao léxico da língua comum; o que os leitores pedem é uma espécie de tradução dos termos que ignoram, com a ajuda das palavras e dos conceitos mais correntes das gramáticas de ensino. Mas essa tradução, essa forma de glossário que somos levados a dar a um dicionário científico e técnico traz à baila, por sua vez, diversos problemas: a definição do termo ignorado utiliza palavras que devem ser conhecidas do leitor; mas a que nível se situaria esse leitor ideal? (DUBOIS *et al.*, 1999[1973], p. 5, grifos nossos).

Os autores consideram que esta obra, sendo um dicionário técnico e científico, com “forma de glossário”, seria utilizada pelos “leitores” de textos linguísticos à hora de não conhecerem determinado vocábulo que foi utilizado “numa acepção particular”. Sobre as diferenças entre dicionários e glossários, Barbosa (2001, p. 35-44) afirma que:

Tabela 2 - Diferenças entre glossários e dicionários.

Glossários	Dicionários
[...] um glossário <i>stricto sensu</i> seria a obra lexicográfica que	[...] ao nível do sistema corresponde a unidade padrão

<p>apresentasse unidades lexicais extraídas de um único texto manifestado e definidas em suas significações específicas, correspondentes a cada palavra-ocorrência, no mais alto nível de densidade sêmica, sem reunir num só verbete duas ou mais palavras-ocorrências com a mesma forma de expressão. Se preferirmos, a cada palavra-ocorrência corresponderia uma entrada (BARBOSA, 2001, p. 35).</p>	<p>lexical chamada lexema (Muller, 1968); o dicionário de língua tende a reunir o universo dos lexemas, apresentando, para cada um deles, os vocábulos que representam suas diferentes acepções (BARBOSA, 2001, p. 35, grifo nosso).</p>
--	---

Fonte: Barbosa, 2001, p. 34-44.

Em relação ao que Barbosa (2001, p. 35) assinala como características distintivas entre glossários e dicionários é relevante destacar o fato de os glossários apresentarem “unidades léxicas extraídas de um único texto manifestado e definidas em suas significações específicas”. Dessa forma, o consulente deveria ter uma referência direta significante-significado já no texto em que aparece o vocábulo que não conhece, o qual não poderia ser feito no dicionário de Dubois *et al.* (1999[1973]), pois o registro de entradas é amplo e não exclusivo de um texto, como pode ser comprovado na consulta à obra.

E esse registro amplo de palavras que o usuário não conhece, ainda que seja feito no formato de dicionário, tem suas limitações e também tem recebido críticas ao longo dos anos, em que o dicionário é desprezado pelo paradigma linguístico predominante devido a três de suas características constitutivas:

[...] não é uma descrição fiel de uma realidade verbal metódica e estatisticamente estudada em uma determinada população, b) tem um cunho normativo explícito ou implícito, que modifica totalmente esta realidade, e c) é uma obra de caráter utilitário e mercantil (LARA, 2004, p. 134).

Considerando que Jakobson (1959, p. 114) já postulara que poderiam existir três tipos de tradução: *intra*linguística, *inter*linguística e *inter*semiótica, o que Dubois *et al.* (1973, p. 5) afirmam sobre a “tradução dos termos” corresponderia ao conceito de *tradução intra*linguística de que fala Jakobson (1959, p. 114). Contudo, ao consultarmos a entrada

“tradução”, o único tipo de tradução que se registra é a “tradução (automática)” (DUBOIS *et al.*, 1999[1973], p. 594). Dessa forma, embora no prefácio do próprio dicionário se aborde metalinguisticamente a questão da dificuldade de se fazer uma tradução intralinguística nessa obra, a entrada desse termo especializado não existe e, portanto, o consulente não teria acesso à informação sobre os diferentes tipos de tradução. Isto é comprovado quando consultamos o significado do vocábulo ‘traduzir’: “*Traduzir* é enunciar numa outra língua (ou língua de chegada) o que foi enunciado numa língua-fonte, conservando as equivalências semânticas e estilísticas” (DUBOIS *et al.*, 1999[1973], p. 594). Dessa forma, no prefácio, os autores se preocupam com a *tradução intralinguística* que terão que fazer no seu dicionário, sabendo que escolher “a definição do termo ignorado” implica em saber “a que nível se situaria esse leitor ideal”, contudo, limitam-se a dizer que “traduzir” é um ato que ocorre entre duas línguas diferentes. Aqui acontece o que Blume e Peterle (2013, p. 8, grifos nossos) afirmam sobre o processo tradutório, ou aos três tipos de tradução:

[...] o processo tradutório é um complexo de escolhas e atitudes diante da forma e do conteúdo que se apresentam ao tradutor. Assim, a tradução pode ampliar as visões, proporcionar novas, abrir caminhos, porém, ao mesmo tempo, pode exercer o papel delimitador.

As autoras falam das possibilidades que se abrem diante de alguém que traduz intralinguisticamente, como no caso do dicionário de Dubois *et al.* (1999[1973]), de quem o faz de uma língua para outra(s) e, inclusive, nas traduções intersemióticas. E essas possibilidades têm a ver, segundo Blume e Peterle (2013, p. 11, grifos nossos) com o momento em que:

[...] o tradutor é solicitado em primeira pessoa não só a fazer sua leitura, mas deve até produzir, isto é, deve escolher, dar uma opção que não necessariamente é a mesma da de outros tradutores e que, portanto, “não se diz nunca a mesma coisa” (ECO, 2003, p. 94). O ato de traduzir, dessa forma, é sempre acompanhado, durante todo o processo, de atitudes e comportamentos ligados ao negociar, mesmo que essas ações sejam inconscientes e aparentem (só aparentem) ser “imediatas”. Nesse

sentido, o tradutor é a todo instante um negociador. É durante essa negociação que as relações e as tensões relativas ao poder são estabelecidas.

Dessa forma, espera-se que quem traduz, não se limite a “enunciar numa outra língua o que foi enunciado numa língua-fonte”, conforme registra o dicionário de linguística que consultamos. Parece que Dubois *et al.* (1999[1973], p. 594) optam por ignorar o fato de que “uma tradução é o resultado de um intenso e imbrincado processo de interação e troca, negociação e *reescrita*” (BLUME e PETERLE, 2013, p. 13), embora eles próprios tenham descrito a *tradução intralinguística* no prefácio do seu dicionário. Parece paradoxal refletir sobre a “tradução dos termos” que os consulentes ignoram e sobre o cuidado de se escolherem “palavras” e “conceitos mais correntes” para auxiliá-los nas suas consultas, mas o próprio dicionário não se preocupa em detalhar informações sobre a entrada “tradução” ou sobre a entrada “traduzir” que remetam à tradução intralinguística, por exemplo. Talvez, isto tenha a ver com o que Humblé (2005, p. 233) afirma:

A tradução tem diretamente a ver com dicionários. Não se fazem traduções sem eles. No entanto, nem os Estudos da Tradução têm se ocupado com os dicionários, nem a meta-lexicografia com a tradução. Os dicionários não parecem influenciar a tradução, nem os lexicógrafos são vistos como sendo tradutores. Isso é, em parte, porque os lexicógrafos seriam tradutores 'automáticos', que não têm escolha quando traduzem, enquanto à escolha, e a dificuldade da escolha, é vista como o que caracteriza o trabalho do tradutor.

As palavras do autor refletem uma realidade atual, embora tenham sido escritas há algum tempo, e coincidem com as nossas percepções de que ainda há lugar para se discorrer sobre as interfaces possíveis entre a lexicografia e a tradução em benefício dos consulentes, sendo estes estudiosos dessas áreas do conhecimento ou meros aprendizes de um idioma. Não podemos perder de vista o que Blume e Peterle (2013, p. 8) apontam: “A tradução é fruto, mas também alimenta, renova e dá sobrevida ao texto traduzido [...] Textos que vão se sobrepondo e formando um grande mosaico, no qual cada peça complementa uma outra”. Para que a tradução possa ser fruto e fonte de alimento para quem tem acesso a ela, precisar-se-ia de um bom dicionário, embora

“difícilmente todas as traduções adequadas de todos os lexemas podem [possam] ser indicadas no dicionário” (WELKER, 2006, p. 254). Contudo, considerando o “mosaico” de que Blume e Peterle (2013, p. 8) falam, é necessário que “cada peça” que “complementa uma outra” seja escolhida com a consciência de que “é tarefa do tradutor não procurar o item lexical que possa ser inserido, e sim usar as informações fornecidas como um auxílio no seu importantíssimo processo decisório na recriação do texto” (SNELL-HORNBY *apud* WELKER, 2006, p. 255).

Considerando a citação de Humblé (2005) e sua declaração de que não se fazem traduções sem os dicionários, é imprescindível destacar que, na atualidade, pesquisas feitas sobre o futuro deles apontam que, ao mesmo tempo em que eles se tornam cada vez mais disponíveis de forma fácil e gratuita como nunca antes ocorrera, perdem, ao mesmo tempo sua identidade autónoma e desaparecem em meio às tecnologias na área da linguagem. Isto se deve ao que Kernerman (2013, p. 1) classifica como a maior revolução da atualidade no mundo da lexicografia e da tradução, na qual, o leitor que se torna usuário de um dicionário envolve-se no processo criativo deste, já que pode dispor de uma ampla gama de fontes de pesquisa em relação aos especialistas no assunto, tudo fruto das mudanças sociais, tecnológicas e políticas ocorridas em nível mundial. De acordo com Cronin (2013, p. 209): “[o] consumidor, ele próprio, se torna um produtor ativo do que consome: um prosumer” e este título é definido da seguinte maneira:

Prosumer é uma expressão que surgiu nas indústrias de bens eletrônicos e informática, significando consumidores mais exigentes e especializados que exigiam produtos com nível de qualidade e especificações muito próximas dos padrões profissionais. Significa, literalmente, um *prosumidor*, um *professional consumer* (CRONIN, 2013, p. 209).

Dessa forma, se um usuário comum é capaz de fazer escolhas adequadas para suas dúvidas, acreditamos que os tradutores poderão e deverão participar desse processo criativo da construção do “significado” de uma determinada unidade léxica com maior consciência. Isto envolve o momento em que fazem a escolha de uma lexia em lugar de outra, tendo em consideração as fontes de conhecimento às quais tenham acesso, dentre as quais o dicionário pode ter um lugar de destaque.

Começemos por falar dos dicionários monolíngues e da tarefa de se oferecer uma definição para uma entrada. Varantola (2002, p. 38) afirma que os dicionários monolíngues precisam de mais espaço para definir o que uma entrada significa, mas que podem beneficiar-se do fato de poderem usar a mesma língua em suas definições. Sendo assim, parece lógico afirmar que deve ser mais fácil descrever o significado de uma palavra com maior precisão nos dicionários monolíngues. Contudo, pensando melhor, essa afirmação é provavelmente uma simplificação exagerada e vamos o porquê.

Começemos por afirmar que “a tradução está no núcleo da linguagem” (OUSTINOFF, 2011, p. 73) e como “a linguagem escapa as mais das vezes à observação, o linguista deverá ter em conta os textos escritos, pois somente eles lhe farão conhecer os idiomas passados ou distantes” (SAUSSURE, 2000[1916], p. 13); desta forma, consideramos válido analisarmos o registro de traduções intralinguísticas de UFs da variante cubana do espanhol que aparecem na obra de Santiesteban (1985), a qual foi classificada como uma “(...) intrépida empresa de compilar a modo de diccionario todas las novedades – casi sin exclusión – del lenguaje nacional (...)” (RIOS *apud* SANTIESTEBAN, 1985, p. 528), ao longo das décadas de 1960, 1970 e 1980.

O trabalho de compilação de lexias da variante cubana da língua espanhola feito por Santiesteban (1985) é fruto da “[...] possibilidade de fixar as coisas relativas à língua que faz com que um dicionário e uma gramática possam representá-la fielmente, sendo ela o depósito das imagens acústicas, e a escrita a forma tangível dessas imagens” (Saussure, 2000[1916], p. 23). Numa situação ideal, de acordo com o mestre genebrino, um dicionário poderia, então, representar uma língua fielmente, ou seja, seria possível ocorrer um registro fiel dessas imagens acústicas ou significantes no seio de uma obra lexicográfica em que estes pudessem ser vinculados aos seus conceitos ou significados. O resultado seria uma tradução intralinguística fiel, ou seja, um dicionário poderia registrar os signos (significante + significado[s]) da forma mais precisa, oferecendo ao consulente possibilidades de sentido para o verbete consultado. Resumindo, o exposto anteriormente poderia corresponder ao conceito de *intra-lingual translation* ou *rewording*, proposto por Jakobson (1959, p. 114). O autor afirma que: “[f]or us, both as linguists and as ordinary word-users, the meaning of any linguistic sign is its translation

into some further, alternative sign [...]”⁸⁹ e a tradução intralinguística é definida por ele como uma interpretação de signos verbais por sentidos de outros signos da mesma língua (JAKOBSON, 1959, p. 114). Contudo, antes de tudo, gostaríamos de discorrer sobre o que entendemos por “significado”, por “sentido” de um signo, na interface que se forma entre a lexicografia e a semântica, o qual nos parece essencial para a prática tradutória.

3.4 INTERFACES ENTRE A LEXICOGRAFIA, A SEMÂNTICA E A TRADUÇÃO

Quando se fala da elaboração de um dicionário, é necessário pontuar que:

El artículo lexicográfico responde a una estructura básica e imprescindible sobre la cual se articula el trabajo del redactor: ENTRADA – CATEGORÍA – DEFINICIÓN. Esta estructura básica se encuentra establecida, al menos, desde la consolidación de la lexicografía unilingüe occidental en los siglos XVII [...]. La ENTRADA señala la existencia de esa unidad de tratamiento lexicográfico como unidad del sistema lingüístico, indica la forma que la convención lingüística le ha dado y sus posibles variantes morfológicas y normativas. La CATEGORÍA indica la pertenencia de la unidad de tratamiento a un determinado sistema de relaciones morfofuncionales. Y la DEFINICIÓN supone el contenido, el valor semántico de esa unidad de funcionamiento. De esa estructura básica se deducen tres tipos de información: (a) de la ENTRADA: *información general*, (b) de la CATEGORÍA: *información gramatical* y (c) de la DEFINICIÓN: *información semántica*⁹⁰ (AHUMADA LARA, 1989, p. 18-19).

⁸⁹ “[p]ara nós, tanto como linguistas como usuários comuns das palavras, o significado de qualquer signo linguístico é sua tradução para algum signo adicional, alternativo [...]”.

⁹⁰ O artigo lexicográfico corresponde a uma estrutura básica e imprescindível sobre a qual se articula o trabalho do redator: ENTRADA – CATEGORIA – DEFINIÇÃO. Esta estrutura básica se encontra estabelecida, pelo menos, desde a consolidação da lexicografia unilingue ocidental nos séculos XVII [...]. A

Interessa-nos, nesta parte da pesquisa, averiguar como a informação semântica é elaborada, como é atribuído o valor semântico a uma entrada ou unidade de funcionamento de que se fala na citação anterior. Gostaríamos de verificar como essa estrutura de uma entrada de dicionário monolíngue se sustenta ao beber do conhecimento que a Semântica lhe fornece à hora de se elaborar uma definição.

Como Kernerman (2013, p.1) afirmou, atualmente, todos os usuários de uma língua e consulentes de um dicionário têm a possibilidade de participar do processo criativo de construção de significados para as unidades léxicas e isto se deve ao fato de que atribuir “[...] significado a uma cadeia de ruídos implica adotar um ponto de vista sobre a aquisição de conhecimento” (OLIVEIRA, 2006, p. 18). É necessário dizer que a semântica é a ciência que se dedica ao estudo do “significado”, embora os próprios semantistas não cheguem a um acordo em relação à definição exata desse conceito: nas palavras “[...] do filósofo Putnam: ‘o que atrapalha a Semântica é ela depender de um conceito pré-teórico de *significado*’” (OLIVEIRA, 2006, p. 18). Dessa forma, não seria possível falar de semântica, mas de, pelo menos “[...] as linhas mestres dos modelos semânticos atuais: o modelo formal⁹¹, o modelo enunciativo⁹² e o modelo cognitivo⁹³” (OLIVEIRA, 2006, p. 42). Sendo assim, para que possamos entender as questões que envolvem a elaboração de uma definição num dicionário monolíngue por meio de uma tradução intralinguística, é preciso discorrer sobre as possibilidades que o lexicógrafo tem para materializá-la, adotando um determinado “ponto de vista sobre a aquisição de conhecimento” ou um posto de observação que oriente seu trabalho.

Saussure (2000[1916], p. 79) nos advertia que:

ENTRADA aponta a existência dessa unidade de tratamento lexicográfico como unidade do sistema linguístico, indica a forma que a convenção linguística lhe deu e suas possíveis variantes morfológicas e normativas. A CATEGORIA indica o pertencimento da unidade de tratamento a um determinado sistema de relações morfofuncionais. E a DEFINIÇÃO pressupõe o conteúdo, o valor semântico dessa unidade de funcionamento. Dessa estrutura básica se deduzem três tipos de informação: (a) da ENTRADA: *informação geral*, (b) da CATEGORIA: *informação gramatical* e (c) da DEFINIÇÃO: *informação semântica*.

⁹¹ Lyons (1977), Kempson (1980), Ilari e Gerdali (1985), Saeed (1997).

⁹² Ducrot (1979, 1987), Koch (1984).

⁹³ Lakoff (1987), Pontes (1990).

Para certas pessoas, a língua, reduzida a seu princípio essencial, é uma nomenclatura, vale dizer, uma lista de termos que correspondem a outras coisas [...] Tal concepção e criticável em numerosos aspectos [...] ela faz supor que o vínculo que une um nome a uma coisa constitui uma operação muito simples, o que está bem longe da verdade.

As ideias do mestre genebrino serviram como base para os estruturalistas de vertente saussuriana, os quais definiam “significado” a partir do contraste entre unidades léxicas. Isto é: “[...] o significado se dá numa estrutura de diferenças com relação a outros significados. Assim, o significado de uma palavra se define por não ser outro significado [...]” (OLIVEIRA, 2006, p. 18), podendo implicar numa postura relativista do lexicógrafo e do tradutor. Até o ano de 1957, com a celebração do *VIII Congreso Internacional de Lingüistas*, a lexicografia e a linguística eram disciplinas estreitamente relacionadas, sendo a primeira dependente da última. O interesse em relação à semântica e a abertura de um espaço para estudos lexicográficos orientados por ela surgiram a partir do mencionado evento, no qual o estruturalismo passa a andar no terreno do significado, embora se trate de uma espécie de primeiro contato, conforme registra Ahumada Lara (1989, p. 83).

A partir disso, Ahumada Lara (1989, p. 84) afirma que os problemas lexicográficos passaram a ter uma dupla orientação: “1) Orientación hacia la filosofía. 2) Orientación hacia la lingüística⁹⁴”. Sendo assim, quando Oliveira (2006b, p. 42) cita o *modelo formal* no seio da semântica ou fala da Semântica Formal, refere-se ao momento em que o significado passa a ser visto como “[...] um termo complexo que se compõe de duas partes, o sentido e a referência [...]. Assim, no modelo lógico, a relação da linguagem com o mundo é fundamental”. Isto é fruto da distinção aristotélica de que a língua “[...] não é um ‘ergon’ (raiz indo-europeia “*werg”, que encontramos no inglês ‘work’: “uma obra realizada”), mas uma “energeia” (uma atividade em vias de se fazer)” (OUSTINOFF, 2011, p. 22) e que coincide com o exposto por Oliveira (2006b, p. 19) ao dizer que “[...] a análise de Aristóteles (pela lógica) [...] mostra que há relações de significado que se dão independentemente do conteúdo das expressões”. O exposto neste parágrafo tem suas consequências diretas sobre os dicionários, já que, como afirma Ahumada Lara (1989, p. 86), os dicionários têm uma função social e desde os

⁹⁴ “1) Orientação para a filosofia. 2) Orientação para a linguística”.

primeiros repertórios, sua única missão era a de resenharem das mais variadas significações das lexias, não havendo, ainda, naquela época nem uma metodologia e nem uma uniformidade que caracterizassem uma técnica lexicográfica consagrada. Já no campo da tradução, entende-se que:

[...] não existe tradução ‘neutra’ ou ‘transparente’ através da qual o texto original apareceria idealmente como em um espelho, identicamente. Por isso, aqui não há espaço para ‘decalque’, em razão do próprio trabalho (‘energeia’) da língua, seja aquele que se opera no interior da língua ‘tradutória’ ou daquele que se produz no próprio seio da língua original. Desse ponto de vista, escrita e tradução devem ser situadas exatamente no mesmo patamar (OUSTINOFF, 1989, p. 22).

Os lexicógrafos enfrentam problemas para oferecerem ao consulente uma definição para as lexias ao traduzirem por meio de signos o significado de um deles e fazê-lo por meio da escrita, como podemos perceber na citação anterior, na qual as duas atividades são equiparáveis, de acordo com Oustinoff (2011, p. 22). Sobre a escrita, vale tecer alguns comentários advindos das reflexões que as palavras de Saussure (2000[1916], p. 34, grifos nossos) provocaram e podem provocar:

Língua e escrita são dois sistemas distintos de signos; a única razão de ser do segundo é representar o primeiro; o objeto linguístico não se define pela combinação da palavra escrita e da palavra falada; esta última, por si só, constitui tal objeto. Mas a palavra escrita se mistura tão intimamente com a palavra falada, da qual é a imagem, que acaba por usurpar-lhe o papel principal; terminamos por dar maior importância à representação do signo vocal do que ao próprio signo. É como se acreditássemos que, para conhecer uma pessoa, melhor fosse contemplar-lhe a fotografia do que o rosto”.

Concordamos com Oustinoff (2011, p. 22) ao dizer que a escrita e a tradução “devem ser situadas exatamente no mesmo patamar”, pois constituem a “fotografia” e não o “rosto” da língua, conforme as palavras de Saussure (2000[1916]). Este se preocupava com as consequências de

que fosse dada uma maior atenção à “fotografia”, ou seja, à representação da língua por meio da escrita, em detrimento do objeto representado: “A língua tem [...] uma tradição oral independente da escrita e bem diversamente fixa; todavia, o prestígio da forma escrita nos impede de vê-lo” (*idem, ibidem*, p. 35). E, quando se fala da tradução, Oustinoff (2011, p. 77) afirma que:

Não há nada de mais difícil [...] e nada de mais raro do que uma excelente tradução, porque nada é mais difícil nem mais raro do que alcançar o justo equilíbrio entre a licença do comentário e a servidão da letra. Um apego excessivamente escrupuloso à letra destrói o espírito, quando é o espírito que vivifica; excessiva liberdade destrói os traços característicos do original, faz-se uma cópia infiel dele.

É neste momento em que a “[...] possibilidade de fixar as coisas relativas à língua que faz com que um dicionário e uma gramática possam representá-la fielmente, sendo ela o depósito das imagens acústicas, e a escrita a forma tangível dessas imagens” (SAUSSURE, 2000[1916], p. 23, grifos nossos), de que falamos anteriormente, começa a parecer uma tarefa complexa, com suas limitações e críticas, feitas pelo próprio mestre genebrino:

A língua literária aumenta ainda mais a importância imerecida da escrita. Possui seus dicionários, suas gramáticas; é conforme o livro e pelo livro que se ensina na escola; a língua aparece regulamentada por um código; ora, tal código é ele próprio uma regra escrita, submetida a um uso rigoroso: a ortografia, e eis o que confere à escrita uma importância primordial. Acabamos por esquecer que aprendemos a falar antes de aprender a escrever, e inverte-se a relação natural” (SAUSSURE, 2000[1916], p. 35, grifos nossos).

Sendo assim, a Linguística enfrenta desafios ao vincular significantes a significados e a Semântica Formal passa a (pré)ocupar-se ao associar sentido e referência, já que “uma mesma referência pode [...] ser recuperada por meio de vários sentidos” (OLIVEIRA, 2006, p. 21). Além disso, a Lexicografia enfrenta problemas ao registrar lexias por meio da dupla orientação, filosófica e linguística, tornando o conteúdo

conceitual em linguístico, conforme destaca Ahumada Lara (1989, p. 84-85). E a tradução intralinguística final, que nada tem de ‘neutra’ ou de ‘transparente’, “[...] é, por isso, a face emergente do *iceberg*. A face imersa, a mais importante, não é a face do *ergon* que é a tradução, mas a dos processos de re-enunciação da qual ela é resultante (a *energeia*)” (OUSTINOFF, 2011, p. 76). E, em relação à fase imersa da tradução em que o significado é re-enunciado, Benveniste (2005 [1966], p. 319-320, grifos nossos) afirma que:

As noções semânticas apresentam-se ainda sob uma forma tão vaga que, para tratar um dos aspectos, seria necessário começar por propor um corpo de definições rigorosas. Entretanto, essas definições exigiriam por sua vez uma discussão que versasse sobre os princípios da significação [...] Em matéria de sentido, porém, temos por guia apenas uma certa verossimilhança, fundada sobre o “bom senso”, sobre a apreciação pessoal do lingüista [sic], sobre os paralelos que ele pode citar. O problema consiste sempre – em todos os níveis da análise, no interior de uma mesma língua ou nas diferentes etapas de uma reconstrução comparativa – em determinar se, e como, dois morfemas formalmente idênticos ou comparáveis podem ser identificados pelo seu sentido”.

Estas ideias influenciaram autores como Ducrot (1987[1984]) e, a partir da década de 1970, apareceram trabalhos que se opunham aos pressupostos da Semântica Formal, surgindo outro modelo de análise: a Semântica da Enunciação, influenciada pela escola francesa de Análise do Discurso (OLIVEIRA, 2006, p. 27). Para os defensores da ideia de que o significado pode ser o resultado do jogo argumentativo criado na linguagem e por ela, o sentido de uma lexia passaria a ser as diversas possibilidades de encadeamentos argumentativos das quais ela poderia participar. Por isso, Benveniste (2005[1966], p. 320, grifos nossos) fala dos “paralelos” que o linguista poderia citar em relação a uma lexia:

O único princípio de que nos serviremos [...], tomando-o como admitido, é que o “sentido” de uma forma lingüística [sic] se define pela totalidade dos seus empregos, pela sua distribuição e pelos tipos de ligações resultantes [...] A resposta jamais se apresenta de antemão. Só pode ser fornecida por

um estudo atento do conjunto dos contextos nos quais a forma é susceptível de aparecer. Não se tem o direito de presumi-la, positiva ou negativa, em nome da verossimilhança”.

Para os lexicógrafos, a tarefa de registrar as possibilidades de encadeamentos argumentativos de uma unidade léxica ou a “totalidade dos seus empregos” se apresenta como uma tarefa hercúlea, já que, como Rey-Debove (1984, p. 57) diz, os usuários de uma língua:

[...] não dominam jamais o léxico, encontram em todo o decorrer de sua vida palavras desconhecidas, e nenhum lexicólogo ou lexicógrafo pode esperar adquirir uma competência lexical ótima. Deve-se isso, evidentemente, à ordem quantitativa: as regras da gramática são em número restrito, mas não as palavras que elas regem. Além disso, é o léxico que, na língua, muda mais depressa (em francês, a renovação das unidades é da ordem de 10% em 25 anos para cerca de 50.000 palavras). O fato da maioria das pessoas não “compreenderem” um texto é devido às palavras desconhecidas: resulta disso uma espécie de desconforto permanente, de angústia léxica que se transforma freqüentemente [sic] em observações desdenhosas sobre o “jargão” dos outros.

Se o não registro de todas as palavras como verbetes já é um obstáculo para se atingir uma competência léxica ótima, a tarefa de se conhecer sua “distribuição e tipos de ligações resultantes” delas parece ainda mais desafiadora, sem falar do “conjunto dos contextos nos quais a forma é susceptível de aparecer”, de que fala Benveniste (2005[1966], p. 320) ao falar do sentido das unidades léxicas. Sobre esse “conjunto dos contextos” em que elas podem aparecer, de acordo com a Semântica da Enunciação, é possível dizer que se trata do quadro institucional que referenda o espaço discursivo em que o diálogo vai se desenvolver e este é formado pelos vários enunciadores que constituem, por fim, um enunciado (OLIVEIRA, 2006, p. 28).

Dessa forma, se os lexicógrafos seguissem à risca as diretrizes da Semântica da Enunciação, o dicionário deveria registrar o leque de significados diferentes que podem ser associados a um enunciado, sem perder de vista que esses significados, apesar de diferentes, se encontram relacionados. Utilizamos a conjunção condicional “se”, pois como

reconhece Ahumada Lara (1989, p. 101), a lexicografia, tanto teórica como prática, deve orientar-se de maneira especial em direção à teoria semântica, sem se esquecer da ciência linguística de forma geral; além disso, deve conhecer e compartilhar na medida certa a riqueza dos seus métodos, seus meios de análise, o rigor das suas observações e, sobretudo suas conclusões; no entanto, sem renunciar à exposição clara, coerente e acessível dos seus resultados. Isso tem a ver com o fato de o dicionário surgir a partir das necessidades dos usuários em potencial, ou seja, dependendo do consulente, não haveria necessidade de se registrar determinadas informações na microestrutura de um verbete. Mais adiante, falaremos da definição especificamente orientada pelos princípios teórico-práticos da lexicografia. Passemos agora a verificar como a tradução intralinguística é afetada, positiva ou negativamente, pelos pressupostos da Semântica da Enunciação, mais especificamente em relação ao leque de significados diferentes que se abre a partir de um enunciado. Relacionando isto ao conceito proposto por Jakobson (1959, p. 114) para a tradução intralinguística, Oustinoff (2011, p. 73, grifos nossos) cita que:

Em 1813, Schleiermacher enunciava uma concepção parecida em *Dois diferentes métodos do traduzir*: Não temos frequentemente a necessidade de traduzir o discurso de outra pessoa, completamente semelhante a nós, mas cuja sensibilidade e temperamento são diferentes? Quando sentimos que as mesmas palavras em nossa boca teriam um sentido totalmente outro ou, pelo menos, um conteúdo um tanto mais frágil, um tanto mais vigoroso que na dele e que, se quiséssemos exprimir exatamente a mesma coisa que ele, nós nos serviríamos, a nossa maneira, de termos e de expressões absolutamente diferentes, parece, quando queremos definir mais precisamente essa impressão e fazemos dela um objeto de pensamento, que nós traduzimos.

Dessa forma, quando queremos comunicar-nos de uma maneira que consideramos mais eficaz, usamos “termos” ou “expressões” que são fruto da tradução de “um objeto de pensamento”. Esta operação acontece, então, quando um enunciado se constitui por mais de um enunciador, formando-se, de acordo com Oliveira (2006b, p. 28), o “quadro institucional que referenda o espaço discursivo em que o diálogo vai

acontecer” e, assim, “situa o diálogo no comprometimento de que o ouvinte aceita esta voz pressuposta (do enunciador)”. Nesse diálogo, no universo da “comunicação”, a tradução:

[...] está presente em todos os lugares [...]. Não é necessário que a “língua-fonte” e a “língua-alvo” sejam diferentes. Podemos ir além. Realmente a tradução não se aplica apenas a textos: isto seria excluir arbitrariamente a tradução oral, ou aquela que se efetua no foro interior, mentalmente. Por isso, podemos substituir “texto” por “enunciado” (“E”): EF- EA (OUSTINOFF, 2011, p. 74).

Nesta parte, percebe-se a relação entre a Semântica da Enunciação e o estruturalismo de vertente saussuriana, já que, para Saussure (2000[1916], p. 35), “a língua tem [...] uma tradição oral independente da escrita” e “aprendemos a falar antes de aprender a escrever”, portanto, a tradução intralinguística é de fato uma tradução do que o mestre genebrino entendia por língua, é observar o “rosto” em lugar de olhar para uma “fotografia”. Parece paradoxal que tenham sido os textos escritos os que tenham recebido maior atenção por parte dos tradutores e dos lexicógrafos ao longo do tempo e poderíamos fazer uma analogia simples: o “rosto” muda e a “fotografia” permanece, portanto, estuda-se aquilo de que se tem registro em gramáticas e dicionários.

Os textos escritos têm recebido maior atenção do que os orais por parte dos lexicógrafos e dos tradutores e a tradução intralinguística tem sido vista mais como uma “re-enunciação”, a qual, segundo Oustinoff (2011, p. 74) é uma operação que: “está longe de ser automática, mesmo no interior da mesma língua”. Ao mesmo tempo em que está longe de ser automática, o próprio autor registra que “transformações desse tipo são tão pouco evidentes que, durante muito tempo, elas foram consideradas (até o século XIX) como um exercício pedagógico da mais alta importância” (OUSTINOFF, 2011, p. 75, grifos nossos). Este parágrafo tem o objetivo de destacar que, embora a tradução “propriamente dita” ou intralinguística tenha recebido o adjetivo de “indispensável” por Oustinoff (2011, p. 75), ela:

não pode negligenciar a tradução intralingual, que se apresenta tanto do lado do “enunciado fonte” como do lado do “enunciado alvo”. O “enunciado fonte” só pode ser compreendido quando formos

capazes de reformulá-lo em “língua-fonte” (“L1”):
L1 - L1”.

Considerando a citação anterior, é necessário dizer que os frutos dos estudos advindos da tradução intralinguística e da Semântica da Enunciação podem transformar-se no leque de possibilidades que se abre quando ocorre um diálogo ou uma comunicação efetiva, em que pensamentos são traduzidos por meio de palavras e que, para os lexicógrafos, é uma tarefa impossível de ser concluída totalmente, como afirma Rey-Debove (1984, p. 57), devido às mudanças que ocorrem nas unidades léxicas ao longo do tempo e a cada momento em que ocorre uma troca linguística ou uma enunciação. Como a autora destaca, as regras da gramática são em número restrito, mas, as palavras que elas regem não. Dessa forma, o número de palavras de uma língua é irrestrito e, portanto, crescem as possibilidades de enunciação para os usuários de um idioma na hora de se comunicarem. Sobre o tema, Davidoff (2001, p. 274) afirma que “a linguagem é uma forma quase infinitamente flexível de comunicação intencional, regida por regras que ditam os significados” e, se um enunciador quer transmitir uma mensagem e comunicar-se, parece claro que o significado desse enunciado seja motivado, abrindo passo para estudos baseados nos pressupostos teóricos do modelo cognitivo, na área da semântica, a partir da década de 1980.

Ao falar desse modelo, Oliveira (2006b, p. 34, grifos nossos) destaca que:

O significado, se afirma na Semântica Cognitiva, não tem nada a ver com a relação de pareamento entre linguagem e mundo. Ao contrário, ele emerge de dentro para fora, e por isto ele é motivado. A significação lingüística [sic] emerge de nossas significações corpóreas, dos movimentos de nossos corpos em interação com o meio que nos circunda.

Para entendermos melhor o ‘significado’ da citação que precede este parágrafo, utilizaremos um procedimento do estruturalismo de vertente saussuriana, ou seja, falaremos do que a Semântica Formal entende por ‘significado’ em oposição ao modelo cognitivo, definindo esse conceito numa estrutura de diferenças, já que, como afirma Ahumada Lara (1989, p. 102), o sistema linguístico possui uma melhor estruturação das relações entre opostos do que das relações entre sinônimos. Dessa forma, convém apresentar as ideias defendidas pela Semântica Cognitiva

em contraste com as ideias da Semântica Formal, a qual antecede a primeira historicamente. Resumimos algumas ideias retiradas de Oliveira (2006b, p. 17-46):

Tabela 3 - Contraste entre a Semântica Formal e a Semântica Cognitiva.

Semântica Formal	Semântica Cognitiva
O significado é um termo complexo que se compõe de duas partes: o sentido e a referência.	O significado é natural e experiencial, construído a partir de nossas interações físicas, corpóreas, com o meio ambiente em que vivemos.
No modelo lógico, a relação da linguagem com o mundo é fundamental.	O significado <u>não</u> tem nada a ver com a relação de pareamento entre linguagem e mundo.
A representação individual que cada palavra pode provocar não é levada em consideração, ou seja, não são consideradas as experiências subjetivas em relação ao mundo.	O significado emerge de dentro para fora, e por isso ele é motivado. A significação linguística vem de nossas significações corpóreas, dos movimentos de nossos corpos em interação com o meio que nos circunda.
A verdade não está na linguagem, mas nos fatos do mundo.	O significado é que é central na investigação sobre a linguagem.
A linguagem é apenas um instrumento que nos permite alcançar aquilo que há, a verdade ou a falsidade.	A forma deriva da significação, porque é a partir da construção de significados que aprendemos, inclusive a lógica e a linguagem.

Fonte: Oliveira (2006b, p. 17-46).

Além do exposto no Quadro 1, é preciso dizer que para a Semântica Cognitiva, o significado linguístico 1) não é arbitrário, porque deriva de esquemas sensorio-motores; 2) é uma questão da cognição em geral, e não um fenômeno pura ou prioritariamente linguístico (OLIVEIRA, 2006, p. 34-35). Cabe destacar que para que os defensores da Semântica Cognitiva pudessem afirmar que o significado linguístico não é arbitrário, foi preciso que Saussure (2000[1916], p. 81-84, grifos nossos) postulasse que o significado tinha a ver com o conceito e que o significante tinha a ver com a imagem acústica e que:

O laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante

com um significado, podemos dizer mais simplesmente: *o signo linguístico é arbitrário*.

Para entender como o signo linguístico pode ser arbitrário, sendo que o significado linguístico não o é, é necessário dizer que os defensores da Semântica Cognitiva partem de um sistema linguístico já existente, ou seja, eles não se referem à origem ou o surgimento dos signos e sim à aprendizagem/aquisição destes, à construção que cada indivíduo faz dos significados, a partir das suas vivências ou da apreensão de esquemas sensório-motores que darão significado às expressões linguísticas, contanto que esse indivíduo esteja inserido numa comunidade de falantes. Saussure (2000[1916], p. 130-131) referia-se à arbitrariedade do signo ao explicar que “[p]sicologicamente, abstração feita de sua expressão por meio das palavras, nosso pensamento não passa de uma massa amorfa e indistinta [...]. Não existem ideias preestabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua”. Esta descrição se refere a um momento no qual ainda a ideia não se fixou num som, embora:

O papel característico da língua frente ao pensamento não [seja] criar um meio fônico material para a expressão das ideias, mas servir de intermediário entre o pensamento e o som, em condições tais que uma união conduza necessariamente a delimitações recíprocas de unidades. O pensamento, caótico por natureza, é forçado a precisar-se ao se decompor. Não há, pois, nem materialização do pensamento, nem espiritualização de sons; trata-se, antes, do fato, de certo modo misterioso, de o “pensamento-som” implicar divisões e de a língua elaborar suas unidades constituindo-se entre duas massas amorfas (SAUSSURE, 2000[1916], p. 131).

A citação anterior coincide com as experiências de Helen Keller (1905, p. 35-37) ao descrever suas primeiras percepções da linguagem. Relembramos um pouco da sua história, escrita no livro “The story of my life”. Keller cresceu sem conseguir falar e comunicava-se por gestos simples como meneios de cabeça ou movimentos de puxar ou empurrar, já que, devido a uma doença que teve aos dois anos de idade, tinha ficado completamente cega e surda. Contudo, aos sete anos de idade, aconteceu uma experiência que mudaria sua vida: uma professora começou o ensino de linguagem para que Keller conseguisse se comunicar. A autora relata

as dificuldades que este processo envolvia, já que precisava aprender a linguagem de sinais apenas pelo tato, pois não podia ver nem o objeto de que se falava e nem os sinais que sua professora fazia com as mãos. Dessa forma, Keller vivia num mundo de sensações, sentimentos e percepções, como é descrito nesta passagem em que sua professora tenta fazê-la aprender a diferença entre “caneca (m-u-g, soletrado de acordo o *Fingerspelled Alphabet*, isto é, o alfabeto usado nos Estados Unidos da América para a comunicação entre deficientes auditivos)” e “água” (w-a-t-e-r, de acordo com o *Fingerspelled Alphabet*):

Fiquei impaciente com suas repetidas tentativas [...]. Fiquei feliz quando senti os pedaços da boneca quebrada no meu pé [...] e senti uma espécie de satisfação por ter desaparecido a causa do meu desconforto. Ela me trouxe meu chapéu e eu percebi que iríamos passear lá fora sob o sol quentinho. Este pensamento, se é que eu possa denominar essa sensação intraduzível de pensamento, me fez pular de prazer (DAVIDOFF, 2001, p. 246, grifos nossos).

A descrição de Keller sugere que, de fato, “nosso pensamento não passa de uma massa amorfa e indistinta”, como definiu Saussure (2000[1916], p. 131), ou de uma “sensação intraduzível” (DAVIDOFF, 2001, p. 246) que precisa de definição, de precisão e isto poderia acontecer por meio da linguagem. Vejamos a descrição do momento em que a professora de Keller a expõe a uma experiência de associar sua percepção de um jato de água aos sinais que a descrevem nessa linguagem:

Alguém estava pegando água e minha professora colocou minha mão sob o jato. Enquanto a água fresca jorrava em uma das mãos, ela começou a soletrar a palavra água na outra, primeiro lentamente, depois rapidamente. Fiquei ali parada, toda a minha atenção concentrada nos movimentos dos dedos dela. Subitamente, adquiri uma consciência não muito clara, como de algo esquecido – uma excitação de retorno do pensamento⁹⁵; e de alguma forma o mistério da

⁹⁵ Davidoff (2001, p. 269) fala do *período sensível para a linguagem* referindo-se a “um período breve de tempo quando a experiência tem um impacto

linguagem revelou-se para mim. Eu sabia então que á-g-u-a significava aquela coisa fresca e deliciosa que fluía pela minha mão. Aquela palavra viva despertou-me a alma, deu-lhe luz, esperança, alegria, libertou-a! (DAVIDOFF, 2001, p. 246, grifos nossos).

Keller cita palavras e expressões como “consciência”, retorno ao “pensamento”, revelação do mistério da “linguagem” para referir-se, portanto, a um segundo momento da experiência de relacionar pensamento e linguagem, no qual ocorre uma “articulação” ou uma “elaboração das unidades linguísticas” em que “[...] cada termo linguístico é um pequeno membro, um *articulus*, em que a ideia se fixa num som e em que um som se torna o signo de uma ideia” (Saussure, 2000[1916], p. 131). Neste momento, para os seguidores da Semântica Cognitiva, acontece o desenvolvimento de *esquemas sensório-motores* ou *imagéticos*. Estes podem ser definidos como organizações sinestésicas diretamente apreendidas pelo indivíduo em contato com seu ambiente e que carregam uma memória de movimentação ou de experiência. Além delas, existem os *mecanismos de abstração*, mais especificamente, a metáfora e a metonímia. A metáfora ganha uma nova conceituação e passa a ser um processo cognitivo que permite mapearmos esquemas mais concretos na experiência dos indivíduos, na conceituação de domínios da experiência que são mais abstratos, preservando as inferências do domínio fonte no domínio alvo. Pinker (2008, p. 374-380) discorre sobre a metáfora dizendo que: “A localização no espaço é uma das duas metáforas fundamentais na linguagem, empregada para milhares de significados. A outra é força, atividade e causação” e, ainda, afirma que “espaço e força permeiam a linguagem”, sendo “[...] tão básicos para a linguagem que quase nem são metáforas, pelo menos não no sentido dos recursos literários empregados na poesia e na prosa”.

Já a metonímia é conceituada como o processo cognitivo que permite criar relações de hierarquias entre conceitos. (OLIVEIRA, 2006b,

particularmente substancial, sem similar antes ou depois. Para adquirir a linguagem Lenneberg (1967) presumiu, a organização do cérebro precisa estar amadurecida e ser flexível. Se somos muito jovens (2 anos ou menos), o cérebro carece da necessária maturidade”. Considerando que Helen Keller ficou cega e surda aos dois anos de idade, parece plausível que neste seu primeiro contato com a linguagem de sinais, a consciência do processo não fosse muito clara ou fosse uma consciência de “algo esquecido”, considerando o período em que não foi exposta a novos estímulos para adquirir a linguagem.

p. 36-41). Para os seguidores da Semântica Cognitiva, portanto, o significado linguístico é uma questão de cognição em geral, não sendo arbitrário e, em contraste com os formalistas, a subjetividade das experiências dos membros de uma comunidade linguística ganha destaque, já que a linguagem articulada é vista como “uma das manifestações superficiais da nossa estruturação cognitiva, que lhe antecede e dá consistência” (OLIVEIRA, 2006b, p. 35). Pinker (2008, p. 379) corrobora essa ideia e afirma que:

A descoberta de porções de vocabulário e sintaxe do mentalês é uma confirmação do “pensamento notável” de Leibniz: ‘que um tipo de alfabeto de pensamentos humanos possa ser encontrado e que tudo possa ser descoberto e julgado em comparação com as letras desse alfabeto e uma análise das palavras feitas com elas’ [...] A compreensão educada é um enorme dispositivo de partes dentro de partes. Cada parte é construída com modelos mentais ou modos de conhecer básicos que são copiados, têm seus conteúdos originais apagados, são conectados a outros modelos e embalados em partes maiores, as quais podem ser embaladas em partes ainda maiores, sem limites.

Embora os cognitivistas deem um destaque maior às experiências linguísticas de cada indivíduo, Saussure (2000[1916], p. 132, grifos nossos) nos adverte que:

[...] a arbitrariedade do signo nos faz compreender melhor por que o fato social pode, por si só criar um sistema linguístico. A coletividade é necessária para estabelecer os valores cuja única razão de ser está no uso e no consenso geral: o indivíduo, por si só, é incapaz de fixar um que seja. Além disso, [...] é uma grande ilusão considerar um termo simplesmente como a união de certo som com um certo conceito. Defini-lo assim seria isolá-lo do sistema do qual faz parte; seria acreditar que é possível começar pelos termos e construir o sistema fazendo a soma deles, quando, pelo contrário, cumprir partir da totalidade solidária para obter, por análise, os elementos que encerra.

Dessa forma, embora não se desconsidere que o significado dos signos “[...] está no corpo que vive, que se move, que está em várias relações com o meio e não na correspondência entre palavras e coisas” (OLIVEIRA, 2006, p. 43), é necessário que o indivíduo faça parte de uma comunidade linguística para que seja capaz de “estabelecer valores” para os signos linguísticos, ou seja, precisa-se da coletividade para que haja um consenso entre o que é possível no seio de uma língua, como fato social. E para registrar esses signos, fruto do consenso entre os membros de uma comunidade linguística, de forma tal que possam ser consultados ao longo do tempo, é possível contar com os dicionários de língua. Para estes, a Semântica Cognitiva não trouxe caminhos claros sobre como registrar o significado dos signos, já que este significado foge da lógica e da enunciação e situa-se nos domínios dos processos cognitivos dos indivíduos. O primeiro problema que a Semântica Cognitiva apresenta para os lexicógrafos é em relação à categorização dos signos ou a “essas propriedades que definem o conteúdo semântico de um termo genérico” e ao qual “[...] a Semântica Formal dá o nome de intensão. A intensão permite alcançarmos uma classe de objetos do mundo. A esta classe damos o nome de extensão”, dessa forma, para a Semântica Cognitiva, não há critérios claros de categorização dos signos e, dessa forma, passou-se a negar a abordagem clássica da categoria (OLIVEIRA, 2006b, p. 38-39). Além disso,

[...] formulou-se a hipótese de que os conceitos se estruturam por protótipos. Em outros termos, quando classificamos não recorremos ao estabelecimento de condições necessárias e suficientes, mas nos escoramos em casos que são exemplares, que são os mais reveladores da categoria (OLIVEIRA, 2006b, p. 40).

Neste momento, torna-se necessário estabelecer algumas diferenças entre a análise semântica e a definição lexicográfica. Ahumada Lara (1989, p. 100), ao falar da análise semântica afirma que é um processo feito pelo estudioso dessa área que parte das imagens conceituais que evoca o significante, tentando encontrar sua representação plena com significantes que proporciona a própria língua. Já para o lexicógrafo, interessa “informar sobre a forma, a função e o conteúdo dos signos linguísticos” (AHUMADA LARA, 1989, p. 100) e isto inclui informar as categorias ou classes às quais pertence o signo que é registrado no dicionário.

Para o tradutor, consultar um dicionário e poder encontrar a classificação dos signos também é relevante, por exemplo, nas operações de re-enunciação. Oustinoff (2011, p. 82) fala da possibilidade de se passar:

[...] de formas nominais para formas pessoais do verbo [...]. A sintaxe comparada é para a tradução o mesmo que a gramática é para língua – em nosso caso, uma gramática *de segundo grau*, dado que a um substantivo podemos fazer corresponder não apenas um substantivo, mas também as outras partes do discurso.

Dessa forma, espera-se que o consulente de um dicionário e também tradutor possa conhecer as categorias das palavras que procura na obra lexicográfica, portanto, as contribuições da Semântica Cognitiva podem ser aplicadas de forma mais ampla e como referência para a elaboração das definições, contudo, precisar-se-ia de informações complementares nas entradas dos verbetes.

Terminamos esta parte do texto não com a certeza de como exatamente a Lexicografia poderá beber da fonte da Semântica para elaborar as definições das suas entradas naquela estrutura que mencionamos anteriormente: ENTRADA – CATEGORIA – DEFINIÇÃO (AHUMADA LARA, 1989, p. 18, tradução nossa), mas com a certeza de que as palavras de Oliveira (2006b, p. 43) poderão nos orientar de certa forma em relação às possibilidades que se abrem diante dos três modelos de análise semântica de que falamos até aqui:

Que a heterogeneidade pode tornar as coisas mais complicadas para aqueles que querem fazer semântica é certo, mas ela pode também ajudar a ver que de fato a linguagem seja um objeto muito complexo. Tão complexo que somente deixando coexistir diferentes abordagens, somente espiando a linguagem por diferentes buracos de fechadura, poderemos um dia chegar a compreendê-la melhor (OLIVEIRA, 2006, p. 43).

Os lexicógrafos ainda precisam elaborar dicionários, lidar com esse objeto complexo de que se fala na citação anterior e continuam a fazê-lo, ainda respeitando a tradicional estrutura das entradas de que falamos anteriormente, porém, existem modelos de análise semântica

que, se usados com consciência, acreditamos que possam oferecer alternativas à hora de se elaborar uma definição que atenda às necessidades dos consulentes.

3.5 TIPOS DE DEFINIÇÃO E POSSIBILIDADES DE SE DEFINIR NA LEXICOGRAFIA

Maingueneau e Charaudeau (2004, p. 145, grifos nossos), ao falar da etimologia do vocábulo “definição”, relembram que *definitio*, em latim:

[...] permite reativar a relação desse termo com *fim* [*fim* < *fine*], sugerindo, assim, a ideia de um fechamento, de uma delimitação. Esse conceito já ocupava um lugar central na teoria semântica de Aristóteles e interessa aos filósofos, aos lexicógrafos bem como aos locutores anônimos, pois a definição tem a função de guiar o destinatário na busca pelo sentido. Se todas as definições, quer elas sejam descritivas ou construtivas de conceito (e, portanto, prescritivas) perseguem um mesmo objetivo, a explicitação de um item por meio de uma glosa, sendo que suas formas e seus conteúdos variam em função do estatuto dos autores, dos propósitos e das estratégias adotadas.

É possível, afirmar, portanto, que as definições surgem para fazer frente às necessidades que os ULN⁹⁶ sentem de nomear aquilo que os rodeia e os afeta como indivíduos. Retomando a questão da definição lexicográfica, cabe destacar que existem as “definições lexicográfica, enciclopédica e [...] terminológica”, de acordo com Welker (2004, p. 118-119). Este autor cita a dissertação de Silva (2003) para falar da definição terminológica, já que a autora resume as ideias de vários autores:

⁹⁶ Utilizamos a nomenclatura de usuário de uma língua natural (ULN) ou *natural language user* (doravante *NLU*) proposto por Dik (1989, p. 12-13), quem olha para as expressões da língua não como objetos isolados, mas, como instrumentos que podem ser utilizados por um emissor para evocar alguma interpretação no receptor, num contexto determinado pelas trocas linguísticas anteriores e em que os dois sujeitos conhecem os parâmetros essenciais da situação comunicativa por compartilharem da mesma língua materna. Dessa forma, são considerados ULN ou *NLU*.

A definição terminológica é uma operação que consiste em determinar o conjunto de caracteres que fazem parte da compreensão de um conceito. Como a lexicográfica, é uma proposição que enuncia uma equivalência entre um termo, o definido e o conjunto de características que o definem (SILVA, 2003 *apud* WELKER, 2004, p. 118-119).

Contudo, a autora fala da definição terminológica e da definição lexicográfica de forma tal que parece que a Terminologia⁹⁷ e a Lexicografia têm o mesmo objeto de estudo. Dessa forma, cabe esclarecer, em primeiro lugar, que, tanto os terminólogos quanto os terminógrafos se preocupam com o *termo*. Este pode ser chamado, também, “[...] de **unidade terminológica**[...]” e “[...] é uma unidade lexical, com função denominativa, que se encontra definida em relação com outras unidades do mesmo tipo no interior de um domínio de atividade estreitamente delimitada” (CHARADEAU e MAINGUENEAU, 2004, p. 465). Já os lexicógrafos se preocupam com a *palavra*, a qual “[...] é apreendida como uma unidade de texto. O lexema *palavra* recobre noções complexas e desiguais que implicam especificar, quando empregada, a acepção que se pode atualizar” (CHARADEAU e MAINGUENEAU, 2004, p. 357). Sendo assim, as definições terminológicas seriam produtoras de conceitos, num contexto delimitado ou especializado, e as definições terminográficas descreveriam esses conceitos pertencentes a um sistema preexistente, em contraste com as definições lexicográficas que, em teoria, deveriam ser mais abrangentes, já que podem contemplar diversas acepções.

Ainda sobre os tipos de definição, é necessário dizer que a chamada *definição enciclopédica* pode ser diferenciada da *definição lexicográfica* pelo fato de a primeira ter o objetivo de “[...] descrever as noções, as realidades concretas [...]” e ser suscetível “[...] de conter desenvolvimentos assimiláveis a um resumo de conhecimentos culturais ou científicos” e o ponto de partida para se definir algo é onomasiológico, ou seja, “[...] (vai do conceito ao signo), enquanto o lexicógrafo procede

⁹⁷ Ver: LINO, T. Terminodidáctica: uma nova área de investigação. In: *Actas do VII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, 1991, p. 14.

_____. Langues de spécialité: variantes terminologiques de la langue portugaise – Portugal et Brésil. In: *Actes du Colloque Cette Terre Brésilienne/Esta Terra Brasileira*. Lyon: Université Lumière – Lyon 2, 2006.

semasiologicamente (ele parte do signo para chegar à idéia [sic])” (CHARADEAU e MAINGUENEAU, 2004, p. 146). A *definição enciclopédica* pode ser encontrada em enciclopédias e em dicionários enciclopédicos e de acordo com Bessé (1990 *apud* WELKER, 2004, p. 118), “[...] pode-se dizer que tal ‘definição’ é, na verdade, um resumo de conhecimentos” e, “[...] o que se observa no artigo enciclopédico são diversas frases que consistem em longa e quase exaustiva descrição do objeto definido” (SILVA *apud* WELKER, 2004, p. 118), em contraste com a *definição lexicográfica*, que geralmente é constituída de “[...] uma frase, de uma perífrase, de uma enumeração ou de um sintagma conforme as regras sintáticas e gramaticais da língua” (BOULANGER *apud* WELKER, 2004, p. 118). Para resumir essas diferenças, poderíamos falar de *definições enciclopédicas* como pertencentes a *dicionários de coisas* e de *definições lexicográficas* como pertencentes a *dicionários de palavras*, seguindo a tradição aristotélica e a escolástica (CHARADEAU e MAINGUENEAU, 2004, p. 146).

Para os objetivos deste trabalho, interessa-nos apenas a *definição lexicográfica*. De acordo com Welker (2004, p. 119), esse tipo de definição pode ser:

1) “lógica”, “analítica” ou “aristotélica” (*genus proximum* – gênero próximo + a *differentia specifica* – diferenças específicas);

2) ser uma “pseudodefinição” por sinônimos ou antônimos.

Há, ainda, um terceiro tipo de definição lexicográfica, a definição extensional, à qual se recorre em casos em que a definição analítica não funcione e que consiste em enumerar os diversos tipos existentes de uma determinada entrada. Este tipo de definição também é conhecido como *whole-sentence definition* e, é defendido por autores como Landau (2001, p. 179), quem afirma que este tipo de definição tem a virtude de situar o uso de uma unidade léxica num contexto social como fruto de uma interação entre pessoas, em contraste com o modo mais tradicional de se definir uma lexia, o qual é, segundo o autor, mais abstrato e menos satisfatório. Welker (2004, p. 123) afirma que:

Embora a definição analítica seja considerada a melhor, Béjoint (2000:199s) observa que talvez ela não seja “necessariamente mais eficaz na transmissão do significado de uma palavra do que um outro tipo” e sugere que se compare a eficácia dos diversos tipos com relação a diversos grupos de usuários e de classes de palavras. Ele afirma que, na metalexigrafia de língua inglesa, tende-se a

exigir definições que ofereçam o máximo de utilidade. Também Zöfgen (1994: 126-147), que resume os problemas ligados às definições, chama a atenção para o fato de que muitas definições tradicionais foram consideradas incompreensíveis por falantes nativos e que o essencial é que os usuários possam não somente compreender como também usar os lexemas definidos.

Rundell (*apud* WELKER, 2004, p. 123) afirma que os “dicionários têm operado tradicionalmente num universo de discurso independente, paralelo ao mundo da prosa ‘normal’, parecendo até mesmo com este, mas tendo suas convenções e usos próprios”. O autor menciona os *learner’s dictionaries* de língua inglesa que procuram empregar uma linguagem definitória mais próxima dessa ‘prosa normal’, tais como o *Collins Cobuild* que emprega a definição ‘oracional’ ou *whole-sentences definition*, da qual Landau (2001) falava. Embora Rundell (1999 *apud* WELKER, 2004, p. 123) critique a definição analítica e fale das vantagens da definição ‘oracional’, ele ainda considera a primeira como melhor do que a segunda, afirmando que são necessárias “mais pesquisas sobre as necessidades dos usuários para testar o valor prático de diversos estilos [de definir]”. Compartilhamos deste ponto de vista que defende a elaboração de definições que sejam elaboradas a partir das necessidades dos usuários em potencial dos dicionários e não de forma aleatória. E, é fato que a definição intensional ou tradicional é a mais empregada pelos lexicógrafos, os quais utilizam a definição extensional somente em alguns casos.

Porto Dapena (2002, p. 267) afirma que de todas as atividades do lexicógrafo a mais difícil, e ao mesmo tempo, a que exige maior comprometimento é, sem dúvida, a de elaborar uma definição, a qual pese a ser o ponto que tem despertado sempre maior interesse entre os estudiosos da lexicografia teórica ou metalexicografia, continua sendo a principal dificuldade dentro da redação lexicográfica e, ao mesmo tempo, o ponto sobre o qual se tem centrado em boa medida as críticas direcionadas ao dicionário monolíngue tradicional. Para dar conta da demanda de definições que contemplem a maior quantidade de sememas daquilo que se quer dizer e do que efetivamente é dito, o lexicógrafo empenha-se por elaborar verbetes que possam ter uma estrutura que seja o mais completa possível.

Para Porto Dapena (2002, p. 276), uma definição lexicográfica é uma análise componencial expressa numa linguagem comum e corrente.

Esta postura poderia parecer contraditória, já que afirma que a definição é uma análise componencial, contudo, se afasta dos esquemas de elaboração de definições de acordo com a análise componencial e de conteúdo que os semanticistas seguem à risca e se aproxima da opinião de Ahumada Lara (1989, p. 101) quando afirma que a lexicografia não deve renunciar à exposição clara, coerente e acessível dos resultados das suas próprias análises, já que, o dicionário não deve ser concebido como uma obra de uso exclusivo dos especialistas da língua, senão como um objeto de cultura acessível ao usuário médio.

Ainda sobre este tema, é importante citar Haensh *et al.* (1982, p. 274): “No podemos imaginar que pudiera resultar útil y razonable elaborar diccionarios semasiológicos cuyas definiciones estuvieran redactadas en la metalengua formalizada que sirve para el análisis componencial⁹⁸”. Sobre a análise componencial, Ahumada Lara (1989, p. 101) cita a afirmação de Rey-Debove (1971, p. 212): “La definición n’est pas une analyse componentielle⁹⁹” e, a partir dela, a autora orienta seu estudo da análise lexicográfica a partir do ponto de vista dos pressupostos da lógica. Contudo, mais adiante, Ahumada Lara (1989, p. 134) tece considerações relevantes sobre o *Diccionario de la Real Academia Española (DRAE)* e sua “[...] metodología definicional. Esta metodología ha sido dictada desde sus orígenes por los principios de la lógica aristotélica¹⁰⁰”. E sobre essa postura teórica, o autor afirma que:

[...] resulta obvio que al menos en nuestra disciplina [a lexicografia], donde lo que se intenta reflejar es antes la acepción que el significado, existe una diferencia muy sustancial entre definición lógica y definición lingüística o lexicográfica, de aquí la abdicación de los académicos en favor de una explicación suficiente, es decir, de una definición lexicográfica, de una definición de carácter lingüístico, nacida de la construcción sintáctica a que sometemos el sistema lingüístico y de las necesidades expresivas del hablante: ‘la definición lexicográfica tendrá carácter lingüístico, dejando a un lado los

⁹⁸“Não podemos imaginar que pudesse resultar útil e razoável elaborar dicionários semasiológicos cujas definições estivessem redigidas na metalíngua formalizada que serve para a análise componencial”.

⁹⁹“A definição não é uma análise componencial”.

¹⁰⁰ “[...] metodologia definitiva. Esta metodologia foi ditada desde suas origens pelos princípios da lógica aristotélica”.

requisitos preceptuados por la lógica. En lógica, la definición tiene por objeto determinar la extensión de un concepto; en lexicografía puede ser útil y hasta necesario a veces, pero no suficiente’ (Fernández-Sevilla, 1974, p. 70). Esto no ha evitado que los diccionarios sigan orientando sus definiciones por el camino que señala la lógica aristotélica, lo que nos lleva a seguir una tipología inspirada igualmente en los principios de la lógica tradicional¹⁰¹ (AUHAMADA LARA, 1989, p. 135-136, grifos nossos).

Como já dissemos, a definição lógica, ou analítica, ou aristotélica ou intensional é feita de acordo com uma estrutura: gênero próximo + diferença específica. Contudo, como é possível perceber nas palavras de Fernández-Sevilla (*apud* AHUMADA LARA, 1989, p. 136) na citação anterior, quando os lexicógrafos precisam elaborar um dicionário, enfrentam situações nas quais esta estrutura não se mostra *suficiente*, pois podem ser deixadas de fora as chamadas palavras-axioma ou postulados e, como isto não ocorre, pois, essas palavras não são excluídas dos dicionários, aparece a conhecida circularidade dos repertórios lexicográficos. A circularidade é considerada por Landau (2001, p. 157-160) como um vício de definição e ele mostra que pode ocorrer que A seja parafraseada em termos de B, este em termos de A e este com suas próprias palavras, criando-se um círculo vicioso de definição, conforme a nomenclatura de Martínez de Souza (1995), e esse procedimento tem seu fundamento no preceito lexicográfico de que toda palavra que apareça numa definição deve constituir-se como uma entrada do dicionário.

¹⁰¹ “[...] resulta óbvio que ao menos na nossa disciplina [a lexicografia], em que o que se tenta refletir é antes a aceção do que o significado, existe uma diferença muito substancial entre definição lógica e definição linguística ou lexicográfica, daí a abdicação dos acadêmicos em favor de *uma explicação suficiente*, isto é, de uma definição lexicográfica, de uma definição de carácter linguístico, nascida da construção sintática a que submetemos o sistema linguístico e das necessidades expressivas do falante: ‘a definição lexicográfica terá carácter linguístico, deixando a um lado os requisitos postulados pela lógica. Na lógica, a definição tem por objeto determinar a extensão de um conceito; na lexicografia pode ser útil e até necessário às vezes, mas não suficiente’ (Fernández-Sevilla, 1974, p. 70). Isto não evitou que os dicionários continuem orientando suas definições pelo caminho que aponta a lógica aristotélica, o que nos leva a seguir uma tipologia inspirada igualmente nos princípios da lógica tradicional”.

Parece, portanto, que a definição lógica não consegue dar conta de que todas as entradas de um dicionário possuam uma microestrutura que atenda às necessidades dos consulentes de forma geral. Sobre a idoneidade do método de definir algo, Welker (2004, p. 119) afirma que a definição “somente é ótima quando a combinação dos sememas¹⁰² do definidor abrange os mesmos semas¹⁰³ que o semema da unidade a ser definida”. Desta forma, teríamos uma definição completa nos dicionários, já que seriam considerados S1, S2, S3...Sn, num conjunto delimitado de sememas ou de lexemas que pudessem abarcar as características de uma unidade léxica sem gerar ambiguidades, oferecendo ao consulente as informações que, de fato, fossem úteis para ele. O problema de elaborar uma definição que contenha esse conjunto de sememas delimitado e completo é que, como explica Werner (1982), não existe nenhum sistema de signos metalinguísticos aceito para representar as estruturas dos sememas. E, mesmo que esse sistema de signos existisse, um dicionário semasiológico elaborado metalinguisticamente com um sistema complexo de signos próprios, exigiria o mesmo nível de conhecimento especializado de consulentes comuns, o que poderia dificultar o entendimento da(s) informação(ões) nele presente(s). O lexicógrafo, portanto, se depara com a dificuldade de definir uma unidade léxica porque precisa elaborar uma definição semântica (ou lógica) feita “[...] por meio de signos que pertencem a um sistema construído, a uma língua artificial ou metalíngua”, já que, para muitos lexicógrafos, “2. Num dicionário, *definição* é a análise semântica da palavra de entrada” (DUBOIS *et al.* 1999 [1973], p. 167). Conforme dissemos, os lexicógrafos têm enfrentado desafios à hora de registrarem unidades léxicas pelo fato de estas ainda não estarem suficientemente definidas e isto se estendem às UFs.

Destacamos que, para a elaboração da proposta de registro de UFs advindas da variante cubana do espanhol, gostaríamos de adotar a definição linguística *strictu sensu*, por meio de paráfrases que reproduzem

¹⁰² Entenda-se por semema: “[...] a unidade que tem por correspondente formal o lexema; ele é composto de um feixe de traços semânticos chamados *semas* (unidades mínimas não-susceptíveis de realização independente). O semema de *cadeira* comporta os semas S1, S2, S3, S4 (“com encosto”, “sobre pernas”, “para uma só pessoa”, “para sentar-se”); observa-se que a adjunção de um sema S5 (“com braços”) realiza o semema de *poltrona*” (DUBOIS *et al.*, 1999 [1973]), p. 534).

¹⁰³ O sema “é a unidade mínima da significação, não susceptível de realização independente e, portanto, sempre realizada no interior de uma configuração semântica ou semema [...]” (*Ibid.*, p. 526-527).

a análise sêmica, a mais comum nos dicionários monolíngues, como afirma Porto Dapena (2002, p. 277). O autor diz que, à hora de se elaborarem os pressupostos teóricos que orientam os lexicógrafos na elaboração de uma definição, esses princípios foram formulados quase exclusivamente para um determinado tipo de definição lexicográfica: a definição conceitual perifrástica ou por paráfrase. Para Ahumada Lara (1989, p. 137), esse tipo de definição, a definição linguística, é aquela que corresponde ao conteúdo que possuem as unidades de língua como elementos do sistema linguístico e ao conteúdo que adquirem posteriormente no enunciado, ou seja, o dicionário deve conter definições linguísticas, fruto de conteúdos linguísticos, em lugar de definições lógicas, já que o dicionário é um produto linguístico, um repertório de signos que são fruto da realidade linguística, e que busca apresentar o léxico para fins práticos no formato de um dicionário de língua.

Conforme dissemos neste capítulo, o pensamento é uma massa amorfa que encontra na língua ou nos signos um instrumento por meio do qual pode ser traduzido ou materializado, o que, de certa forma, pode limitá-lo. Dizemos isso pelo fato de existirem dois níveis na definição: o conceitual e o linguístico e, normalmente, os conceitos precisam assumir a forma de signos já existentes no formato de *palavras* e pode acontecer que exista um número insuficiente destas para dar conta de definirem um conceito. Este é o primeiro problema a ser enfrentado na tradução do pensamento para a linguagem verbal ou para um sistema linguístico pré-existente, e o segundo problema é que essa definição por meio de um signo precisa obedecer à norma gramatical, isto é, precisa ser compreensível no seio da comunidade linguística em que estará inserido. E, pela função didática que assumem os dicionários, a metalíngua utilizada nas definições deve ser o mais clara possível, fazendo referência ao conceito de um signo da forma mais descomplicada possível. Contudo, o desafio de se elaborar uma boa definição exige, também, que se evitem a ambiguidade nas paráfrases e as conotações. Sobre estas, Casares (1950, p. 142-143) propõe que o modelo de língua que deve inspirar aquela que for empregada como metalíngua de conteúdo deveria ser retirada do Código Civil, já que as definições não corresponderiam à sua finalidade enquanto não forem inertes e incolores, enquanto não estiverem conscienciosamente *esterilizadas* de todo germe capaz de originar um efeito estilístico. Parece que estamos falando de definir linguisticamente um conceito como quem destrincha um corpo, descartando aquilo que for acessório, já que, para Casares (1950, p. 142), a definição lexicográfica é, por consequência, uma definição de caráter conceitual: “La definición

objetiva y desprovista de toda afectividad: una definición bajo la función representativa del lenguaje¹⁰⁴”.

Após descrevermos o desafio a que se enfrentam os lexicógrafos à hora de elaborarem uma definição, gostaríamos de apresentar o resumo da análise técnica que Nascimento (2001, p. 71) fez das definições de dois dicionários (um especializado e outro geral) e que tornou possível que a autora classificasse os tipos de definição da seguinte forma:

1. paráfrase definitória (por apresentar os elementos que constituem a definição lógica):
 - 1.1 gênero próximo + característica específica
 - 1.2 gênero próximo + característica específica + informações sobre a utilização do objeto
 - 1.3 gênero próximo + informações sobre a utilização do objeto
2. falsa paráfrase (por não apresentar a estrutura que corresponde à definição lógica):
 - 2.1 sinônimos
 - 2.2 ausências de hiperônimo e/ou características específicas.

Nascimento (2001) faz o levantamento dos tipos de definições mais comuns que aparecem nos dicionários de língua e suas falhas, correspondendo com o que os teóricos propõem, como temos mostrado até agora. De qualquer forma, definir um conceito, parafrazeá-lo ou traduzir em palavras o pensamento é um desafio para os linguistas e para os lexicógrafos e, por consequência, para os tradutores. Referimo-nos, por exemplo, ao momento em que ocorre a tradução intralinguística a que Jakobson (1959) se referia no seu trabalho sobre os tipos de tradução que existem. Se o registro de unidades léxicas simples constitui um desafio para os lexicógrafos, o registro de UFs traz consigo a necessidade de que exista uma disciplina independente que se dedique exclusivamente a elas. De acordo com Carneado Moré (1985, p. 40), essa disciplina existe e recebe o nome de Fraseografia, encarregando-se:

[...] de la elaboración de los métodos teóricos y prácticos y de los principios para confeccionar diccionarios fraseológicos, así como de analizar y

¹⁰⁴ “A definição objetiva e desprovida de toda afetividade: uma definição sob a função representativa da linguagem”.

clasificar el caudal fraseológico en los diccionarios¹⁰⁵.

No caso desta pesquisa, interessa-nos expor as contribuições da Fraseologia e da Fraseografia na análise das UFs retiradas da obra de Santiesteban (1985). No próximo capítulo, inter-relacionaremos os procedimentos metodológicos desta pesquisa com os pressupostos teóricos fraseológicos e fraseográficos.

¹⁰⁵ “da elaboração dos métodos teóricos e práticos e dos princípios para confeccionar dicionários fraseológicos, assim como de analisar e classificar o caudal fraseológico nos dicionários”.

4 FRASEOLOGIA E FRASEOGRAFIA

Neste capítulo, discutiremos sobre a Fraseologia, a Fraseografia e as UFs. Apresentaremos a classificação dos tipos de UFs, feita por Corpas Pastor (1996), que, além de classificá-las formalmente, afirma que:

Por regla general la comprensión de una UF [...] lleva aparejado, necesariamente, un conocimiento profundo de la cultura, los acontecimientos y la vida pública, no ya de la comunidad lingüística de que se trate, sino también, y muy especialmente, de la realidad local¹⁰⁶ (CORPAS PASTOR, 1996, p. 277).

Na citação anterior, aparece o vocábulo “cultura” vinculado à compreensão que se pode ter de uma UF, como parte do léxico de uma língua. Por outro lado, Eagleton (1997, p. 38, grifos nossos) apresenta a seguinte relação: “A ideologia, ou cultura, denotaria [...] todo o complexo de práticas significantes e processos simbólicos em uma sociedade particular”. Se, na citação de Corpas Pastor (1996, p. 277) a cultura / ideologia aparece como um meio de se compreenderem as UFs, Eagleton (1997, p. 38) apresenta os usuários de um idioma num papel ativo nas “práticas significantes [...] em uma sociedade particular”. Isto é, a ideologia faz com que os membros de uma comunidade linguística específica sejam capazes de produzirem e compreenderem novas lexias, tais como as UFs.

Sendo assim, quando Santiesteban (1985) opta por escrever sua obra, o faz após décadas de pesquisas sobre “um corpo de idéias [sic] característico de um determinado grupo” (EAGLETON, 1997, p. 16), isto é, sobre a ideologia; contudo, ela própria permeia a criação e uso de UFs pertencentes à variante cubana do castelhano e não pertencentes a toda a comunidade linguística que usa o “espanhol” como meio de comunicação.

Dessa forma, o léxico, de acordo com Biderman (2001a, p. 9), como “[...] saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma mesma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-lingüístico-cultural [sic]”. E isso acontece devido ao “processo

¹⁰⁶ “Como regra geral, a compreensão de uma UF [...] traz consigo, necessariamente, um conhecimento profundo da cultura, dos acontecimentos e da vida pública, não já da comunidade linguística de que se trate, mas, também, e muito especialmente, da realidade local”.

material geral de produção de idéias [sic], crenças e valores na vida social” ou a ideologia, como a define Eagleton (1997, p. 38).

Ao lermos a citação de Santiesteban (1985, p. 3) a seguir, fomos convidados a adentrarmos nos domínios da variante do castelhano própria de Cuba:

[...] cuando un cubano dice que tiene que ver a alguien tinto en sangre, es muy probable que no albergue en lo absoluto intenciones malignas hacia el individuo de marras, sino que, sencillamente, exprese que debe verlo de todas maneras, contra viento y marea, como dirían los cultores de lo castizo¹⁰⁷.

No livro chamado *El habla popular cubana de hoy*, Santiesteban (1985) compilou, ao longo de vinte anos, unidades léxicas simples e complexas que faziam parte do repertório de cubanismos¹⁰⁸ mais frequentes nas décadas de 60, 70 e 80 na citada ilha. Como já mencionamos, em dois dos nossos trabalhos de pesquisas anteriores sobre a variante cubana do castelhano, o objeto de estudo foram as lexias simples.

Dessa forma, nesta pesquisa, optamos por estudar as lexias complexas. Grifamos duas delas na citação de Santiesteban (1985, p. 3) como forma de dar destaque ao objeto de estudo deste trabalho, a saber, as unidades fraseológicas, ou UFs. As locuções *tinto en sangre* e *contra viento y marea* servem para exemplificar esse tipo de estruturas, sobre as quais falaremos a seguir. A primeira *locución* pertence à variante cubana do castelhano e a segunda pertence ao chamado “español común o general”. Ortíz Álvarez (2000, p. 3) afirma que:

¹⁰⁷ “[...] quando um cubano diz que tem que ver alguém *tinto en sangre*, é muito provável que não tenha em absoluto intenções malignas em relação ao indivíduo já conhecido, senão que, simplesmente, expresse que deve vê-lo de qualquer forma, *contra viento y marea*, como diriam os cultuadores do castiço”.

¹⁰⁸ Entende-se por:

cubanismo.

1. m. Palabra o uso propios del español hablado en Cuba.

2. m. Cualidad o condición de cubano.

3. m. Amor o apego a lo cubano.

(*Diccionario de la Real Academia Española*. 23ª. ed. versão eletrônica.

Disponível em: << <http://lema.rae.es/drae/?val=cubanismo>>> Acesso em 27. abr. 2015

Em Cuba, como em outros países de Hispanoamérica, já é tradição a constante polémica acerca das características, semelhanças e diferenças do espanhol falado em diferentes regiões comparado com o espanhol "geral" que tentam refletir as gramáticas e dicionários normativos [...].

O próprio Santiesteban (1985, p. 9), ao justificar a elaboração de um compêndio de lexias da variante cubana do castelhano, comenta que há “[...] otra razón que nos mueve: el cúmulo de dislates que con respecto a nuestra habla recogen los diccionarios editados allende el mar¹⁰⁹”. Se considerarmos que “[a]s expressões idiomáticas, parte integrante e rica de todas as línguas, representam um dos elementos mais pitorescos dela” (ORTIZ ALVAREZ, 2000, p. 3), é possível entender a preocupação de Santiesteban (1985, p. 9) com o registro dessas estruturas, chegando a afirmar que: “La ignorancia de la Academia Española es enciclopédica al respecto, pues su léxico está plagado de “cubanismo” que los cubanos desconocemos¹¹⁰”. Se as UFs

[s]ão traços característicos muito importantes da língua falada, e constituem uma grande dificuldade para estrangeiros, porque é impossível conhecer uma língua quer falada, quer escrita, sem se conhecer um número de expressões idiomáticas ou pelo menos as mais usadas (ORTIZ ÁLVAREZ, 2000, p. 3),

é possível entender que, tanto para os usuários da variante cubana do castelhano, quanto para todos aqueles que entrarem em contato com ela, é relevante que exista um registro dessas unidades léxicas complexas que seja o mais atualizado possível. Isso tem a ver com a frequência de uso das expressões e o conhecimento que os usuários têm delas, como afirma Santiesteban (1985, p. 21), ao falar da sua obra: “Se ha seguido el criterio de incluir preferentemente las voces que caen dentro del dominio del cubano promedio¹¹¹”. Essa média da população cubana é dona de um

¹⁰⁹ “[...] outra razão que nos move: o acúmulo de despautérios que em relação a nossa fala registram os dicionários editados além mar”.

¹¹⁰ “A ignorância da Academia Espanhola é enciclopédica a esse respeito, pois seu léxico está cheio de ‘cubanismo’ que os cubanos desconhecemos”.

¹¹¹ “Seguiu-se o critério de incluir preferencialmente as lexias que pertencem ao domínio do conhecimento do cubano médio”.

conhecimento linguístico, como Ortiz Álvarez (2000, p. 3) afirma: “A fala popular é patrimônio das pessoas de diferentes origens, de modo que as palavras populares fluem da boca dos iletrados até as pessoas mais cultas”. Dessa forma, essas lexias permitem a comunicação entre indivíduos que fazem uso do registro culto e do registro coloquial com naturalidade, dependendo do contexto e da sua intenção, correspondendo à ideologia que permeia esse discurso de acessibilidade ao conhecimento ou ao que Eagleton (1997, p. 15, grifos nossos) chama de “**ilusão socialmente necessária**”. Como já dissemos, no capítulo anterior, Santiesteban (1985) disse ao consulente da sua obra que esta registraria lexias simples e complexas pertencentes à fala e acrescentou: à fala popular, como forma de incluir o maior número de membros da comunidade linguística em questão.

4.1 A FRASEOLOGIA E A FORMA CANÔNICA DA UNIDADE FRASEOLÓGICA (UF)

A fraseologia, no sentido de pesquisa fraseológica, é uma disciplina relativamente nova. Conforme registra Dubois (1999[1973], p. 262), Saussure (1916), em seu *Cours de Linguistique générale*, falou sobre as locuções como elementos pertencentes ao sistema da língua, já que se trata de “[...] locuções feitas, às quais o uso impede qualquer mudança; é o caso de *estar de lua, fazer sala a, dar trela, etc.* expressões que não podem ser improvisadas e que são fornecidas pela tradição”. Ortiz Álvarez e Huelva Unterbäumen (2011, p. 9) registram que Bally, discípulo de Saussure, foi além das anotações feitas nas aulas do mestre genebrino e escreveu três estudos: *Précis de Stylistique* (1905), *Traité de Stylistique Française* (1909) e *Linguistique Générale et Linguistique Française* (1932), nos quais aparece pela primeira vez a palavra *phraséologie*, referindo-se ao conjunto de fenômenos sintáticos e semânticos que dão lugar, por uma parte, aos grupos usuais ou séries fraseológicos e, por outro, às unidades fraseológicas. Das observações desses elementos, Bally (1932) extraiu uma teoria da fraseologia e, a partir destes trabalhos, foi considerado, pela maioria dos linguistas, como o pai da fraseologia.

Segundo Corpas Pastor (1996, p. 11), os estudos orientados pela fraseologia como disciplina científica tiveram sua origem na antiga União de Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), aparecendo nos trabalhos de Vinogradov (1947a), embora Bally (1905) já tivesse empregado essa denominação em seus estudos sobre as *unités phraséologiques*, como já

mencionamos anteriormente. Segundo essa estudiosa, Vingradov (1895-1969) foi o fundador da primeira escola russa de fraseologia. As suas concepções sobre fraseologia estão expostas em vários artigos publicados, sobretudo em *Acerca dos tipos principais de unidades fraseológicas na língua russa*, de 1947¹¹². Neste artigo, o autor apresenta uma característica detalhada da estrutura semântica da unidade fraseológica e traça os principais fundamentos para a sua classificação. Corpas Pastor (1996, p. 32) elenca trabalhos de autores que se dedicaram ao estudo e classificação das UFs. Primeiramente, cita a classificação de Casares (1950), a qual tem servido de modelo para outros estudiosos que citaremos posteriormente. Segundo Corpas Pastor (1996, p. 32), Casares (1950, p. 170) baseou-se no critério funcional para estabelecer o conceito de *locución*: “combinação estável de duas ou mais lexias que funciona como elemento oracional e cujo sentido unitário consabido não se justifica como uma soma do significado normal dos componentes da *locución*”. No final da década de 70, Thun (1978) apresentou um trabalho sobre fraseologia nas línguas românicas e, no início da década de ‘80, Zuluaga (1980) publicou sua tese de doutorado, complementando a classificação das UFs proposta por Casares (1950).

Tanto Thun (1978) como Zuluaga (1980¹¹³) tomaram como referência trabalhos de pesquisadores alemães e soviéticos. Zuluaga (1980, p. 31) cita os trabalhos de Paul Hermann (1880 e 1960), do mesmo modo como procederam Haensch *et al.* (1982), na Alemanha, e Carneado Moré e Tristá Pérez (1985), em Cuba, quando elaboraram suas propostas.

Ruiz Gurillo (1997 *apud* SILVA, 2006, p. 14) também propôs uma definição para as UFs, as quais receberiam este nome apenas quando fossem equivalentes a uma palavra ou sintagma, ou seja, o significado da lexia complexa (formada, por sua vez por duas ou mais lexias simples) seria um na sua totalidade, sem que cada lexia simples produzisse significados por si só.

Depois de termos mencionado esses autores dentre os que têm se dedicado ao estudo das UFs, concordamos com Rakotojoelima (2005, p. 43), o qual considera que de todas as propostas de classificações fraseológicas que já foram resenhadas, a que parece mais adequada para sua aplicação em nosso trabalho é a feita por Corpas Pastor (1996), dando

¹¹² VINOGRADOV, V.V. *Acerca dos tipos principais de unidades fraseológicas na língua russa (em russo)*. In: SCHAHMATOV, A. A. 1864-1920. *Coletânea de artigos e Materiais*. Academia das Ciências da URSS, Moscou, 1947, p. 339-364.

¹¹³ ZULUAGA, A. *Introducción al estudio de expresiones fijas*. Frankfurt am Main, Bern, Cirencester/U.K.: Lang, 1980.

destaque à aplicação dos pressupostos teóricos da fraseologia na concepção e elaboração de dicionários:

Aparte de su claridad explicativa, la clasificación fraseológica establecida por Corpas Pastor presenta, desde el punto de vista didáctico y lexicográfico, más facilidad de aplicación a la hora de presentar y explicar las unidades fraseológicas a los alumnos o de seleccionarlas para su inclusión en un diccionario. Y como nuestra línea de investigación está orientada hacia la aplicación de la fraseología a la lexicografía [...], la elección de dicha clasificación queda suficientemente justificada¹¹⁴ (RAKOTOJOELIMARIA, 2005, p. 43).

Welker (*apud* ORTIZ ALVAREZ e HUELVA UNTERBÄUMEN, 2011, p. 149) cita alguns vocábulos que são comumente usados para fazer referência ao objeto de estudo da Fraseologia: “*expressão idiomática: fraseologismo idiomático, idiomatismo, fraseolexema, frasema*. Na *expressão idiomática* (EI) [...] o significado não corresponde à soma dos significados das partes [...]”. Escolhemos as lexias presentes na obra de Santiesteban (1985) tomando como referência, primeiramente, este conceito de UF (podendo alternar essa nomenclatura entre os sinônimos que aparecem na citação anterior). Contudo, faz-se necessário delimitar o tipo de UF que é objeto desta análise, portanto, descreveremos as características das UFs que Casares (1950), Zuluaga (1980), Corpas Pastor (1996) e Ruíz Gurillo (1997) estudaram: as locuções.

Ruíz Gurillo (2001, p. 44) considera que a classificação de locuções em nominais, adjetivas, adverbiais, verbais, prepositivas, conjuntivas e *clausales* proposta por Corpas Pastor (1996) é a mais adequada.

Nesta pesquisa, seguimos a definição de UFs proposta por Corpas Pastor (1996, p. 19-20) como sendo expressões formadas por várias palavras, as quais estão institucionalizadas, devido à sua estabilidade,

¹¹⁴“Fora sua clareza explicativa, a classificação fraseológica estabelecida por Corpas Pastor apresenta, do ponto de vista didático e lexicográfico, mais facilidade de aplicação à hora de se apresentar e explicar as unidades fraseológicas aos alunos ou de seleccioná-las para sua inclusão num dicionário. E como nossa linha de pesquisa está orientada para a aplicação da fraseologia à lexicografia [...] a escolha de tal classificação fica suficientemente justificada”.

embora esta seja relativa, já que apresentam particularidades sintáticas ou semânticas e variação nos elementos que as compõem.

O trabalho de Corpas Pastor (1996) envolve o ponto de vista didático, tradutológico e lexicográfico e seu trabalho serviu como suporte para o levantamento das lexias complexas que são objeto de estudo desta pesquisa, conforme descreveremos posteriormente.

Corpas Pastor (1996, p. 20) afirma, também, que:

[...] las *unidades fraseológicas* (UFS) – objeto de estudio de la fraseología – son unidades léxicas formadas por más de dos palabras gráficas en su límite inferior, cuyo límite superior se sitúa en el nivel de la oración compuesta. Dichas unidades se caracterizan por su alta frecuencia de uso, y de coaparición de sus elementos integrantes; por su institucionalización, entendida en términos de fijación y especialización semántica; por su idiomática y variación potenciales, así como por el grado en el cual se han dado estos aspectos en los distintos tipos¹¹⁵.

No quadro a seguir, aparece a classificação de Corpas Pastor (1996, 50-52) para as UFs, na qual estão as locuções como pertencentes à Esfera II. A seguir, apresentaremos, de modo resumido, as características dessas UFs, segundo a visão dessa estudiosa:

Quadro 1 - Classificação das UFs proposta por Corpas Pastor (1996).

<u>UFs</u>
ESFERA I - Fij. <i>norma</i> – <i>colocaciones</i> ;
ESFERA II - Fij. <i>sistema</i> – <i>locuciones</i> ;
ESFERA III - Fij. <i>habla</i> - <i>enunciados fraseológicos</i> .

¹¹⁵ “[...] as *unidades fraseológicas* (UFS) – objeto de estudio da fraseologia – são unidades léxicas formadas por mais de duas palavras gráficas em seu limite inferior, cujo limite superior se situa no nível da oração composta. Tais unidades se caracterizam por sua alta frequência de uso e da coaparecimento dos seus elementos integrantes; por sua institucionalização, entendida em termos de fixidez e de especialização semântica; por sua idiomática e variação potenciales, assim como pelo grau no qual se deram estes aspectos nos diferentes tipos”.

Fonte: Corpas Pastor (1996).

Como aparece no esquema de Corpas Pastor (1996, p. 50-52), as *locuciones* são sintagmas fixos no sistema da língua. Seu significado aparece quando todas as palavras que as compõem formam um bloco e sua função é oracional. Para a classificação das *locuciones*, Corpas Pastor (1996, p. 50-52) segue o critério tradicional da função oracional desempenhada pela *locución*, levando em conta a classe à qual pertence o núcleo do sintagma em questão.

Corpas Pastor (1996, p. 88) as define como:

[...] unidades fraseológicas del sistema de la lengua con los siguientes rasgos distintivos: fijación interna, unidad de significado y fijación externa *pasemática*¹¹⁶. Estas unidades no constituyen enunciados completos, y, generalmente, funcionan como elementos oracionales¹¹⁷.

Esta definição compartilha traços com outras definições (CASARES, 1950, p. 182; ZULUAGA, 1992, p. 129), contudo, é mais explícita, já que inclui os traços de fixidez interna e de fixidez externa *pasemática*.

Corpas Pastor (1996, p. 89) fala sobre a estabilidade das locuções como sendo a característica essencial que permite diferenciar uns fenômenos de outros. Sob esse conceito são incluídos tanto aspectos léxico-semânticos quanto morfossintáticos. Essa autora se refere à coesão semântica como a característica que reflete o caráter de unidade de significação na língua que as locuções apresentam, tendo significado

¹¹⁶ Segundo Thun (1978) a fixidez *pasemática* é um tipo de fixidez externa que consiste em que determinadas unidades linguísticas são usadas segundo o papel do falante no ato comunicativo. Este é o caso dos atos performativos cerimoniais, nos quais está estabelecido a quem corresponde enunciar certas fórmulas; um exemplo seria o procedimento usado para inaugurar as sessões de corpos colegiados, nos quais a fórmula “declaro aberta a sessão” deve ser enunciada por quem preside o órgão -prefeito, governador ou outro- para que o ato tenha validade.

¹¹⁷ [...] unidades fraseológicas do sistema da língua com os seguintes traços: fixidez interna, unidade de significado e fixidez externa *pasemática*. Estas unidades não se constituem em enunciados completos, e, geralmente, funcionam como elementos oracionais.

compositivo (*sano y salvo*) ou translaticio¹¹⁸ (*meterse en camisa de once varas*, por exemplo, o que não significa que alguém usará uma camisa com tais dimensões e, sim, que o indivíduo deu um passo maior do que a perna e vai enfrentar problemas por isso). Pinker (2008, p. 378), ao falar dessa capacidade da mente de expressar conceitos abstratos em vocábulos concretos, nos lembra que: “Metáforas podem ser criadas a partir de metáforas, e continuamos a tomar emprestado de pensamentos concretos [...]”. No próximo capítulo discorreremos sobre a relação entre a criação de metáforas no formato de UFs, sua relação com a tradução intralinguística e com a definição no seio dos dicionários.

Corpas Pastor (1996, p. 94-96), seguindo o critério da função gramatical, propôs sete tipos de locuções divididas em dois grupos. Para complementar a coesão semântica das UFs, aparece a coesão morfosintática, relacionada à integridade semântica das locuções. Citaremos a seguir essa classificação e alguns dos exemplos que a autora apresentou para sua classificação:

● **Locuções que precisam de um verbo:**

- 1) nominais: podem desempenhar as mesmas funções de um substantivo ou de um sintagma nominal e podem seguir o formato:
 - a) substantivo + adjetivo: *vacas flacas, golpe bajo*¹¹⁹;
 - b) substantivo + preposição + substantivo: *alma de cántaro*¹²⁰;
 - c) formato substantivo + conjunção *y* + substantivo: *santo y seña*¹²¹;
 - d) forma verbal conjugada + conjunção *y* + forma verbal conjugada: (*ser un*) *tira y afloja*¹²²;
 - e) verbo (infinitivo) + conjunção *y* + verbo (infinitivo) das *locuciones infinitivas* de Casares (1950), nas quais os verbos nunca aparecem conjugados, senão na sua forma em infinitivo: *coser y cantar*¹²³;
 - f) cláusulas substantivadas por artigos: *el qué dirán*¹²⁴;
 - g) expressões dêiticas que carecem de outro significado léxico fora da unidade da *locución*: *cada quisque*¹²⁵, *ni torta/ni jota*¹²⁶.

¹¹⁸ Adjetivo que se refere a uma lexia que adquire um significado diferente daquele tido como denotativo.

¹¹⁹ “vacas magras, golpe baixo” (E).

¹²⁰ “cabeça-oca ou cabeça-de-vento” (E).

¹²¹ “santo-e-senha” (E).

¹²² “barganha” (E).

¹²³ “ser vapt-vupt” (E).

¹²⁴ “fofoca”

¹²⁵ “cada qual/ cada um” (E).

¹²⁶ “patavina” (E).

2) adjetivas: podem desempenhar a função de atribuição e predicação no enunciado, aparecendo no formato de um sintagma adjetivo, composto basicamente por:

a) adjetivo / particípio + preposição + substantivo: *corto de medios*¹²⁷;

b) adjetivo + conjunção *y* + adjetivo (*sano y salvo*¹²⁸);

c) adjetivo + *como* + substantivo = comparação estereotipada: *fuerte como un toro*¹²⁹;

d) *más* + adjetivo + *que* = comparação estereotipada: *más suave que la seda*¹³⁰;

e) preposição (geralmente *de*) + elemento *clausal*: *de perros* (CORPAS PASTOR, 1996, p. 97-98).

3) adverbiais: de acordo com Corpas Pastor (1996, p. 99-102, tradução nossa), por seu aspecto semântico podem expressar valores referenciais diferentes de:

a) modo: *de tapadillo*¹³¹;

b) quantidade: *a espuestas*¹³²;

c) localização no tempo: *a ratos*¹³³;

d) localização no espaço: *al lado*¹³⁴.

4) clausales: estão enquadradas como *locuciones* de índole diversa formadas por vários sintagmas, dos quais pelo menos um é verbal. Este tipo de *locución* é provido de um sujeito e um predicado que expressam um juízo, uma proposição. Contudo, estas unidades não são orações completas porque: a) precisam atualizar algum actante no discurso no qual estão inseridas; ou b) são cláusulas finitas, restritas a funcionar como elementos oracionais, não podendo formar enunciados por si só. Apresentam dois formatos (CORPAS PASTOR, 1996, p. 109-110):

a) um espaço vazio que corresponde ao objeto ou ao complemento da expressão: *subírsele a alguien la sangre a la cabeza*¹³⁵;

b) são formadas por orações inteiras, que não tem independência textual e carecem de força ilocutiva: *como quien dice*¹³⁶,

¹²⁷ “de poucos recursos”

¹²⁸ “são e salvo”

¹²⁹ “forte como um touro” (E).

¹³⁰ “mais suave do que seda”.

¹³¹ “às escondidas” (E).

¹³² “aos montes” (E).

¹³³ “de pouquinho em pouquinho” (E).

¹³⁴ “de(ao) lado” (E).

¹³⁵ “subir o sangue de alguém à cabeça” (E).

¹³⁶ “como se costuma dizer”.

complementando o núcleo de um sintagma nominal ([...] *hay que tener una capital como Dios manda*¹³⁷) ou o núcleo do predicado por meio da expressão de circunstância (*Estudia inglés como Dios manda, cada día*).

5) prepositivas: de acordo com Corpas Pastor (1996, p. 105-106), têm sido tradicionalmente chamadas assim por constituírem o núcleo de um sintagma prepositivo (*en pos de*¹³⁸, *a pesar de*¹³⁹), podendo aparecer nos seguintes formatos:

a) advérbio ou substantivo adverbializado + preposição (*encima de*¹⁴⁰);

b) (preposição) + um substantivo ou dois substantivos coordenados + preposição (*a causa de*¹⁴¹).

6) conjuntivas: se diferenciam das outras *locuciones* por não formarem sintagmas por si mesmas e também não poderem ser o núcleo destes. Corpas Pastor (1996, p. 107, tradução nossa) as divide em:

a) conjuntivas coordenativas distributivas ou disjuntivas: *ora...ora*¹⁴²;

b) conjuntivas subordinadas que geralmente introduzem cláusulas finitas: *con tal de*¹⁴³.

● **Locuções que têm uma relativa unidade oracional:**

7) verbais: expressam processos, formando predicados com ou sem complementos, podendo aparecer numa grande variedade morfossintática (CORPAS PASTOR, 1996, p. 102-105):

b) verbo + conjunção *y* + verbo: *ir y venir*¹⁴⁴;

c) verbo + pronome: *cargársela*¹⁴⁵;

d) verbo + pronome + partícula não assimilável à reação verbal: *tomársela con alguien/algo*¹⁴⁶;

e) verbo + partícula associada com complementação opcional: *dar de sí*¹⁴⁷;

f) verbo copulativo + atributo: *ser el vivo retrato de alguien*¹⁴⁸;

¹³⁷ “como Deus manda” (E).

¹³⁸ “detrás de” (E).

¹³⁹ “apesar de” (E).

¹⁴⁰ “em cima de” (E).

¹⁴¹ “por causa de” (E).

¹⁴² “ora...ora” (E).

¹⁴³ “com tal de” (E).

¹⁴⁴ “ir e vir” (E).

¹⁴⁵ “levar uma” (E).

¹⁴⁶ “cismar com alguém” (E).

¹⁴⁷ “dar de si” (E).

¹⁴⁸ “ser a cara de alguém” (E).

- g) verbo + suplemento: *oler a cuerno quemado*¹⁴⁹;
 h) verbo + objeto direto com complementação opcional: *costar un ojo de la cara*¹⁵⁰.

Depois de contextualizar a pesquisa, estabelecemos alguns aspectos sobre a escolha da nomenclatura e dos conceitos que orientarão nosso estudo. Primeiramente, adotamos a definição de fraseologia como a ciência que trata dos fraseologismos e não como o conjunto deles. Autores como Hundt (1994, p. 14) afirmam que:

Nem em Portugal nem no Brasil existe uma disciplina linguística *fraseologia* reconhecida como parte da lexicologia ou mesmo independente; os fraseologismos [...] são estudados no quadro de trabalhos lexicológicos ou estilísticos ou em estudos sobre história cultural.

Dessa forma, a fraseologia consolidou-se como disciplina científica apenas no século XX, portanto, ainda há espaço para o desenvolvimento de estudos nessa área do conhecimento. Corpas Pastor (1996, p. 11) afirma que, nos domínios da fraseologia espanhola, desde o trabalho de Casares (1950), “[...] poco se ha avanzado sobre el tema¹⁵¹”. Depois da publicação da sua obra em 1996, no que concerne à fraseologia espanhola, o estudo das UFs recebeu as contribuições de outros autores, conforme registram Ortíz Álvarez e Huelva Unterbäumen (2011, p. 7-16), Ruíz Gurillo (1997, 2001), Wotjak (1998), Luque Durán e Pamies Bertrán (1998), Penadés Martínez (1999), Ortíz Álvarez (2000, 2011) e García-Page (2008), contudo, parece-nos que ainda há espaço para estudos a serem desenvolvidos no contexto da tradução e do ensino do castelhano e suas variantes no Brasil.

Até aqui discorremos sobre o objeto de estudo da fraseologia e suas principais características, citamos os trabalhos de Casares (1950), Zuluaga (1980), Corpas Pastor (1996) e Ruiz Gurillo (1997), que delimitaram o objeto de estudo da fraseologia como disciplina científica, apontaram suas principais características e apresentaram suas propostas de classificação para as estruturas em questão. Após esses comentários, adotamos a nomenclatura de Corpas Pastor (1996, p. 269) e estabelecemos que o objeto de estudo da fraseologia seriam as UFs, apontando suas características essenciais:

¹⁴⁹ “não cheirar bem” (E).

¹⁵⁰ “custar os olhos da cara” (E).

¹⁵¹ “[...] tem se avançado pouco nos estudos sobre o tema”.

- 1) sua polilexicalidade;
- 2) sua alta frequência de aparecimento como unidades habituais da língua e a frequência de coaparecimento por parte dos seus elementos integrantes;
- 3) sua institucionalização ou convencionalização derivada da sua reprodução reiterada;
- 4) sua estabilidade, entendida em termos de fixidez (interna ou externa com diversos subgrupos) e de especialização semântica;
- 5) sua idiomaticidade e variação potenciais e a gradação com que aparecem estes últimos quatro traços das UFs.

Por último, definimos o tipo de UFs que será objeto de análise da nossa pesquisa, ou seja, as locuções, apontando, por sua vez, suas principais características. Seguimos a classificação de Corpas Pastor (1996, p. 270), que inclui as locuções na Esfera II da sua proposta, apresentando sete tipos, de acordo com o núcleo que forma o sintagma: nominal, adjetivo, adverbial, verbal, prepositivo, conjuntivo e *clausal*.

4.2 ENSINO E APRENDIZAGEM DE UFS

No âmbito do ensino e aprendizagem do espanhol como língua estrangeira (ELE), Forment (1998, documento eletrônico) afirma que, quando os aprendizes desse idioma chegam aos estágios mais avançados e, inclusive, aos cursos de aperfeiçoamento de línguas não maternas, resta ao professor tentar que as produções desses sujeitos sejam parecidas com as dos usuários de uma língua natural (ULN)¹⁵² nativos que a usem como veículo rotineiro de comunicação.

Forment (1998, documento eletrônico) considera que as produções de aprendizes de nível avançado estarão mais próximas das produções da língua meta se seu vocabulário se enriquecer e se ajustar ao maior número de situações comunicativas habituais na língua objeto de estudo. Contudo, consideramos que os aprendizes brasileiros de ELE deveriam contar com

¹⁵² Utilizamos a nomenclatura de usuário de uma língua natural (doravante ULN) ou *natural language user* (doravante *NLU*) proposto por Dik (1989, p. 12-13), quem olha para as expressões da língua não como objetos isolados, mas, como instrumentos que podem ser utilizados por um emissor para evocar alguma interpretação no receptor, num contexto determinado pelas trocas linguísticas anteriores e em que os dois sujeitos conhecem os parâmetros essenciais da situação comunicativa por compartilharem da mesma língua materna. Dessa forma, são considerados ULN ou *NLU*.

materiais que enriquecessem seu vocabulário já desde os estágios iniciais da constituição de sua interlíngua nos processos de aprendizagem desse idioma. Os aprendizes não precisam esperar os estágios finais ou avançados de estudo de ELE para entrarem em contato, por exemplo, com as UFs, se contarem com materiais que ofereçam, além dos equivalentes em português para as lexias consultadas, as UFs que se formam a partir das lexias simples que aparecem no vocabulário a ser aprendido e que são próprias da língua espanhola.

Nessa mesma linha de pensamento, citamos outro documento no qual se fala da *competência lexical*: o *Marco Comum Europeu de Referência para as línguas* (doravante MCER), que embora não tenha sido elaborado para aprendizes brasileiros, serve para seu uso porque inclui, entre as línguas, o espanhol. O MCER define a *competência léxica* como o conhecimento do vocabulário de uma língua e a capacidade que o aprendiz tem de saber utilizá-lo, além de ser composta por elementos léxicos e gramaticais e estar integrada às competências linguísticas comunicativas, ainda que sem deixar de relacionar-se a outras competências (CONSELHO DE EUROPA, 2002, p. 108). A visão defendida pelo MCER coincide com o que estudiosos como Aitchison (1987) postulam. Aitchison (1987) aponta que o *lexicón*, local da mente no qual reside a *competência léxica*, é composto não somente de certos tipos de unidades, mas, também, por redes ou relações existentes entre esses elementos léxicos.

A Linguística Contrastiva proposta por Lado (1957), em sua primeira versão, ou seja, o Modelo de Análise Contrastiva, pretendia prever os erros que determinados aprendizes poderiam cometer nas suas produções na língua em aprendizagem, erros os quais, às vezes, eram resultado de diferenças entre as características de sua língua materna (LM) e a língua de aprendizagem. Nesta pesquisa em particular, não trabalharemos com a previsão de erros nas produções de aprendizes brasileiros de ELE, como já dissemos, entretanto gostaríamos de proporcionar informações que os ajudassem na compreensão de enunciados nessa língua e a enriquecer suas produções escritas e orais, mais propriamente no que se refere às UFs, mostrando como usá-las de forma adequada a diferentes contextos de uso. Esse objetivo está relacionado, conforme mostraremos nesta pesquisa, ao fato de que as UFs requerem estudos, tanto sobre sua forma, quanto sobre a maneira como podem ser traduzidas e trabalhadas em sala de aula.

De fato, embora as UFs de uma língua soem com naturalidade para os falantes desse idioma, quem o aprende como LE precisa esforçar-se para entender e saber como e quando utilizar as lexias complexas ou UFs,

já que seu sentido não pode ser “adivinhado” ou inferido, ainda que se conheçam as lexias simples que formam essas lexias complexas. Os especialistas que estudam as UFs consideram que elas devem ser estudadas porque oferecem aos aprendizes meios naturais de expressão na LE. Dessa forma, os aprendizes passariam a conhecer mais um pouco sobre a forma de pensar dos falantes desse idioma e a compartilharem de um saber acumulado e transmitido ao longo de gerações por essa comunidade linguística. Além disso, as UFs oferecem meios ricos e expressivos de transmitir mensagens, e, ainda, ajudam a produzir textos mais adequados à língua que se estuda (ORTÍZ ÁLVAREZ e HUELVA UNTERBÄUMEN, 2011). Dessa forma, consideramos que aprendizes brasileiros de ELE devem contar com um material que os ajude a avançar na compreensão de enunciados nesse idioma que contenham UFs e nas suas produções orais e escritas, passando a empregar efetivamente essas estruturas da língua espanhola.

O aprendiz de uma língua pode contar com dois instrumentos fundamentais para alcançar a competência linguística: a gramática e o dicionário. Contudo, de pouco valeria um compêndio de lexias com definições incompletas que não contemplassem o registro das UFs, desconsiderando sua alta frequência de aparição em enunciados orais e escritos. É necessário lembrar que:

As palavras e expressões formadas pela tradição e automatismo que regem a linguagem popular serviram desde sempre a determinados grupos sociais ou profissionais para simplificar o seu falar ou às vezes o tornar imperceptível a estranhos seja um exemplo desse último caso o calão (gíria) e que o imortal Victor Hugo chamou de uma segunda língua (ORTÍZ ÁLVAREZ, 2000, p. 3).

Cabe destacar que Ortiz Alvarez (2000) fala sobre a “linguagem popular”, contudo, suas considerações se referem à fala, isto é, referem-se ao uso que os falantes fazem da língua quando, por exemplo, usam as UFs. Estas se constituem, portanto, um código que serve para facilitar a comunicação entre indivíduos ou, ainda, para estes preservarem sua identidade linguística. No Brasil, especificamente no nosso contexto de trabalho docente, percebemos as dificuldades que os aprendizes têm à hora de separarem adequadamente o que é próprio da língua portuguesa (sua língua materna ou LM) e o que pertence apenas à língua espanhola (estudada como língua estrangeira ou LE). Nas Orientações Curriculares

para o Ensino Médio (OCEM), elaboradas pelo Ministério de Educação do Brasil, encontramos uma citação que nos faz entender um pouco do que acontece com nossos estudantes:

Especificamente com relação ao Espanhol, as pesquisas vêm apontando muitas coisas, entre outras que é preciso entender a sua maneira “singular” (CELADA, 2000) de ser estrangeira entre nós e os efeitos dessa singularidade nos aprendizes brasileiros. É fundamental estabelecer claramente os pontos que determinam esses movimentos de aproximação e distanciamento (FANJUL, 2002) – “la justa medida de una cercanía” (KULIKOWSKI & GONZÁLEZ, 1999) – entre as duas línguas, em toda a sua heterogeneidade, e seus efeitos na produção estrangeira dos brasileiros (interlíngua, se se preferir) (MEC/SEB, 2006, p. 219).

Chamou à nossa atenção a característica destacada neste documento ao referir-se ao espanhol e à sua “maneira ‘singular’ de ser estrangeira” entre os brasileiros. O português e o espanhol são línguas-irmãs, que, por provirem do latim, apresentam semelhanças consideráveis. Isso gera um “efeito” nos “aprendizes brasileiros”, os quais, conforme Durão (2004, p. 280-291) logo que percebem a funcionalidade da proximidade tipológica existente entre o português e o espanhol, a usam como recurso insistentemente, muito mais do que se fossem línguas diferentes. Essa insistência leva ao uso de recursos tais como a estratégia de traduzirem os textos literalmente. Dessa forma, considera-se, também, ser relevante destacar o fato de que:

la simetría existente entre el portugués y el español induce a desvíos en las estructuras disimétricas, resultados del hecho de que se tiende a proyectar, de modo indiscriminado, los conocimientos lingüísticos maternos sobre la lengua meta en un intento de establecer una identidad total entre ambos idiomas¹⁵³ (DURÃO, 2004, p. 281).

¹⁵³ “a simetria existente entre o português e o espanhol induz a desvios nas estruturas assimétricas, resultados do fato de que se tende a projetar, de modo

As OCEM apontam que essa simetria entre o espanhol e o português e a “singularidade” desse fato provocam “efeitos na produção estrangeira dos brasileiros (interlíngua, se se preferir)”. Consideramos, contudo, que esses efeitos acontecem, também, na compreensão de enunciados orais e escritos em espanhol, pois, ao tentarem estabelecer essa “identidade total entre ambos os idiomas” de que fala Durão (2004, p. 281) na citação anterior, passam a traduzir literalmente estruturas que são próprias do espanhol e cujo significado não resulta da soma dos significados das suas partes e das quais falaremos mais adiante.

Considerando que a proximidade das línguas portuguesa e espanhola dá ao brasileiro aprendiz de espanhol a falsa sensação de que, ao traduzir literalmente as palavras e expressões, conseguirá, efetivamente, comunicar-se nessa língua, pretendemos refletir sobre um aspecto que vem à tona no contraste entre o português e o espanhol.

Nos primeiros estágios da aprendizagem de espanhol, a semelhança das línguas mencionadas faz, de forma geral, que o aprendiz brasileiro não se intimide demasiadamente perante seus erros de produção. Afirmamos isso com base nos relatos de pesquisa de autores como Durão (2004, p. 275), que afirma que, de um modo geral, os brasileiros simplesmente falam ou escrevem como se dominassem a língua espanhola. Por esse motivo, os erros que cometem podem fossilizar-se com facilidade se esses aprendizes não forem advertidos sobre a necessidade de produzirem enunciados que estejam mais próximos da língua meta, na medida em que eles avançarem na sua aprendizagem.

Tanto nas OCEM como nos trabalhos teóricos de Ellis (1997) e Durão (2006) há a defesa do ponto de vista de que as produções, orais e escritas, materializam a interlíngua dos aprendizes. Contudo, o foco dos estudos relacionados a esse processo tem estado, de forma geral, na análise dos erros de enunciados escritos e orais dos aprendizes de línguas estrangeiras, já que o próprio conceito de interlíngua faz referência ao fato de que:

Tanto como resultado de aprendizagem em contextos formais de ensino, quanto como produto das tentativas de comunicação no dia-a-dia em um país estrangeiro por parte de imigrantes, surgem

indiscriminado, os conhecimentos linguísticos maternos sobre a língua meta numa tentativa de estabelecer uma identidade total entre ambos os idiomas”.

erros os quais, entre outras possibilidades, podem dever-se à interferência da língua materna dos aprendizes com a língua de aprendizagem, às próprias dificuldades inerentes à língua estrangeira em questão ou às tentativas de expressar ideias que dependem do domínio de palavras ou expressões ainda não interiorizadas (DURÃO, 2006, p. 48, grifo nosso).

Sublinhamos na citação a palavra erros pelo fato de essa estudiosa destacar que cita o trabalho de Selinker (1972) e não o de Corder (1967), para delimitar cronologicamente seu levantamento bibliográfico sobre o assunto, devido a que este último autor optou por dar ênfase aos “[...] erros cometidos pelos aprendizes de língua estrangeira [...]” e suas contribuições “[...] vêm sendo utilizadas para consubstanciar a literatura referente ao *modelo de Análise de Erros*” (DURÃO, 2006, p. 47-48). Considerando o mencionado anteriormente, esclarece-se que nesta pesquisa pretende-se seguir a linha das “*Análises de Interlíngua*” e não a da “*Análise de Erros*”, protagonizada, principalmente, por Corder (1967) e seus seguidores.

No plano teórico, olhamos para o conceito de interlíngua e para as possíveis produções dos aprendizes de ELE no Brasil com o foco noutra questão, a qual não está caracterizada propriamente como parte dos erros que os estudantes podem cometer nas suas produções, mas pela falta de conhecimento de estruturas próprias da língua espanhola, o que pode levá-los a cometerem *erros de subprodução*. Durão (2007, p. 41) explica que esse tipo de erro revela a inibição ou o ato de evitar estruturas linguísticas que parecem difíceis ou que levaram, anteriormente, a experiências frustrantes, ou, ainda, que deixam de usar devido à *homiofobia* (ou medo da semelhança), situação que pode acontecer, dentre outras possibilidades: a) quando se tem uma ideia confusa da expressão que corresponde à que se precisa na LE; b) quando se conhece a expressão que se quer usar, mas não se consegue encaixar no contexto de uma mensagem; c) quando se conhece a expressão de que se precisa, mas não se quer usá-la num determinado contexto porque estas pressupõem um problema diante das normas de conduta de um determinado modelo cultural.

A “singularidade” citada nas OCEM (MEC/SEB, 2006, p. 219) e a “simetria” entre o português e o espanhol de que fala Durão (2004, p. 281) têm provocado “efeitos na produção estrangeira dos brasileiros (interlíngua, se se preferir)”, como já se disse, e esses efeitos são

perceptíveis nas suas produções orais e escritas, na forma de erros (DURÃO, 2006, p. 48), pelo desconhecimento de, por exemplo, enunciados que contenham estruturas que tem um traço essencial: a idiomaticidade.

Corpas Pastor (1996, p. 26-27) apresenta duas acepções possíveis para definir o que seria idiomático: “(a) en el sentido etimológico de próprio y peculiar a una lengua determinada y (b) en el sentido de característica semántica de ciertas combinaciones fijas de palabras¹⁵⁴”.

Ao falarmos de estruturas da língua consideradas idiomáticas, cabe destacar que estas só serão incorporadas à MLP¹⁵⁵ de um aprendiz de uma língua estrangeira se fizerem parte de uma *rede de conceitos*, ou seja, se estiverem associadas a conhecimentos pré-existentes. Para tal, no processo de ensino e aprendizagem de uma LE devem ser levados em consideração alguns fatores que influenciam na retenção dessas informações na MLP, concordando com o que Krashen (1985, p. 79-80) já propunha ao falar da hipótese do *input*. Canale (1995, p. 63-81) reforça essa ideia ao afirmar que os aprendizes devem receber tanto input compreensível na LE quanto for possível e esta exposição ao máximo de *input* compreensível na LE é crucial para a aquisição do conhecimento e das habilidades básicas requeridas para um uso efetivo do novo idioma.

Canale (1995, p. 63-81) afirma, ainda, que essa exposição ao máximo de *input* compreensível na LE é tanto uma atividade orientada para o domínio da habilidade de compreensão, quanto uma atividade orientada para a aquisição de conhecimentos. Cabe citar as palavras do próprio autor quando afirma que:

[...] Parece que hay una etapa de comprensión que debe preceder a la etapa de producción en la enseñanza de la segunda lengua; es decir, la producción de la segunda lengua no debe forzarse durante esta etapa inicial (cf. Krashen, 1978; Swain, 1980; Terrell, 1980). La importancia de esta afirmación en el trabajo presente es que en las etapas iniciales del aprendizaje de la segunda

¹⁵⁴ “a) no sentido etimológico, de próprio e peculiar de uma língua determinada e b) no sentido de característica semântica de certas combinações fixas de palavras”.

¹⁵⁵ “A memória de longo prazo capacita-nos a recordar grande quantidade de informações por períodos substanciais de tempo. Acredita-se que qualquer coisa que armazenemos por minutos, horas, dias, semanas ou anos seja cuidado pela MLP” (*ibid.*, p. 215).

lengua quizá debería darse más importancia a las actividades de audición y lectura orientadas al conocimiento y a la habilidad de comprensión que a aquellas dedicadas a la expresión oral y a la escritura¹⁵⁶ (CANALE, 1995, p. 63-81, grifos nossos).

Portanto, se o aprendiz de LE não for exposto a um *input* adequado nas suas atividades de compreensão oral e escrita, suas atividades de produção de enunciados orais e escritos poderão refletir essa deficiência. E, ainda de acordo com Davidoff (2006, p. 222),

[a] MLP é moldada por numerosas influências, incluindo conhecimento anterior, experiência posterior, incitamento, repetição, exposição, atenção, distribuição de sessões práticas, organização, integração, outras táticas ativas e estados físicos durante a codificação e a recuperação.

Sendo assim, os erros de compreensão de enunciados orais e escritos com estruturas idiomáticas do espanhol e a ausência delas nas produções de aprendizes brasileiros de ELE está relacionada, em nossa opinião, ao fato de que estes poderiam ser expostos a um *input* mais abrangente e com maior frequência. Afirmamos isso levando em consideração, também, que é necessário ter acesso, de forma explícita, a estruturas idiomáticas que garantam uma *competência lexical* mínima. Além disso, essa aprendizagem deve ocorrer deliberadamente, isto é, tomando como referência os trabalhos de Hasher e Zacks (1984 *apud* DAVIDOFF, 2006, p. 215) e Hunt e Beglar (2002, p. 260), afirmamos que o desenvolvimento do vocabulário de um aprendiz de LE ocorre não só pela aprendizagem incidental (quando o aprendiz se depara com novas lexias na LE em algum contexto, a qual não é o foco de uma atividade de ensino desse idioma), mas, também, mediante instruções específicas

¹⁵⁶ “[...] Parece que existe uma etapa de compreensão que deve preceder a etapa de produção no ensino da segunda língua; isto é, a produção da segunda língua não deve ser forçada durante esta etapa inicial (cf. Krashen, 1978; Swain, 1980; Terrell, 1980). A importância desta afirmação no presente trabalho está em que nas etapas iniciais da aprendizagem da segunda língua talvez deveria ser dada uma maior importância às atividades de audição e leitura orientadas para o conhecimento e para a habilidade de compreensão do que a aquelas dedicadas à expressão oral e à escrita”.

dados pelo professor, que tem um objetivo ao apresentar determinadas estruturas ao aprendiz. Essas orientações específicas são essenciais para aqueles que estão começando a estudar uma LE, já que a falta de conhecimento de determinadas estruturas limita, por exemplo, suas habilidades de compreensão escrita (HUNT e BEGLAR, 2002, p. 260).

O aprendiz de uma LE muitas vezes não compreende, de antemão, a complexidade dessa tarefa, na qual, deve assimilar, da melhor forma possível, conhecimentos linguísticos e extralinguísticos da língua em questão, os quais devem passar da Memória de Curto Prazo (doravante, MCP¹⁵⁷) para a MLP, com o propósito de que esses conhecimentos estejam à sua disposição todas as vezes que uma situação comunicativa os exigir.

Para abordar a discussão do processo de aprendizagem de uma língua não materna, é preciso falar de *competência comunicativa*. Este nome foi proposto por Hymes (1972) e, a partir dos seus estudos, ser linguisticamente competente seria usar o sistema gramatical para a comunicação, sem perder de vista que este faz parte da cultura de uma determinada comunidade de falantes. Silva (2004, p. 14), resumindo algumas ideias sobre competência comunicativa e, também, sobre desempenho, aponta que:

Não há como, na prática, separar competência de desempenho, uma vez que a primeira se constitui num sistema abstrato e, como tal, só é percebido através do desempenho. A competência pode ser definida, portanto, como conhecimento abstrato armazenado na mente do indivíduo (aquilo que eu conheço e me permite “fazer”) e o desempenho, por sua vez, como alguma coisa que esse indivíduo “faz” com esse conhecimento (aquilo que eu “faço”), conhecimento este que compreende regras gramaticais, regras contextuais ou pragmáticas na criação de discurso apropriado, coeso e coerente. Inclui ainda as noções de conhecimento do mundo (conhecimentos gerais e conhecimentos específicos sobre assuntos, tópicos e áreas) e de competência, no seu sentido clássico, chomskyano; e componentes afetivos (emoção, paixão, cólera, ansiedade, etc.).

¹⁵⁷ “A MCP é tida como o centro da consciência [...] O ‘depósito’ da MCP abriga uma quantidade limitada de dados temporariamente (em geral, por 15 segundos)” (DAVIDOFF, 2006, p. 206).

O desafio de aprender uma língua não materna pode envolver, num contexto formal de ensino, pelo menos, dois indivíduos: aquele que se dispõe a ensinar (embora sem deixar de aprender) e aquele que se dispõe a aprender (embora também compartilhe seus conhecimentos com seu professor e com seus colegas). Essa aprendizagem passará por estágios que incluirão, entre outros aspectos, o aprendizado do léxico. Aprender o léxico de uma nova língua não é simples, por um lado, pelo fato de os aprendizes de LE esquecerem facilmente as unidades léxicas aprendidas nas aulas. Esse esquecimento acontece porque, depois que nossos sentidos captam informações, intuitivamente, ocorre uma seleção de quais serão descartadas ou quais conteúdos passarão para a MCP. Na MCP, ocorre o armazenamento dos conhecimentos, armazenamento esse que pode ser literal ou não.

De acordo com Davidoff (2006, p. 214-215), se a informação que o sujeito armazenou na mente não entrou na MCP, “[e]m geral, depois de aproximadamente 15 a 20 segundos, não se pode recuperar [...]” e isso pode ocorrer, possivelmente, porque “[...] o material desaparece por completo, ou se *deteriora*, com o passar do tempo”. Durão (2007, p. 65) também descreve o que ocorre com as informações que são repassadas mentalmente pelo indivíduo, as quais podem ser descartadas. Diz ela que para que isto não ocorra, é necessário que o indivíduo que é exposto a novas informações faça uma espécie de revisão mental de duas formas, ou nas palavras de Durão (2007, p. 65), a um *repasso de manutenção* das informações que se dá mediante a repetição das formas, e a um *repasso elaborativo*, o qual implica a associação das informações novas com informações que já são conhecidas pelo indivíduo. No mesmo sentido, Davidoff (*ibid.*, p. 214) considera que: “[...] se continuamos a recapitular o material ou se processamos o suficiente para transferi-lo para a MLP, ele ficará retido na mente”. Dessa forma, para que um aprendiz de LE alcance a *competência linguística* ele não pode ser apenas exposto às estruturas desse idioma; ele também necessita ser capaz de perceber a importância dessas novas informações de modo que pretenda incorporá-las para comunicar-se na LE em questão; além disso, precisa de tempo para que possa revisar essas informações mais de uma vez e, ainda, ser capaz de associar as novas informações com as que já possui, de modo que essas novas informações sejam incorporadas à MLP.

Durão (2007, p. 66) explica que, para que as informações linguísticas que um indivíduo recebe possam ser incorporadas à sua MLP, é preciso que elas sejam recodificadas, isto é, que sejam interligadas mediante estratégias verbais e visuais associativas. Isto pode ocorrer,

como afirma Davidoff (2006, p. 215), mediante duas estratégias: pela *forma analítica* – pelo resumo do significado – ou pela *forma análoga* – imagem por imagem, som por som. Essas estratégias são usadas pelas pessoas, mesmo que elas não tenham consciência disto.

No contexto de ensino e aprendizagem de uma LE, Durão (2007, p. 67) cita um modelo de processamento das informações por parte do aprendiz, que tem cinco etapas:

1. *etapa do input*: o processamento da aquisição se inicia por meio do contato do aprendiz com o *input* linguístico;
2. *etapa de percepção*: o aprendiz dirige a sua atenção, a sua percepção e o seu identificador de regularidades em direção ao *input*;
3. *etapa de compreensão do input*: desenvolvem-se processos cognitivos cada vez mais complexos mediante processamentos descendentes (*botton-up*) e ascendentes (*top-down*);
4. *etapa do conhecimento adquirido*: acontece mediante a reestruturação do conhecimento novo;
5. *etapa de integração linguística*: acontece quando o aprendiz integra o novo conhecimento ao seu sistema linguístico.

Em relação à integração dos novos conhecimentos ao sistema linguístico do aprendiz, Davidoff (2006, p. 221), ao citar as contribuições de estudiosos da área, afirma que:

[a] organização da memória é uma área ainda rodeada de incertezas, mas uma pressuposição é amplamente compartilhada: conforme aprendemos (retemos informações), construímos uma *rede* de conceitos (Anderson & Pirolli, 1984; Collins & Quillians, 1969; Keil, 1981; Mandler, 1983; Smith *et al.*, 1974).

Higuera García (2000, p. 13), colabora para o entendimento da construção dessa *rede de conceitos* ao afirmar que o processo de aprendizagem do léxico de LE, exatamente como na LM, é um processo que nunca acaba. Aprender o léxico de uma língua, também, não se resume à adoção de novos nomes para o que já se conhece. Quando se aprende uma LE também se tem acesso à cultura e à visão de um mundo diferente do mundo que permeia a LM do aprendiz. Novos conceitos e novos objetos surgem e, conseqüentemente, não há, realmente, equivalentes na língua materna com os quais associar e incorporar aquelas unidades léxicas à MLP (HIGUERAS GARCÍA, 2000, p. 13).

Destas considerações, depreende-se que o ensino do léxico se apresenta como uma tarefa desafiadora que deve vencer a barreira do esquecimento por parte dos aprendizes de um idioma estrangeiro, para que, neste processo contínuo e dinâmico, ocorra a incorporação de novos conhecimentos à sua MLP. É possível falar de, pelo menos, três momentos em que pode ocorrer a aprendizagem do léxico: 1) novos nomes para realidades, conceitos ou objetos conhecidos; 2) novos nomes para realidades, conceitos ou objetos ainda não conhecidos; 3) o modo como esses novos nomes aparecem combinados uns com os outros para formar novos conceitos (muitas vezes, já cristalizados no sistema linguístico que está sendo estudado).

As UFs, que dão a conhecer “formas de conhecimento da história, do pensamento social no decorrer dos séculos e, portanto, [são] portadoras das vivências de uma ou mais gerações”, conforme a descrição de Ortíz Álvarez e Huelva Unternbäumen (2011, p. 8), estudiosos da fraseologia. Embora possa parecer que o estudo das UFs em LE seja apenas um conhecimento sobre o “outro” e sobre uma “cultura global”, conforme a citação anterior, cabe destacar que, considerando que os aprendizes são brasileiros e que deveria ocorrer o conhecimento sobre si mesmo e sobre culturas locais, os estudiosos da fraseologia citados destacam que “[...] tanto na língua portuguesa como em outras línguas, a fraseologia, que representa cada uma dessas línguas-culturas, é dotada de uma grande variedade de processos de imaginação” (ORTÍZ ÁLVAREZ e HUELVA UNTERNBÄUMEN, 2011, p. 17), sendo possível que os aprendizes de ELE entrem em contato com formas de expressão que deem voz às suas ideias e as ideias de outros, enriquecendo, portanto, suas formas de expressão tanto orais como escritas.

Além da preocupação de o aprendiz de ELE entrar em contato com textos que veiculem formas de pensamento locais e universais, o aprendiz de ELE deve entrar em contato com formas de expressão consideradas “autênticas”, que possam levar a uma comunicação eficaz na LE em que produzam textos, porém, “textos coerentes”. A coerência, nesse caso, está relacionada à adequação das “situações da vida real” das estruturas que o aprendiz empregue nas suas produções orais e escritas. Considerando que as UFs “[...] tem uma enorme frequência de uso [...] no linguajar cotidiano” (ORTÍZ ÁLVAREZ e HUELVA UNTERNBÄUMEN, 2011, p. 17), é possível entender por que se considera que a ausência dessas estruturas nas produções orais ou escritas dos aprendizes em questão faz com que as interlínguas desses sujeitos pareçam não avançar. Isso acontece porque os aprendizes deixam de enriquecer seus enunciados com essas estruturas que oferecem àqueles que as usam a expressividade,

o conforto e a adequação para que os aprendizes consigam falar de modo adequado em diferentes situações de comunicação e de compreender essas línguas quando utilizadas por distintos falantes, em diversos contextos e em situações da vida real. Se as UFs aparecem com “enorme frequência” nas “trocas conversacionais, no linguajar cotidiano” (ORTÍZ ÁLVAREZ e HUELVA UNTERNBÄUMEN, 2011, p. 17) dos usuários de uma LE e se espera que os aprendizes sejam capazes de se comunicar nos mais “diversos contextos e em situações da vida real, é possível perceber porque é necessário estudar essas estruturas por meio de instruções específicas e por meio de dicionários projetados para alcançarem um número considerável de aprendizes no Brasil.

Os dicionários devem oferecer ao aprendiz de LE a oportunidade de compreender enunciados de forma tal que possa ir além da mera decodificação em LE a partir do ensino da gramática e do vocabulário, numa perspectiva comunicativa. Isso coincide com o fato de que conhecer uma LE é, também, conhecer outros tipos de estruturas, tais como expressões ou provérbios. Dessa forma, um aprendiz de LE ao ser exposto ao estudo das UFs seria capaz de aprender e, talvez, também, utilizar as regras gramaticais envolvidas nessas expressões, contudo, teria, também, uma visão mais ampla do universo hispânico e da forma como os usuários desse idioma percebem e descrevem suas experiências por meio da língua, no formato de estruturas como as UFs, as quais permitem expressar de forma condensada informações acumuladas ao longo do tempo e compartilhadas pelos membros de uma comunidade linguística, não ficando apenas num texto fechado.

Anteriormente, citamos o conceito de interlíngua e afirmamos que esta pesquisa se desenvolve no âmbito dos estudos da *Análise de Interlíngua*, sem que seu foco sejam exclusivamente os erros dos aprendizes brasileiros de ELE, mas a ausência de UFs nas produções orais ou escritas dos informantes. No mesmo propósito de que os aprendizes avancem na interlíngua, eles podem (e devem) entrar em contato com as UFs nas atividades de compreensão oral e escrita e ao utilizá-las nas suas produções orais ou escritas podem aproximar-se das produções dos ULN nativos.

Associando esse critério à atividade de ensino e aprendizagem do léxico de uma língua, citamos as considerações de Higuera García (2006, p. 15) sobre a Psicolinguística¹⁵⁸, a qual propõe que adquirir o léxico não

¹⁵⁸ “Neste momento de sua evolução, a Psicolinguística busca espaço entre os estudos sobre a linguagem percebida pelo ângulo da cognição (EISENCK;

é somente incorporar uma lista de palavras à MCP ou à MLP que será memorizada e armazenada paulatinamente, mas, cada vez mais, esse processo de aquisição do léxico é visto como um processo qualitativo, sem deixar de ser quantitativo e gradual, mas não necessariamente uniforme em sua velocidade de processamento, multidimensional e dinâmico.

Quando Higuera García (2006, p. 15) sistematiza as considerações anteriores, acrescenta que ao aprender o léxico de uma língua o aprendiz tece uma intrincada rede de relações – fonéticas, gráficas, semânticas, morfológicas, sintáticas, enciclopédicas ou pessoais – entre unidades léxicas que servem para associar a informação nova à informação que já era conhecida. Dessa forma, espera-se que os dicionários para o ensino e aprendizagem do ELE no Brasil proporcionem aos aprendizes desse idioma conhecimentos léxicos de tal forma que eles consigam utilizá-los adequadamente, com base no registro e no contexto em que podem ser utilizados. No caso das UFs, elas são consideradas como estruturas cristalizadas de uma língua, ou seja, são combinações estáveis de palavras que tem uma função sociocultural definida no seio de cada comunidade linguística em que são empregadas. Como aponta Corpas Pastor (1996, p. 15), os adultos se servem dessas fórmulas (UFs) no planejamento do discurso, usando-as por razões de economia e de rapidez no processamento da linguagem.

Quando se usa uma frase feita ou um provérbio, por exemplo, supõe-se que o interlocutor que interage com quem fala os conhece e, que, portanto, não é preciso explicar toda a situação, já que a expressão cristalizada da língua faz referência a uma situação similar e sobre a qual já se conhece muito. Por exemplo, a expressão: *Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura*, pode ser usada para falar da insistência ou da perseverança de alguém que acaba conseguindo seu objetivo ou seu propósito. Não é necessário que todas as vezes em que se use essa expressão se explique seu significado para os interlocutores, economizando tempo à hora da interação. Se os dicionários apresentarem as UFs aos aprendizes de ELE e trabalharem seu significado, seria recomendável, também, que houvesse uma indicação da função sociocultural que essas unidades exercem no contexto dessa língua.

Ortíz Álvarez e Huelva Unternbäumen (2011, p. 7-8), afirmam que “[a] fraseologia descreve o mundo real, as experiências quotidianas, o colorido e a sabedoria de um povo e por isso torna-se um importantíssimo

KEANE, 2007), com ênfase no processamento cognitivo (SMITH, 2003) da leitura e da escrita” (PEREIRA, 2012, p. 9).

veículo de identidade e de cultura”. Dessa forma, ao aprender uma UF, o sujeito não está aprendendo uma sequência de palavras que seguem as regras da morfologia ou da sintaxe, e sim tem a oportunidade de entrar em contato com unidades que integram a fraseologia, as quais, se forem devidamente interiorizadas, “[...] funcionariam como instrumentos de conduta, aptos para serem aplicados no dia-a-dia”, indo, portanto, além da sala de aula ao proporcionar ao aprendiz de ELE oportunidades de interação com outros usuários dessa língua e desenvolverem “as quatro habilidades” comunicativas.

O desafio dos lexicógrafos está em elaborar um material que ofereça aos aprendizes a oportunidade de entrar em contato com estruturas próprias da língua em questão, como as UFs, por exemplo. Contudo, seria evitado o efeito de uniformização nas reações dos aprendizes, ou seja, mostrando a eles que aprender essas estruturas vai além da memorização de uma sequência de palavras, possibilitando-lhes acesso a outras formas de expressão (oral ou escrita) assim como a compreensão de outras ideias que veiculam a cultura e a visão de mundo dos falantes de espanhol, tendo acesso a conhecimentos estruturais da língua ou “insumo linguístico”, assim como informações relacionadas à cultura do mundo hispânico. Embora seja um conceito bastante amplo, acreditamos que o significado do vocábulo ‘cultura’ esteja relacionado, também, às estruturas que “[s]ão formas de conhecimento da história, do pensamento social no decorrer dos séculos e, portanto, portadoras das vivências de uma ou mais gerações” (ORTÍZ ÁLVAREZ e HUELVA UNTERNBÄUMEN, 2011, p. 8). Dessa forma, poderia expandir a cultura ao dar a conhecer formas de expressão como as UFs, ou com a “[...] metaforização, característica fundamental dessas unidades (UFs) em que pelo menos um dos elementos da combinação sai dos marcos das regras gerais” (*ibid.*, p. 9, grifo nosso). Destacamos o fato de as UFs saírem do marco das regras gerais da gramática porque realmente “[m]uitas vezes as unidades fraseológicas são caracterizadas como populares em algumas línguas e culturas por não ser possível identificar o significado delas por meio do sentido literal das palavras que as compõem” (ORTÍZ ÁLVAREZ e HUELVA UNTERNBÄUMEN, 2011, p. 8), tornando-os capazes de oferecer condições para que o aprendiz desenvolva “[...] sua própria competência linguística, comunicativa e cultural”, sendo este um “[...] critério específico de LE”. Isto coincide com a descrição de UF que oferece Ruíz Gurillo (1997, p. 74-80) quando diz que o sentido total da combinação de palavras não se obtém do sentido dos significados de seus componentes tomados de forma isolada ou levando em consideração a

soma desses significados (*tomar el pelo*) e é daqui que surge a composicionalidade semântica ou a idiomaticidade das UFs.

Ao aprender uma LE seria de maior proveito que se apresentasse não somente uma palavra, mas, sim essa palavra com suas possibilidades combinatórias, assim como as estruturas que poderiam formar-se a partir delas, conforme os pressupostos teóricos da *Abordagem Lexical* para o ensino e aprendizagem de uma LE proposta por Lewis (1993). Em relação a essa capacidade que as unidades léxicas¹⁵⁹ têm de combinar-se entre si, destacamos que, tradicionalmente, entendia-se que seria possível aprender um número X de palavras que poderiam ser empregadas com liberdade criativa pelo falante e que a limitação para essa liberdade ocorreria no nível gramatical, mais especificamente no nível da sintaxe. Embora não neguemos esse princípio de criação das estruturas chamadas de combinações livres, chamamos a atenção para estruturas já fixadas na língua que o ULN adquire e passa a usar como um todo, sem precisar criar novas combinações entre as palavras que conhece (HIGUERAS GARCÍA, 2006, p. 15). Nesse sentido, Corpas Pastor (1996, p. 14) indica que a formação, o funcionamento e o desenvolvimento da linguagem estão determinados não somente por regras livres do sistema, senão, também, por todo tipo de estruturas pré-fabricadas das quais o falante faz uso nas suas produções linguísticas. No âmbito da fraseologia, estão contidas essas combinações estáveis de palavras, bastante generalizadas na língua, as quais são importantes na aquisição das línguas, como comprovam os estudos inter-relacionados da linguística e da psicolinguística.

A partir dos estudos de Cowie (1990, p. 196-209) e Sinclair (1991, 109-112), essas estruturas cristalizadas da língua ficaram em evidência, após a análise de *corpora* extensos por meio de computadores com programas próprios da Linguística de *Corpus*¹⁶⁰. Além do mais, a fraseologia, como ciência, passou a estudar essas combinações estáveis

¹⁵⁹ Entendemos por unidades léxicas o resultado de quando uma combinação de vocábulos se cristaliza, tornando-se sintaticamente indivisível, passando a ser sentida pelos falantes como uma verdadeira unidade léxica, comparável a uma lexia simples, ocorrendo sua dicionarização (BIZZOCCHI, 1999).

¹⁶⁰ Conforme aponta Ribeiro (2008), ao referir-se às ferramentas tecnológicas da Linguística de *Corpus*, a partir da década de sessenta: “[a]lguns pontos específicos analisados com essas ferramentas são a tradução de fraseologias, colocações e terminologia técnica, por exemplo, que podem ser amplamente beneficiadas pela análise de corpora em língua de origem e língua de chegada, contribuindo, assim, para a produção de um texto mais fluente e natural e com terminologia mais precisa”.

da língua a partir de pesquisas sobre como se adquire e se processa uma língua (materna ou estrangeira), e ficou comprovado que tanto as crianças ao adquirirem sua língua materna (ou LM), como os aprendizes de LE (ou LE) extraem essas combinações cristalizadas ou estáveis das línguas e as armazenam para usá-las posteriormente.

Dessa forma, pensamos que os dicionários deveriam incluir as UFs como forma de proporcionar aos aprendizes de ELE a oportunidade de economizarem tempo ao adquirirem o vocabulário desse idioma. A economia de tempo ocorreria, primeiramente, pelo fato de que, se o aprendiz consultasse os dicionários, ele teria que passar pelo seguinte processo, considerando-se que uma UF está formada pelo menos por duas lexias (como, por exemplo, no caso da *locución* adverbial *al lado*): 1) aprender um vocábulo (neste caso, aprender a contração *a + el=al*); 2) aprender o outro vocábulo *lado*; 3) aprender a combinar de forma adequada os dois vocábulos, levando em consideração a fixidez relativa dessas estruturas, ou seja, a ordem dos dois vocábulos: *al lado*, para expressar uma localização no espaço, em lugar de aprender essa *locución* na primeira consulta que fizesse ao dicionário em questão. Dessa forma, pensamos ser válido propor um modelo de registro de lexias complexas ou UFs no formato de verbete de um dicionário fraseológico.

O aprendiz entra em contato com textos representativos da heterogeneidade cultural e linguística, variedades (regional, urbana, rural, etc.) e registros (formal e informal). A primeira questão estaria relacionada às “variedades (regional, urbana, rural, etc.)” que os dicionários deveriam contemplar. Não poderíamos deixar de lembrar que o espanhol é uma das línguas mais faladas do mundo e que conta com mais de 495 milhões de falantes distribuídos em 21 países, de acordo com o *Informe 2012* do *Instituto Cervantes*. Dessa forma, já no registro das lexias simples seria recomendável que fossem contempladas as variedades nessa língua que ocorressem com maior frequência nas produções orais e/ou escritas dos ULN que utilizassem a língua espanhola.

Em relação ao registro das UFs, seria recomendável, também, que fossem registradas suas variantes. Cabe, contudo, destacar que, ao falar das variantes das UFs, Corpas Pastor (1996, p. 28-29) determina que duas UFs seriam consideradas variantes se elas fossem parcialmente idênticas na sua estrutura, por exemplo, *irse de picos pardos* seria uma variante de *irse a picos pardos* (cair na gandaia). A autora destaca que ao falar de UFs de lugares diferentes que tivessem o mesmo significado, porém, com uma estrutura diferente na sua forma não estaríamos falando de variantes e sim de variações diatópicas. Por exemplo, na Espanha para pedir carona,

as pessoas têm que *hacer dedo* e, nos países da América em que se fala o espanhol, as pessoas precisam *ir al dedo*. A segunda questão que gostaríamos de destacar é a dos “registros (formal e informal)”, já que as UFs estão presentes “nas trocas conversacionais, no linguajar cotidiano” e suas características têm a ver com as “características essenciais da língua coloquial” (ORTÍZ ÁLVAREZ e HUELVA UNTERNBÄUMEN, 2011, p. 8) e seria enriquecedor para o aprendiz entrar em contato com formas de expressão próprias de diversos contextos e em situações da vida real.

Os dicionários estimulam a compreensão e a utilização de expressões, locuções e idiomatismos? A pergunta em si coincide em parte com as observações de Silva (2006, p. 621), ao afirmar que:

El análisis de manuales y materiales empleados en la enseñanza de español como lengua extranjera (E/LE) muestra que el significado de las unidades fraseológicas (UF) suele ocupar un lugar central en la didáctica de estas unidades, hasta el punto que otros aspectos también importantes, como su fijación y variación, quedan relegados a un segundo plano¹⁶¹.

Consideramos relevante, também, analisar os dicionários, pois a necessidade de se oferecer informação fraseológica nos dicionários constitui um fato amplamente reconhecido pela lexicografia teórica. Corpas Pastor (1996, p. 50-52) parte de uma nomenclatura gramatical para classificar as *locuciones* e como forma de justificarmos o próximo capítulo desta pesquisa, citaremos estas considerações sobre o processo de ensino e de aprendizagem de uma língua:

Há duas maneiras de aprender uma língua. Uma, natural, [...] como o da criança na família, e, nesse caso, pode-se dominar perfeitamente uma língua sem se ser capaz de descrevê-la. A outra, artificial e metalinguística [sic], pela consulta de dois tipos de obras descritivas conhecidas como

¹⁶¹ A análise de manuais e materiais utilizados no ensino de espanhol como língua estrangeira (E/LE) mostra que o significado das unidades fraseológicas (UF) costuma ocupar um lugar central na didática destas unidades, até o ponto em que outros aspectos também importantes, como sua fixidez e variação, ficam relegados a um segundo plano

indispensáveis e complementares: a gramática e o dicionário (REY-DEBOVE, 1984, p. 45, grifo nosso).

A apresentação que fizemos neste capítulo sobre a classificação das *locuciones* mostrou que sua nomenclatura foi orientada pela gramática, o primeiro instrumento de ensino e aprendizagem de língua citado pela autora francesa Rey-Debove (1984, p. 45). Dessa forma, consideramos essencial complementarmos nossa pesquisa falando do segundo instrumento com que os sujeitos envolvidos no processo contam para alcançarem a competência comunicativa em LE: estamos falando do dicionário. Interessa-nos estudar a lexicografia e suas interfaces com a fraseologia, especificamente no que concerne ao registro das UFs e a relação desse processo com a tradução intralinguística, já que:

Muitos cientistas cognitivos (inclusive eu mesmo¹⁶²) concluíram, com base em seus estudos sobre a linguagem, que um punhado de conceitos sobre lugares, trajetórias, movimentos, atividades e causalidades fundamentam os significados literais ou figurativos de dezenas de milhares de palavras e construções [...]. Esses conceitos e relações parecem ser o vocabulário e a sintaxe do mentalês, a linguagem do pensamento. Como a linguagem do pensamento é combinatória, esses conceitos elementares podem ser combinados em idéias [sic] cada vez mais complexas (PINKER, 2008, p. 375-376).

Tomando como referência a citação anterior, no próximo capítulo, gostaríamos de discorrer sobre a linguagem do pensamento expressa por meio de metáforas ou metonímias que se tornam UFs, sua definição e registro em dicionários monolíngues e como os estudiosos dessas áreas poderão contribuir com esta pesquisa.

Além disso, gostaríamos de fechar este capítulo com as palavras de Eagleton (1997, p. 15, grifos nossos) ao dizer que a ideologia pode ser **“o veículo pelo qual atores sociais conscientes entendem o seu**

¹⁶² As pesquisas de Steven Pinker sobre mente e linguagem “foram subvencionadas pelo National Institutes of Health (subvenção HD 18381), pela National Science Foundation (subvenção 82-09540, 85-18774 e 91-09766) e pelo McDonnell-Pew Center for Cognitive Neuroscience, do MIT (PINKER, 2008, p. 12).

mundo”, isto é, quando uma UF é registrada num dicionário, como isto é feito? Como os lexicógrafos, como **atores sociais conscientes, entendem o seu mundo** e conseguem registrar o “mentalês” que dá forma a essas “idéias [sic] cada vez mais complexas” ou UFs? Para ilustrar um pouco da complexidade desses processos, serão expostos conceitos e posturas teóricas que esperamos que nos auxiliem na continuidade desta pesquisa.

Tomando como referência os trabalhos de Canale (1995), para os objetivos de uma aprendizagem ampla de um idioma que vise a alcançar a *competência lexical* e a *competência comunicativa*, os aprendizes devam contar com um material que possa lhes oferecer melhores condições no avanço da sua interlíngua. É inegável que os dicionários são, junto com as gramáticas, as ferramentas de ensino e de consulta mais utilizadas por aprendizes de uma LE. Dessa forma, optamos, para dar prosseguimento a esta pesquisa, por seguir as orientações da Fraseografia.

4.3 A FRASEOGRAFIA E O DICIONÁRIO DE SANTIESTEBAN (1985)

De acordo com Silva (2007, p. 21), o surgimento do vocábulo *fraseografia* aconteceu na década de oitenta e aconteceu no seio da linguística soviética. Aponta-se que as estudiosas cubanas Carneado Moré e Tristán Pérez passaram a usar a denominação *fraseografia* em seus trabalhos de pesquisa, devido ao seu contato com a tradição linguística da ex-URSS.

Como é possível perceber, a fraseografia é uma disciplina que há pouco tempo começou a desenvolver seus estudos de forma independente, criando seu próprio espaço entre outras duas disciplinas já existentes: a fraseologia e a lexicografia. Embora se trate de uma disciplina autônoma, a fraseologia é fruto da relação entre os estudos lexicográficos e os estudos fraseológicos, pois, como afirma Ruiz Gurillo (1997, p. 40): “[...] la lexicografía sirvió como mecanismo instrumental que contribuyó al análisis de algunos de los fenómenos más sobresalientes de la fraseología¹⁶³”. Contudo, de acordo com estudiosos da fraseografia, tais como Silva (2007, p. 23), o tratamento lexicográfico da fraseologia, isto é, a prática fraseográfica, tem enfrentado uma série de dificuldades que tem despertado a necessidade de que sejam desenvolvidos estudos específicos na área.

¹⁶³ “[...] a lexicografía sirvió como mecanismo instrumental que contribuyó a un análisis de algunos de los fenómenos más relevantes de la fraseología”.

Assim como existem a lexicografia teórica ou metalexicografia e a lexicografia prática, citadas anteriormente nesta pesquisa, existem também a fraseografia teórica ou metafraseografia e a vertente prática da fraseografia. Como já foi dito, para os objetivos desta pesquisa, interessamos partir dos pressupostos teóricos da fraseografia que digam respeito ao tratamento fraseográfico dado às UFs da obra de Santiesteban (1985):

En la vertiente práctica, sería incumbencia de la fraseografía:

- la actividad de elaboración de los diccionarios fraseológicos y
- el establecimiento de la técnica o la metodología de elaboración de los diccionarios fraseológicos¹⁶⁴ (SILVA, 2007, p. 27-28).

Essa análise será feita no âmbito da vertente teórica da fraseografia, isto é, a metafraseografia. Na sua vertente teórica, a fraseografia tem como objetos de estudo:

- a) a história da fraseografia;
- b) a crítica fraseográfica;
- c) a pesquisa fraseográfica e
- d) a teoria fraseográfica.

Especificamente, neste capítulo, faremos uma análise da informação fraseológica presente no dicionário de autor que se constitui objeto de nossa pesquisa, isto é, a obra de Santiesteban (1985), com o objetivo de verificarmos como essa informação é apresentada e se é possível determinar a metodologia utilizada pelo autor, assim como, apresentar e comentar casos mais relevantes do registro das UFs nessa obra. Dessa forma, neste capítulo, analisaremos o corpus coletado na obra antes mencionada, levando em consideração pressupostos teóricos advindos da fraseografia, comentando os desafios que podem enfrentar aqueles que se dedicam ao estudo e/ou registro de UFs em dicionários.

Porto Dapena (2002, p. 184) afirma que a forma canônica de uma UF pode ser considerada como *lema*, isto é, como o elemento que aparece em primeiro lugar no artigo lexicográfico. O *lema* é, também, a parte do enunciado que é submetida à organização em ordem alfabética, nos dicionários semasiológicos. De acordo com Werner (1982, p. 218), os

¹⁶⁴ “Na vertente prática, caberia à fraseografia:

- a atividade de elaboração dos dicionários fraseológicos e
- o estabelecimento da técnica ou a metodologia de elaboração dos dicionários fraseológicos” (SILVA, 2007, p. 27-28).

lexicógrafos enfrentam dificuldades na hora de terem que escolher o tipo de unidade de significante que deve ser adotada como unidade básica da descrição lexicográfica. Sobre o conceito de *lema*, o autor citado anteriormente afirma que:

El significante léxico que aparece al principio del artículo del diccionario y sobre el cual el diccionario da información (sobre todo datos referidos a los contenidos virtuales) suele llamarse ‘lema’, ‘palabra clave’, o ‘voz guía’¹⁶⁵ (WERNER, 1982, p. 218-219).

O léxico elaborado por Santiesteban (1985) em formato de dicionário de autor apresenta os lemas em ordem alfabética, oferecendo informações sobre as unidades léxicas da variante cubana da língua espanhola seguindo a estrutura tradicional da microestrutura dos dicionários monolíngues: ENTRADA + CATEGORIA + DEFINIÇÃO. Mais especificamente, em relação às UFs, Werner (1982, p. 230) afirma que:

Por lo que se refiere a la lematización en el diccionario semasiológico, aquí [...] se infringiría el principio del uso exclusivo de palabras como lemas, si se pusieran como lemas unidades fraseológicas. En la práctica lexicográfica se ha impuesto una solución predominantemente pragmática: las unidades fraseológicas no aparecen en los diccionarios semasiológicos generales – los diccionarios fraseológicos constituyen un caso especial – como lemas propios, sino que se tratan en una entrada que corresponde a una de las palabras que componen dicha unidad; lo cual no crea muchas dificultades para el uso del diccionario. Sin embargo, hay que criticar en muchas obras lexicográficas la falta de principios más específicos¹⁶⁶ (WERNER, 1982, p. 230).

¹⁶⁵ “O significante léxico que aparece no começo do artigo do dicionário e sobre o qual o dicionário oferece informações (sobretudo dados referentes aos conteúdos virtuais) costuma ser chamado de ‘lema’, ‘palavra-chave’ ou ‘entrada’”.

¹⁶⁶ “Em relação à lematização no dicionário semasiológico, aqui [...] seria infringido o princípio do uso exclusivo de palavras como lemas, se unidades fraseológicas forem colocadas como lemas. Na prática lexicográfica tem se

Lendo a citação de Werner (1982, p. 230) sobre a forma como aparecem as UFs nos dicionários semasiológicos, pode parecer que se nos depararmos com a pergunta: *¿Tú no tienes abuelita?* e não entendermos seu significado, seria possível procurar num dicionário, como o *Diccionario de la Real Academia (DRAE)*, a palavra *abuelita* ou o verbo *tener* e encontrar uma definição para a frase em questão. Cabe dizer que o substantivo *abuelita* apresenta o sufixo *-ita*, pois é o diminutivo de *abuela* em espanhol. Então, o consulente deve procurar pelo lema *abuelo*, *-la* num dicionário semasiológico e não pela entrada *abuelita*. Consultando o *DRAE*, encontramos as seguintes informações:

abuelo, la

Del lat. mediev. *avolus*; *la* forma f., del lat. vulg. *aviōla*, dim. del lat. *avia*.

1. m. y f. Padre o madre de uno de los padres de una persona.
2. m. y f. affect. coloq. Persona anciana.
3. m. En la lotería de cartones, número 90.
4. m. Cada uno de los mechoncitos que quedan sueltos en la nuca cuando se atiranta el cabello hacia arriba. U. m. en pl.
5. m. pl. Padres del padre o de la madre de una persona.
6. m. pl. Antepasados de una persona.

contárselo alguien a su abuela

1. loc. verb.

coloq. U. para negar o poner en duda lo que alguien refiere como

cierto. *¿Que no lo sabías?, ¡cuéntaselo a tu abuela! éramos pocos y parió la, o mi, abuela*

1. expr. irón. coloq. U. para dar a entender que aumenta de modo inoportuno el número de personas presentes en un lugar, o el de dificultades existentes.

imposto uma solução predominantemente pragmática: as unidades fraseológicas não aparecem nos dicionários semasiológicos gerais – os dicionários fraseológicos constituem um caso especial – como lemas próprios, senão que são tratados numa entrada que corresponde a uma das palavras que compõem tal unidade; o qual não cria muitas dificuldades para o uso do dicionário. No entanto, é necessário criticar em muitas obras lexicográficas a falta de princípios mais específicos”.

habérsele muerto a alguien su abuela, o no necesitar, o no tener, abuela

1. locs.verbs.

coloqs. U. para censurar a quien se alaba mucho a sí mismo.

tío abuelo¹⁶⁷

É possível perceber que no *DRAE* não existe uma entrada para a UF *no tener abuela* (*abuelita*), conforme Werner (1982, p. 230) já dissera. O que é feito na prática lexicográfica na elaboração de dicionários semasiológicos é apresentar as UFs depois das informações sobre uma das palavras que as compõem, isto é, as UFs aparecem registradas depois das acepções possíveis da palavra que foi adotada como lema e num formato de letra diferente. No exemplo do registro da UF *no tener abuela*, é possível perceber que esta aparece na microestrutura da entrada *abuelo*, *-la*, na parte destinada às locuções e não aparece numa entrada específica. A obra de Santiesteban (1985) apresenta algumas características próprias, sobre as quais discorreremos a seguir.

A obra se inicia com um índice, seguido do que Santiesteban (1985) chama de “Breve teque introductorio”, em que aparecem vários seções («Donde se cuenta cómo la semántica llegó a enloquecer», «¿Acaso vale la pena acometer este trabajo, o es, cuando menos, una labor inocua o aun decididamente pernicioso?», «Donde el autor se felicita por no haber tenido que partir de cero», «Que trata de las raíces y de las cepas» (este contém, por sua vez, várias subseções de acordo com as diversas origens que o autor reconhece em alguns dos vocábulos compilados: “Arcaísmos y modificaciones varias”, “Del inglés”, “Del francés”, “De la germanía y del caló”, “Voces amerindias y afronegrismos”, “La figuración, madre múltipara” e “La revolución crea vocablos”), «Últimas advertencias o donde el autor pone el parche antes de que salga el grano»), parte na qual, com seu tom descontraído e bem humorado expõe os objetivos da obra, os antecedentes lexicográficos de Cuba, sua pertinência e importância, a descrição das origens diversas das lexias compiladas na obra e suas limitações ou possíveis falhas.

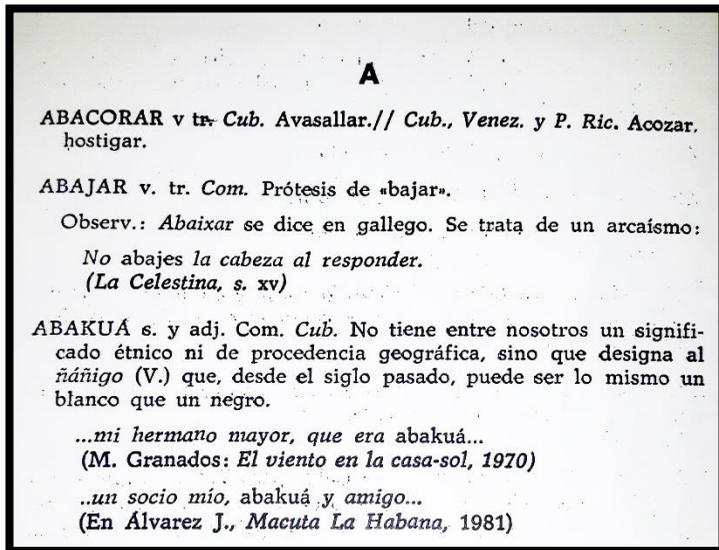
Além disso, aparecem: “Emocionada muela por la segunda edición”, “El testimonio de agradecimiento”, “La bibliografía más frecuentemente consultada”, e as “Abreviaturas”, onde aparece uma lista de abreviaturas não só dos termos gramaticais utilizados, mas, também, dos países e regiões mencionados. No corpo do dicionário aparecem 3208

¹⁶⁷ *Diccionario de la Real Academia Española*. Documento eletrônico. Disponível em: <<http://dle.rae.es/?id=0DKKo2d>> Acesso em 05 dez. 2015.

lemas escritos em caixa alta e ordenados alfabeticamente com as seguintes letras: A, B, C, CH, D, E, F, G, H, I, J, K, L, LL, M, N, Ñ, O, P, Q, R, S, T, U, V, Y e Z; não se registraram lemas nas letras W e X. O artigo lexicográfico é composto de entradas com marcas, definições e exemplos. Na sequência, encontramos os “Apêndices” onde se situam «Las que llegaron tarde», isto é, aquelas palavras que o autor incluiu *a posteriori* ao léxico, «El mote, derroche imaginativo» onde se fala da imaginação imensurável do cubano para criar apelidos e um «Guia temático» na qual aparecem algumas das lexias compiladas de acordo com determinados campos numa mistura de critérios temáticos e gramaticais: termos zoológicos, vocabulário do dominó, marcas de fábrica que se tornaram genéricas, arcaísmos, galicismos, tratamentos informais e vocativos, vocabulário erótico, anglicismos, interjeições, léxico do vestuário, vocabulário das raças, vocabulário dos alimentos e a gastronomia, vocabulário de enfermidades e síndromes folclóricas.

A seguir, aparece uma imagem da organização dos lemas no citado dicionário:

Figura 5 - Microestrutura do dicionário de Santiesteban (1985)



Fonte: Santiesteban (1985, p. 33)

Depois de comentarmos sobre a macroestrutura da obra, é importante dizer que a microestrutura não segue um padrão, ou seja, as entradas não contêm as mesmas informações de forma estável, regular ou sistemática ao longo da obra, contudo, é possível encontrar as informações organizadas da seguinte maneira:

lema (caixa alta) + **informação gramatical** + **marcas diatópicas** (em itálico: *Cub.*) + **definição** (para separar as diferentes acepções aparece o símbolo //) + **nome científico** (sempre em itálico e entre parênteses) + **exemplo** + sinônimos (precedidos pela marca *Sinón.*) + **observações** (*Observ.*, com informações diversas: curiosidades, etimologia provável, usos específicos, informações diatópicas, etc. + **remissão** (introduzida pela marca *V:* véase).

Camacho Barreiro (2008, p. 52) afirma que poderiam ser feitas diversas críticas aos critérios de seleção, à falta de sistematicidade, à perspectiva teórica, etc. da obra de Santiesteban (1985). A autora afirma que o estilo das definições do autor, nas quais tenta a todo custo ser ligeiro e desenfadado e utiliza um tom humorístico, atenta em última instância contra o produto lexicográfico (CAMACHO BARREIRO, 2008, p. 52). Santiesteban (1985) adota um estilo irônico em algumas das suas definições, como mostraremos em alguns casos, sem deixar, contudo, de informar o consulente acerca das informações sobre o vocábulo consultado. Essa forma peculiar de definir tem a ver com o fato de a obra ser um “dicionário de autor” (RAFEL I FONTANALS, 2004), no qual Santiesteban (1985) é responsável pela concepção, elaboração e execução dos procedimentos metodológicos da sua obra. Nela, é oferecida ao leitor a possibilidade de entrar em contato com um material léxico que oferece informações que vão além de meras curiosidades sobre a variante cubana do castelhano. Aliás, esta obra da lexicografia cubana não deve ser vista apenas como uma curiosidade, mas como uma necessidade. Ela é resultado da pesquisa, definição e comprovação de dados de diferentes procedências. Os informantes de que se valeu o autor desempenharam nisto um papel de destaque. Santiesteban (1985, p. 4) afirma que sua obra

[...] es el fruto de un par de décadas de investigación bibliográfica y de campo que comenzó con un estudio del habla de los serranos

orientales e incluyó tres años de recolección en la Escuela de Reclusos de la Prisión de La Habana¹⁶⁸.

A fala popular - denominação que inclui aqui palavras do contexto familiar, acadêmico, culinário e até alguns vulgarismos de uso generalizado – é uma fonte inesgotável e enriquecedora do idioma (GUERREIRO RUIZ; PASTOR PASTOR; DEPESTRE CATONY, 2002, p. 143). Contudo, Santiesteban (1985, p. 4) não deixa de mencionar que, como autor de um compêndio de vocábulos que se constituem como uma linguagem “[...] ultraverbal para llegar a las sutilezas mentales que se escapan a los lenguajes y a las cristalizaciones de las ideas [...]”¹⁶⁹, recebeu críticas. Santiesteban (1985, p. 4) afirma que leu, à época em que publicou sua obra, “[...] –en letra de molde – un nuevo (?) argumento en contra del uso del lenguaje popular”, no qual se afirmava que: “es necesario cuidar de nuestro idioma, que sirvió para que Heredia cantara a la libertad, etcétera”¹⁷⁰.

E, ainda, em relação à origem popular das lexias que registra em sua obra, Santiesteban (1985, p. 5) cita as palavras de Feijóo (1676-1764) para comprovar que desde há séculos se tenta excluir da literatura aquelas locuções ou lexias introduzidas por pessoas de escassa instrução. Essas lexias que se usam frequentemente, no cotidiano, são rejeitadas por terem certo ar de humildade ou de “sordidez plebeia”, sendo que o próprio Quintiliano¹⁷¹ afirma que, “[...] às vezes, a própria humildade das palavras acrescenta força e energia àquilo que é dito” (SANTIESTEBAN, 1985, p. 4). Guerrero Ruiz, Pastor Pastor e Depestre Catony (2002, p. 143) citam Jesús Orta Ruiz, ganhador do Prêmio Nacional de Literatura em Cuba, para corroborar as palavras de Quintiliano citadas anteriormente. Eles afirmam que a verdadeira forma de falar do povo é o conjunto de palavras ousadas, cheias de vivacidade, engenho e cor, criadas pela genialidade popular para livrar-se da rigidez do idioma oficial, ora por desconhecê-lo, ora por não sentir as palavras da norma com a mesma intensidade com

¹⁶⁸ “[...] é o fruto de um par de décadas de pesquisa bibliográfica e de campo que começou com um estudo da fala dos serranos orientais e incluiu três anos de coleta na Escola de Reclusos da Prisão de Havana”.

¹⁶⁹ “[...] ultraverbal para chegar até as sutilezas mentais que escapam às linguagens e às cristalizações das ideias [...]”.

¹⁷⁰ “[...] – em letra de forma – um novo (?) argumento contra o uso da linguagem popular: é necessário cuidar do nosso idioma, que serviu para que Heredia [poeta cubano da época da colônia] cantasse à liberdade, etcetera”.

¹⁷¹ Marcus Fabius Quintilianus (35 - 95) foi professor de Retórica na Roma Antiga.

que sente aquelas que inventa. Os cubanismos, quando por eles se entende a criação de palavras com um sentido original, metafórico, figurado e revelador da idiossincrasia do povo, são bem recebidos pela maioria, incluídos os encarregados de zelar pela comunicabilidade do idioma.

A metáfora sonora, cheia de graça e de expressividade, costuma ser uma das sementes para o surgimento de palavras novas e de novas acepções para as já existentes, dando forma à criatividade dos falantes de um idioma (GUERREIRO RUIZ; PASTOR PASTOR; DEPESTRE CATONY, 2002, p. 143). E para comentar sobre a criação de novas lexias a partir de metáforas, Santiesteban (1985, p. 16-18) reserva uma subseção da parte da sua obra “QUE TRATA DE LAS RAÍCES Y DE LAS CEPAS” para mostrar de onde, também, provêm as lexias chamadas de cubanismos e a denomina assim: *La figuración, madre múltipara*¹⁷².

Embora, os nossos estudos não sigam a linha cognitivista, citamos Pinker (2008, p. 374), que, em seus estudos sobre o funcionamento da mente, também dedica uma seção do seu livro “Como a mente funciona” para ‘A mente metafórica’. O autor citado anteriormente afirma que, quando a mente expressa conceitos abstratos em vocábulos concretos, “[t]omam-se de empréstimo para as metáforas não apenas palavras, mas construções gramaticais inteiras”. Para Santiesteban (1985), a fala popular cubana, em específico, está permeada pela mania de chamar as coisas seguindo uma trajetória poética parabólica. O autor considera que, talvez, isto seja herança dos espanhóis, já que na *germanía* abundam esse tipo de palavras, por exemplo, a morte é chamada de *la cierta*, aquela da qual nenhum de nós poderá escapar. Quando alguém *le tira piedras al Morro* tenta uma empresa impossível e se ilude com os resultados, pois ninguém poderia danificar os muros dessa fortaleza centenária de Havana apenas atirando contra ela objetos como pedras; aquele que *se tira los pe'os más altos que el culo* tem ares de grandeza; aquele que toma banho é quem *juega a los bombeiros*; aquele que está próximo de uma catástrofe está *al borde de la piragua* ou *en el pico del aura*; aquele que é considerado preterido ou inócuo é quem *queda para sacar los perros a mear*, pelo pouco prestígio da tarefa de levar esses animais para fazerem suas necessidades fisiológicas fora de casa. Além disso, Santiesteban (1985, p. 18) afirma que percebe certo tabu verbal em relação à morte e isso origina imagens bastante curiosas: *mudarse pa' Zapata y Doce* (mudar-se para o endereço de um cemitério); *quedar en la página dos* (página em que algum jornal publicava os falecimentos); *cantar el manisero* (devido ao refrão que fala: “maní, manisero llegó...” ou seja,

¹⁷² “A figuração, mãe múltipara”.

chegou sua hora); *ponerse la guayabera de pinotea* (vestir a camisa de madeira, ou seja, entrar no caixão, feito desse material). E, ainda, afirma que no campo da figuração há modismos que resistem a uma explicação plausível. E, sendo assim, Santiesteban (1985, p. 18) diz que, em ocasiões, os lexicógrafos têm que exclamar com razão, junto a uma citação de Santo Agostinho de Hipona sobre o tempo: "Se ninguém me pergunta, eu sei; se quero explicá-lo a quem me pede, não sei", pois quem duvidar que tente explicar por que *chuparle el rabo a la jutía* equivale a *emborracharse* ou embebedar-se, em português.

Como é possível perceber nos exemplos do parágrafo anterior, na obra de Santiesteban (1985) não somente são registradas unidades simples, mas, também, unidades complexas. Estas podem aparecer no seu formato original (*edad de la peseta*), com hifens (–) intercalados entre cada palavra (*Pan-con-pan*), ou com um fragmento dela entre parênteses se a palavra pela qual se lematiza se encontra no meio da unidade complexa (*Aquí el que no tiene de dinga, tiene de mandinga*). No caso das locuções verbais, podemos encontrar a possibilidade de alternância entre vários verbos dentro do próprio lema, e inclusive a expressão “a alguien” em letra minúscula (*Coger o bajarle a alguien el changó*): CHANGÓ (COGER O BAJARLE a alguien EL) fr. Caer en estado de posesión religiosa, coger el santo. [...] // Enfadarse en grado sumo [...]. (SANTIESTEBAN, 1985, p. 157).

Sobre a informação gramatical, os lemas simples aparecem classificados de acordo com as marcas da seção “Abreviaturas”. Por outro lado, as unidades complexas se encontram analisadas de uma forma bastante assistemática. Por exemplo, na entrada “madre” são inseridas três unidades complexas que recebem um tratamento gramatical diferente: ora não aparece uma classificação gramatical (*De madre*), ora é classificada como unidade simples do gênero feminino, apesar de que na própria definição aparece que funciona como pronome (*La madre de los tomates*), ou, como terceira opção, se recorre à classificação “fr.” (*Mentar la madre*) cujo uso é generalizado na obra para classificar quase que exclusivamente as locuções verbais:

MADRE (DE) Cub. De órgano, muy bueno...o muy malo [...].

MADRE DE LOS TOMATES (LA) f. Cub. Hace función de pronombre, pues es forma enfática de decir “cualquiera”, “el que fuere”, “todo el mundo”, o “todo” [...].

MADRE (MENTAR LA) fr. *Amér.* Ofender a alguien por medio de frases que lesionen la dignidad de su madre [...] (SANTIESTEBAN, 1985, p. 297-298).

Chamou nossa atenção o número de unidades complexas que recebiam a classificação de *fr.* ou *frases*, em sua maioria para classificar locuções verbais e resolvemos fazer o levantamento delas. Em um total de três mil duzentas e oito (3208) entradas da obra no formato de dicionário de Santiesteban (1985), encontramos quatrocentas e oitenta e três (483) entradas classificadas como *fr.* ou *frases*, ou seja, aproximadamente 15% das unidades léxicas compiladas por Santiesteban (1985) receberam essa classificação.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Ao contrário da maioria dos dicionários semasiológicos, no trabalho de Santiesteban (1985), as unidades léxicas complexas não aparecem em sublemas ou subentradas, mas em lemas formados por, pelo menos, uma das lexias simples que as formam, como é possível ver na primeira UF do material analisado (SANTIESTEBAN, 1985, p. 34):

ABUELITA (NO TENER) fr. *Com.* Autoalabarse.
Se usa generalmente en forma de pregunta (¿Tú no tienes abuelita?) a quien entona loas a sí mismo, aludiendo a la manía del abuelo que ve en cada nieto una creación portentosa de la naturaleza (p. 34).

Foi possível perceber que Santiesteban (1985, p. 34) segue a estrutura básica proposta por Ahumada Lara (1989, p. 18-22) para os lemas da sua obra, acrescentando, porém, outras informações:

ENTRADA - [ABUELITA (NO TENER)]
CATEGORIA - [fr.]
INFORMAÇÃO SOBRE O USO - [*Com.*]
DEFINIÇÃO - HÍBRIDA
a) conceitual
- por meio de sinônimo [Autoalabarse];
- por meio de paráfrase [a quien entona loas a sí mismo, aludiendo a la manía del abuelo que ve en cada nieto una creación portentosa de la naturaleza].
b) funcional ou explicativa [Se usa generalmente en forma de pregunta].
EXEMPLO - [(¿Tú no tienes abuelita?)].

Na microestrutura da primeira UF registrada na obra de Santiesteban (1985), não aparece marca diatópica por se tratar de uma estrutura do castelhano comum ou geral e registrado pelo *DRAE*, embora na UF da variante cubana do castelhano, o substantivo *abuela* seja usado no diminutivo. A UF em questão possui dois tipos de definição: a) conceitual, por meio de sinônimo, e b) funcional ou explicativa, por meio da explanação de como a estrutura deve ser usada. O exemplo de uso da UF é apresentado entre parênteses no meio da frase explicativa para ilustrar a forma como a estrutura é utilizada geralmente, isto é, em forma de pergunta.

Além das informações que aparecem no quadro anterior, na microestrutura dos lemas presentes na obra de Santiesteban (1985) podem aparecer outras informações. A partir delas, elaboramos um quadro geral

que serviu como modelo para o registro das informações contidas nas entradas das 483 UFs retiradas da obra em análise.

LEMA	
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	
MARCAS DIATÓPICAS	
INFORMAÇÃO SOBRE O USO	
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	
EXEMPLO	
SINÓNIMOS	
OBSERVAÇÕES	
REMISSÃO	

Registramos as unidades léxicas complexas em fichas e, posteriormente, as organizamos de acordo com os elementos que as formavam, isto é, de acordo com a ordem das categorias gramaticais que as compõem. A seguir apresentamos a descrição das siglas utilizadas para cada uma das categorias que formavam as UFs retiradas da obra de Santiesteban (1985):

- (prep.) algo / (prep.) alguien – elementos do contorno.
- ADJ. – adjetivo.
- ADV. – advérbio.
- ART. – artigo (definidos e indefinidos).
- C. D. – complementos (objeto direto).
- C. I. – complementos (objeto indireto).
- CONJ. – conjunção.
- CONTR. – contração (preposição + artigo, por exemplo).
- ESTAR – verbo *estar*.
- GER. – gerúndio.
- LOC. – locuções adverbiais ou adjetivas dentro das locuções verbais.
- NO – conjunção negativa.

- NUM. – numeral.
- o – conjunção utilizada para indicar as variantes de uma mesma UF ou as variações léxicas ou gramaticais que podem ocorrer numa mesma estrutura.
- PREP. – preposição.
- PRON. – pronome.
- QUE – com diversas funções sintáticas.
- SER – verbo *ser*.
- uno – forma coloquial para referir-se à 1ª. pessoa do plural *nosotros* (nós).
- V – verbos em infinitivo ou formas verbais conjugadas.
- V. R. – verbos reflexivos (em infinitivo, com a partícula SE).

5.1 ANÁLISES FRASEOGRÁFICAS PELO TIPO DE LEMA

As fichas a seguir contêm as 483 UFs que foram numeradas, seguido a ordem alfabética do dicionário de Santiesteban (1985), por isso, o número das fichas não corresponde ao número da UF como tal, isto é, embaixo da ficha aparece, por exemplo:

Ficha 2 (o número da ficha) – **173** (o número da UF, de acordo com o levantamento que foi feito dessas estruturas, numa lista por ordem alfabética, ver Anexo 1). **p. 181** (página onde pode ser localizada a UF da ficha, no dicionário em análise).

Optamos por apresentar as 483 fichas, pois não se trata de uma reprodução dos verbetes do dicionário de Santiesteban (1985) e, sim, de uma separação das partes integrantes de cada microestrutura dos verbetes. As explicações sobre as partes das fichas e o que foi possível verificar por meio da análise fraseográfica das 483 UFs retiradas da obra em análise encontram-se no final deste capítulo.

A seguir, apresentaremos 231 tipos de lemas, de acordo com critérios morfossintáticos, que contêm UFs retiradas da obra de Santiesteban (1985) e as diversas formas como o autor as registra.

1. SUBST. + (NO + V) – 1; 173; 277; 436

LEMA	ABUELITA (NO TENER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.

INFORMAÇÃO SOBRE O USO	<i>Com.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Autoalabarse. Se usa generalmente en forma de pregunta a quien entona loas a sí mismo, aludiendo a la manía del abuelo que ve en cada nieto una creación portentosa de la naturaleza.
EXEMPLO	<i>¿Tú no tienes abuelita?</i>

Ficha 1- 1. p. 34

LEMA	DESPERDICIO (NO TENER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se dice que no lo tiene aquello que se desea ponderar. Se aplica frecuentemente a lo que resulta hilarante.

Ficha 2 - 173. p. 181

LEMA	MADRE (NO TENER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Se aplica a gente despreciable en extremo. Son los que a veces provocan que se les pregunte: “¿Tú naciste en una incubadora?”

Ficha 3 - 277. p. 298

LEMA	TEMA (NO TENER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	No confrontar problema alguno.

Ficha 4 - 436. p. 471

2. **SUBST. + (V)** - 2; 4; 5; 30; 53; 57; 74; 77; 82; 83; 91; 103; 107; 110; 120; 138; 140; 191; 200; 218; 240; 241; 247; 270; 271; 274; 301; 309; 360; 369; 402; 414; 429; 461; 467; 469.

LEMA	ACHÉ (TENER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Tener un don o poder especial. Es voz yoruba. <i>Aché</i> es el don que, en el panteón yoruba, reciben los santos.
EXEMPLO	Por ejemplo, Changó recibió de Olofi el <i>aché</i> de que no lo quemara el fuego. <i>...porque yo tengo mi aché.</i> (De una canción popular).

Ficha 5- 2. p. 35

LEMA	AGUA (JUGAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo;	Bañarse.
SINÓNIMOS	También se dice <i>jugar a los bomberos</i> y <i>jugar humón</i> .

Ficha 6 – 4. p. 39

LEMA	AGUA (DAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	En el dominó, revolver las fichas.

Ficha 7 – 5. p. 513

LEMA	BARRA (DAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Efectuar el coito.

Ficha 8 – 30. p. 63

LEMA	BULTO (HACER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
INFORMAÇÃO SOBRE O USO	<i>Com.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinónimo; - por meio de paráfrase.	Hacer acto de presencia en un lugar para que el evento que allí se celebra resulte concurrido. Viene de al argot del teatro español, donde <i>hacer bulto</i> es lo mismo que <i>hacer de comparsa</i> .
EXEMPLO	“sólo fui a la boda a <i>hacer bulto</i> ”.
SINÓNIMOS	<i>hacer de comparsa</i>

Ficha 9 - 53. p. 87

LEMA	CABILLA (DAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Efectuar el coito.

Ficha 10 - 57. p. 90

LEMA	CANALLAS (MATAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinónimo; - por meio de paráfrase.	Hacer algo chapuceramente, por salir del paso. Tiene un sinónimo en <i>matar el gallo</i> .

SINÔNIMOS	<i>matar el gallo</i>
-----------	-----------------------

Ficha 11 - 74. p. 100

LEMA	CANDELA (COMER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Ser muy valiente o decidido.

Ficha 12 - 77. p. 101

LEMA	CAÑA (METER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Esforzarse, enfrentar resueltamente un asunto. Según Moreno Friginals, es voz de origen azucarero, nacida en el trapiche.

Ficha 13 - 82. p. 103

LEMA	CAÑA (TENER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Tener fuerza.

Ficha 14 - 83. p. 103

LEMA	CARITATE (DAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Causar envidia o celos. Es voz bastante antigua, aún vigente:
EXEMPLO	<i>... me parece que serías capaz de querer a cualquier hombre con tal de darme caritate.</i>

	(C. Villaverde: <i>Cecilia Valdés</i> , 1882) ... <i>para dar caritate a sus pretendientes...</i> (E. Roig de L.: <i>El caballero que ha perdido a su señora</i> , 1923) <i>Cree Sinforosa Riva que porque su novio Oñate siempre le da caritate, es mujer caritativa.</i> (En <i>Diario de La Marina</i> , 26 de febrero de 1931)
--	---

Ficha 15 - 91. p. 110

LEMA	CÁSCARA (HABLAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo;	Igual al modismo que sigue.

Ficha 16 - 103. p. 115

LEMA	CATIBÍA (COMER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Lo mismo que <i>comer bola</i> (V.).
SINÓNIMOS	<i>comer bola</i>
REMISSÃO	<i>comer bola</i> (V.).

Ficha 17 - 107. p. 117

LEMA	CINTURA (DAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Bailar. // Efectuar el coito.

Ficha 18 - 110. p. 120

LEMA	COJONES (ECHAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Bravuconear.

Ficha 19 - 120. p. 125

LEMA	COTORRA (COMER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se le pregunta si lo ha hecho al individuo muy hablador.

Ficha 20 - 138. p. 143

LEMA	CRANQUE (COGER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Dejarse dirigir en las propias acciones según las indicaciones aviesas de tercera persona.

Ficha 21 - 140. p. 144

LEMA	ESPUELA (DAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Efectuar cierta práctica sexual.

Ficha 22 - 191. p. 201

LEMA	FANA (COMER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.

MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Nuevamente se dice que el vanidoso o el tonto comen, figuradamente, alguna materia repulsiva. V. lo dicho en <i>comebola</i> .
SINÓNIMOS	<i>comebola</i>
REMISSÃO	V. lo dicho en <i>comebola</i> .

Ficha 23 - 200. p. 206

LEMA	GANDINGA (TENER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se dice que la tiene el indolente.
EXEMPLO	<i>Tú sí tienes gandinga. Lunes, miércoles y viernes, de nueve a diez y media, el tipo se da sillón en tu casa. Al final dice: adiós, señora, adiós, señor...y pam...San Isidro... (E. Álvarez Jané: Macuta La Habana, 1981)</i>

Ficha 24 - 218. p. 224

LEMA	HUEVOS (FREÍR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Expresar descontento o desprecio. Alude al sonido con que ello suele manifestarse, que remeda el de la grasa cuando hierva en presencia de agua u otra materia que la contenga.
EXEMPLO	<i>Dolores hizo con la boca el sonido onomatopéyico que llamara freír un huevo, cual sino creyera ni jota... (C. Villaverde: Cecilia Valdés, 1882)</i>

	<p>...hizo con la boca eso que nosotros llamamos freír huevos... (P. de la Torriente Brau: <i>Presidio Modelo</i>, 1932-1935)</p> <p>- <i>Te va a acusar.</i></p> <p>Arturo fríe un huevo... (J. Soler Puig: <i>El pan dormido</i>, 1977)</p>
--	---

Ficha 25 - 240. p. 261

LEMA	HUMÓN (JUGAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Bañarse. V. <i>jugar a los bomberos.</i>
SINÓNIMOS	<i>jugar a los bomberos.</i>
REMISSÃO	V. <i>jugar a los bomberos.</i>

Ficha 26 - 241. p. 261

LEMA	JAMÓN (DAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Designa diversas aberraciones sexuales, principalmente el exhibicionismo.
EXEMPLO	<p>- ¡Inmorales! – <i>dijo una pepilla. Bobby se viró y le dio jamón.</i> (J. Díaz: <i>Los años duros</i>, 1966)</p> <p>// Por extensión, exhibir, mostrar con ánimo de echador.</p> <p><i>En la Universidad siempre andaban dando jamón de pistola.</i> (L. Otero: <i>La situación</i>, 1963)</p>

Ficha 27 - 249. p. 270

LEMA	LINGA (DAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.

MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Dañar o enganar. V. <i>arañar y dar</i> . //Usar un útil sin medida, en su detrimento. // Efectuar el coito.
EXEMPLO	“¡Qué <i>linga le das</i> a esa camisa!”
SINÓNIMOS	<i>arañar y dar</i> .
REMISSÃO	V. <i>arañar y dar</i> .

Ficha 28 - 270. p. 290

LEMA	LISTAS (VENDER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Pasar repetidamente el enamorado, con ánimo de ser visto, por donde se encuentra el objeto de su afición.

Ficha 29 - 271. p. 290

LEMA	LUCHA (COGER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Empecinarse, coger algo a pechos. V. <i>antiluchín</i> .
SINÓNIMOS	coger algo a pechos.
REMISSÃO	V. <i>antiluchín</i> .

Ficha 30 - 274. p. 292

LEMA	MIERDA (COMER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Hacer o decir tonterías. // Desempeñar, en cualquier sentido, un papel desairado o inconveniente.

	// Se dice también que <i>come mierda</i> el fatuo, el echador, el orgulloso, el <i>plantillero</i> .
EXEMPLO	- <i>Déjate de comer mierda, Andrés. Lo que hay que hacer es aplastar la insurrección.</i> (M. Kuchilán: <i>Fabulario</i> , 1970)

Ficha 31 - 301. p. 326

LEMA	MONTE (COGER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Enfadarse.
EXEMPLO	<i>...dándole de vez en cuando su agüita para que no se chivatee y coja monte...</i> (C. Montenegro: <i>Hombres sin mujer</i> , 1937) <i>Cogió monte. Llamó a Portela para plantear su protesta...</i> (M. Kuchilán: <i>Fabulario</i> , 1970)

Ficha 32 - 309. p. 332

LEMA	PIE (DAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinónimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	La Acad. acepta sólo “hacer pie”, encontrarse en un punto de un río, lago, mar, etc., donde se puede respirar mientras se apoyan los pies en el fondo. Se conserva para “dar pie” la acepción académica de dar motivo u ocasión.
SINÓNIMOS	“hacer pie” dar motivo u ocasión

Ficha 33 - 360. p. 391

LEMA	PIREY (DAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Botar, eliminar (tanto en el sentido recto como el figurado). Es una variante de <i>pirar</i> (V.) en su segunda acepción. Se forma por atracción fonética con <i>pirey</i> , hipotética sustancia blanqueadora que una firma comercial, en los años '50, aseguraba que contenía sus jabones. Por otra parte, la cerveza <i>pirey</i> es la fábrica que no entrega a los establecimientos comerciales por haber existido anomalías en el proceso de envase.
SINÓNIMOS	<i>pirar</i> (V.) en su segunda acepción.
REMISSÃO	<i>pirar</i> (V.)

Ficha 34 - 369. p. 399

LEMA	RECORTE (COGER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Imitar una técnica o procedimiento. // Plagiar (una idea, una obra, etcétera).

Ficha 35 - 402. p. 427

LEMA	SÁNSARA (DAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Moverse ininterrumpidamente, caminar sin descanso.

EXEMPLO	<i>...tuvo que dar sánsara como un mes, porque Rafael lo andaba buscando para meterle un trompón.</i> (S. Feijóo: <i>Cuentos populares cubanos de humor</i> , 1981).
---------	---

Ficha 36 - 414. p. 443

LEMA	TAFIA (DAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Lo mismo que <i>dar guiso</i> (V.).
SINÓNIMOS	<i>dar guiso</i>
REMISSÃO	<i>dar guiso</i> (V.).

Ficha 37 - 429. p. 463

LEMA	TARROS (PEGAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Cometer adulterio.
EXEMPLO	<i>Hoy si vas a pegar un tarro, ahí tienes al Comité vigilando.</i> (M. Cofiño: <i>Amor a sombra y sol</i> , 1982).

Ficha 38 - 433. p. 468

LEMA	TIRO (PONER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Iniciar una ronda en el juego de cubilete.

Ficha 39 - 449. p. 481

LEMA	TURNO (VOLAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Dejar de comer (o de bañarse) en alguna de las ocasiones que su periodicidad naturalmente indica.

Ficha 40 - 461. p. 494

LEMA	VALLA (ABRIR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Irse precipitadamente; escapar. V. los sinón. en <i>vender</i> .
SINÔNIMOS	V. los sinón. en <i>vender</i> .
REMISSÃO	V. los sinón. en <i>vender</i> .

Ficha 41 - 467. p. 498

LEMA	VASELINA (DAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Adular. // Tratar de convencer a fuerza de melosidad.

Ficha 42 - 469. p. 499

LEMA	ZAFRA (HACER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Recibir un gran beneficio.
EXEMPLO	<i>Alejandro analizó los tirones de nylon. Pica como pargo, pensó. A lo</i>

	<i>mejor hacemos zafra.</i> (E. Álvarez Jané: <i>Macuta La Habana</i> , 1981)
--	---

Ficha 43 - 481. p. 511

3. ADJ. + (V) – 3; 205; 396; 438

LEMA	AGILA' O (IR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
INFORMAÇÃO SOBRE O USO	
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Trasladarse con gran velocidad.

Ficha 44 – 3. p. 38

LEMA	FLETADO (IR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
INFORMAÇÃO SOBRE O USO	
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Ir a gran velocidad. Anótese que, según la Acad., en la Argentina llaman <i>flete</i> al caballo ligero.

Ficha 45 - 205. p. 211

LEMA	QUIT' AO (IR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Ir a escape. V. los sinón. en <i>vender</i> .
SINÔNIMOS	sinón. en <i>vender</i> .
REMISSÃO	V. los sinón. en <i>vender</i> .

Ficha 46 - 396. p. 422

LEMA	TENSO (LLEVAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Tratar con rigor, <i>llevar aprisa</i> (V.).
SINÓNIMOS	<i>llevar aprisa</i>
REMISSÃO	<i>llevar aprisa</i> (V.).

Ficha 47 - 438. p. 472

4. **SUBST. + (V + ART.)** – 6; 20; 27; 28; 67; 68; 98; 100; 122; 135; 142; 143; 156; 176; 177; 178; 204; 215; 217; 223; 273; 276; 287; 294; 297; 307; 312; 322; 328; 336; 343; 348; 352; 353; 361; 368; 370; 371; 399; 400; 419; 426; 428; 431; 448; 451; 452; 470; 477; 481

LEMA	ALPARGATA (ECHAR UNA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	- <i> echar un pie</i> . - Huir con suma precipitación;
SINÓNIMOS	<i> echar un pie</i>

Ficha 48 – 6. p. 45

LEMA	BACALAO (CORTAR EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
INFORMAÇÃO SOBRE O USO	<i>Com.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se dice del que manda. La Acad. define: “tener mucho manejo en una casa o con algunas personas”, lo cual dista mucho de nuestra acepción, a pesar de que en la Península se ha usado en igual sentido (Besses: <i>Diccionario del argot español</i>).

	Según Moreno Friginals (<i>El ingenio</i>), tenía gran relevancia en el ingenio el empleado que repartía las raciones de bacalao, alimento típico del esclavo.
--	--

Ficha 49 – 20. p. 57

LEMA	BARAJA (VENDER LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Irse. V. <i>vender</i> .
EXEMPLO	<i>Le vendería la baraja no quiero asunto con la muerte. (S. Álvarez Conesa: Matar el tiempo, 1967)</i>
SINÓNIMOS	<i>vender</i>
REMISSÃO	V. <i>vender</i> .

Ficha 50 – 27. p. 61

LEMA	BARCO (VENDER EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Irse V. <i>vender</i> .
SINÓNIMOS	<i>vender</i>
REMISSÃO	V. <i>vender</i> .

Ficha 51 – 28. p. 62

LEMA	CAJA (CUADRAR LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>

DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Por extensión de lo que hace el cajero, significa poner a punto, atar todos los cabos.
SINÓNIMOS	poner a punto atar todos los cabos

Ficha 52 - 67. p. 95

LEMA	CAJETÍN (VENDER EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Irse. Nació el vocablo entre jugadores, pues cajetín es la caja de madera o metal donde se colocan los naipes después de barajados. V. <i>vender</i> .
EXEMPLO	- - <i>Vendo – repitió el Agresivo – les vendo el cajetín, me largo.</i> (D. Buzzì: <i>La religión de los elefantes</i> , 1968) ... <i>agarrar la colt</i> y venderle el cajetín a todos (A. Benítez R.: en <i>Unión</i>), dic. de 1968) <i>¡Qué va,</i> <i>yo les vendo el cajetín!</i> <i>Al payaso y a la risa</i> <i>yo les vendo el cajetín.</i> (Canción popular) <i>El marido le vendió el cajetín, se fue a la pira, la dejó...</i> (H. Zumbado: <i>Limonada</i> , 1978).
REMISSÃO	V. <i>vender</i> .

Ficha 53 - 68. p. 96

LEMA	CARRO (GUARDAR EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Morir. V. los sinón. en <i>ñampiarse</i> .
EXEMPLO	<i>¿Estoy al guardar el carro? ¿Ya?</i>

	<i>¡Qué pena!</i> (J. Z. Tallet)
SINÔNIMOS	<i>ñampiarse</i>
REMISSÃO	V. los sinón. en <i>ñampiarse</i> .

Ficha 54 - 98. p. 113

LEMA	CARTA (ECHAR UNA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
INFORMAÇÃO SOBRE O USO	<i>Com.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Defecar. Es un eufemismo que también se escucha en España (Besses).

Ficha 55 - 100. p. 113

LEMA	COJONES (TENER UNOS)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Dicho en tono de exclamación se asocia a innumerables significados: se dice que <i>¡tiene unos cojones!</i> el muy valiente, o el muy holgazán, o el muy irresponsable, etcétera. Todo depende del contexto.
EXEMPLO	<i>¡Tiene unos cojones!</i>

Ficha 56 - 122. p. 126

LEMA	CORDOBÁN (MORDER EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; b) funcional ou explicativa .	Trabajar. A veces se dice simplemente <i>morder</i> .
SINÔNIMOS	<i>morder</i>

Ficha 57 - 135. p. 140

LEMA	CRUZ (HACER LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	“Hacer o no hacer la cruz equivale a hacer o no hacer la venta inicial del día. Alude a la vieja práctica que acostumbran los comerciantes en pequeño, de persignarse haciendo la señal de la cruz con la moneda que se obtenga al realizar la primera venta del día...” (Rodríguez Herrera). Por extensión, hoy se aplica a otras acciones que no están relacionadas con venta alguna.
EXEMPLO	<i>Güenos días, caserite. ¿No me toma naa hoy? Entoavía no he hecho la cru...</i> (C. Villaverde: <i>Cecilia Valdés</i> , 1882) - <i>Hay días que no hago la cruz...</i> (E. Serpa: <i>Noche de fiesta</i> , 1951)

Ficha 58 - 142. p. 145

LEMA	CUCHARETA (METER LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinónimo; - por meio de paráfrase.	Inmiscuirse en un asunto. La Acad. sólo registra “meter su cuchara” y “meter su cucharada”.
SINÓNIMOS	“meter su cuchara” y “meter su cucharada”.

Ficha 59 - 143. p. 147

LEMA	CHELES (RECOGER LOS)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO	Irse.

a) conceitual - por meio de sinônimo.	
REMISSÃO	V. <i>cheles</i> .

Ficha 60 - 156. p. 160

LEMA	DIEZ (COGER UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Lo mismo que “coger un cinco” (V.).
EXEMPLO	<i>...dejaba tranquilos a los presos para que cogieran un diez...</i> (E. Álvarez Jané: <i>Macuta La Habana</i> , 1981)
SINÔNIMOS	“coger un cinco”
REMISSÃO	“coger un cinco” (V.).

Ficha 61 - 176. p. 182

LEMA	DILIGENCIA (HACER UNA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Eufemismo para “defecar”. Aquí también se escucha, con igual sentido, <i>echar una carta</i> , común también en España.
EXEMPLO	<i>... estaba haciendo una diligencia debajo de una mata de mango...</i> (S. Feijóo: <i>Cuentos populares cubanos de humor</i> , 1981)
SINÔNIMOS	<i>echar una carta</i>

Ficha 62 - 177. p. 183

LEMA	DISCO (CAMBIAR EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Amér.</i>

DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Cambiar el tema, hablar de algo diferente. Generalmente, en imperativo:
EXEMPLO	“¡Cambia el disco!”

Ficha 63 - 178. p. 184

LEMA	FLAUTA (TOCAR LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Efectuar la práctica sexual conocida con el nombre latino de <i>fellatio</i> . Algunos dicen, que se deriva de la canción:
EXEMPLO	<i>Bartolo tenía una flauta con un agujero solo. Todo el mundo se divertía con la flauta de Bartolo.</i>
SINÓNIMOS	<i>tocar la flauta de Bartolo</i>
OBSERVAÇÕES	Hay otras versiones de este modismo que preferimos no repetir. Anótese que el papel que aquí juega la flauta lo desempeña la corneta en otro país.

Ficha 64 - 204. p. 211

LEMA	FUSIL (LIMPIAR EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Efectuar el coito. En México dicen <i>afilar el hierro</i> (Trejo).
SINÓNIMOS	<i>afilar el hierro</i>

Ficha 65 - 215. p. 221

LEMA	GALLO (CANTAR EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se dice que va a <i>cantar el gallo</i> cuando se va a efectuar algún pago. Puede haber tenido alguna relación con el modismo español <i>cantar el grillo</i> , aquí desconocido, y que significa “hacer sonar el dinero” (Besses).

Ficha 66 - 217. p. 223

LEMA	GORRA (PEGAR LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Comer en casa ajena. La Acad. sólo recoge: “De gorra m. adv. A costa ajena.”

Ficha 67 - 223. p. 229

LEMA	LOMO (DOBLAR EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinónimo.	Trabajar.
EXEMPLO	<i>...mejor que doblar el lomo tienes que doblar la frente.</i> (N. Guillén: <i>West Indies Ltd.</i> , 1934) - <i>¿Y tú qué haces, perro? ¿Por qué no metes mano? Dobla el lomo...</i> (C. Villaverde: <i>Cecilia Valdés</i> , 1882)
SINÓNIMOS	Trabajar.

Ficha 68 - 273. p. 292

LEMA	MADRE (MENTAR LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Amér.</i>
<p>DEFINIÇÃO</p> <p>a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.</p> <p>b) funcional ou explicativa.</p>	<p>Ofender a alguien por medio de frases que lesionen la dignidad de su madre.</p> <p>Las variantes son infinitas y, entre ellas, la más elemental, consiste en situar ante la palabra <i>madre</i> una partícula posesiva: <i>su o tu</i>. Ya se ha señalado que queda sobrentendido, entre ambas voces, un adjetivo ultrajante.</p> <p>Comenta Ortiz que nuestros dramaturgos han evitado siempre esta combinación de palabras, bajo la amenaza de la gritería del público cuando aparece el equívoco en algún inocente parlamento: “¡Paso!”, como diciendo, con la jerga del dominó “eso no va conmigo”.</p> <p>En el lenguaje coloquial también se esquivo la infeliz combinación, generalmente cambiando “madre” por “mamá”.</p> <p>Anótese de paso que en algún país latinoamericano <i>ser un puta madre</i> es todo un elogio...que aquí provocaría una reyerta.</p> <p>Eufemísticamente <i>mentarle la madre</i> a alguien se transforma en <i>recordarle la progenitora</i>.</p> <p>V. <i>¡la tuya!</i></p>
EXEMPLO	<p><i>...al Coronel se le había ocurrido un simulacro de naufragio... ¡Me cago en su madre!</i> (P. de la Torriente Brau: <i>Aventuras del soldado desconocido cubano</i>, 1936)</p> <p>- <i>Oye, ¡tu madre!</i> (C. Montenegro: <i>Hombres sin mujer</i>, 1937)</p>

	<p>- ¡La madre de <i>ustedes</i>, <i>cabrones!</i> (D. Alonso: <i>Tierra inerme</i>, 1961) <i>...la madre del que me diga que no me debe más de un favor.</i> (F. Chofre: <i>La Odilea</i>, 1968)</p> <p>- ¡Tu madre, <i>abusador!</i> (R. Garriga: <i>El barrio de las ranas alegres</i>, 1969) <i>Ahora perdónenos si alguna vez le mentamos la madre...</i> (H. de Arturo: <i>Pido la palabra</i>, 1969) <i>Entonces nosotros les mentamos la madre y abrimos fuego.</i> (V. Casaus: <i>Girón en la memoria</i>, 1970) <i>Me cago en su madre, echó a andar sin esperar a que acabara de bajarme...</i> (R. Moya: <i>Amor entre las llamas</i>, 1981)</p> <p>Un ejemplo colombiano en medio de esta “mentadera de madre”: <i>Franco no quiso responderle ni jota; pero cuando vio que habían traído perraje, le mentó la mamá.</i> (José Eustasio Rivera: <i>la vorágine</i>, 1924)</p>
SINÔNIMOS	<i>recordarle la progenitora</i>

Ficha 69 - 276. p. 297

LEMA	MANICERO (CANTAR EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Morirse. El modismo surge con la conocida canción-pregón de Moisés Simons, donde el <i>manicero</i> anuncia que “se va”. Y la letra termina repitiendo “me voy”. <i>V. ñampiarse.</i>
EXEMPLO	<i>Maní...Maní...</i> <i>Caserita, no te acuestes a dormir sin comerte un cucurucho de maní.</i> <i>¡Qué sabrosito y rico está!</i>

	<i>Ya no se puede pedir más... Ay, caserita, no me dejes ir porque después te vas a arrepentir y va a ser muy tarde ya. Manicero se va...manicero se va...</i>
SINÓNIMOS	<i>ñampiarse.</i>
REMISSÃO	<i>V. ñampiarse.</i>

Ficha 70 - 284. p. 307

LEMA	MANTECA'O (PROBAR EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Iniciarse en materia de sexo.
EXEMPLO	<i>...la que aguanta tantos años sin marido, después de haber proba'o el manteca'o, es de ley... (F. Chofre: La Odilea, 1968)</i>

Ficha 71 - 287. p. 310

LEMA	MATA (SACUDIR LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Eliminar lo corrupto, depurar (en sentido figurado).

Ficha 72 - 294. p. 316

LEMA	MEDIA (HACER UNA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Tomar un breve descanso, <i>coger un cinco</i> (V.). // Entretener a la <i>chaperona</i> o a la acompañante en beneficio de un amigo. // También

	<i>hacerle una media a alguien es acompañarlo o visitarlo.</i>
SINÓNIMOS	<i>coger un cinco</i> <i>hacerle una media a alguien</i>
REMISSÃO	<i>coger un cinco (V.).</i>

Ficha 73 - 297. p. 321

LEMA	MONO (CHIFLAR EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se dice que <i>chifla el mono</i> cuando hace mucho frío (al menos en nuestro criterio de gente tropical).
EXEMPLO	<i>Una de esas noches en que chifla el mono de mala manera y la cosa no está para andar de serenata por ahí...</i> (F. Chofre: <i>La Odilea</i> , 1968)

Ficha 74 - 307. p. 332

LEMA	MOTA (PASAR LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinónimo; - por meio de paráfrase.	Adular. // Pedir disculpas. // Mostrar, por medio de apariencias engañosas, algo distinto a lo que en realidad se persigue.
EXEMPLO	<i>Qué es el amor...</i> <i>Un niño que pasándonos la mota se hace de nuestros cuerpos soberano.</i> (F. Fernández: <i>Retórica y poética</i> [bufo], 1882) <i>...se me figura que a ti te pasan la mota y que no lo sientes...</i> (C. Villaverde: <i>Cecilia Valdés</i> , 1882)

Ficha 75 - 312. p. 336

LEMA	PALO (DAR UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Efectuar un robo. // Llevar a cabo una acción espectacular, sorprendente (¿se deriva de <i>dar el palo</i> , modismo de la jerga periodística?).
EXEMPLO	Ejemplo: “ <i>Juantorena dio el tremendo palo</i> en los juegos Olímpicos de Montreal.”

Ficha 76 - 322. p. 361

LEMA	PALOMA (HACER LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Lavar la única ropa que alguien tiene mientras el poseedor espera...en pelotas.

Ficha 77 - 328. p. 361

LEMA	PARIPÉ (HACER EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Ya Rodríguez Herrera señaló que aquí no es válida la definición académica de “presumir, darse tono”. Entre nosotros es efectuar alguna maniobra engañosa, representar una farsa, aparentar.
EXEMPLO	<i>...porque las mujeres dicen las mentiras como si tal cosa y en eso de hacer el paripé no hay quien las gane...</i> (R. González: <i>Siempre la muerte...</i> , 1982)

Ficha 78 - 336. p. 371

LEMA	PATÍN (ECHAR UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Irse apresuradamente, escapar. V. los sinón., en <i>vender</i> .
SINÓNIMOS	Irse apresuradamente, escapar. V. los sinón., en <i>vender</i> .
REMISSÃO	V. los sinón., en <i>vender</i> .

Ficha 79 - 343. p. 377

LEMA	PEDACITO (VIVIR UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Darle excesiva importancia a lo intrascendente, preocuparse por lo irrelevante.

Ficha 80 - 346. p. 378

LEMA	PESTAÑAZO (ECHAR UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Disfrutar de una breve sueño
EXEMPLO	<i>...voy a echar un pestañazo que esta noche tengo un motivo... (A. Iznaga: Las cercas caminaban, 1969)</i>

Ficha 81 - 353. p. 387

LEMA	PIE (ECHAR UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual	Irse apresuradamente, escapar.

- por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	V. <i>vender y dejar una raya</i> . // Bailar.
EXEMPLO	<i>Cuando el pueblo dijo que Batista echó un pie decía una verdad que no completaba con la modosa expresión de “que se fue”...</i> (M. Kuchilán: <i>Fabulario</i> , 1970) <i>Vayámonos pues, a echar un pie esta noche sabatina en la Avenida del Puerto...</i> (G. Robreño: <i>Cualquier tiempo pasado fue...</i> , 1979)
SINÓNIMOS	<i>vender</i> <i>dejar una raya</i> .
REMISSÃO	V. <i>vender y dejar una raya</i> .

Ficha 82 - 361. p. 391

LEMA	PIOJO (LARGAR EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Pasar apuros en pos de algo. // Morirse. V. <i>ñampiarse</i> .
EXEMPLO	“Argelio largó el piojo buscando cubanismos”
SINÓNIMOS	<i>ñampiarse</i>
REMISSÃO	V. <i>ñampiarse</i> .

Ficha 83 - 368. p. 397

LEMA	PITA (ENREDAR LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Complicar una situación, hacerla difícil.
EXEMPLO	<i>Diestro [Caffery] para las lenguas, lo primero que hizo fue aprenderse lo más posible de nuestro vocabulario vernáculo en su más</i>

	<i>rancia y genuina expresión. Para decirlo con legítima expresión cafferiana, vino a enredar la pita...</i> (M. Kuchilán: <i>Fabulario</i> , 1970)
--	---

Ficha 84 - 370. p. 400

LEMA	PITA (JODER LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Molestar, <i>enredar la pita.</i> // Bromear. // Pasarla bien, divertirse, fiestar.
SINÓNIMOS	<i>enredar la pita.</i>

Ficha 85 - 371. p. 400

LEMA	RATÓN (MATAR EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Ingerir una dosis de alcohol en la mañana siguiente a una borrachera, para suprimir sus secuelas. El increíble malestar de la <i>resaca</i> ha hecho sospechar al borracho, desde tiempos inmemoriales, que tiene alguna suerte de animalejo fastidioso alojado en el estómago o en la caja craneana. En Brasil dicen <i>matar o bicho</i> .

Ficha 86 - 399. p. 425

LEMA	RAYA (DEJAR UNA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Irse apresuradamente. V. los sinón. en <i>vender</i> .

SINÔNIMOS	V. los sinón. en <i>vender</i> .
REMISSÃO	V. los sinón. en <i>vender</i> .

Ficha 87 - 400. p. 426

LEMA	SERPENTINA (RECOGER LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Irse // Retirarse poco airosamente de una empresa.

Ficha 88 - 419. p. 450

LEMA	TABLA (PERDER LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Sonrojarse. // Enfadarse.
EXEMPLO	<i>Y sencillamente los imperialistas pierden la tabla, han perdido la tabla, como se dice corrientemente, están sumamente irritados, saben que no les tememos... (F. Castro Ruiz: Discurso del 24 de octubre de 1981)</i>

Ficha 89 - 426. p. 462

LEMA	TACÓN (ECHAR UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinónimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Bailar. Sinón.: <i>girar, rular</i> . // Irse apresuradamente, escapar. V. los sinón. en <i>vender</i> .
SINÔNIMOS	Sinón.: <i>girar, rular</i> . V. los sinón. en <i>vender</i> .
REMISSÃO	V. los sinón. en <i>vender</i> .

Ficha 90 - 428. p. 463

LEMA	TÁNGANA (DAR LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Protestar ruidosamente.

Ficha 91 - 431. p. 465

LEMA	TIRO (EMBARAJAR EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Lo mismo que <i>embarajar</i> (V.).
SINÓNIMOS	<i>embarajar</i>
REMISSÃO	<i>embarajar</i> (V.).

Ficha 92 - 448. p. 481

LEMA	TIZÓN (SER UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Se aplica al negro de piel muy oscura. Sinón.: <i>ser negro teléfono</i> .
SINÓNIMOS	Sinón.: <i>ser negro teléfono</i> .

Ficha 93 - 451. p. 481

LEMA	TORO (SER UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub. y Sto. Dom.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo;	Tiene la acepción académica (referida a la fortaleza física), pero

- por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	por extensión, se aplica a quien brilla en cualquier campo. Igual uso tienen ser un <i>caballo</i> , una <i>fiera</i> , una <i>pantera</i> , etcétera.
EXEMPLO	“es un <i>toro</i> sumando mentalmente”
SINÓNIMOS	ser un <i>caballo</i> , una <i>fiera</i> , una <i>pantera</i> , etcétera

Ficha 94 - 452. p. 485

LEMA	VELA (AGUANTAR LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Soportar estoicamente alguna majadería. Con frecuencia se aplica a quien recibe una visita desagradablemente larga.

Ficha 95 - 470. p. 500

LEMA	YUCA (ASUSTAR LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Maniobra culinaria que consiste en agregar agua fría a la yuca que está hirviendo, con el fin de que se ablande.

Ficha 96 - 477. p. 515

5. V + ADJ. – 7; 127; 128

LEMA	AMARRAR CORTO
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cuba.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	- <i>meterlo en un puño</i> . - Restringir la libertad de alguien;
SINÓNIMOS	<i>meterlo en un puño</i>

Ficha 97 – 7. p. 46

LEMA	COMER CALIENTE
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Hacerlo adecuadamente. La situación contraria, como anota Suárez, es <i>comer frío</i> o <i>comer de cantina</i> , modismos ambos que se aplican a quien recibe pitanza deficitaria.

Ficha 98 - 127. p. 130

LEMA	COMER FRÍO
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	V. lo dicho en <i>comer caliente</i> .
REMISSÃO	V. lo dicho en <i>comer caliente</i> .

Ficha 99 - 128. p. 130

6. SUBST. + (SER + PREP.) – 8; 9; 13

LEMA	AMPANGA (SER DE)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Lo mismo que <i>ser de madre</i> (V.), o <i>ser del carajo</i>). También se dice <i>ser de yuca y ñame</i> o <i>ser de argolla</i> . Ortiz (<i>Glosario de afronegrismos</i>) cita a Dapper al afirmar que Ampanga o Mpanga fue capital de un reino congolés.
EXEMPLO	<i>...porque me han dicho que es de ampangas con las mujeres...</i> (R. González: <i>Siempre la muerte, su paso breve</i> , 1982)

SINÔNIMOS	<i>ser de madre</i> (V.), o <i>ser del carajo</i> . También se dice <i>ser de yuca y ñame</i> o <i>ser de argolla</i> .
REMISSÃO	<i>ser de madre</i> (V.)

Ficha 100 – 8. p. 47

LEMA	ANJÁ (SER DE)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Lo mismo que <i>ser de madre</i> (V).
EXEMPLO	<i>...con muchas ventanas, y mucha reja en las ventanas y mucha columna por aquí y por allá, y mucho de todo lo que hace falta para que una casa sea de anjá!</i> (F. Chofre: La Odilea, 1968) <i>El hambre que se nos venía encima era de anjá.</i> (R. González: La fiesta de los tiburones, 1978)
SINÔNIMOS	<i>ser de madre</i>
REMISSÃO	Lo mismo que <i>ser de madre</i> (V).

Ficha 101 – 9. p. 50

LEMA	ARGOLLA (SER DE)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Lo mismo que <i>ser de madre</i> o <i>ser de ampanga</i> (V.)
EXEMPLO	<i>Cuando el pueblo dice que Batista en Palacio el 13 de marzo de 1957, tenía una cagazón de argolla expresa que tenía mucho más que un miedo insuperable.</i> (M. Kuchilán: <i>Fabulario</i> , 1970)
SINÔNIMOS	<i>ser de madre</i> o <i>ser de ampanga</i>

REMISSÃO	<i>ser de madre o ser de ampanga</i> (V.)
----------	---

Ficha 102- 13. p. 52

7. SUBST. + (SER) – 10; 79; 300; 404; 430

LEMA	AO o AO POR REGLA (SER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Estar anulado, destruído o seguramente atrapado. Del inglés <i>out</i> , por la vía del argot beisbolero.
EXEMPLO	<i>...yo con un avión de caza, me tiro y es ao por regla.</i> (V. Casaus: Girón en la memoria, 1970)

Ficha 103 – 10. p. 50

LEMA	CANDELA (SER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	V. <i>ser de anjá, o de madre, o de ampanga, o del carajo</i> . Otros dicen <i>ser la candela</i> .
EXEMPLO	<i>Dicen que soy candela...</i> (Canción popular)
SINÓNIMOS	<i>ser de anjá, de madre, o de ampanga, o del carajo</i> <i>ser la candela</i>
REMISSÃO	V. <i>ser de anjá, o de madre, o de ampanga, o del carajo</i> .

Ficha 104 - 79. p. 101

LEMA	MIA'Ó (SER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Ser lo peor de lo peor.

Ficha 105 - 300. p. 325

LEMA	RETAMA (SER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Ser lo peor, o lo más despreciable, o lo más temible, etcétera. A veces toma forma complicada de <i>ser retama y guayacol</i> o hasta <i>ser retama y guayacol en pomo chato</i> . Equivale a <i>ser árnica y diente'e perro</i> .
SINÓNIMOS	<i>ser retama y guayacol</i> <i>ser retama y guayacol en pomo chato</i> <i>ser árnica y diente'e perro</i>

Ficha 106 - 404. p. 431

LEMA	TANA (SER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Lo mismo que <i>ser de madre</i> (V.).
SINÓNIMOS	<i>ser de madre</i>
REMISSÃO	<i>ser de madre</i> (V.).

Ficha 107 - 430. p. 465

8. V + C. I. + NUM. (C.D) + (SER + PREP.) – 11

LEMA	APÉAME UNO (SER DE)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se aplica a lo de calidad ínfima, muy barato o vulgar.

EXEMPLO	... <i>tu camisa de liquidación y tu apéame-uno de dril 99...</i> (J. Z. Tallet; <i>La semilla estéril</i> , 1923-1939)
---------	---

Ficha 108 - p. 50-51

9. V. R. + PREP. + (NO) - 12

LEMA	APEARSE DE (NO)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Quando se hacen cálculos o estimados, “no ser menos de” o “ser al menos”.
EXEMPLO	... <i>había calculado que la tajada no se le apeaba de veinte mil pesos...</i> (L. Otero; <i>La situación</i> , 1963)

Ficha 109 – 12. p. 51

10. SUBST. + ADJ. + (V + ADV. + ART.) – 14

LEMA	ARIQUES PUESTOS (TENER TODAVÍA LOS)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Conservar la apariencia o las costumbres del <i>guajiro</i> .

Ficha 110 – 14. p. 53

11. SUBST. + CONJ. + SUBST. + (SER) – 15

LEMA	ÁRNICA Y DIENTE ‘E PERRO (SER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Ser lo peor de lo peor. Equivale a <i>ser retama y guayacol</i> .

SINÔNIMOS	<i>ser retama y guayacol</i>
-----------	------------------------------

Ficha 111 – 15. p. 53

12. V + C.I. + C.D. + (a alguien) – 16

LEMA	ARRANCÁRSELA (a alguien)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	matarlo. V. <i>ñampiar</i> .
EXEMPLO	– Arrancársela a seis o siete de ellos, guindarlos... (R. Moya: <i>Amor entre las llamas</i> , 1981)
SINÔNIMOS	<i>ñampiar</i>
REMISSÃO	V. <i>ñampiar</i> .

Ficha 112 – 16. p. 53

13. SUBST. + (V + o + V) – 17

LEMA	ATMÓSFERA (FORMAR o ARMAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Provocar una discusión o reyerta.

Ficha 113 - 17. p. 55

14. SUBST. + (ESTAR + ADJ. + PREP.) – 18

LEMA	AURA (ESTAR CAGA'O DE)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Tener mala suerte, <i>estar sala'o tener un chino atrás</i> .
SINÔNIMOS	<i>estar sala'o tener un chino atrás</i>

--	--

Ficha 114 – 18 p. 56

15. SUBST. + (V + QUE + V + CONTR.) - 19

LEMA	BABALAO (TENER QUE IR AL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Se aplica, festivamente, a la persona que tiene mala suerte. Puesto que la villa de Guanabacoa ha sido tradicionalmente la Meca de los <i>babalaos</i> , la anterior idea expresa a veces como <i>tener que ir a Guanabacoa</i> . <i>V. estar sala'o y tener un chino atrás.</i>
SINÓNIMOS	<i>tener que ir a Guanabacoa</i> <i>estar sala'o</i> <i>tener un chino atrás</i>
REMISSÃO	<i>V. estar sala'o y tener un chino atrás.</i>

Ficha 115 – 19. p. 57

16. SUBST. + (V + CI. + a alguien + ART.) – 21; 29; 32; 364

LEMA	BAJA (COGERLE a alguien LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Avasallar, someterlo o descubrirle su talón de Aquiles.
EXEMPLO	<i>A mí ninguno me cogió la baja, pero sí me hicieron tragar bilis muchas veces.</i> (M. Barnet: <i>Canción de Rachel</i> , 1969) <i>¡Maldito! ¡Me tiene cogida la baja!</i> (C. Montenegro: <i>Hombres sin mujer</i> , 1937)
SINÓNIMOS	descubrirle su talón de Aquiles

--	--

Ficha 116 - 21 p. 59

LEMA	BARCO (VENDERLE a alguien EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Abandonarlo.
EXEMPLO	“la novia <i>le vendió</i> el barco”.

Ficha 117 – 29. p. 62

LEMA	BASURITA (DEJARLE CAER a alguien UNA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Darle una propina o pequeña dádiva.

Ficha 118 – 32. p. 64

LEMA	PIEDRA (PONERLE a alguien UNA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Ayudarlo en la consecución de un fin, especialmente cuando para ello se intercede ante un tercero. <i>Ponerle una piedra</i> a alguien con el objeto de su amor, es ejercer el antiquísimo papel de trotaconventos.

Ficha 119 - 364. p. 392

17. SUBST. + PREP. + ART. + SUBST. + (V. R. + ART.) – 22

LEMA	BAJA DE LA LIBRETA (DARSE LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.

MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Morir. V. <i>ñampiñarse.</i>
SINÓNIMOS	<i>ñampiñarse.</i>
REMISSÃO	V. <i>ñampiñarse.</i>

Ficha 120 – 22. p. 59

18. SUBST. + (V. R.) – 23; 263; 268; 363

LEMA	BALIJÚ (DARSE)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Darse importancia, bombo. Del inglés <i>ballyhoo</i> , bombo.

Ficha 121- 23. p. 60

LEMA	LEÑA (HACERSE)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa.	Desbaratarse, hacerse trizas (tanto en sentido recto como en el figurado).

Ficha 122 - 263. p. 287

LEMA	LIJA (DARSE)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Darse tono, importancia.
SINÓNIMOS	Darse tono, importancia.

Ficha 123 - 268. p. 289

LEMA	PIEDRA (PONERSE)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Ponerse duro, inflexible, intransigente. Generalmente como imperativo cuando se ve que alguien va a flaquear. // Tornarse físicamente <u>agraciada una persona</u> .
EXEMPLO	“ <i>¡ponte piedra!</i> ” // “ <i>Fulana se puso piedra</i> después que engordó”.

Ficha 124 - 363. p. 392

19. SUBST. + (ESTAR + PREP.) – 24; 96; 112; 333; 453

LEMA	BANDA (ESTAR EN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Hallarse en mala situación económica.
EXEMPLO	<i>Bebe algo...</i> Estoy en banda. (E. Álvarez Jané: <i>Macuta La Habana</i> , 1981).

Ficha 125 – 24. p. 61

LEMA	CARNE (ESTAR EN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	No tener dinero. V. (con el v. estar en todos los casos), <i>en la fuácata, en la tea,</i> <i>atrás, bruja.</i>
SINÔNIMOS	<i>(estar) en la fuácata, en la tea, atrás,</i> <i>bruja.</i>

REMISSÃO	V. (con el v. estar en todos los casos), <i>en la fuácata, en la tea, atrás, bruja.</i>
----------	---

Ficha 126 - 96. p. 111

LEMA	COBA (ESTAR EN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se dice que lo está el elegantemente vestido.

Ficha 127 - 112. p. 123

LEMA	PANZA (ESTAR DE)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Estar en una situación económica bonancible. // No trabajar.
EXEMPLO	<i>...el tallo de tu tractor se podía arreglar en el campo (...) Venir para el taller es pasarse la mañana aquí de panza... (Del guión de la película cubana <i>Ustedes tienen la palabra</i>)</i>

Ficha 128 - 333. p. 365

LEMA	TRUCO (ESTAR DE)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se dice de todo lo de mala calidad.
EXEMPLO	“ese café <i>está de truco</i> ”

Ficha 129 - 459. p. 491

20. SUBST. + (V + a alguien + PREP.) – 25; 269; 304; 306

LEMA	BANDA (DEJAR a alguien EN)
------	----------------------------

INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Dejarlo desprovisto de algún bien o servicio, abandonarlo “a la buena de Dios”.
EXEMPLO	<i>Estos jartones son muy capaces de dejarnos en banda. (F. Chofre: La Odilea, 1986).</i>
SINÔNIMOS	abandonarlo “a la buena de Dios”

Ficha 130 – 25. p. 61

LEMA	LIMÓN (TOCAR a alguien CON)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Muchísimas acepciones. Entre ellas: poseer sexualmente, golpear, engañar, timar, sobornar.
EXEMPLO	<i>...los cheques palatinos con los que tocaba con limón a organismos, instituciones, folicularios... (M. Kuchilán: Fabulario, 1970)</i>
SINÔNIMOS	poseer sexualmente

Ficha 131 - 269. p. 289

LEMA	MONA (COGER a alguien DE)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
INFORMAÇÃO SOBRE O USO	<i>Com.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Lo mismo que <i>ponerle</i> a alguien <i>rabo</i> (V.).
SINÔNIMOS	<i>ponerle</i> a alguien <i>rabo</i>
REMISSÃO	<i>ponerle</i> a alguien <i>rabo</i> (V.).

Ficha 132 - 304. p. 330

LEMA	MONDONGO (TIRAR a alguien A)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.

MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Menospreciarlo, ignorarlo.
EXEMPLO	- <i>¡Qué va! Ni soñarlo. Me tirarían a mondongo. (F. Chofre: La Odilea, 1968)</i> <i>Y lo que es peor, en esa actitud desafiante de espérate-no-me-agites-que-esto-es-poco-a-poco. Y sientes que te tiran a mondongo, (H. Zumbado: ¡Esto le zumba!, 1981)</i>

Ficha 133 - 306. p. 330

21. SUBST. + (SER + ART.) - 26, 37, 44, 54, 63; 147; 150; 158; 201; 234; 235; 254; 257; 380; 403; 443

LEMA	BANQUETE (SER UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se aplica a las personas divertidas.

Ficha 134 – 26. p. 61

LEMA	BIBIJAGUA (SER UNA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Por similitud con el mencionado insecto, se aplica a persona laboriosa.

Ficha 135 – 37. p. 70

LEMA	BOMBA (SER UNA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se aplica a las personas antipáticas, o a las tareas penosas.

Ficha 136 – 44. p. 79

LEMA	CABALLO (SER UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se aplica a la persona alta y robusta.

Ficha 137 - 54. p. 89

LEMA	CABRÓN (SER UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Refiriéndose a una disciplina cualquiera, dominarla.
EXEMPLO	<i>...en medio de una noche cabrona...</i> (E. Álvarez Jané: <i>Macuta La Habana</i> , 1981)
OBSERVAÇÕES	Observ.: la voz <i>cabrón</i> es bastante inasible. No es lo mismo gritarle a un niño que acaba de cometer una travesura: “¡ <i>Cabrón</i> , muchacho!”, que llamarlo <i>cabroncito</i> en tono tierno. El término tiene otros usos – o abusos, vaya usted a saber – entre los cuales podemos inventariar: “ese trate te queda <i>cabrón</i> ”, por decir “te sienta terriblemente mal”, etcétera.

Ficha 138 - 63. p. 91

LEMA	CULO (SER UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Se aplica a la persona despreciable. Puede tomar el giro eufemístico de ser <i>carne</i> ‘ <i>abajo</i> ’ <i>el rabo</i> ”.

SINÔNIMOS	<i>ser carne' "abajo' el rabo"</i>
-----------	------------------------------------

Ficha 139 - 147. p. 150

LEMA	CURIELA (SER UNA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se dice que lo es la mujer de numerosa prole, aludiendo a la gran fertilidad de los cobayos. En España se dice <i>ser una coneja</i> con igual significado (Besses)
SINÔNIMOS	<i>ser una coneja</i>

Ficha 140 - 150. p. 153

LEMA	CHICLE (SER UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Recordando una propiedad de la goma de mascar, se dice que lo es el individuo que se pega a las personas con insistencia, el pegote.

Ficha 141 - 158. p. 152

LEMA	CHIVA (ESTAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Estar disgustado. <i>chivatea'o.</i>

Ficha 142 - 168. p. 168

LEMA	FANA (SER UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>

DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Gravísimo insulto entre los orientales; lo mismo que ser un <i>fanoso</i> (V.).
SINÓNIMOS	ser un <i>fanoso</i>
REMISSÃO	ser un <i>fanoso</i> (V.).

Ficha 143 - 201. p. 206

LEMA	HACHA (SER UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
INFORMAÇÃO SOBRE O USO	
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Distinguirse en cualquier desempeño.

Ficha 144 - 234. p. 254

LEMA	HÍGADO (SER UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Amér. Cent. y Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Se aplica a la gente antipática. Otros dicen <i>ser un bofe</i> .
SINÓNIMOS	<i>ser un bofe</i>

Ficha 145 - 235. p. 258

LEMA	JIRIBILLA (SER UNA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se dice de la persona (generalmente un niño) intranquila. <i>Jiribilla</i> , como gracia o salero, ha perdido toda vigencia.

Ficha 146 - 254. p. 276

LEMA	LADILLA (SER UNA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Se aplica a la persona desmedidamente insistente. Alude a las molestias que causa el diminuto parásito. A veces este modismo toma la forma de <i>ser una ladilla bugarrona</i> o <i>ser una ladilla con espais</i> .
SINÔNIMOS	<i>ser una ladilla bugarrona</i> o <i>ser una ladilla con espais</i> .

Ficha 147 - 257. p. 283

LEMA	POTALA (SER UNA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se aplica al antipático, <i>al sangrigordo</i> o <i>pesa'o</i> . Se origina en la voz marinera “potala”, que puede designar a la piedra que se usa como ancla o también al barco muy pesado.

Ficha 148 - 380. p. 410

LEMA	REGUILETE (SER UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se aplica a las personas muy activas.

Ficha 149 - 403. p. 429

LEMA	TIGRE (SER UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>

DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Al igual que “pantera”, “león”, “fiera”, etcétera, se aplica a quien se distingue en un campo cualquiera.
---	---

Ficha 150 - 443. p. 476

22. SUBST. + (V + a alguien + ADV. + PREP.) – 31

LEMA	BASE (COGER a alguien FUERA DE)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Cogerlo in fraganti. Se deriva del argot beisbolero.
SINÓNIMOS	Cogerlo in fraganti.

Ficha 151 – 31. p. 64

23. ADJ. + (ESTAR) – 33; 41; 49; 73; 111; 148; 168; 184; 185; 186; 188; 199; 355; 383, 384; 406; 435; 243

LEMA	BAYOYO, A (ESTAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Abundar, pulular. // Estar obeso.

Ficha 152 – 33. p. 66

LEMA	BLANCO (ESTAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	En el dominó, quedar con un grupo de / que totalizan un pequeño número de puntos. Cuando se <i>está blanco</i> se propicia el cierre del juego, pues el ganador es el jugador que menor número de tantos tenga en su mano.

Ficha 153 - p. 73

LEMA	BOTA'O (ESTAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Hallarse en una situación envidiable. // Abundar, pulular
EXEMPLO	“en esta temporada el tomate está <i>bota'o</i> ”.

Ficha 154 - p. 82

LEMA	CAMPANA (ESTAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Estar muy bien.

Ficha 155 - 73. p. 99

LEMA	CLARO (ESTAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de antônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Profesar ideas revolucionarias. (Del reaccionario se ha dicho que <i>está oscuro</i> .) Estos modismos tuvieron su mayor auge a raíz del triunfo insurreccional de 1959, en ocasión de la batalla ideológica que en esos días tuvo su más intenso momento.

Ficha 156 - 111. p. 121

LEMA	CUMPLÍ'O (ESTAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>

DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Es modismo de guapetones, que dicen que <i>están cumpli'os</i> para afirmar que en nada estiman la vida y que “se la ripian con cualquiera”. Dos probables orígenes: primero: en la jerga de los galleros se dice que <i>está cumpli'o</i> el gallode lidia que ya resulta viejo; segundo: se dijo que lo estaba el esclavo cuya manumisión era próxima.
---	--

Ficha 157 - 148. p. 151

LEMA	ELEPEVÉ (ESTAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Es sinónimo, cuando se aplica a una mujer, de estar <i>buena</i> (V.)
SINÓNIMOS	estar <i>buena</i>
REMISSÃO	estar <i>buena</i> (V.)

Ficha 158 - 184. p. 188

LEMA	EMBARACOA (ESTAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Estar embarazada. Se forma por atracción fonética del nombre de la más oriental de las ciudades cubanas.

Ficha 159 - 185. p. 188

LEMA	EMBARACUTEY (ESTAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO	Igual al anterior.

a) conceitual - por meio de sinônimo.	
---	--

Ficha 160 - 186. p. 188

LEMA	ENTERO, RA (ESTAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Encontrarse en perfectas condiciones. // Se dice que está <i>entera</i> la real hembra.

Ficha 161 - 188. p. 196

LEMA	FÁCIL (ESTAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Encontrarse disfrutando de cualquier situación agradable o conveniente.

Ficha 162 - 199. p. 203

LEMA	PICA'O (ESTAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Estar tuberculoso.

Ficha 163 - 355. p. 388

LEMA	PRIETO (ESTAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de antônimo; - por meio de paráfrase.	En el dominó se dice que lo está el jugador que tiene una <i>data</i> de muchos puntos. Su antónimo es <i>estar blanco</i> .
SINÓNIMOS	Su antónimo es <i>estar blanco</i> .

Ficha 164 - 383. p. 411

LEMA	PUESTO (ESTAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Estar embriagado. Equivale a <i>estar ajuma 'o, jala 'o</i> o <i>en nota</i> .
SINÓNIMOS	<i>estar ajuma 'o, jala 'o</i> o <i>en nota</i> .

Ficha 165 - 384. p. 414

LEMA	REVENTA'Ó (ESTAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Tener muy buena suerte.
EXEMPLO	<i>Tira la raqueta contra el suelo y le ruge al contrario: - ¡Estás reventao!</i> (H. Zumbado: <i>Limonada</i> , 1978)

Ficha 166 - 406. p. 432

LEMA	TELERO (ESTAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Se dice de lo que abunda.
EXEMPLO	<i>El mosquito ta telero, con frío y too...</i> (El Labrador Ruiz: "El gallo en el espejo") <i>...por ahí anda el jején telero...</i> (F. Chofre: <i>La Odilea</i> , 1968) <i>...por la noche el tiro estaba telero desde las azoteas de la ciudad...</i> (M. Kuchilán: <i>Fabulario</i> , 1970)

	<i>El chiva está telero en el Café Colón.</i> (E. Álvarez Jané: <i>Macuta La Habana</i> , 1981)
--	---

Ficha 167 - 435. p. 471

LEMA	INFINITO,TA (ESTAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Entre campesinos se dice que lo está quien se encuentra en el punto extremos de la delgadez y el deterioro físico.

Ficha 168 - 243. p. 263

24. SUBST. + PREP. + SUBST. + (SER + ART.) – 34; 171

LEMA	BEMBA'E PERRO (SER UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se dice de quien se las da de guapetón, pero no respalda con hechos su jactancia.
EXEMPLO	- <i>Hay gente que no son más bamba de perro (...)</i> y uno de esos tipos es el ocambote que acaba de palabrear. (F. Chofre: <i>La Odilea</i> , 1986) <i>Repentinamente [Batista] se mostró parlanchín y bamba'e perro.</i> (M. Kuchilán: <i>Fabulario</i> , 1970).

Ficha 169 – 34. p. 67

LEMA	CHORRO'E PLOMO (SER UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Se dice que lo es el individuo antipático, <i>pes'ao</i> , y de esto último

	(aludiendo a la alta densidad de este metal) se deriva el modismo.
--	--

Ficha 170 - 171. p. 172

25. SUBST. + (V + (C. I.) + ART.) – 35

LEMA	BEROCOS (RONCARLE LOS)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se aplica a todo lo relevante o inaudito.

Ficha 171 – 35. p. 68

26. SUBST. + (V + ADV. + QUE + ART.) - 36; 86

LEMA	BIBIJAGUAS (SABER MÁS QUE LAS)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se usa para encarecer la sapiencia o la astucia de alguien. Alude a lo inusitado del comportamiento de ese himenóptero, hábil constructor de galerías, cuyo instinto “es comparable a la inteligencia”, en el decir de A. Martínez Andreu (<i>Plagas agrícolas de Cuba</i>).
EXEMPLO	<i>Pajarito es muy rabioso y sabe más que las bibijaguas... (C. Villaverde: Cecilia Valdés, 1882).</i>

Ficha 172 – 36. p. 69

LEMA	CAO (HABLAR MÁS QUE UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Hacerlo incansablemente. Alude al insistente graznido de ese pajarraco (V.).
REMISSÃO	Cao (V.).

--	--

Ficha 173 - 86. p. 105

27. SUBST. + (V. R. + ART.) – 38; 108; 208; 226; 245; 291; 292; 303; 330; 347; 372; 388; 453; 468; 478

LEMA	BICICLETA (JODERSE LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Malograrse un asunto. Se origina la frase en uno de los inefables cuentos verdes de Pepito, el niño terrible.

Ficha 174 – 38. p. 70

LEMA	CERCA (LLEVARSE LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	En el béisbol, sacar la pelota fuera del terreno, lograr un <i>jonrón</i> . // Por ext., tener una actuación relevante en cualquier campo de la actividad humana. V. <i>botarla</i> .
SINÓNIMOS	<i>botarla</i> .
REMISSÃO	V. <i>botarla</i> .

Ficha 175 - 108. p. 119

LEMA	FOTO CARNÉ (HACERSE UNA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Sustituir el habitual baño por un lavado de cara y torso. Forma parte del argot estudiantil de los becarios o <i>becados</i> , como nosotros decimos.

Ficha 176 - 208. p. 215

LEMA	GUÁSIMA (COMERSE LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Faltar el alumno a la escuela, en especial cuando sus padres se imaginan que en ella se encuentra. Se suele escuchar en el oriente del país.
OBSERVAÇÕES	Observ.: hay diccionarios en los que se escribe <i>guásima</i> , en tanto que en otros leemos <i>guácima</i> .

Ficha 177 - 226. p. 243

LEMA	ININ (COMPLICARSE EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Embrollarse, <i>enyerbarse</i> una situación. Del inglés <i>inning</i> , a través del argot beisbolero.
SINÓNIMOS	<i>enyerbarse</i>

Ficha 178 - 245. p. 264

LEMA	MARICÓN (CAGARSE EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
INFORMAÇÃO SOBRE O USO	
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Suceder algo imprevisto y catastrófico, <i>formarse la cagazón vigueta</i> . Se aplica en las mismas situaciones en que los angloparlantes utilizan la frase <i>when the shit hit the fan</i> (cuando la mierda golpeó contra el ventilador).
SINÓNIMOS	<i>formarse la cagazón vigueta</i>

Ficha 179 - 291. p. 312

LEMA	MARIHUANA (FUMARSE UNA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Además de su sentido recto: albergar proyectos o ideas disparatadas o de imposible realización.

Ficha 180 - 292. p. 312

LEMA	MOJÓN (COMERSE UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	No consiste en practicar la coprofagia. Equivale a llevarse un chasco.
SINÔNIMOS	llevarse un chasco

Ficha 181 - 303. p. 329

LEMA	PAN (COMERSE UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Llevarse un chasco. <i>Sinón.: comerse el millo.</i>
SINÔNIMOS	Llevarse un chasco. <i>Sinón.: comerse el millo.</i>

Ficha 182 - 330. p. 362

LEMA	PEGÁ' (DARSE UNA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Variadísimas acepciones, entre las cuales se cuentan: trabajar mucho,

b) funcional ou explicativa .	beber generosamente, comer opíparamente, darse una golpiza.
---	---

Ficha 183 - 347. p. 379

LEMA	PESTAÑAS (QUEMARSE LAS)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
INFORMAÇÃO SOBRE O USO	<i>Com.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Estudiar con ahínco.
EXEMPLO	<i>Sin quemarme estudiando las pestañas Ni ajustarme a versar en buenas leyes, De mi pobre cacumen fuerzas saco Para cantar en contra del ajiaco. (El Cucalambé: "Adiós al ajiaco")</i>

Ficha 184 - 352. p. 387

LEMA	PITO (HABERSE TRAGADO UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Figuradamente, se dice que lo ha hecho quien tiene voz muy aguda.

Ficha 185 - 372. p. 401

LEMA	PUNALÁ' (DARSE LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Malversar. Quizás alude al gesto de atraer algo hacia sí.

Ficha 186 - 388. p. 415

LEMA	TORTILLA (VIRARSE LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.

MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Equivalente al castizo “volverse la tortilla”, cambiar una situación de manera inesperada.
SINÓNIMOS	“volverse la tortilla”

Ficha 187 - 453. p. 485

LEMA	VALLA! (¡SE CAYÓ LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Con este modismo se pondera lo animado o divertido de una situación.
EXEMPLO	“cuando salió el payaso <i>se cayó la valla</i> ”. - <i>Ave María, negra. ¡Se cayó la valla!</i> (F. Fernández: <i>El bautizo</i> , [bufo], 1868)

Ficha 188 - 468. p. 498

LEMA	YUCA (HACERSE LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Masturbarse.

Ficha 189 - 478. p. 510

28. SUBST. + (V + QUE + CONJ. + PREP.) – 39

LEMA	BILLETERO (QUEDAR QUE NI PA’)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual	Se aplica al que sale muy malparado de un lance cualquiera.

- por meio de paráfrase.	
OBSERVAÇÕES	Observ.: Hace alusión al gran número de inválidos que vendía billetes.

Ficha 190 – 39. p. 71

29. ADJ. + (SER) – 40; 179; 332; 407; 417

LEMA	BIYAYA (SER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se dice que lo es la persona inquieta o traviesa. Se aplica preferentemente a los niños. <i>Biyaya</i> es voz que registró Pichardo en el siglo pasado como corrupción de <i>bibijagua</i> (V.) La tremenda actividad de este animalito explicaría la frase.
REMISSÃO	<i>bibijagua</i> (V.)

Ficha 40 - p. 73

LEMA	DULCE (SER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se dice que alguien es dulce para aquello que atrae:
EXEMPLO	“Fulano <i>es dulce</i> para la desgracia”.

Ficha 191 - 179. p. 185

LEMA	PANETELA (SER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se aplica a todo lo excelente. // Por otra parte, se dice que es una <i>panetela</i> la persona de carácter afable.

Ficha 192 - 332. p. 364

LEMA	RINQUINCALLA (SER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Se aplica a la persona muy traviesa, sobre todo a los niños. // Lo mismo que <i>ser de madre</i> .
SINÓNIMOS	<i>ser de madre</i>

Ficha 193 - 407. p. 515

LEMA	SAOCO (SER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se aplica a todo lo relevante.
EXEMPLO	<i>...poseionados allí con los tanques, ametralladoras, morteros, bazucas...lo que iban metiendo para atrás era saoco...(V. Casaus: Girón en la memoria, 1970)</i>

Ficha 194 - 417. p. 445

30. SUBST. + CONJ. + SUBST. + (ESTAR + PREP.) – 42

LEMA	BLANCO Y TROCADERO (ESTAR EN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Hallarse en pésima situación económica. // Estar en ayunas. Es forma fantasiosa de decir “estar en blanco”, y se basa en una intersección de calles de la ciudad de La Habana.

Ficha 195 – 42. p.73

31. SUBST. + ADJ. + (NO + V + ART.) – 43

LEMA	BOCA CUADRA' (NO TENER LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Cuando se reparte comida o bebida, quien no quiere ser excluido recuerda a los demás que él <i>no tiene la boca cuadra</i> '. Otros consiguen el mismo fin proclamando: "Yo no soy el hijo de la comadrona."
SINÔNIMOS	"Yo no soy el hijo de la comadrona."

Ficha 196 – 43. p. 75

32. SUBST. + (V + PREP. + ART.) – 45; 119; 152; 248; 320; 362; 367; 423

LEMA	BOMBEROS (JUGAR A LOS)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Bañarse.

Ficha 197 – 45. p. 79

LEMA	CODOS (CAMINAR CON LOS)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Ser muy avaro.

Ficha 198 - 119. p. 125

LEMA	CHÁGARA (PASAR POR LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo;	Matar (de chaira o <i>chágara</i> , cuchilla del zapatero). // Poseer sexualmente.

- por meio de paráfrase.	
--------------------------	--

Ficha 199 - 152. p. 155

LEMA	JAMO (CAER EN EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Ser atrapado, física o figuradamente.

Ficha 200 - 248. p. 270

LEMA	PAILA (ECHAR A LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Ingerir.

Ficha 201 - 320. p. 356

LEMA	PIEDRA (PASAR POR LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i> <i>Amér.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	<i>Cub.</i> Matar. // Eliminar de cualquier otra manera. // <i>Amér.</i> Poseer sexualmente.

Ficha 202 - 362. p. 392

LEMA	PIÑA (ENTRAR EN LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Incorporarse a una <i>piña</i> (V.).
SINÓNIMOS	Incorporarse a una <i>piña</i> .
REMISSÃO	Incorporarse a una <i>piña</i> (V.).

Ficha 203 - 367. p. 397

LEMA	SOMBRITA (IR POR LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Al despedir a alguien se le suele decir en tono jocoso <i>ve por la sombrita</i> , lo que equivale a “no te metas con nadie” o “no hagas ninguna travesura”.

Ficha 204 - 423. p. 458

33. SUBST. + (V + a alguien + CONJ. +ART.) – 46

LEMA	BOMBÍN (PONER a alguien COMO UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Apostrofarlo, dirigirle los peores dicitrios.

Ficha 205 – 46. p. 79

34. SUBST. + CONTR. + SUBST. + (V + a alguien + PREP. + ART.) – 47

LEMA	BONDAD AL CRIMEN (LLEVAR a alguien DE LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Ponerlo en situación desesperada. // Tratarlo con desconsideración o rigor extremos. Sinón.: <i>llevar con la de palo, llevar aprisa, llevar a toque de diana, llevar como carrito de helado.</i>
SINÓNIMOS	Sinón.: <i>llevar con la de palo, llevar aprisa, llevar a toque de diana, llevar como carrito de helado.</i>

Ficha 206 – 47. p. 80

35. SUBST. + PREP. + ART. + SUBST. + (ESTAR + CONTR.)

– 48

LEMA	BORDE DE LA PIRAGUA (ESTAR AL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Encontrarse en una situación inestable, abocado a una catástrofe.
EXEMPLO	- <i>Seis meses al borde de la piragua, hermano...</i> (O. Jorge Cardoso, <i>Abrir y cerrar de ojos</i> , 1969) Otros dicen <i>en el pico de la piragua: ...Habrían de poner punto final a mi oficio de mucano, y (...)</i> en el pico de la piragua <i>se me pondría el otro de jardinero...</i> (G. Eguren: <i>Aventuras de Gaspar Pérez...</i> , 1982)
SINÓNIMOS	<i>(estar) en el pico de la piragua</i>

Ficha 207 – 48. p. 81

36. V + CD. + o + V + ART. + SUBST. – 50

LEMA	BOTARLA o BOTAR LA PELOTA
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinónimo; - por meio de paráfrase.	Lo mismo que <i>comérsela</i> (V.), tener una actuación relevantemente positiva o negativa. Se deriva del argot beisbolero.
EXEMPLO	<i>Es el sobrepasamiento, pelota lanzada fuera de la valla - ¡la botó!</i> – <i>puro trascender de nuestra intrascendencia.</i> (F. García: en <i>Unión</i> , diciembre de 1968)
SINÓNIMOS	<i>comérsela</i> (V.)

Ficha 208 - 50. p. 82

37. SUBST. + (V + CI. + a alguien + ADV.) – 51

LEMA	BOTIJA VERDE (DECIRLE a alguien HASTA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Col. y Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Dirigirle los peores dicitorios.

Ficha 209 - 51. p. 83

38. SUBST. + (V + o + V + a alguien + PREP. + ART.) – 52

LEMA	BRINCO (COGER o TRABAR a alguien EN EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Sorprenderlo infraganti.
EXEMPLO	<i>...le esperaba un castigo terrible al que fuera trabado en el brinco...(P. de la Torriente Brau: Presidio Modelo, 1932-1935)</i>

Ficha 210 - 52. p. 85

39. SUBST. + (V. R. + PREP. + ART. + SUBST. + PREP. + ART.) – 55

LEMA	CABALLOS (METERSE EN LAS PATAS DE LOS)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Ponerse en situación espinosa, comprometida o riesgosa, por propia decisión.

Ficha 211 - 55. p. 89

40. SUBST. + o + ART. + SUBST. + (V) – 56

LEMA	CABEZA o LA CABEZA (JUGAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Evitar algo habilidosamente, hurtar el cuerpo.
EXEMPLO	<i>...ganar una onza con mucho trabajo y jugando la cabeza. (F. J. Valerio: Perro huevero...[bufo], 1868)</i> <i>...insistía con Batista (...) que presentara al juzgado los procesados (...) pero el coronel le jugaba la cabeza. (M. Kuchilán: Fabulario, 1970)</i>

Ficha 212 - 56. p. 90

41. SUBST. + (V. R. + C.I. + a alguien + ART.) – 58; 285

LEMA	CABLE (CRUZÁRSELE a alguien UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Enloquecer. // Trastabillar, confundirse. // Enamorarse.
EXEMPLO	“a Fulano se le <i>cruzó un cable</i> con Mengana”. <i>...al hombre se le ha cruzado un cable...</i> (I. Álvarez: <i>La sonrisa y la otra cabeza</i> , 1971)

Ficha 213 - 58. p. 90

LEMA	MANO (ÍRSELE a alguien LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Excederse.

Ficha 214 - 285. p. 310

42. SUBST. + (ESTAR + V + C. I. + ART.) – 59

LEMA	CABLE (ESTAR COMIÉNDOSE un)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Estar en pésima situación económica.
EXEMPLO	...yo me estoy comiendo un cable <i>pero tengo paciencia...</i> (Canción popular) ...en el periódico <i>Ahora, me estaba comiendo un cable.</i> (J. Z. Tallet: en <i>Unión</i> , diciembre 1969) A veces la frase toma una forma más enfática agregándole: <i>con forro y to'.</i>

Ficha 215 - 59. p. 90

43. SUBST. + (ESTAR + algo + PREP. + V + CONJ. + V + C. I. + ART.) – 60

LEMA	CABO (ESTAR algo DE CHUPA Y DÉJAME EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Estar de rechupete.
SINÓNIMOS	Estar de rechupete.

Ficha 216 - 60. p. 90

44. SUBST. + PREP. + SUBST. + (V + ADV. + QUE + ART.) – 61

LEMA	CABO DE TABACO (VALER MENOS QUE UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>

DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	No valer nada. Con frecuencia se aplica para catalogar la condición moral abominable de alguno.
---	---

Ficha 217 - 61. p. 91

45. SUBST. + (ESTAR + ADV. + ADJ. + QUE + ART.) – 62

LEMA	CABRA (ESTAR MÁS LOCO QUE UNA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
INFORMAÇÃO SOBRE O USO	<i>Com.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Estar loco de atar. Se ha usado en España (V. cap. IV de <i>Misericordia</i> , de Galdós), pero la Acad. lo ha ignorado. En Cuba se oye también <i>estar más loco que una chiva</i> .
SINÔNIMOS	Estar loco de atar. <i>Estar más loco que una chiva.</i>

Ficha 218 - 62. p. 91

46. SUBST. + (V + C. I. + o + V + C. I. + a alguien) – 64

LEMA	CABUYA (SOLTARLE o DARLE a alguien)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub,</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Darle libertad de acción, pero manteniéndolo bajo vigilancia.

Ficha 219 - 64. p. 92

47. SUBST. + ADJ. + PREP. + SUBST. + (V + C. I. + a alguien + ART.) – 65

LEMA	CACHIMBA LLENA 'E TIERRA (Tenerle a alguien LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Tenerle furioso por repetidos despropósitos.

Ficha 220 - 65. p. 93

48. SUBST. + (V + CONJ.) – 66

LEMA	CAFUNGA (MORIR COMO)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se suele decir cuando alguien sufre un descalabro o desemboca en un fin fulminante. Se afirma que Cafunga fue un desmochador de palmiche que se accidentó fatalmente, en el ejercicio de su trabajo, en la finca El Espino, Alicante, Sancti Spiritus (Ortiz cita a escritor anónimo).

Ficha 221 - 66. p. 94

LEMA	CARMELINA (VIVIR COMO)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Llevar una existencia regalada.

Ficha 222 - 92. p. 110

49. SUBST. + (V. R. + ADV. + CONTR.) - 69

LEMA	CAJÓN (CAGARSE FUERA DEL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Sufrir un descalabro, errar.
EXEMPLO	<i>...pensó que no debía dejarlo andando para no gastar petróleo y ahí fue donde se cagó fuera del cajón...(R. Moya: Amor entre llamas, 1981)</i>

Ficha 223 - 69. p. 96

50. SUBST. + (V. R. + C. I. + a alguien + ART.) – 70; 209

LEMA	CALZONCILLOS (VÉRSELE a alguien LOS)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	En el argot del dominó, lo mismo que <i>agacharse</i> (V.)
REMISSÃO	<i>agacharse</i> (V.)

Ficha 224 - 70. p. 97

LEMA	FRIJOLES (QUEMÁRSELE a alguien LOS)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Introducírsele los pantalones, generalmente por defecto en la hechura, entre ambos glúteos.

Ficha 225 - 209. p. 217

51. SUBST. + CONTR. + SUBST. + (V. R. + PREP. + ART.) - 71

LEMA	CALLE 'EL MEDIO (TIRARSE PA' LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
INFORMAÇÃO SOBRE O USO	<i>Com.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Dejar de admitir trabas morales o de otra índole. También en España tiene ese significado, según Besses, pero la Acad. ha ignorado este modismo.
EXEMPLO	<i>Batista</i> , tirado por la calle del medio, <i>insiste con el embajador en que se obligue a Mendieta a aceptar la presidencia...</i> (M. Kuchilán: <i>Fabulario</i> , 1970)

Ficha 226 - 71. p. 97

52. SUBST. + (V + C. I. + a alguien + ART.) – 72; 93; 139; 159; 190; 265; 266; 279; 280; 345; 379; 382; 410; 415; 445; 472

LEMA	CAMA (PREPARARLE a alguien UNA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Tenderle una celada, prepararle una trampa. <i>Hacerle</i> a alguien <i>un número ocho</i> es su equivalente en algunas situaciones. La Acad. sólo recoge “hacer una cama”, con igual significado. Aquí se utilizan ambos verbos indistintamente.
EXEMPLO	<i>...la desconfianza natural de Batista que no se convencía del todo de que mister Welles no le estuviera preparando una cama... (M. Kuchilán: Fabulario, 1970)</i>
SINÓNIMOS	<i>Hacerle</i> a alguien <i>un número ocho</i> es su equivalente en algunas situaciones. “hacer una cama”.

Ficha 227 - 72. p. 98

LEMA	CARNAVAL (PONERLE a alguien UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Múltiples acepciones. Entre ellas, atacar ininterrumpidamente.
EXEMPLO	<i>Ellos empezaron a retirarse, porque la gente aprovechó el instante y le pusimos un carnaval en un momentico... (V. Casaus: Girón en la memoria, 1970)</i>

Ficha 228 - 93. p. 110

LEMA	COTORRA (DARLE a alguien UNA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Darle una <i>muela</i> (V.)
SINÓNIMOS	Darle una <i>muela</i> .
REMISSÃO	Darle una <i>muela</i> (V.)

Ficha 229 - 139. p. 143

LEMA	CHICHÍ (PICARLE a alguien EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Además de su sentido recto (V. <i>chichi</i>), significa, figuradamente, sufrir un descalabro de cualquier índole. Sólo hemos escuchado el modismo en la región oriental.

Ficha 230 - 159. p. 163

LEMA	ESPEJERA (HACERLE a alguien UNA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Molestarlos, importunarlos con insistencia impertinente.

Ficha 231 - 190. p. 201

LEMA	LEVA (ENCENDERLE a alguien LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Pegarle. // Reprenderle.

Ficha 232 - 265. p. 288

LEMA	LEVA (HALARLE a alguien LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Adularle, demostrarle servilismo. V. los sínón. <i>chicharronear, guataquear, tracatanear, oler culo.</i>
SINÔNIMOS	<i>chicharronear, guataquear, tracatanear, oler culo.</i>
REMISSÃO	V. los sínón. <i>chicharronear, guataquear, tracatanear, oler culo.</i>

Ficha 233 - 266. p. 288

LEMA	MALA (CAERLE a alguien LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Caer en desgracia, <i>salarse.</i>
EXEMPLO	<i>...tienes que ser un sinvergüenza. Si no, te cae la mala (J. Z. Tallet: La semilla estéril, 1923-1939)</i>
SINÔNIMOS	Caer en desgracia, <i>salarse.</i>

Ficha 234 - 279. p. 301

LEMA	MALA (DARLE a alguien LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Dejarle la peor parte en un asunto o hacerlo objeto de una acción que le perjudique de cualquier manera. // Engañarlo. // No pagarle lo que le corresponde.

Ficha 235 - 280. p. 301

LEMA	PEDACITO (VIVIRLE a alguien UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Menoscar su dignidad u hombría. Es voz eminentemente hampesca.

Ficha 236 - 345. p. 378

LEMA	PORTAÑUELA (CUIDARLE a alguien LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Dictarle normas morales sobre su comportamiento amoroso.
EXEMPLO	<i>¡Miren pal consumidor este! Ahora resulta que en vez de sacar los perros a mear también se ocupa de cuidarle la portañuela a la gente. (F. Chofre: La Odilea, 1968)</i>

Ficha 237 - 379. p. 409

LEMA	PRECISA (PONERLE a alguien LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Forzarlo, llevarlo a una situación en la que no puede elegir sus acciones; obligarlo a definirse.
EXEMPLO	<i>¿Quiénes decidieron? Los militares, por supuesto, ante la precisa yanqui de defenestrar a Grau... (M. Kuchilán: Fabulario, 1970)</i>

Ficha 238 - 382. p. 411

LEMA	SABLE (SACARLE a alguien UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>

DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Hacer pública contra esa persona una censura o crítica que se ha callado con el fin de sacarla a la luz en el momento más comprometedor.
EXEMPLO	¡Mala estirpe la de los que <i>sacan sables!</i> ¡ <i>Solavaya!</i>

Ficha 239 - 410. p. 438

LEMA	SANTO (DARLE a alguien EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Caer en trance o posesión religiosa. Otros dicen <i>coger el santo</i> , lo cual parece ser un problema de sintonía espiritual”, igual que se “coge” una estación radial. Figuradamente, es sinónimo de enfadarse en grado sumo .
EXEMPLO	<i>Era más católica que santera, pelo le daba el santo.</i> (J. Calderón: <i>Amparo, millo y azucena</i> , 1970)
SINÔNIMOS	<i>coger el santo</i>

Ficha 240 - 415. p. 444

LEMA	TIÑOSA (PARQUEARLE a alguien UNA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Hacerle responsable de algún asunto espinoso, pedirle algún servicio enojoso o complicado.

Ficha 241 - 445. p. 478

LEMA	VELOCIDAD (TIRARLE a alguien UNA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>

DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Hacerle objeto de una bravuconería.
---	-------------------------------------

Ficha 242 - 472. p. 501

LEMA	ZAPATERÍA (PONERLE a alguien UNA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub. y Méx.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Darle una pateadura. Es fácil imaginarse en qué zona anatómica le ponen a la víctima el establecimiento de marras.

Ficha 243 - 482. p. 511

53. SUBST. + (ESTAR) + O + SUBST. + (ESTAR + PREP.) – 75

LEMA	CANCHA (ESTAR) O CANCHA (ESTAR EN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Hallarse preparado o entrenado; estar bien; <i>estar campana</i> (V.) La Acad. sólo registra, como modismo chileno, “estar en su cancha”, por hallarse en su alimento.
SINÔNIMOS	<i>estar campana</i>
REMISSÃO	<i>estar campana</i> (V.)

Ficha 244 - 75. p. 100

54. SUBST. + CONTR. + SUBST. + (V + C.I.) – 76; 124; 125; 365

LEMA	CANDELA AL JARRO (DARLE)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Llevar alguna empresa hasta sus últimas consecuencias. La idea completa, a veces expresada explícitamente, es: <i>darle candela al</i>

	<p><i>jarro hasta que suelte el fondo. // Proceder con rigor.</i> Historia: algún testaferro batistiano hizo suya la frase, clamando por más represión. A la caída del régimen dictatorial, el pueblo comentaba que le habían dado tanta candela al jarro, que en lugar de soltar el fondo se habían quedado con el asa en la mano.</p>
SINÓNIMOS	<i>darle candela al jarro hasta que suelte el fondo</i>

Ficha 245 - 76. p. 101

LEMA	COMEJÉN AL PALO (CAERLE)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Surgir un contratiempo. Otros dicen <i>caerle comején al piano</i> . Madera por madera...
SINÓNIMOS	<i>caerle comején al piano</i>

Ficha 246 - 124. p. 129

LEMA	COMEJÉN AL PIANO (CAERLE)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	V. ficha anterior.
EXEMPLO	- Le cayó comején al piano – <i>exclamó el Guille...</i> (E. Álvarez: <i>Macuta en La Habana</i> , 1981)

Ficha 247 - 125. p. 130

LEMA	PIEDRAS AL MORRO (TIRARLE)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>

DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Tratar de agredir a lo que es inexpugnable o emprender cualquier tarea tan ilusoria como lo sería tratar de dañar a pedradas los muros del mencionado castillo habanero.
---	--

Ficha 248 - 365. p. 392

55. SUBST. + CONJ. + CONTR. + SUBST. + (V + C. I. + a alguien) – 78

LEMA	CANDELA COMO AL MACAO (DARLE a alguien)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Proceder enérgicamente para que haga abandono de alguna posición, etcétera. Alude al hecho de que al citado crustáceo (parecido al ermitaño) sólo se le puede obligar a salir de su concha por medio del calor.
EXEMPLO	<i>Porque al fascista, para que suelte sus aspiraciones a Madrid, va a haber que hacerle como al macao y darle candela... (P. de la Torriente Brau: Peleando con los milicianos, 1936)</i>

Ficha 249 - 78. p. 101

56. V + (ESTAR + algo + o + alguien + QUE) – 80

LEMA	CANTA (ESTAR algo o alguien QUE)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Apestar en grado sumo.
OBSERVAÇÕES	Sinón.: <i>oler a cordelito de guagua.</i>

Ficha 250 - 80. p. 102

57. SUBST. + PREP. + ART. + SUBST. + (V. R. + PREP. + ART.) – 81

LEMA	CANTO EN EL PECHO (DARSE CON UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	“Darse por contento cuando lo que ocurre es más favorable o menos adverso que lo que podía esperarse”, dice la Acad. Aquí tiene un significado general (que incluye al anterior, pero también a otras situaciones) pues equivale a enorgullecerse, felicitarse a sí mismo.
EXEMPLO	<i>Por eso yo me puedo dar con un canto en el pecho. En tal obra había una reina, ésa era yo... (M. Barnet: Canción de Rachel, 1969)</i>

Ficha 251 - 81. p. 103

58. SUBST. + PREP. + NUM. + SUBST. + (ESTAR + O + V. R. + ART.) – 84

LEMA	CAÑA A TRES TROZOS (ESTAR O PONERSE LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Presentarse difícil una situación.
EXEMPLO	<i>Al isleño también se le había puesto la caña a tres trozos... (R. González: La fiesta de los tiburones, 1978)</i>

Ficha 252 - 84. p. 104

59. SUBST. + (ESTAR + CONJ. + ART.) – 85

LEMA	CAÑÓN (ESTAR COMO UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>

DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Encontrarse en su mejor forma, <i>estar campana</i> (V.).
SINÓNIMOS	<i>estar campana</i>
REMISSÃO	<i>estar campana</i> (V.).

Ficha 253 - 85. p. 104

60. SUBST. + por alguien + (V + ART.) – 87

LEMA	CARA por alguien (SACAR LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
INFORMAÇÃO SOBRE O USO	<i>Com.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Salir en su defensa. También en España (Besses)

Ficha 254 - 87. p. 108

61. SUBST. + (V + CONTR.) – 88; 145; 224; 225; 244; 310; 381; 466

LEMA	CARAJÓ (MANDAR PA'L)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Enviar a paseo, <i>mandar a casa de yuca.</i>
SINÓNIMOS	Enviar a paseo. <i>Mandar a casa de yuca.</i>

Ficha 255 - 88. p. 108

LEMA	CUERPO (DAR DEL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Hacer del cuerpo, defecar.

EXEMPLO	Así, pues, <i>dar del cuerpo es jmenuda donación!</i> ...se le aflojaron las tripas y le dieron ganas de dar del cuerpo... (S. Feijóo: <i>Cuentos populares cubanos de humor</i> , 1981)
---------	---

Ficha 256 - 145. p. 149

LEMA	GUAGUANCO (VIVIR DEL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Lo mismo que “vivir del cuento”.
SINÓNIMOS	“vivir del cuento”.

Ficha 257 - 224. p. 234

LEMA	GUAPACHÁ (VIVIR DEL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Vivir del cuento.
SINÓNIMOS	Vivir del cuento.

Ficha 258 - 225. p. 238

LEMA	INGLÉS (TRABAJAR PA'L)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
INFORMAÇÃO SOBRE O USO	<i>Com.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Esforzarse en beneficio ajeno, en detrimento propio. Tenía igual significado en la época colonial, y así Pichardo lo registra.
EXEMPLO	<i>¡Como que yo me mamo el dedo! No siempre había de trabajar para el inglés.</i> (C. Villaverde: <i>Cecilia Valdés</i> , 1882)

	<p>...y ya los pies los tengo mudando el cuero, y, vamos, hombre, que no quiero trabajar para el inglés. (M. Salas: <i>Trabajar para el inglés</i> [bufo], 1887) ...no ha hecho más que trabajar para el inglés... (F. Jamis: <i>Cuerpos</i>, 1966)</p>
OBSERVAÇÕES	Observación: <i>inglés</i> han llamado al acreedor en el lenguaje popular español.

Ficha 259 - 244. p. 264

LEMA	MONTÓN (TIRAR PA'L)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Desechar, eliminar. // Matar. // <i>dar abajo.</i>
SINÔNIMOS	<i>dar abajo</i>
OBSERVAÇÕES	Observ.: <i>dar abajo</i> es sinónimo, en ambas acepciones.

Ficha 260 - 310. p. 332

LEMA	POZO (BAJAR AL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Efectuar la práctica sexual que los médicos designan con el modoso latinajo de <i>cunnilingus</i> .
REMISSÃO	V. <i>mamancia</i> .

Ficha 261 - 381. p. 410

LEMA	VACILÓN (VIVIR DEL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.

MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Lo mismo que “vivir del cuento”.
SINÓNIMOS	“vivir del cuento”

Ficha 262 - 466. p. 497

62. SUBST. + (V. R. + CONTR.) – 89; 327; 359; 421

LEMA	CARAJO (IRSE PA'L)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Largarse.

Ficha 263 - 89. p. 109

LEMA	PALO (TIRARSE DEL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Levantarse, abandonar la cama. Es graciosa figuración imaginada por nuestros guajiros, por analogía con lo que hacen las aves de corral al amanecer.
EXEMPLO	<i>El día amaneció que no se podía pedir más de bonito (...) Telesforo se tiró del palo... (F. Chofre: La Odilea, 1968)</i>

Ficha 264 - 327. p. 361

LEMA	PICO (ECHARSE AL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>

DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Incontables significados. Entre ellos eliminar, anular, derrotar; matar; conquistar sexualmente.
---	--

Ficha 265 - 359. p. 390

LEMA	SIPOTE (IRSE PA'L)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Irse para el infierno, figuradamente.
EXEMPLO	<i>...todo lo que habíamos estado disfrutando en casa de Sise se fue pa'l sipote...</i> (F. Chofre: <i>La Odilea</i> , 1968)
SINÔNIMOS	Irse para el infierno.

Ficha 266 - 421. p. 454

63. SUBST. + PREP. + SUBST. + (SER + ADV. + ADJ. + QUE)

– 90

LEMA	CARCAÑAL DE INDÍGENA (SER MÁS DURO QUE)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Lo mismo que ser <i>fu</i> (V.) Se suele aplicar al avaro:
EXEMPLO	<i>Estrada Palma</i> , más duro que el calcañal de indígena... (P. González: <i>La fiesta de los tiburones</i> , 1978)
SINÔNIMOS	ser <i>fu</i>
REMISSÃO	ser <i>fu</i> (V.)

Ficha 267 - 90. p. 109

64. SUBST. + PREP. + ADV. + CONTR. + SUBST. + (SER) – 94

LEMA	CARNE 'E ABAJO 'EL RABO (SER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Lo mismo que <i>ser fu</i> o <i>ser un culo</i> . Se aplica con frecuencia a los avaros
EXEMPLO	<i>Próximo a Ciego de Ávila vivía un isleño adinerado, que de verdad era carne de abajo del rabo...</i> (S. Feijóo: <i>Cuentos populares cubanos de humor</i> , 1981)
SINÓNIMOS	<i>ser fu</i> <i>ser un culo</i> .

Ficha 268 - 94. p. 110

65. SUBST. + PREP. + SUBST. + (SER) – 95; 216

LEMA	CARNE 'E CALLO (SER)
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo;	Igual al anterior modismo.

Ficha 269 - 95. p. 111

LEMA	GALLETA CON GORGOJO (SER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Estar casado. // Tener avanzada edad.

Ficha 270 - 216. p. 223

66. SUBST. + PREP. + SUBST. + (V + a alguien + CONJ.) – 97

LEMA	CARRITO DE HELADOS (LLEVAR a alguien COMO)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>

DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Tratarlo con rigor. La idea completa es <i>llevar como carrito de helados: a empujones y campanillazos</i> . V. los sinón. en <i>llevar aprisa</i> .
SINÔNIMOS	<i>llevar aprisa</i>
REMISSÃO	V. los sinón. en <i>llevar aprisa</i> .

Ficha 271 - 97. p. 112

67. SUBST. + PREP. + ART. + SUBST. + (SER + ART. + ADJ.)

– 99

LEMA	CARTA DE LA BARAJA (SER LA ÚLTIMA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Ser lo peor de su género. En <i>Tradiciones peruanas</i> leemos “último triunfo de la baraja”, con igual significado.
EXEMPLO	<i>Muchos negros de aquí también los despreciaban [a los jamaquinos y haitianos] para no sentirse ellos como la última carta de la baraja...</i> (R. González: <i>La fiesta de los tiburones</i> , 1978)

Ficha 272 - 99. p. 113

68. SUBST. + de alguien + o + de algo + (V. R. + CONTR.) – 101

LEMA	CARTÓN de alguien o de algo (PONERSE PA'L)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Mostrar interés en esa persona o asunto. Las razones de ese interés son innumerables: <i>ponerse pa'l cartón</i> de alguien puede significar estar enamorado de esa persona o estar vigilándola para agredirla. Todo cabe en el modismo.

Ficha 273 - 101. p. 113

69. SUBST. + CONTR. + SUBST. + (V + PREP. + V + PREP.) – 102

LEMA	CASA DEL TROMPO (VENIR A BAILAR A)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Tratar de aparentar gran conocimiento de una materia ante quienes son peritos en ella.

Ficha 274 - 102. p. 114

70. SUBST. + PREP. + SUBST. + (V) – 104

LEMA	CÁSCARA DE PIÑA (HABLAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Decir sandeces.
EXEMPLO	<i>¡Qué manera de hablar cáscara de piña!</i> (E. Labrador Ruiz: “Nudo en la madera”)

Ficha 275 - 104. p. 115

71. SUBST. + CONJ. + ART. + ADJ. + SUBST. + (V + PREP. + ART. + o + PREP. + ART.) - 105

LEMA	CASCO Y LA MALA IDEA (QUEDAR EN EL o CON EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se dice de la persona o cosa desmantelada.
EXEMPLO	<i>...pero me he quedado en la polilla asquerosa con el casco y la mala idea, y creo que una novela no me</i>

	<i>sale...</i> (M. Barnet: <i>Canción de Rachel</i> , 1969)
--	---

Ficha 276 - 105. p. 115

72. SUBST. + (V + ADJ. + CONJ. + V) – 106

LEMA	CATANA (ÉRAMOS POCOS Y PARIÓ)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Equivale a “ya estábamos apretados y vienen más”, o a “ya eran bastantes nuestras penas y otras se les suman”

Ficha 277- 106. p. 116

73. NUM. + SUBST. + (SER + algo + ADJ.) – 109

LEMA	CINCO PESOS (SER algo OTROS)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Ser diferente, ser otra cosa. Algunos, en lugar de “cinco pesos” dicen “veinte pesos”, pero la idea es la misma. El Autor prefiere callarse el origen de esta frase, en aras de la tambaleante decencia de este libro.

Ficha 278 - 109. p. 120

74. SUBST. + (V + C. I. + a alguien) – 113; 206

LEMA	COBA (DARLE a alguien)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Tiene la acepción académica (adular), pero es también dar explicaciones o presentar excusas para evitar una pelea.

Ficha 279 - 113. p. 123

LEMA	FLI (DARLE a alguien)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Rechazarlo, despedirlo, eliminarlo del círculo de los preferidos.

Ficha 280 - 206. p. 212

75. SUBST. + (ESTAR + CONTR.) – 114

LEMA	COCAL (ESTAR PA'L)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	En la porción oriental del país se escucha como sinónimo de “estar loco de atar”.
SINÓNIMOS	“estar loco de atar”

Ficha 281 - 114. p. 123

76. SUBST. + con algo + o + con alguien + (V + o + V + ART.) - 115

LEMA	COCO con algo o con alguien (TENER o HACER UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Tener capricho, monomanía por esa persona o cosa.
EXEMPLO	<i>...es un coco lo que tengo contigo (Canción popular)</i>

Ficha 282 - 115. p. 123

77. SUBST. + ADJ. + (V. R. + PREP. + ART.) – 116

LEMA	COCO VACÍO (QUEDARSE CON EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.

MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Tener una idea brillante.
EXEMPLO	<i>El invento de la rueda fue el punto de partida de la civilización, te imaginas, se le quedó el coco vacío... (M. Cossío: Sacchario, 1970)</i>

Ficha 283 - 116. p. 123

78. SUBST. + (ESTAR + algo + ADJ. + ART.) – 117

LEMA	COCUYERA (ESTAR algo HECHO UNA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se dice de lo que está sumamente agujereado: “esa camiseta está hecha una <i>cocuyera</i> ”. Es modismo que sólo se escucha en el oriente de la Isla. Las <i>cocuyeras</i> eran lámparas que se construían agujereando repetidamente una güira, que después se llenaba de cocuyos (R. Martínez: <i>Oriente folklórico</i>).
EXEMPLO	“esa camiseta está hecha una <i>cocuyera</i> ”.

Ficha 284 - 117. p. 124

79. SUBST. + (V + o + V + PREP.) – 118

LEMA	COCHE (SALIR o IR EN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Salir de una situación espinosa menos desfavorablemente de los [sic] que se esperaba.

Ficha 285 - 118. p. 124

80. SUBST. + (V + C. I. + o + V + C. I. + a algo + o + a alguien + ART.) – 121

LEMA	COJONES (RONCARLES o ZUMBARLE a algo o a alguien LOS)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO b) funcional ou explicativa .	Se utiliza, exclamativamente, en situaciones extremas.
EXEMPLO	- ¡Le ronca los cojones! <i>Todavía se nos va a escapar.</i> (W. Gálvez: <i>Salida 19</i> , 1981)

Ficha 286 - 121. p. 126

81. V. R. + C. I. + a alguna materia – 123

LEMA	COLÁRSELE a alguna materia
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Dominarla:
EXEMPLO	“ <i>se le cuela a la mecánica</i> ”.

Ficha 287 - 123. p. 127

82. SUBST. + PREP. + ART. + SUBST. + (V) – 126; 228; 405

LEMA	COMEJÉN EN LA AZOTEA (TENER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Estar loco.

Ficha 288 - 126. p. 130

LEMA	GUAYABITOS EN LA AZOTEA (TENER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.

MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Se dice que los tiene el que ha enloquecido. Sinón.: estar <i>quendi, creisi, tosta 'o, quema 'o, sansi, o pa'l cocal</i> . V. también tener un <i>pase a tierra</i> y estar <i>sulfata 'o</i> .
SINÓNIMOS	Sinón.: estar <i>quendi, creisi, tosta 'o, quema 'o, sansi, o pa'l cocal</i> . V. también tener un <i>pase a tierra</i> y estar <i>sulfata 'o</i> .
REMISSÃO	estar <i>quendi, creisi, tosta 'o, quema 'o, sansi, o pa'l cocal</i> . V. también tener un <i>pase a tierra</i> y estar <i>sulfata 'o</i> .

Ficha 289 - 228. p. 248

LEMA	REUMA EN EL CODO (TENER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se dice que de eso padecen los avaros, a los cuales nunca se les ve doblar dicha articulación en gesto de sacar dinero del bolsillo.

Ficha 290 - 405. p. 431

83. V. R. + C. D. – 129; 174

LEMA	COMÉRSELA
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Tener una actuación sensacional, en cualquier sentido. Por ejemplo, lo mismo <i>se la come</i> el que dice un gran despropósito que el que afirma algo excepcionalmente atinado. El contexto, por tanto, es imprescindible. V. <i>botarla</i> y <i>devorársela</i> .

EXEMPLO	<i>Chévere, eso mismo. Te la comiste. (L. Otero: La situación, 1963)</i>
SINÓNIMOS	<i>botarla devorársela</i>
REMISSÃO	<i>V. botarla y devorársela.</i>

Ficha 291 - 129. p. 131

LEMA	DEVORÁRSELA
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Lo mismo que <i>comérsela</i> (V.).
REMISSÃO	<i>comérsela</i> (V.).

Ficha 292 - 174. p. 182

84. ADJ. + (V + a alguien) – 130; 220

LEMA	CÓMODO (LLEVAR a alguien)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Hacerle objeto de consideraciones, proporcionarle lo más deseable, distinguirlo.

Ficha 293 - 130. p. 131

LEMA	GIRO, RA (TENER a alguien)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	No darle descanso, ya sea con impertinencias, bravuconerías o trabajo excesivo

Ficha 294 - 220. p. 228

85. SUBST. + (V + a alguien + ART.) – 131; 409

LEMA	CONFRONTA (COGER a alguien LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.

MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Hacérsele lo suficientemente tarde como para tener que esperar por la <i>confronta</i> (V.). // Por extensión, verse en una situación comprometida, problemática.
EXEMPLO	<i>...léimos de un tirón a Zaratustra sin que nos cogiera la confronta...</i> (M. Kuchilán: <i>Fabulario</i> , 1970)
REMISSÃO	<i>confronta</i> (V.).

Ficha 295 - 131. p. 134

LEMA	RUEDA (COGER a alguien La)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de antônimo; - por meio de paráfrase.	No se trata de un equivalente de “coger la rueda de la fortuna”, sino que de todo lo contrario: ser aplastado, suprimido.
EXEMPLO	- <i>A ustedes en la vuelta ésta los va a coger la rueda – dijo el Pelirrojo.</i> (D. Buzzi: <i>La religión de los elefantes</i> , 1968)
SINÔNIMOS	No se trata de un equivalente de “coger la rueda de la fortuna”.

Ficha 296 - 409. p. 435

86. V + a alguien + QUE + C. D. + V + (PRON. + QUE) – 132

LEMA	CONOZCA a alguien QUE LO COMPRE (EL QUE [NO?])
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Así se expresa el que no puede ser engañado por quien se presenta en calidad de lo que no es. Según Rodríguez Herrera este modismo se escucha también en Colombia.

EXEMPLO	El que no te conozca que te compre. <i>Dale con la palabra y vuelta con su reputación y pocas veces, si alguna, cumpliendo con exactitud.</i> (C. Villaverde: <i>Cecilia Valdés</i> , 1882)
---------	--

Ficha 297 - 132. p. 135

87. SUBST. + (NO + V + o + NO + V. R. + C. I. + a alguien + CONJ. + ART.) – 133

LEMA	COÑO (NO DECIR o NO OÍRSELE a alguien NI UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Se aplica a quien nunca dice obscenidades. Alude a que esta voz es peccata minuta en comparación con otras de nuestras “malas palabras”.

Ficha 298 - 133. p. 139

88. SUBST. + PREP. + SUBST. + (V + algo + o + alguien + PREP.) – 134

LEMA	CORDELITO DE GUAGUA (OLER algo o alguien A)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Apestar en grado extremo. Alude al cordel que accionaban los conductores (V.) de <i>guagua</i> (V.) para registrar en un aparato contador cada pasaje cobrado. Es de suponer que, a fuerza de manoseo, tal cordel no oliese a rosas precisamente. V. <i>estar que canta y oler a mono cuque'ao</i> .
SINÓNIMOS	<i>estar que canta</i> <i>oler a mono cuque'ao</i>
REMISSÃO	conductores (V.) de <i>guagua</i> (V.) V. <i>estar que canta y oler a mono cuque'ao</i> .

Ficha 299 - 134. p. 140

89. SUBST. + (V. R. + PREP. + ART. + SUBST.) – 136

LEMA	COSAS (PONERSE PA' LAS COSAS)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Alertarse, hacerse cargo, atender, no descuidarse. Lo contrario sería <i>no estar en nada</i> o <i>estar detrás del palo</i> .
REMISSÃO	Lo contrario sería <i>no estar en nada</i> o <i>estar detrás del palo</i> .

Ficha 300 - 136. p. 143

90. SUBST. + (V + C. I. + o + V + C. I. + a algo + PREP. + ART. + ADJ.) – 137

LEMA	COSTURA (METERLE o DARLE a algo EN LA MISMA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se dice de lo que se domina brillantemente. Es modismo heredado de la jerga beisbolera.
EXEMPLO	<i>...le dio por darle al aburrimiento en la misma costura... (F. Chofre: La Odilea, 1968)</i> <i>Le meto al danzón en la misma costura... (M. Cossio: Sacchario, 1970)</i>

Ficha 301 - 137. p. 143

91. SUBST. + (V) + o + V – 141

LEMA	CRANQUE (DAR) o CRANQUEAR
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr. y v. tr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo;	Convencer a alguien de que debe lanzarse a alguna empresa //

- por meio de paráfrase.	Indisponer a una persona contra otra, cizañar.
EXEMPLO	<i>...fue de los pocos que no mataron a nadie...pero en cambio como decían los presos con rencor: - ¡Nadie ha dado más cranque que ese! (P. de la Torriente Brau: Presidio Modelo, 1932-1935)</i>
REMISSÃO	(V. las dos / anteriores).

Ficha 302 - 141. p. 144

92. SUBST. + (NO + V + ART.) – 144

LEMA	CUENTO (NO HACER EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	No sobrevivir.
EXEMPLO	<i>...el que se cae de esa altura no hace el cuento...(P. de la Torriente Brau: Presidio Modelo, 1932-1935)</i>

Ficha 303 - 144. p. 148

93. SUBST. + de alguien + (SER + ART.) – 146; 348

LEMA	CUJE de alguien (SER EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Tenerle bajo su dominio gracias al miedo. Úsase sobre todo en el oriente del país.

Ficha 304 - 146. p. 149

LEMA	PELOTA de alguien (SER LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>

DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se aplica a la persona preferida, a la especialmente predilecta:
EXEMPLO	“ese niño es mi <i>pelota</i> ”.

Ficha 305 - 348. p. 381

94. SUBST. + a algo + (V + C. I. + o + V + C. I.) – 149

LEMA	CUÑO a algo (PONERLE o PEGARLE)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Darlo por seguro o confirmado.

Ficha 306 - 149. p. 152

95. SUBST. + (V + ADV.) – 151; 393

LEMA	CHACUMBELE (MORIR COMO)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se aplica a quien obtiene funestos resultados como consecuencia de sus propias acciones. Del legionario Chacumbele se dice que “él mismo se mató”.

Ficha 307 - 151. p. 513

LEMA	QUÍMICO (CAMINAR COMO)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Hacerlo con pasos menudos y afectadamente. Seguramente alude a la meticulosidad y cuidado típicos de los habituados a andar entre frágiles matraces, atanores y retortas. Es vez que hoy sólo suele escucharse de labios añejos.

Ficha 308 - 393. p. 421

96. SUBST. + (V + o + V + C. I. + a alguien + ART.) – 153

LEMA	CHANGÓ (COGER o BAJARLE a alguien EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Caer en estado de posesión religiosa, <i>coger el santo</i> . (Changó es corrupción de Shangó, integrante del olimpo yoruba.) // Enfadarse en grado sumo.
EXEMPLO	fr. <i>Cub.</i> <i>...y el bongó se rompe al volverse loco,</i> <i>y a niña Tomasa le baja el changó.</i> (J. Z. Tallet: <i>la semilla estéril</i> , 1923-1939)

Ficha 309 - 153. p. 157

97. ADV. + (ESTAR) – 154; 323

LEMA	CHAO (ESTAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Estar dos personas en situación tal que ninguna deba nada a la otra. // Quedar empatados.

Ficha 310 - 154. p. 158

LEMA	PALO (ESTAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Hallarse en condiciones óptimas. // Aplicada a una mujer, lo mismo que estar <i>buena</i> (V.).
SINÓNIMOS	estar <i>buena</i>
REMISSÃO	estar <i>buena</i> (V.).

Ficha 311 - 323. p. 361

98. SUBST. + (ESTAR + o + V + PREP.) – 155

LEMA	CHECHE (ESTÁ o VIVIR DE)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se dice del que vive cómodamente sin apreciable sacrificio de su parte.

Ficha 312 - 155. p. 160

99. SUBST. + (NO + V + CONJ. + CONTR. + SUBST. [?]) – 157

LEMA	CHICLE (NO GANAR NI PA' L CHICLE)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Ganar muy poco. Sinón.: <i>no ganar ni pa' la fuma.</i>
SINÓNIMOS	Sinón.: <i>no ganar ni pa' la fuma.</i>

Ficha 313 - 157. p. 514

100. V + (V + QUE) – 160

LEMA	CHIFLA (IR QUE)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Lo mismo que <i>salir en coche</i> (V.). // Se aplica al que se traslada apresuradamente.
SINÓNIMOS	<i>salir en coche</i>
REMISSÃO	<i>salir en coche</i> (V.).

Ficha 314 - 160. p. 163

101. SUBST. + (V + C. I. + C. D. + a alguien + PREP.) – 161

LEMA	CHINA (PONÉRSELA a alguien EN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Plantearle una situación difícil, ponerlo en aprietos, <i>parquearle una tiñosa</i> (V.). / Darle una respuesta que, por lo ingeniosa o irrefutable, resulta aplastante.
SINÓNIMOS	<i>parquearle una tiñosa</i>
REMISSÃO	<i>parquearle una tiñosa</i> (V.).

Ficha 315 - 161. p. 164

102. SUBST. + ADV. + (V + ART.) – 162; 163 (repetição da entrada)

LEMA	CHINO ATRÁS (TENER UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Tener mala suerte, mala agallas, ser apocado. Alude a la indefensión de los chinos, que fueron por mucho tiempo brutalmente discriminados en Cuba. En este modismo <i>gollejo</i> es, claro está, hollejo.

Ficha 316 - 162. p. 165

LEMA	CHINO ATRÁS (TENER UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Tener mala suerte, mala sombra. Son sinónimos: <i>estar sala'o</i> , <i>tener que ir a Guanabacoa</i> , <i>ser un saco'e sal y estar caga'o de aura</i> .
EXEMPLO	<i>Cuando alguien tenía una racha de mala suerte decía: Tengo un chino atrás.</i> (R. González: <i>La fiesta de los tiburones</i> , 1978)

	<i>Alguien comenta que tenemos un chino atrás, y otro que toda la China... (A. Núñez J.: En Marcha con Fidel, 1982)</i>
SINÔNIMOS	<i>estar sala'o, tener que ir a Guanabacoa, ser un saco'e sal y estar caga'o de aura.</i>

Ficha 317 - 163. p. 165-166

103. SUBST. + QUE + C. I. + V + ART. + SUBST. + (V. R. + ART.)
– 164

LEMA	CHINO QUE TE PONGA UN CUARTO (BÚSCATE UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	Cub.
DEFINIÇÃO b) funcional ou explicativa .	Fórmula de rechazo.
EXEMPLO	<i>Una mujer considerada decente, aunque un chino le cayera bien, tenía miedo arrimársele. Cuando un hombre iba a pelearse con una mujer, le decía: Búscate un chino que te ponga un cuarto. (R. González: La fiesta de los tiburones, 1978)</i>

Ficha 318 - 164. p. 166

104. SUBST. + (V + a alguien + PREP. + V) – 165

LEMA	CHIRINGA (MANDAR a alguien A EMPINAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	Cub.
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo;	Lo mismo que <i>mandarlo a freír tusas</i> (V.)
SINÔNIMOS	<i>mandarlo a freír tusas</i>
REMISSÃO	<i>mandarlo a freír tusas</i> (V.)

Ficha 319 - 165. p. 167

105. SUBST. + ADJ. + (V + ART.) – 166; 167; 283; 311

LEMA	CHISPA ATRASA' (TENER LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Ser lento, lerdo.

Ficha 320 - 166. p. 168

LEMA	CHISPA ENCENDÍ'A (TENER LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de antônimo; - por meio de paráfrase.	Mostrarse ágil, vigilante, rápido, presto. Su antónimo es <i>tenerla chispa atrasa'</i> .

Ficha 321 - 167. p. 168

LEMA	MANGOS BAJITOS (COGER LOS)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Aprovecharse de una situación propicia. // Competir con ventaja.
EXEMPLO	<i>...los que cogieron los mangos bajitos cuando ellos [los romanos] comenzaron a echar pa'trás... (P. de la Torriente Brau: Aventuras del soldado desconocido cubano, 1936) ...ahí empezaron los vividores a no querer trabajar. A ellos les gustaban los mangos bajitos...</i>

	(R. González: <i>La fiesta de los tiburones</i> , 1978)
--	---

Ficha 322 - 283.p. 306

LEMA	MOÑO VIRA 'O (TENER EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Estar malhumorado. En <i>Cecilia Valdés</i> Leonardo le pregunta a Nemesia si tiene el <i>moño tuerto</i> . Hoy se dice como se señaló antes. Con frecuencia toma la forma <i>amanecer con el moño vira 'o</i> . Amanecer con el moño virao. <i>Esta frase suele emplearse entre la gente del pueblo como señal de haber amanecido de mal carácter y, por lo tanto, no se está para juegos</i> . (R. Cisneros J.: <i>Pequeño managüit de cosas nuestras</i> , 1981)
SINÓNIMOS	<i>no se está para juegos</i>

Ficha 323 - 311. p. 333

106. SUBST. + (NO + V + CONJ. + ADV. + V + ART.) – 169

LEMA	CHIVA (NO TENER NI DONDE AMARRAR LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Describe una situación económica apretadísima. Tiene sinónimos en <i>estar comiéndose un cable</i> , <i>estar en la tea</i> , etcétera.
EXEMPLO	<i>La cuestión del dinero estaba muy apretada para la familia. Cuba era rica, pero los míos no tenían ni donde amarrar la chiva</i> . (R. González: <i>La fiesta de los tiburones</i> , 1978)
SINÓNIMOS	<i>estar comiéndose un cable</i>

	<i>estar en la tea</i>
--	------------------------

Ficha 324 - 169. p. 168

107. SUBST. + ADJ. + (V. R. + ART.) – 170

LEMA	CHIVO LOCO (HACERSE EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Fingirse tonto, hacerse el sueco.
EXEMPLO	<i>¡Óyeme, catalán! ¡Dame el vuelto, no te vengas haciendo el chivo loco conmigo porque llamo un policía!</i> (R. Martínez: <i>Oriente folklórico</i> , 1934)

Ficha 325 - 170. p. 171

108. SUBST. + (NO + V. R. + o + NO + V. R. + ART.) – 172

LEMA	DEDO (NO CHUPARSE o NO MAMARSE EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Proclama que no lo hace quien asegura que no es tonto.
EXEMPLO	<i>...Aponte, tú parece que no me conoces, o que crees que yo me mamo el dedo...</i> (C. Villaverde: <i>Cecilia Valdés</i> , 1882)

Ficha 326 - 172. p. 176

109. SUBST. + (V + a alguien + PREP. + SUBST. + PREP.) – 175

LEMA	DIANA (LLEVAR a alguien A TOQUE DE)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO	Lo mismo que <i>llevar aprisa</i> (V.).

a) conceitual - por meio de sinônimo.	
SINÓNIMOS	<i>llevar aprisa</i>
REMISSÃO	<i>llevar aprisa (V.).</i>

Ficha 327 - 175. p. 182

110. V + C. I. + a alguien – 180

LEMA	ECHARLE a alguien
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Jugarle una mala pasada, engañarlo o estafarlo. // Hablar mal de esa persona. V. <i>rayo (echar con el).</i>
SINÓNIMOS	<i>rayo (echar con el)</i>
REMISSÃO	<i>V. rayo (echar con el).</i>

Ficha 328 - 180. p. 187

111. V + LOC. – 181; 188; 319; 374; 447

LEMA	ECHAR PA'LANTE
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Hacer frente a una situación de manera resuelta. // Denunciar.
EXEMPLO	<i>...zapatos por malanga...dinero por puerquitos...los deberías echar para adelante...(Del guión de la película cubana Ustedes tienen la palabra) Un día esa vieja lo echa pa'lante... (E. Álvarez Jané: Macuta La Habana 1981)</i>

Ficha 329 - 181. p. 187

LEMA	ENTRAR PA'DENTRO
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.

INFORMAÇÃO SOBRE O USO	<i>Com.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Pleonasmo. No es éste tampoco un pecado que nos puedan cargar con exclusividad a los hispano-americanos, como se ve en la cita que sigue:
EXEMPLO	<i>Replicó Don Quijote: Majadero, insensato, ¿no ves desde aquí los altos chapiteles, y la famosa puente levadiza, y los dos muy fieros grifos que defienden su entrada a aquellos que contra la voluntad del castellano pretenden entrar adentro... (El Quijote de Avellaneda, 1614)</i>
OBSERVAÇÕES	Son también muy comunes <i>salir pa 'fuera, subir pa 'rriba y bajar pa 'bajo</i>

Ficha 330 - 189. p. 197

LEMA	PAGAR AL TINTÍN
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Hacerlo al contado. Seguramente alude al sonido de las monedas en su trasiego de mano a mano. A veces se escucha la forma caprichosa <i>pagar al tintín de la ciruela</i> .
SINÓNIMOS	<i>pagar al tintín de la ciruela</i>

Ficha 331 - 319. p. 356

LEMA	PONER EN TRES Y DOS
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Poner a alguien en situación tal que no puede evitar tomar alguna decisión importante.

	Se deriva del argot beisbolero.
--	---------------------------------

Ficha 332 - 374. p. 405

LEMA	TIRAR PA'LLÁ
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Encarcelar. En esta frase <i>allá</i> es eufemismo por prisión. Sinón.: <i>cargar</i> y <i>encanar</i> .
SINÓNIMOS	Sinón.: <i>cargar</i> y <i>encanar</i> .

Ficha 333 - 447. p. 480

112. V. R. + a alguien – 182

LEMA	ECHARSE a alguien
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i> y <i>Méx.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Matarlo, eliminarlo.
EXEMPLO	<i>...les hizo frente a todos los cuicos y federales del pueblo y se los echó...</i> (M. Azuela: <i>Los de abajo</i> , 1915) // Poseer sexualmente: “Fulano se echó a Mengana”.

Ficha 334 - 182. p. 187

113. SUBST. + (V + a alguien + PREP. + ART.) – 183; 290

LEMA	EJE (PARTIR a alguien Por EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
INFORMAÇÃO SOBRE O USO	<i>Com.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Hacerle un gran daño. Besses reportó su uso en España. La Acad. ignora el modismo.

EXEMPLO	Un ejemplo sudamericano: <i>Ella creyó partirlo por el eje y darle calabazas rotundas...</i> (R. Palma: <i>Tradiciones peruanas</i>)
---------	---

Ficha 335 - 183. p. 188

LEMA	MARCHERÉ (LLEVAR a alguien A LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Lo mismo que <i>llevarlo aprisa</i> (V.).
SINÓNIMOS	<i>llevarlo aprisa</i>
REMISSÃO	<i>llevarlo aprisa</i> (V.).

Ficha 336 - 290. p. 312

114. ADJ. + (V + o + V) – 187

LEMA	ENSILLA' O LLA' (ANDAR o ESTAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	En lenguaje carcelario, portar un arma oculta.

Ficha 337 - 187. p. 196

115. ADV. + (V + o + V + PREP.) – 192

LEMA	ESTAMBAY (ESTAR o QUEDAR EN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Esperar, quedar en la expectativa. Del inglés <i>stand by</i> , popularizado por el argot de las comunicaciones radiales.

EXEMPLO	...no teníamos balas para pelear y nos quedamos en stand by... (J. QUEVEO: <i>La batalla de El Jigüe</i> , 1976)
---------	--

Ficha 338 - 192. p. 202

116. ESTAR + ADV. – 193

LEMA	ESTAR ATRÁS
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Lo mismo que <i>fuácata</i> (<i>estar en la</i>) (V.). // Estar mal informado, desconocer lo que es notorio.
SINÓNIMOS	<i>fuácata</i> (<i>estar en la</i>)
REMISSÃO	<i>fuácata</i> (<i>estar en la</i>) (V.).

117. ESTAR + ADJ. – 194; 195; 196

LEMA	ESTAR QUERIDO, DA
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Expresa que algo está resuelto, que no existen dificultades.
EXEMPLO	<i>No se ocupe, que esto está querido.</i> (H. Zumbado: <i>Limonada</i> , 1978)

Ficha 339 - 194. p. 202

LEMA	ESTAR FAJA'O
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se dice que lo está la persona que combina su ropa con mal gusto (camisa de cuadros y pantalones de rayas, etcétera).

Ficha 340 - 195. p. 202

LEMA	ESTAR HECHO
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Encontrarse en buena situación.

Ficha 341 - 196.p. 203

118. SUBST. + (ESTAR + PREP. + ART.) – 197; 212; 317; 334; 465; 475

LEMA	ESTILO (ESTAR EN EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Hallarse física o económicamente maltrecho.

Ficha 342 - 197. p. 203

LEMA	FUÁCATA (ESTAR EN LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	No tener dinero. Sinón.: <i>estar atrás, estar bruja.</i>
SINÔNIMOS	Sinón.: <i>estar atrás, estar bruja.</i>

Ficha 343 - 212. p. 218

LEMA	ONDA (ESTAR EN LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Estar incluido en un asunto o empresa cualquiera. // Vestir a la moda. // Estar bien informado.

EXEMPLO	...estaba en la onda, <i>bien enterado</i> ... (M. Kuchilán: <i>Fabulario</i> , 1970)
---------	--

Ficha 344 - 317. p. 352

LEMA	PAPA (ESTAR EN LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Encontrarse en una situación favorable, próspera. Puede ser corrupción de <i>estar en la parra</i> , que Suárez registró en 1921 con igual significado y que hoy se desconoce.

Ficha 345 - 334. p. 366

LEMA	TEA (ESTAR EN LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Hallarse en deplorable situación económica. Ortiz (1923) registra la forma <i>estar en la tea brava</i> , hoy en desuso. Sí se escucha, por “no tener dinero”, <i>estar en la tea incendiaria</i> . Equivalen a la definida las siguientes frases: todas con el verbo “estar” <i>en la fuácata, en la prángana, atrás, bruja, en carne, hecho tierra, en la calle y sin llavín y pelea ’o con el portero</i> ; etcétera.
SINÔNIMOS	<i>estar en la tea brava</i> Todas con el verbo “estar” <i>en la fuácata, en la prángana, atrás, bruja, en carne, hecho tierra, en la calle y sin llavín y pelea ’o con el portero</i> ; etcétera.

Ficha 346 - 434. p. 469

LEMA	VACILÓN (ESTAR EN EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.

MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Encontrarse en situación envidiable.

Ficha 347 - 465. p. 497

LEMA	VIVA (ESTAR EN LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Estar alerta o enterado.
EXEMPLO	... <i>debemos</i> estar en la viva. A nosotros no pueden agarrarnos mansitos esos esbirros... (R. Garriga: <i>El barrio de las ranas alegres</i> , 1969) <i>Eso permite al tigre estar siempre en la viva y no comer mierda como los venados...</i> (E. Álvarez Jané: <i>Macuta La Habana</i> , 1981)

Ficha 348 - 475. p. 505

119. SUBST. + (ESTAR + ADJ. + ART.) - 198; 253

LEMA	ETCÉTERA (ESTAR HECHO UNA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Estar hecho una birria, un adefesio. // No tener dinero.
SINÓNIMOS	Estar hecho una birria, un adefesio.

Ficha 349 - 198. p. 203

LEMA	JIBE (ESTAR HECHO UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.

MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se dice de los que está muy agujereado.

Ficha 350 - 253. p. 274

120. SUBST. + o + ART. + SUBST. + (V + C. I. + a alguien + ART.)

– 202

LEMA	FAROL o UN FOCO (FUNDIRLE a alguien UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Golpearlo en un ojo.

Ficha 351 - 202. p. 207

121. SUBST. + (V. R. + PREP.) – 203; 427; 439

LEMA	FICHA (PASARSE CON)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	En el dominó, dejar de efectuar una jugada aunque se tienen / de los palos que están en mesa. // Se aplica burlonamente a quien comete un error fácilmente evitable.

Ficha 352 - 203. p. 208

LEMA	TABLITAS (SALVARSE EN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Salvarse de milagro.

Ficha 353 - 427. p. 462

LEMA	TÍA (QUEDARSE PA')
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>

DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Se aplica a la mujer de edad avanzada que no se ha casado. V. <i>jamona</i> .
SINÓNIMOS	<i>ser jamona</i>
REMISSÃO	V. <i>jamona</i> .

Ficha 354 - 439. p. 473

122. SUBST. + (V + C. I. + a alguien + o + a algo) – 207

LEMA	FO (HACERLE a alguien o a algo)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	“Fo” es también aquí una interjección de asco, pero <i>hacerle fo</i> a una persona, a una invitación, etcétera, es rechazarla con altivez.
EXEMPLO	Le hiciste fo a la niña más linda del baile y esto picó mi curiosidad... (C. Villaverde: <i>Cecilia Valdés</i> , 1882)

Ficha 355 - 207. p. 213

123. SUBST. + (V + C. I. + a alguien) – 210; 211; 247; 308; 398

LEMA	FRÍO (DARLE a alguien)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Lo mismo que <i>darle hielo</i> (V.).
SINÓNIMOS	<i>darle hielo</i>
REMISSÃO	<i>darle hielo</i> (V.).

Ficha 356 - 210. p. 514

LEMA	FRÍO (METERLE a alguien)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>

DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Atemorizarlo.
---	---------------

Ficha 357 - 211. p. 217

LEMA	JABÓN (DARLE a alguien)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
INFORMAÇÃO SOBRE O USO	<i>Com.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Lo mismo que <i>darle vaselina</i> .
SINÔNIMOS	<i>darle vaselina</i>

Ficha 358 - 247. p. 267

LEMA	MONOS (PINTARLE a alguien)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Atraer su atención con arrumacos. // <i>Saltearle.</i>
SINÔNIMOS	<i>Saltearle.</i>

Ficha 359 - 308. p. 332

LEMA	RABO (PONERLE a alguien)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Burlarse de él, ponerle en situación desairada o ridícula.

Ficha 360 - 398. p. 423

124. SUBST. + (V + C. I. + a algo) – 213

LEMA	FUETE (DARLE a algo)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>

DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Castigarlo con un uso demasiado fuerte o intenso:
EXEMPLO	“¡Qué <i>fuete</i> le das a esa camisa!”

Ficha 361 - 213. p. 219

125. SUBST. + (NO + V + o + NO + V + CONJ. + PREP. + ART.) – 214

LEMA	FUMA (NO GANAR o NO HACER NI PA' LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Ganar muy poco o nada.
EXEMPLO	<i>Tabaquero en sus años mozos, no hacía ni pa' la fuma... (E. Robreño: Cualquier tiempo pasado fue..., 1979)</i>
SINÔNIMOS	<i>estar atrás, estar bruja y estar en la fuácata.</i>
REMISSÃO	V. <i>estar atrás, estar bruja y estar en la fuácata.</i>

Ficha 362 - 214. p. 220

126. SUBST. + (V + ADV. + ART) – 219

LEMA	GENTE (VIVIR COMO LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Tener un nivel de vida decoroso.
EXEMPLO	<i>Cuando se casaron pensaba vivir como la gente, tener su apartamento... (R. González: Siempre la muerte..., 1982)</i>

Ficha 363 - 219. p. 228

127. SUBST. + (V. R. + a alguien + PREP. + o + PREP. + ART.) – 221

LEMA	GOLILLA (LLEVARSE a alguien POR o EN LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Matar. Se originó en el argot de los <i>galleros</i> . V. <i>golilla</i> . // Eliminar, en cualquier sentido. // En materia de amores, conquistar.
EXEMPLO	<i>Jeba que se ponga a tiro, jeba que se lleva en la golilla.</i> (H. Zumbado: <i>Limonada</i> , 1978)
REMISSÃO	V. <i>golilla</i> .

Ficha 364 - 221. p. 229

128. SUBST. + PREP. + ART. + SUBST. + (NO + V + C. I. + CONJ. + ART.) – 222

LEMA	GOLLEJO A UN CHINO (NO TIRARLE NI UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Ser completamente indefenso, inocuo.

Ficha 365 - 222. p. 229

129. SUBST. + (V + PREP. + ART. + SUBST. + CONTR.) – 227

LEMA	GUATAO (ACABAR CON LA FIESTA DEL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Según parece, en el pueblo de El Guatao, cercano a la ciudad de La Habana, hubo una fiesta memorable cuyo final no fue muy armonioso, pues el modismo equivale a terminar a puros golpes.

Ficha 366 - 227. p. 244

130. SUBST. + o + SUBST. + (V + C. I. + a alguien + algo+ PREP. + ART.) – 229

LEMA	GÜEVOS o HUEVOS (SALIRLE a alguien algo DE LOS)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Darle su realísima gana.
EXEMPLO	<i>...porque a él, personero del orden, simplemente le salía de los güevos...</i> (E. Álvarez Jané: <i>Macuta La Habana</i> , 1981)

Ficha 367 - 229. p. 249

131. ADJ. + (V. R. + ART.) – 230

LEMA	GUILLA'O (HACERSE EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Lo mismo que <i>guillarse</i> (V.).
EXEMPLO	<i>No andaba pidiéndoles dinero a las mujeres. Ellas tenían que metérmelo en los bolsillos, en las botas, mientras me lavaba. Me hacía el guilla'o.</i> (R. González: <i>La fiesta de los tiburones</i> , 1978)
SINÔNIMOS	<i>guillarse</i>
REMISSÃO	<i>guillarse</i> (V.).

Ficha 368 - 230. p. 250

132. SUBST. + (SER + ART. + o + V + ADV. + QUE + ART.) – 231

LEMA	GUINEO (SER UN o CORRER MÁS QUE UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>

DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Ser muy rápido en la carrera, como lo es el ave de marras (<i>Numida meleagris</i>), de la cual el pueblo afirma que nace corriendo: rompe el cascarón y sale <i>a mil</i> .
---	--

Ficha 369 - 231. p. 251

133. SUBST. + a alguien + (V + C. I.) – 232

LEMA	GUIISO a alguien (DARLE)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Matarlo. // Eliminarlo de cualquier modo. // Destruirlo. <i>V. cepillar, ñampiar y dar tafia.</i> // Poseer sexualmente. Salillas reportó la voz <i>guisado</i> como sinónimo de mancebía, en el habla del delincuente español.
EXEMPLO	<i>...cualquier cosa que pase, que me den guiso o algo, ustedes le llevan la cadena a la niña...</i> (V. Casaus: <i>Girón en la memoria</i> , 1970)
SINÓNIMOS	<i>cepillar, ñampiar y dar tafia.</i>
REMISSÃO	<i>V. cepillar, ñampiar y dar tafia.</i>

Ficha 370 - 232. p. 252

134. SUBST. + PREP. + SUBST. + (V + ART.) – 233

LEMA	HABANA EN GUANABACOA (METER LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Meter algo donde no cabe. Es graciosa figuración que nos remite a la imposibilidad de hacer entrar toda la capital en uno de sus arrabales. // Por extensión, intentar una empresa descabellada.

Ficha 371 - 233. p. 254

135. SUBST. + PREP. + ART. + SUBST. + (SER + ART.) – 236

LEMA	HIJO DE LA COMADRONA (SER EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se dice que lo es el que no alcanza nada a la hora del reparto de algo apetecible.

Ficha 372 - 236. p. 258

136. SUBST. + ADJ. + (V + C. I. + a alguien + ART.) – 237

LEMA	HIJO MACHO (HACERLE a alguien UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Arg., Cub., Méx., Per., P. Ric. y Urug.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Ponerlo en aprieto mayúsculo.

Ficha 373 - 237. p. 258

137. SUBST. + (ESTAR + algo + o + alguien + QUE + V + ART.) – 238

LEMA	HORA (ESTAR algo o alguien QUE DA LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
INFORMAÇÃO SOBRE O USO	<i>Com.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Sirve para ponderar la excelencia de sus cualidades. Es modismo de la germanía que la Acad. ha aceptado.

Ficha 374 - 238. p. 259

138. SUBST. + PREP. + SUBST. + (NO + ESTAR + ART.) – 239

LEMA	HORNO PA' PASTELITOS (NO ESTAR EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>

DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se usa para reprobado lo inoportuno de algún dicho o hecho.
---	---

Ficha 375 - 239. p. 260

139. SUBST. + (V. R. + LOC. + ART.) – 242

LEMA	IGLESIA (CASARSE POR DETRÁS DE LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
INFORMAÇÃO SOBRE O USO	<i>Com.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Amancebarse. Besses lo registra en su vocabulario popular español.

Ficha 376 - 242. p. 261

140. V + ADV. – 246; 296; 318

LEMA	IR ABAJO
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Irse, marcharse, largarse. V. los sinón. en <i>vender</i> . // Morirse. V. <i>ñampiarse</i> y <i>romperse</i> . // Perder una posición de mando, prestigio o distinción.
EXEMPLO	- <i>Esa jeva</i> fue abajo... (E. Álvarez Jané: <i>Macuta La Habana</i> , 1981)
SINÓNIMOS	<i>vender</i> <i>ñampiarse</i> y <i>romperse</i>
REMISSÃO	V. <i>ñampiarse</i> y <i>romperse</i> .

Ficha 377 - 246. p. 266

LEMA	MEAR DULCE
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual	Lo mismo que <i>orinar dulce</i> (V.).

- por meio de sinônimo.	
EXEMPLO	<i>Nosotros enrojécíamos en cuanto alguien hablaba de que estábamos desarrollando y que a lo mejor ya meábamos dulce. (R. González: Siempre la muerte..., 1982)</i>
SINÔNIMOS	<i>orinar dulce</i>
REMISSÃO	<i>orinar dulce (V.).</i>

Ficha 378 - 296. p. 320

LEMA	ORINAR DULCE
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
INFORMAÇÃO SOBRE O USO	
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Se les pregunta si ya lo hacen a los niños que van entrando en la pubertad, con el ánimo bromista de que prueben su propia orina.
EXEMPLO	<i>A ustedes los vamos a llevar cuando orinen dulce – les dice el Haitiano a los varones. (J. Soler Puig: El pan dormido, 1977)</i>

Ficha 379 - 318. p. 353

141. SUBST. + (V + a alguien + ADJ. + PREP. + ART.) – 250

LEMA	JÁQUIMA (TENER a alguien COGÍ'O POR LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Tenerlo bajo total control.

Ficha 380 - 250. p. 271

142. SUBST. + V + ART. + SUBST. + (V + PREP. + ADV. + ART.) – 251

LEMA	JEJÈN PUSO EL HUEVO (SABER HASTA DÓNDE EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se emplea para ponderar la sapiencia de alguien. Puesto que el jején no alcanza siquiera los dos milímetros, se comprende con claridad el sentido de la frase.
EXEMPLO	<i>...esas sectas que saben hasta donde el jején puso el huevo y que no creen en dios ni en el diablo, sino en aprovecharse... (Del guión de la película cubana Ustedes tienen la palabra). El jején, ese pequeño insecto por todos conocido, es famoso por dos razones: por sus picadas constantes y por el hipotético sitio donde pone sus huevos, que nadie conoce. Por eso se oye decir, al referirse a alguien que sabe mucho: “Ése sabe hasta donde el jején puso el huevo.” (R. Cisneros J.: Pequeño Managüi de cosas nuestras, 1981)</i>

Ficha 381 - 251. p. 273

143. SUBST. + CONJ. + SUBST. + (NO + V + CONJ.) – 252

LEMA	JI NI JA (NO DECIR NI)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	No decir ni esta boca es mía.
EXEMPLO	<i>El amo no dijo ni ji ni ja (C. Villaverde: Cecilia Valdés, 1882)</i>
SINÔNIMOS	No decir ni esta boca es mía. “Sin decir ni tus ni mus”

OBSERVAÇÕES	Según Rodríguez Herrera, este modismo también se escucha en Perú y Puerto Rico. “Sin decir ni tus ni mus” es variante castiza que la Acad. recoge y que es aquí desconocida.
-------------	---

Ficha 382 - 252. p. 273

144. V + CONTR. + ADJ. – 255

LEMA	JUGAR AL FLOJO
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Llevar a cabo una empresa sin rigores, sosegadamente, sin exigirse demasiado Es extensión del significado que tiene en el béisbol.

Ficha 383 - 255. p. 280

145. SUBST. + (V + C. I. + ART. + SUBST. + PREP. + ART.) – 256

LEMA	JUTÍA (CHUPARLE EL RABO A LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	<i>Emborracharse.</i>
SINÓNIMOS	<i>Emborracharse.</i>

Ficha 384 - 256. p. 282

LEMA	LATA (DARLE LA PATA' A LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Acertar, generalmente de manera casual, como el “flautista” de la fábula. // Morirse. V. <i>ñampiarse</i> .
SINÓNIMOS	<i>ñampiarse</i>

REMISSÃO	V. <i>ñampiarse</i> .
----------	-----------------------

Ficha 385 - 259. p. 285

146. SUBST. + (SER + ADJ.) – 258

LEMA	LÁMPARA (SER TREMENDA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Lo mismo que “ser tremenda perla”.
SINÓNIMOS	“ser tremenda perla”

Ficha 386 - 258. p. 284

147. SUBST. + QUE + V + ART. + SUBST. + QUE + C. I. + C. D. + V + ART. + SUBST. + (PREP. + ART.) – 260

LEMA	LECHE QUE DA LA VACA, QUE SE LA TOME EL TERNERO (PA'LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Expresión con la cual se declara que una empresa rinde tan magros beneficios que es mejor abandonarla.

Ficha 387 - 260. p. 285

148. SUBST. + (ESTAR + ADJ. + LOC.) – 261

LEMA	LECHE (ESTAR CRIA'O A TO'A)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se aplica al niño malcriado.

Ficha 388 - 261. p. 286

149. SUBST. + ADJ. + PREP. + ART. + SUBST. + (V + ART.) – 262

LEMA	LECHONES MUERTOS EN LA BARRIGA (TENER LOS)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.

MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	No tener vitalidad, ser indolente, perezoso o tardo. Otros dicen, en lugar de “los lechones”,
EXEMPLO	<i>...se quedan callados como si tuvieran los lechones muertos en la barriga... (F. Chofre: La Odilea, 1968)</i>
SINÔNIMOS	“tener los hijos muertos en la barriga”.

Ficha 389 - 262. p. 286

150. SUBST. + (ESTAR + ADJ.) – 264; 441

LEMA	LEÑA (ESTAR HECHO)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se aplica al que se encuentra sin recursos, económicamente desprovisto.
EXEMPLO	- <i>Yo, con una manzana, estaría “hecho”</i> - <i>Hecho leña.</i> (A. Iznaga: <i>Las cercas caminaban</i> , 1969)
SINÔNIMOS	Sinón.: <i>estar hecho tierra.</i>

Ficha 390 - 264. p. 287

LEMA	TIERRA (ESTAR HECHO)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Estar en deplorable situación económica. Algunos dicen, eufemísticamente, que si lloviera “se volverían fango”. V. frases equivalentes en <i>estar en la tea</i> .
SINÔNIMOS	<i>estar en la tea</i>

REMISSÃO	V. frases equivalentes en <i>estar en la tea</i> .
----------	--

Ficha 391 - 441. p. 475

151. ADJ. + (ESTAR + PREP. + ART.) – 267

LEMA	LIBRE (ESTAR POR LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Aplicado a personas, desconocer trabas o normas, <i>estar tira'o por la calle'el medio</i> . Puede estar relacionado con <i>estar de libre</i> , modismo en el argot de la prostitución española (Besses). //Aplicado a mercancía, no estar sujeta a racionamiento.
SINÓNIMOS	<i>estar tira'o por la calle'el medio</i> <i>estar de libre</i>

Ficha 392 - 267. p. 288

152. SUBST. + (V. R. + PREP. + ART.) – 272; 293; 366; 389; 424

LEMA	LOMA (IRSE PA'LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
INFORMAÇÃO SOBRE O USO	
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Alzarse en armas, declararse en insurrección, siempre que ésta tenga escenario rural.
SINÓNIMOS	Alzarse en armas.

Ficha 393 - 272. p. 291

LEMA	MATA (CAERSE DE LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Amér.</i>

DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Enterarse tardía y repentinamente. Seguramente tiene relación con la forma castellana “caerse del nido”, pues ambas frases se aplican a gente ingenua, poco avisada.
SINÓNIMOS	“caerse del nido”

Ficha 394 - 293. p. 315

LEMA	PIÑA (METERSE EN LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Abochornarse, ruborizarse, acoquinarse.

Ficha 395 - 366. p. 397

LEMA	PUÑETA (IRSE A LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Lo mismo que <i>irse al carajo</i> .
EXEMPLO	<i>...bueno, a la mierda, a la mismísima puñeta... (E. Álvarez Jané: Macuta en La Habana, 1981)</i>
SINÓNIMOS	<i>irse al carajo</i>

Ficha 396 - 389. p. 416

LEMA	SUELO (TIRARSE EN EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Protestar ruidosamente, expresar inconformidad.

Ficha 397 - 424. p. 459

153. V + a alguien + ADV. – 275

LEMA	LLEVAR a alguien APRISA
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Tratarlo con rigor o desconsideración. Muchísimos sinónimos (antepóngase a todos el verbo llevar): <i>de la bonda' al crimen; a toque de diana; con la de palo; como carrito de helado, a empujones y campanillazos; a la una mi mula; tenso; recio; a la marcha'e un tren: a la marcharé.</i>
SINÔNIMOS	Muchísimos sinónimos (antepóngase a todos el verbo llevar): <i>de la bonda' al crimen; a toque de diana; con la de palo; como carrito de helado, a empujones y campanillazos; a la una mi mula; tenso; recio; a la marcha'e un tren: a la marcharé.</i>

Ficha 398 - 275. p. 293

154. SUBST. + (V + o + V + a alguien + GER.) – 278

LEMA	MAÍZ (COGER o TRABAR a alguien ASANDO)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Sorprenderlo in fraganti. Coincidentemente, en Centroamérica dicen <i>coger asando elotes.</i>
SINÔNIMOS	<i>coger asando elotes</i>

Ficha 399 - 278. p. 299

155. ADV. + (V) – 281; 480

LEMA	MALO (PONER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>

DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Aplicada a una fiesta, a una reunión, etcétera, lo mismo que <i>formar atmósfera</i> (V.): “ <i>puso malo el baile</i> ”
SINÓNIMOS	<i>formar atmósfera</i> “ <i>puso malo el baile</i> ”
REMISSÃO	<i>formar atmósfera</i> (V.): “ <i>puso malo el baile</i> ”

Ficha 400 - 281. p. 302

LEMA	YUMBO (IR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Irse. V. los sinón. en <i>vender</i> .
SINÓNIMOS	V. los sinón. en <i>vender</i> .
REMISSÃO	V. los sinón. en <i>vender</i> .

Ficha 401 - 480. p. 510

156. ADJ. + (NO + SER + uno) – 282

LEMA	MANCO (NO SER uno)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Amér.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Se usa para afirmar que uno no se encuentra en estado de indefensión, y que es capaz de ripostar cualquier ataque. La Acad. registra otras acepciones, pero Besses recogió en su vocabulario popular español la de “pegar fuerte”, idea cercana a la nuestra. Véase una cita de un clásico argentino:
EXEMPLO	No soy manco <i>pa la guerra</i> ... (Martín Fierro)

Ficha 402 - 282. p. 305

157. ADJ. + PREP. + PRON. + (NO + SER) – 286

LEMA	MANSO A NADA (NO SER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se aplica al listo, advertido, vivo, avisado.

Ficha 403 - 286. p. 310

158. SUBST. + o + ART. + SUBST. + (V + C. I. + a alguien) – 288

LEMA	MÁQUINA o UNA MÁQUINA (CORRERLE a alguien)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Mofarse, hacer de él el hazmerreír.
EXEMPLO	<i>-Vamos, compadre, que le están corriendo máquina. (M. Cossío: Sacchario, 1970)</i> Sinón.: <i>coger pa'l trajín, trajinar.</i>
SINÔNIMOS	hacer de él el hazmerreír

Ficha 404 - 288. p. 311

159. SUBST. + PREP. + ART. + SUBST. + (V + a alguien + PREP. + ART.) – 289

LEMA	MARCHA DE UN TREN (LLEVAR a alguien A LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Lo mismo que <i>llevarlo aprisa (V.)</i> .
SINÔNIMOS	<i>llevarlo aprisa</i>
REMISSÃO	<i>llevarlo aprisa (V.)</i> .

Ficha 405 - 289. p. 312

160. V + (SER + ART. + QUE + ADV.) – 295

LEMA	MEA (SER EL QUE MÁS)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Para ello no es imprescindible sufrir de una dolencia renal: se aplica al que manda, al que dice la última palabra.
EXEMPLO	<i>...el mandamás Zeulorio, reconocido por todo aquello como el que más mea... (F. Chofré: La Odilea, 1968)</i>

Ficha 406 - 295. p. 320

161. SUBST. + ADJ. + (NO + V + a alguien + CONJ. + ART.) – 298

LEMA	MÉDICO CHINO (NO CURAR a alguien NI EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	<p>Se dice de los casos perdidos, irremediamente desahuciados. ¿Quién fue el legendario médico asiático? R. Martínez, en su <i>Oriente folklórico</i>, registra la existencia de D. Damián Morales, médico chino que curaba el cólera. Su método era originalísimo, pues hacía vibrar los tendones de los sobacos como medida terapéutica.</p> <p>Antonio Chuffat, en su <i>Apunte histórico de los chinos en Cuba</i> (1927), se refiere a Kan Shi Kon, afamado médico botánico, pero sólo agrega como dato complementario que murió en 1885, en Rayo, esquina a San José.</p> <p>Quizás el médico chino que gozó de más fama fue Cham Bombiá, quien llegó a La Habana en 1858. Se afirma que era un sabio herbolario que había sabido conjugar estos conocimientos con los adelantos de la medicina occidental. Desprendido</p>

	<p>(“si tiene linelo paga pa mí; si no tiene, no paga”), pronto despertó la animadversión de sus colegas. Ejerció en Matanzas (Mercaderes esquina a San Diego) y más tarde pasó a Cárdenas, donde murió en forma misteriosa.</p> <p>Para más datos sobre Cham Bombiá, consúltese <i>Médicos y medicina en Cuba</i>, de Emilio Roig de Leuchsenring.</p>
--	---

Ficha 407 - 298. p. 321

162. SUBST. + (SER + o + ESTAR + ADJ. + ART.) – 299; 450; 460

LEMA	MELCOCHA (SER o ESTAR HECHO UNA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se dice de la gente meliflua.

Ficha 408 - 299. p. 322

LEMA	TIRO (SER o ESTAR HECHO, CHA UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se dice de aquello cuya excelencia desea subrayarse.
EXEMPLO	- <i>A mí me gustó mucho él, es un tiro ese tipo.</i> (L. Otero: <i>La situación</i> , 1963)

Ficha 409 - 450. p. 481

LEMA	TRUENO (SER o ESTAR HECHO UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Pondera la excelencia del sujeto.

Ficha 410 - 460. p. 491

163. ADJ. + (V + a alguien + PREP.) – 302

LEMA	MINGO (COGER a alguien DE)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinónimo; - por meio de paráfrase.	Hacerle objeto de burlas, tomarlo como memo. “Alude al uso del <i>mingo</i> , que es la bola de billar que más se golpea” (Muñoz Proenza). Sinón.: <i>trajinar o coger para el trajín.</i>
SINÓNIMOS	Sinón.: <i>trajinar o coger para el trajín.</i>

Ficha 411 - 302. p. 327

164. SUBST. + NO + V + CONTR. + SUBST. + (V. R. + ART. + SUBST. + QUE + ART.) – 305

LEMA	MONA NO CARGA AL HIJO (PONERSE LA COSA QUE LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se utiliza para describir una situación difícil.

Ficha 412 - 305. p. 330

165. PRON. + (NO + ESTAR + PREP.) – 313

LEMA	NADA (NO ESTAR EN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
INFORMAÇÃO SOBRE O USO	
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de antónimo.	Lo contrario de <i>estar puesto para las cosas.</i>
SINÓNIMOS	Lo contrario de <i>estar puesto para las cosas</i>

Ficha 413 - 313. p. 339

166. SUBST. + (V + o + V + ART.) – 314; 354

LEMA	NUMERITO (HACER o MONTAR UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Fingir, simular, especialmente cuando se hace despliegue de alarde histriónico.

Ficha 414 - 314. p. 346

LEMA	PETATE (FORMAR o ARMAR UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Lo mismo que formar un <i>titingó</i> (V.).
SINÔNIMOS	formar un <i>titingó</i>
REMISSÃO	formar un <i>titingó</i> (V.).

Ficha 415 - 354. p. 387

167. SUBST. + (V. R. + a alguien + PREP. + PRON.) – 315

LEMA	NÚMERO (PONERSE alguien PA'SU)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Pagar. // Contribuir económicamente. // Alertarse, <i>ponerse pa' las cosas</i> .
EXEMPLO	... <i>muchos ricachos civiles se pusieron para su número...</i> (M. Kuchilán: <i>Fabulario</i> , 1970) - <i>Pues como no te pongas para tu número te veo en el pico del aura...</i> (F. Chofre: <i>La Odilea</i> , 1986)
SINÔNIMOS	<i>ponerse pa' las cosas</i>

--	--

Ficha 416 - 315. p. 346

168. SUBST. + (ESTAR + algo + QUE + V) – 316

LEMA	OLA (ESTAR algo QUE HACE)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Abundar en grado sumo. Sinón.: estar <i>bayoyo</i> , <i>pululo</i> , <i>sato o telero</i> ; haber <i>como loco</i> ; etcétera.
EXEMPLO	<i>Y la cervo está por la libre. El carta blanca, que hace olas (H. Zumbado: ¡Esto le zumba!, 1981)</i>
SINÓNIMOS	Sinón.: estar <i>bayoyo</i> , <i>pululo</i> , <i>sato o telero</i> ; haber <i>como loco</i> ; etcétera.

Ficha 417 - 316. p. 352

169. SUBST. + o + SUBST. + PREP. + SUBST. + (V + o + V + a alguien + ADV. + o + PREP.) – 321

LEMA	PALITO o PALILLO DE BARQUILLERO (TRAER o COGER a alguien COMO o DE)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
INFORMAÇÃO SOBRE O USO	<i>Com.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Hacerlo trabajar inmoderadamente; molestarlo con frecuencia desconsiderada, etcétera.
EXEMPLO	<i>...lo que es coger a un patriota como palito barquillero? (R. González: La fiesta de los tiburones, 1978)</i> <i>Esa noche había en la casa cena por lo grande y a causa de ello andaba yo como palillo de barquillero... (G. Eguren: Aventuras de Gaspar Pérez de Muela Quieta, 1982)</i>

Ficha 418 - 321. p. 359

170. SUBST. + (ESTAR + PREP. + ADJ.) – 324

LEMA	PALO (ESTAR A MEDIO)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Estar medio embriagado.

Ficha 419 - 324. p. 361

171. SUBST. + (ESTAR + ADV. + CONTR.) – 325

LEMA	PALO (ESTAR DETRÁS DEL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Estar desprevenido o desinformado (dicho sea de paso, “desinformado” no forma parte del léxico oficial de la Acad.).

Ficha 420 - 325. p. 361

172. SUBST. + (V + PREP. + ART. + PREP.) – 326

LEMA	PALO (LLEVAR CON LA DE)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Lo mismo que <i>llevar aprisa</i> (V.).
SINÓNIMOS	<i>llevar aprisa</i>
REMISSÃO	<i>llevar aprisa</i> (V.).

Ficha 421 - 326. p. 361

173. SUBST. + C. I. + V + PREP. + V + (CONJ. + V + PREP. + PRON.) – 329

LEMA	PALO TE VAS A AHORCAR (SI SABRÁS EN QUÉ)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.

MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se aplica a los irresolutos.

Ficha 422 - 329. p. 361

174. SUBST. + PREP. + PRON. + (ESTAR + PREP.) – 331

LEMA	PAN CON NÁ (ESTAR A)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Forma elocuente de expresar el máximo quebranto económico. Sinón.: <i>estar en la tea, estar en la fuácata, estar bruja, estar en carne.</i>
SINÓNIMOS	Sinón.: <i>estar en la tea, estar en la fuácata, estar bruja, estar en carne.</i>

Ficha 423 - 331. p. 362

175. SUBST. + (NO + V + CONJ.) – 335

LEMA	PAPA (NO SABER NI)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Amér.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	No saber absolutamente nada.

Ficha 424 - 335. p. 366

176. V + (V + a alguien + CONTR.) – 337

LEMA	PARIR (PONER a alguien AL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Colocarlo en una situación apretada, insoportable. En la germanía se ha escuchado con una ligera diferencia: <i>poner a parir.</i>
EXEMPLO	Perdona, pero es que los abusos me ponen al parir.

	(L. Otero: <i>La situación</i> , 1963) <i>Vamos a poner a los gusanos al parir.</i> (R. Moya: <i>Amor entre las llamas</i> , 1981)
SINÓNIMOS	<i>poner a parir</i>

Ficha 425 - 337. p. 371

177. SUBST. + (V + ART. + ADJ.) – 338

LEMA	PASO (DAR UN MAL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se dice que lo ha dado la mujer que ha tenido contacto sexual premarital.

Ficha 426 - 338. p. 374

178. SUBST. + (NO + ESTAR + CONTR.) – 339

LEMA	PASO (NO ESTAR PA'L)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	No hallarse en disposición de soportar impertinencias.

Ficha 427 - 339. p. 374

179. SUBST. + PREP. + SUBST. + (NO + SER + ART.) – 340

LEMA	PATA'E PUERCO (NO SER UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Valer, no ser un cualquiera.
EXEMPLO	<i>José González de la Cruz, vicario, juez eclesiástico, comisario del santo oficio de Inquisición y de la Santa Cruzada (véase cómo el padre González no era pata de puerco...</i>

	(Á. de la Iglesia: <i>Cuadros viejos</i> , 1915)
--	--

Ficha 428 - 340. p. 375

180. SUBST. + (V. R. + NUM.) – 341

LEMA	PATADAS (DARSE CUARENTA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Darse mucho tono. Sinón.: <i>comer mierda, tirarse los peos más altos que el culo.</i>
SINÓNIMOS	Darse mucho tono. Sinón.: <i>comer mierda, tirarse los peos más altos que el culo.</i>

Ficha 429 - 341. p. 375

181. SUBST. + V + SUBST. + (CONJ. + V. R. + LOC.) – 342

LEMA	PATAS COME YERBA (SI SE CAE EN CUATRO)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se usa para subrayar la brutalidad o la terquedad de alguien.
EXEMPLO	- ; <i>Gente bruta, cará!</i> ¡Si se caen en cuatro patas comen yerba! (Del guión de la película cubana <i>Ustedes tienen la palabra</i>)

Ficha 430 - 342. p. 376

182. SUBST. + PREP. + SUBST. + (V. R. + PREP. + ART.) – 344

LEMA	PECES DE COLORES (REÍRSE DE LOS)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Mostrar despreocupación, pues el hablante se considera a salvo de cualquier amenaza o fracaso.

Ficha 431 - 344. p. 378

183. SUBST. + ADV. + ADJ. + QUE + ART. + SUBST. + (V. R. + ART.) – 349

LEMA	PEOS MÁS ALTOS QUE EL CULO (TIRARSE LOS)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Tener aires de grandeza. // Lanzarse a empresas superiores a la propia capacidad.
EXEMPLO	<i>Porque yo me pregunto, si no saben, para qué se meten en este lío de ampliaciones y estas ganas de tirarse el peo más alto que el culo. (R. Moya: Amor entre las llamas, 1981)</i>
SINÓNIMOS	Tener aires de grandeza

Ficha 432 - 349. p. 383

184. SUBST. + PREP. + V + (V + ART.) – 350

LEMA	PERROS A MEAR (SACAR LOS)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se dice que para eso ha quedado el individuo insignificante, inocuo.
EXEMPLO	- <i>¡Miren pal consumido éste! Ahora resulta que en vez de sacar los perros a mear, también se ocupa de cuidarle la ñuela a la gente... (F. Chofre: La Odilea, 1968) Así me quité la salación de una mujer que ya no me servía ni para sacar los perros a mear. (R. González: La fiesta de los tiburones, 1978)</i>

Ficha 433 - 350. p. 386

185. SUBST. + (PRON. + SER + PRON. + NUM) – 351

LEMA	PESOS (ESOS SON OTROS VEINTE)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.

MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Lo mismo que “eso es harina de otro costal”.
SINÓNIMOS	“eso es harina de otro costal”.

Ficha 434 - 351. p. 387

186. ADJ. + PREP. + ART. + SUBST. + (ESTAR) – 356

LEMA	PICA’O DE LOS FUELLES (ESTAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Igual a la anterior.

Ficha 435 - 356. p. 388

187. SUBST. + (V + ART. + SUBST. + PREP. + ART.) – 357

LEMA	PICADERO (PONER LA CABEZA EN UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Es modismo que utiliza el hablante para dar énfasis a alguna afirmación. Otros, de hablar más tretembundo, <i>ponen en el picadero</i> porciones de la anatomía menos inocentes que la cabeza.
EXEMPLO	“pongo la cabeza en un picadero de que el equipo Habana gana el campeonato”

Ficha 436 - 357. p. 389

188. SUBST. + CONTR. + SUBST. + (ESTAR + PREP. + ART.) – 358

LEMA	PICO DEL AURA (ESTAR EN EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>

DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Encontrarse en una situación desesperada, amenazado por peligro inminente. Algunos, más dados a lo dramático, agregan: “y el aura tiene ganas de estornudar”. <i>Estar en el borde la piragua</i> describe igual situación.
EXEMPLO	...como no te pongas para tu número te veo en el pico del aura...(F. Chofre: <i>La Odilea</i> , 1968)
SINÔNIMOS	<i>Estar en el borde la piragua.</i>

Ficha 437 - 358. p. 389

189. V + PREP. + V – 373

LEMA	PONER A GOZAR
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	En contra de lo que parece, frecuentemente este modismo se utiliza para describir situaciones apretadas, desesperadas.

Ficha 438 - 373. p. 405

190. V. R. + ADV. – 375

LEMA	PONERSE FATAL
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
INFORMAÇÃO SOBRE O USO	
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Muy usado para describir el poco éxito de una empresa.

Ficha 439 - 375. p. 405

191. SUBST. + PREP. + ART. + QUE + V + ART. + SUBST. + (SER) – 376

LEMA	PLATA, DE LA QUE CAGÒ LA GATA (SER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se usa para rechazar lo que aparenta excelencias que en realidad no posee.

Ficha 440 - 376. p. 407

192. SUBST. + PREP. + SUBST. + (ESTAR + ADV.) – 377

LEMA	PLÁTANO PA' SINSONTE (ESTAR COMO)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Lo está aquello que es excelente en su género. La variante <i>estar como patada de sinsonte</i> , que Suárez registró en 1921, nos resulta completamente desconocida.

Ficha 441 - 377. p. 407

193. V + SUBST. + (NO) – 378

LEMA	PONER UNA (NO)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Fracasar invariablemente.

Ficha 442 - 378. p. 408

194. V + C. D – 385

LEMA	PULIRLA
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual	Esforzarse denodadamente.

- por meio de paráfrase.	
EXEMPLO	“tuvo que <i>pulirla</i> para aprobar la matemática”. <i>Cierto que en la manigua la pulió...</i> (E. Robreño: <i>Cualquier tiempo pasado fue...</i> , 1979)

Ficha 443 - 385. p. 414

195. SUBST. + (NO + V + C. I. + a algo + ART.) – 386

LEMA	PUNTA (NO VERLE a algo LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se aplica a lo que no se comprende plenamente.
EXEMPLO	“ <i>no le veo la punta a ese chiste</i> ”.

Ficha 444 - 386. p. 414

196. SUBST. + ADJ. + (SER) – 387

LEMA	PUNTO FIJO (SER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se dice que lo es, con respecto a un lugar, el individuo que puede ser hallado allí invariablemente. Sin lugar a dudas es voz que se formó en el seno de la jerga de los jugadores, y que por extensión adquirió el significado antes apuntado.
EXEMPLO	“ <i>Reniel es punto fijo en la pelota</i> ”.

Ficha 445 - 387. p. 415

197. V + ADJ. + CONJ. + ADJ. – 390

LEMA	QUEDAR PUESTO Y CONVIDA' O
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>

DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	No estar dispuesto a repetir alguna experiencia amarga.
---	---

Ficha 446 - 390. p. 417

198. SUBST. + (ESTAR + algo + ADJ. + CONJ. + V + PREP.) – 391

LEMA	QUESO, (ESTAR algo OSCURO Y OLER A)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Haber gato encerrado, existir algún designio oscuro y malicioso.
EXEMPLO	Está oscuro y huele a queso. <i>Es una encerrona.</i> (J. Díaz: <i>Los años duros</i> , 1966)
SINÔNIMOS	Haber gato encerrado.

Ficha 447 - 391. p. 419

199. SUBST. + ADJ. + (V + ADV. + QUE + ART.) – 392

LEMA	QUILO PRIETO (VALER MENOS QUE UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Tener ínfimo valor. Frecuentemente se usa para calificar una deficitaria condición humana, El <i>quilo prieto</i> era el centavo americano, acuñado en cobre. Formaba parte, dicho sea de paso, de más de una receta <i>bilonguera</i> .

Ficha 448 - 392. p. 420

200. SUBST. + CONJ. + PREP. + ART. + SUBST. + (V + PREP. + ART.) – 394

LEMA	QUINTA Y CON LOS MANGOS (ACABAR CON LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>

DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Arrasarlo todo.
EXEMPLO	<i>...un bando de gente vivebién nos quieren acabar con la quinta y con los mangos...</i> (F. Chofre: <i>La Odilea</i> , 1968)

Ficha 449 - 394. p. 422

201. ADJ. + (SER + ART.) – 395

LEMA	QUIQUIRIQUÍ (SER UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se dice del que se va a las manos con facilidad.

Ficha 450 - 395. p. 422

202. SUBST. + PREP. + ART. + SUBST. + (V + C. I. + ART.) – 397

LEMA	RABO A LA JUTÍA (CHUPARLE EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Emborracharse.
EXEMPLO	<i>Y volvió la moda de chuparle el rabo a la jutía. Cuando los cubanos andaban tristes, como barcos escorados, buscaban el ron.</i> (R. González: <i>La fiesta de los tiburones</i> , 1978)

Ficha 451 - 397. p. 423

203. SUBST. + (V + C. I. + a alguien + PREP. + ART.) – 401

LEMA	RAYO (ECHARLE a alguien CON EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>

DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Atacarlo verbalmente, hablar mal de él.
EXEMPLO	<i>No te eché con el rayo en la asamblea...</i> (J. Díaz: <i>Los años duros</i> , 1966) Observ.: <i>¿es echar con el rayo</i> – con lo cual, metafóricamente, fulminaríamos al oponente – o <i>echar con el rallo</i> , o sea, desmenuzarlo?

Ficha 452 - 401. p. 426

204. V + C. I. + o + V + C. I. + ART. + SUBST. – 408

LEMA	RONCARLE o RONCARLE LOS MAMEYES
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Lo mismo que <i>traquetearle</i> (V.).
REMISSÃO	<i>traquetearle</i> (V.).

Ficha 453 - 408. p. 434

205. SUBST. + PREP. + SUBST. + (SER + o + ESTAR + ADJ. + ART.) – 411

LEMA	SACO 'E SAL (SER o ESTAR HECHO UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Tener muy mala suerte. V. <i>tener un chino atrás y estar sala'o.</i>
SINÓNIMOS	<i>tener un chino atrás</i> <i>estar sala'o</i>
OBSERVAÇÕES	
REMISSÃO	V. <i>tener un chino atrás y estar sala'o.</i>

Ficha 454 - 411. p. 438

206. SUBST. + con alguien + (ESTAR + PREP.) – 412

LEMA	SALSA con alguien (ESTAR EN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Coquetearle.

Ficha 455 - 412. p. 441

207. SUBST. + QUE + ART. + SUBST. + (V + C. I. + a alguien + ADV. + ART.) – 413

LEMA	SALSA QUE EL PESCA'O (GUSTARLE a alguien MÁS LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Equivale al castellano “vale más la salsa que los perdigones”, o sea, que quien así piensa considera que lo accesorio muchas veces referido a artes amatorias) es más sustancioso que lo principal.
SINÓNIMOS	“vale más la salsa que los perdigones”

Ficha 456 - 413. p. 441

208. SUBST. + (V. R. + PREP. + V) – 416

LEMA	SANTOS (QUEDARSE PA' VESTIR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
INFORMAÇÃO SOBRE O USO	<i>Com.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Quedarse solterona.
EXEMPLO	<i>La solterona se queda para vestir santos por orgullo, por necesidad, y las más de las veces por coquetaría. (J. V. Betancourt: “La solterona”, 1846)</i>

	<p><i>...se quedaron para tías y para vestir santos... (C. Villaverde: Cecilia Valdés, 1882)</i></p> <p>- <i>No seré de las que se quedan para vestir santos o cuidar sobrinos... (C. Villaverde, ibíd...)</i></p> <p><i>... abundando que es bendición de Dios las hembras de buen palmito, que si su Divina Majestad y una ley del próximo Congreso no lo remedian, quedarán para peinar a santa Catalina o vestir virgencitas de Chinquirirá, angelitos de cera y San Antoñitos... (R. Palma: Tradiciones peruanas)</i></p>
SINÓNIMOS	Quedarse solterona.

Ficha 457 - 416. p. 445

209. NUM. + (V + ART.) – 418

LEMA	SEGUNDA (HACER LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Lo mismo que <i>hacer la media</i> (V.), en el sentido de apoyo a una persona para consecución de un fin.
SINÓNIMOS	<i>hacer la media</i>
REMISSÃO	<i>hacer la media</i> (V.),

Ficha 458 - 418. p. 448

210. ADJ. + (V + ESTAR) – 420

LEMA	SERVÍ'O (IR o ESTAR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
INFORMAÇÃO SOBRE O USO	<i>Com.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se dice del que no tiene atenuantes o escapatoria. Es modismo muy común en el habla carcelaria de Cuba. Besses anotó su

	uso dentro de la jerga del delincuente español.
--	---

Ficha 459 - 420. p. 451

211. SUBST. + (V. R. + o + V. R. + CONTR.) – 422

LEMA	SOLAR (BOTARSE o TIRARSE PA'L)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Comportarse con grosería y agresividad.

Ficha 460 - 422. p. 457

212. SUBST. + (V. R. + o + V. R. + ART.) – 425

LEMA	SUERO (PASARSE o PONERSE UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
INFORMAÇÃO SOBRE O USO	
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Tomar un tentempié.
SINÓNIMOS	Tomar un tentempié.

Ficha 461 - 425. p. 459

213. SUBST. + CONTR. + SUBST. + (V + C. I.) – 432

LEMA	TAPA AL POMO (PONERLE LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	En cualquier sentido, llegar a extremos inimaginables.

Ficha 462 - 432. p. 466

214. SUBST. + o + ART. + SUBST. + (V + ART.) – 437

LEMA	TENIS o EL PLÁSTICO (QUEMAR EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Irse apresuradamente; huir. V. <i>vender</i> .
SINÔNIMOS	<i>vender</i>
REMISSÃO	V. <i>vender</i> .

Ficha 463 - 437. p. 472

215. LOC. + (ESTAR + PREP. + ART.) – 440

LEMA	TÍBIRI TÁBARA (ESTAR EN EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Múltiples significados: estar pasándole bien, no estar ni bien ni mal, etc. Durante muchos años fue respuesta usual cuando se preguntaba cómo andaba el interlocutor. Hoy es modismo poco usado. La frase fue popularizada por una canción.

Ficha 464 - 440. p. 473

216. SUBST. + CONJ. + V + C. I. + SUBST. + (V + C. I. + a algo) – 442

LEMA	TIERRA Y DARLE PISÓN (ECHARLE a algo)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Se usa cuando se conmina a dar por terminado un asunto. Es una forma enfática del castizo “echar tierra”. Úsase generalmente en imperativo.

SINÔNIMOS	“echar tierra”.
-----------	-----------------

Ficha 465 - 442. p. 475

217. SUBST. + (V + C. I. + a alguien + o + a algo + ART.) – 444

LEMA	TIMBALES (RONCARLE a alguien o a algo LOS)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Se aplica a todo lo inaudito, a todo lo tremendo, en cualquier sentido. Tiene mucha utilización como interjección. Lo verdaderamente increíble es que figure en nuestra toponimia: hay un barrio santiaguero conocido como <i>A-mí-me-ronca</i> .
EXEMPLO	<i>¡le roncan los timbales!</i>

Ficha 466 - 444. p. 477

218. SUBST. + CONTR. + SUBST. + (V + C. I. + a alguien + ART.) – 446

LEMA	TIRA DEL PELLEJO (ARRANCARLE a alguien LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Com.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Equivale al castizo “quitarle el pellejo”, o sea, murmurar de él, traerle en bocas en su ausencia.
EXEMPLO	- <i>Vamos, niñas, guarden las tijeras (...)</i> No le arranquen la tira del pellejo a esa pobre rubia. (L. V. Betancourt: “ <i>Los primos</i> ”, s. XIX) - <i>¿A quién le vas a arrancar hoy la tira del pellejo?</i> (R. Roa: <i>La jornada revolucionaria del 30 de septiembre</i> , 1934)
SINÓNIMOS	“quitarle el pellejo”

Ficha 467 - 446. p. 479

219. SUBST. + ADV. + QUE + ART. + SUBST. + LOC. + (V + ADV.) – 454

LEMA	TRABAJO MÁS QUE UN PUERCO A SOGA (PASAR MÁS)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Atravesar graves quebrantos. En Santiago de Cuba, en lugar de “puercos”, dicen <i>macho</i> en este modismo, como atestigua Cisneros.
SINÔNIMOS	TRABAJO MÁS QUE UN MACHO A SOGA (PASAR MÁS)

Ficha 468 - 454. p. 487

220. SUBST. + (V + a alguien + CONTR.) – 455

LEMA	TRAJÍN (COGER a alguien PA'L)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	¿ <i>Cub.</i> ?
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Lo mismo que <i>correrle máquina</i> (v.). A quien <i>cogen pa'l trajín</i> lo hacen objeto de burlas, se divierten a costa suya o le tratan con desconsideración y se aprovechan de él, principalmente abusando de sus servicios. Se aplica también a seres inanimados: <i>coger pa'l trajín</i> una prenda de vestir es usarla con inmoderada frecuencia.
SINÔNIMOS	<i>correrle máquina</i>
REMISSÃO	<i>correrle máquina</i> (v.).

Ficha 469 - 455. p. 487

221. V + (C. I.) – 456

LEMA	TRAQUETEIA (LE)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Se dice que a algo o a alguien le <i>traqueteia</i> cuando es relevante, tanto en sentido positivo como negativo. <i>Le ronca</i> se usa con igual fin. Cualquiera de las dos frases suele acompañarse de algún sustantivo no apto para oídos sensibles. Úsase también como interjección.

Ficha 470 - 456. p. 489

222. V + (ESTAR + algo + QUE) – 457

LEMA	TRINA (ESTAR algo QUE)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Está vigente la acepción académica de “estar rabiando”, pero también significa “apestar en grado sumo” En tal sentido es sinónimo de <i>estar que canta</i> . <i>V. cordelito de guagua y mono cuquea 'o.</i>
SINÓNIMOS	“estar rabiando” <i>cordelito de guagua y mono cuquea 'o</i> <i>estar que canta</i>
REMISSÃO	<i>V. cordelito de guagua y mono cuquea 'o.</i>

Ficha 471 - 457. p. 490

223. SUBST. + (V + PREP. + V + PREP. + SUBST. + CONTR.) – 458

LEMA	TROMPO (VENIR A BAILAR A CASA DEL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>

DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Dárselas de entendido en una materia ante quienes son expertos en la misma.
---	---

Ficha 472 - 458. p. 491

224. SUBST. + (V + PREP. + V) – 462

LEMA	TUSAS (MANDAR A FREÍR)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Mandar a paseo, mandar a hacer gárgaras.
SINÓNIMOS	mandar a paseo mandar a hacer gárgaras

Ficha 473 - 462. p. 494

225. NUM. + PRON. + SUBST. + (V + a alguien + PREP. + ART.) – 463

LEMA	UNA MI MULA (LLEVAR a alguien A LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Tratarlo con rigor, <i>llevarlo aprisa</i> (V.). Tiene su origen en un juego infantil, que se acompaña de una tonada.
EXEMPLO	“A la una, mi mula; / a las dos, mi reloj...”
SINÓNIMOS	<i>llevarlo aprisa</i>
REMISSÃO	<i>llevarlo aprisa</i> (V.).

Ficha 474 - 463. p. 495

226. SUBST. + PREP. + ART. + SUBST. + (V + ART.) – 464

LEMA	VACA POR LA CHIVA (CAMBIAR LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>

DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Efectuar un canje desventajoso.
---	---------------------------------

Ficha 475 - 464. p. 496

LEMA	VELOCIDAD CON EL TOCINO (CONFUNDIR LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Lo mismo que “confundir el culo con las témporas”.
SINÔNIMOS	“confundir el culo con las témporas”

Ficha 476 - 471. p. 501

227. SUBST. + (V + PREP.) – 473

LEMA	VENTA (IR EN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Lo mismo que <i>vender</i> (V.).
SINÔNIMOS	Lo mismo que <i>vender</i> .
REMISSÃO	<i>vender</i> (V.).

Ficha 477 - 473. p. 502

228. SUBST. + ADJ. + (V. R. + PREP.) – 474

LEMA	VIDRIO INGLÉS (CORTARSE CON)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	¡Embarrarse accidentalmente de excremento! Besses, en su vocabulario del hampa española, registró <i>cortarse</i> con esa misma acepción.
SINÔNIMOS	<i>cortarse</i>

Ficha 478 - 474. p. 504

229. SUBST. + LOC. + (V + o + V + ADV.) – 476

LEMA	VOLADOR DE A PESO (SALIR o ARRANCAR COMO)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Hacerlo con suma rapidez.
EXEMPLO	Y arrancaste <i>de allí</i> como volador de a peso... Benítez R.: en <i>Unión</i> , dic. de 1968)

Ficha 479 - 476. p. 505

230. SUBST. + CONJ. + SUBST. + (SER + PREP.) – 479

LEMA	YUCA Y ÑAME (SER DE)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Lo mismo que <i>ser de madre</i> (V.).
EXEMPLO	<i>La situación era, dicho sea en el sermo vulgaris de la época de yuca y ñame.</i> (M. Kuchilán: <i>Fabulario</i> , 1970)
SINÓNIMOS	<i>ser de madre</i>
REMISSÃO	<i>ser de madre</i> (V.).

Ficha 480 - 479. p. 510

231. SUBST. + SUBST. + PREP. + ART. + SUBST. + (V + ART.) - 483

LEMA	ZAPATO TENIS EN LA CABEZA (TENER UN)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se dice que lo tiene (en lugar del cerebro) quien es tardo en discurrir o en aprender.

Ficha 481 - 483. p. 511

A partir das análises fraseográficas feitas, por meio de tabelas e seguindo critérios morfossintáticos para a classificação das entradas ou lemas, foi possível verificar a heterogeneidade nos procedimentos metodológicos utilizados por Santiesteban (1985) na elaboração da microestrutura dos verbetes formados pelas UFs em análise. No próximo capítulo, detalharemos os resultados obtidos nas análises que foram feitas.

6 RESULTADOS E COMENTÁRIOS DA ANÁLISE FRASEOGRÁFICA FEITA

Depois de verificarmos que as UFs aparecem como lemas na obra de Santiesteban (1985), foi possível perceber, também, que a forma como o autor registra as lexias complexas não segue critérios que estabeleçam como a UF deve aparecer na entrada, isto é, encontramos 231 formas diferentes de apresentar as *fr.* ou frases, de acordo com critérios morfossintáticos, na citada obra. De acordo com Silva (2007, p. 74):

La dificultad de establecer la forma básica para una UF, ya sea en virtud de la variación fraseológica, ya sea como consecuencia de la complejidad formal de la unidad, puede comprobarse en la diversidad de procedimientos que se observan en los diccionarios. De hecho, en ese tema es donde, quizás, se revela, con más fuerza, la necesidad de que se establezca, de modo cabal, una teoría fraseográfica¹⁷³.

Após o levantamento das 483 UFs presentes na obra de Santiesteban (1985), foi possível comprovar o que Silva (2007, p. 74) comenta em relação à diversidade de formatos para as entradas que o autor do dicionário aponta como sendo frases ou *fr.* Ao discorrer sobre os aspectos práticos da elaboração de dicionários, Haensch (1982, p. 507) afirma que, quando o lexicógrafo se depara com as unidades léxicas complexas, ele pode atribuí-las a uma única entrada por meio de três possíveis combinações:

Tipo 1: Para la atribución de la unidad léxica, se opta siempre por aquella palabra que es la primera dentro de la combinación de palabras, no contando las funcionales [...].

Tipo 2: El lema a que se atribuye una unidad pluriverbal será siempre la palabra que sea la primera según el orden alfabético entre las

¹⁷³ “A dificuldade de estabelecer-se a forma básica para uma UF, ora em virtude da variação fraseológica, ora como consequência da complexidade formal da unidade, pode ser comprovada pela diversidade de procedimentos que são observados nos dicionários. De fato, nesse tema é onde, talvez, se revele, com mais força, a necessidade de que se estabeleça, de modo cabal, uma teoria fraseográfica.

combinadas en la unidad pluriverbal, excluyéndose también aquí las meramente funcionales [...].

Tipo 3: Se establece una regla de prioridades según categorías gramaticales [...]: sustantivo, verbo, adjetivo, etc.¹⁷⁴

Começando pelo LEMA, seguimos o procedimento metodológico da Fraseografia, isto é, a própria UF é considerada como uma entrada e não como uma subentrada de uma das suas partes integrantes. O próprio autor coloca toda a UF em caixa alta, com exceção de alguns elementos do contorno (*a algo, a alguien*, por exemplo): “SALSA con alguien (ESTAR EN)” – Ficha 455.

Na parte reservada para a INFORMAÇÃO GRAMATICAL, não aparecem informações específicas sobre as UFs, isto é, o autor as classifica, apenas, como sendo *frases* ou *fr.* As UFs não apresentam uma classificação específica, contudo, é possível perceber que, em sua grande maioria, são locuções verbais, de acordo com a classificação feita por CORPAS PASTOR (1996, p. 102-105): “TUSAS (MANDAR A FREÍR)” – Ficha 463.

Sobre as marcas diatópicas, a grande maioria das UFs são apontadas como pertencentes à variante cubana do espanhol e de uso exclusivo dos seus falantes (*Cub.*): “ZAPATO TENIS EN LA CABEZA (TENER UN)” – Ficha 481, embora apareçam UFs que o autor considera como conhecidas na América que fala castelhano e na Espanha (*Com.*): “TIRA DEL PELLEJO (ARRANCARLE a alguien LA)” – Ficha 467. Há UFs que o autor considera como sendo conhecidas apenas na América (*Amér.*), sem especificar os países: “PAPA (NO SABER NI)” – Ficha 424 e há outras que o autor considera como conhecidas em lugares mais específicos como América Central (*Amér. Cent.*): “HÍGADO (SER UN)” – Ficha 145.

Na parte da DEFINIÇÃO, o autor se serviu dos dois tipos de definição utilizados pelos fraseógrafos; embora a **definição conceitual** tenha sido a mais usada. Nessa parte da microestrutura, é possível

¹⁷⁴ Tipo 1: Para a atribuição da unidade léxica, se opta sempre por aquela palavra que é a primeira dentro da combinação de palavras, sem contar as funcionais [...]. Tipo 2: O lema ao qual é atribuída uma unidade pluriverbal será sempre a palavra que for a primeira, conforme a ordem alfabética entre as combinadas na unidade pluriverbal, excluindo-se também aqui as meramente funcionais [...].

Tipo 3: Estabelece-se uma regra de prioridades de acordo com categorias gramaticais [...]: substantivo, verbo, adjetivo, etc.

perceber marcas da forma de pensamento do autor do dicionário: em ocasiões, o autor apresenta definições no formato enciclopédico e mais neutro, por exemplo: “ZAPATO TENIS EN LA CABEZA (TENER UN). Se dice que lo tiene (en lugar del cerebro) quien es tardo en discurrir o en aprender” – Ficha 481; noutras vezes, o autor se serve de ironia, de humor e de opiniões políticas a favor do sistema de governo dominante em Cuba, por exemplo: “ORINAR DULCE. Se les pregunta si ya lo hacen a los niños que van entrando en la pubertad, con el ánimo bromista de que prueben su propia orina – Ficha 373.

Em relação aos EXEMPLOS DE USO, não existe um procedimento metodológico uniforme, isto é, o autor opta por: a) ora não apresentar exemplo de uso – Ficha 481; b) ora apresentar um exemplo de uso na própria definição e criado por ele: “A quien *cogen pa'l trajín* lo hacen objeto de burlas, se divierten a costa suya o le tratan con desconsideración y se aprovechan de él, principalmente abusando de sus servicios”. – Ficha 469; c) ou retira o(s) exemplo(s) de uso de fontes diversas: outros dicionários, obras literárias, canções populares, dentre outros: “*La situación era, dicho sea en el sermo vulgaris de la época de yuca y ñame*. (M. Kuchilán: *Fabulario*, 1970)” – Ficha 480.

Na parte reservada aos SINÔNIMOS, é possível achar sinônimos para as UF's na própria obra de Santiesteban (1985): YUCA Y ÑAME (SER DE) fr. Cub. Lo mismo que ser de madre (V.)” – Ficha 480; ou sinônimos que não aparecem nela: “VELOCIDAD CON EL TOCINO (CONFUNDIR LA) fr. Cub. Lo mismo que “confundir el culo con las tómporas” – Ficha 476. O autor, algumas vezes, não faz distinção entre sinônimos e variações de uma mesma UF: “VOLADOR DE A PESO (SALIR o ARRANCAR COMO)” – Ficha 479.

Reservamos a parte de OBSERVAÇÕES para os comentários que o autor poderia fazer sobre a UF registrada. Percebemos que esses comentários não apareceram com frequência e, muitas vezes, nas definições apareciam comentários que poderiam esclarecer mais sobre o uso da UF do que oferecer informações sobre o seu significado: “VIDRIO INGLÉS (CORTARSE CON) fr. Cub. ¡Embarrarse accidentalmente de excremento! Besses, en su vocabulario del hampa española, registró cortarse con esa misma acepción”. – Ficha 478.

Por último, no espaço reservado para a REMISSÃO, observamos que esta era feita, em ocasiões, na própria definição da UF: “YUCA Y ÑAME (SER DE) fr. Cub. Lo mismo que ser de madre (V.). *La situación era, dicho sea en el sermo vulgaris de la época de yuca y ñame*. (M. Kuchilán: *Fabulario*, 1970) ” – Ficha 480. Noutras ocasiões, o autor sinalizava que o significado da UF poderia ser encontrado se outra UF ou

outra lexia simples fosse consultada: “VENTA (IR EN) fr. Cub. Lo mismo que vender (V.)” – Ficha 477.

6.1 ANÁLISE E COMENTÁRIOS SOBRE A LEMATIZAÇÃO DAS UFS

Como foi possível verificar por meio do levantamento dos diversos formatos das entradas que registram UFs, Santiesteban (1985) optou por registrar como *fr.* as estruturas que contivessem, pelo menos, uma forma verbal.

Na grande maioria dos casos, o autor registra como *frases* ou *fr.* as locuções que têm certa unidade oracional, isto é, as locuções verbais. Estas expressam processos, formando predicados com ou sem complementos, podendo aparecer numa grande variedade morfossintática, como foi citado no Capítulo 3 sobre as UFs (CORPAS PASTOR, 1996, p. 102-105). Porém, o autor incluiu outros tipos de UFs, consideradas por Corpas Pastor (1996) como sendo parêmys, já que se constituem como enunciados completos:

LEMA	LECHE QUE DA LA VACA, QUE SE LA TOME EL TERNERO (PA'LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	Cub.
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Expresión con la cual se declara que una empresa rinde tan magros beneficios que es mejor abandonarla.

Ficha 482 - 260. p. 285

A UF *pa' la leche que da la vaca, que se la tome el ternero* não precisa de um sujeito que possa sofrer ou realizar uma ação, pois a expressão está pronta para ser dita numa situação em que uma empresa rende tão pouco, que melhor seria abandoná-la ou desistir dela.

Essa falta de critérios em relação à delimitação do tipo de lemas que seriam incluídos na macroestrutura da obra de Santiesteban (1985) sob a classificação de *fr.* é um dos exemplos das dificuldades que os fraseógrafos enfrentam em sua tarefa de registrarem as UFs sob o formato de *lemas*.

6.1.1 Heterogeneidade no formato dos lemas

O autor usou os três tipos de registro de UFs em dicionários que Haensch (1982, p. 507) cita em sua obra, isto é, Santiesteban (1985): a) registra a UF tal e como aparece, por exemplo, *ponerse fatal* (n. 375); b) registra as UFs pela ordem alfabética das categorias gramaticais e não pela ordem de relevância, por exemplo, *malo (poner)* (n. 281); c) apresenta a UF seguindo uma ordem de relevância das categorias gramaticais: substantivo, verbo, adjetivo, etc., por exemplo, *palo (estar a medio)* (n. 324).

O registro da UF número 7 (*amarrar corto*) é feito na ordem VERBO + ADJ (com função de ADV. de modo), sendo a primeira que não aparece no formato SUBST. + VERBO. Na UF de número 12, *no apearse de*, com o sentido de “não ser menos do que” ou “ser pelo menos”, a expressão se refere a quantidades contáveis. No exemplo que Santiesteban (1985) nos apresenta: “...había calculado que la tajada no se le apeaba de veinte mil pesos... (L. Otero: La situación, 1963)”, é possível perceber que o verbo *apear* pode ser bitransitivo: “no se le apeaba de”, ou seja, “algo no se le apea a alguien de una cantidad”, sendo possível apresentar o lema da seguinte maneira: APEÁRSELE a alguien + DE + NUM. (ALGO NO) ou V. R + (C. I.) + a alguien + PREP. + NUM. + (SUBST. + NO).

A UF de número 14, *tener todavía los ariques puestos*, apresenta um formato diferente das outras UF registradas até agora, já que o autor coloca as partes da oração da seguinte maneira: SUBST. + ADJ. + (V + ADV. + ART.). Até agora o verbo da UF não era seguido por um advérbio, antes de aparecer um artigo, o qual remete ao fato de as UFs terem fixidez, ou seja, o lexicógrafo tem a difícil tarefa de escolher qual elemento deve encabeçar o lema e quais devem estar dentro do parêntese.

Outro formato de lema que chamou a atenção foi o utilizado para registrar a UF 282, a seguir: **ADJ. + (NO + SER + uno) – 282.**

LEMA	MANCO (NO SER uno)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Amér.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase. b) funcional ou explicativa .	Se usa para afirmar que uno no se encuentra en estado de indefensión, y que es capaz de ripostar cualquier ataque.

	La Acad. registra otras acepciones, pero Besses recogió en su vocabulario popular español la de “pegar fuerte”, idea cercana a la nuestra. Véase una cita de un clásico argentino:
EXEMPLO	No soy manco <i>pa la guerra...</i> (Martín Fierro)

Ficha 483 - 282. p. 305

Santiesteban (1985) registra na definição da UF 282 que é comum na América que fala castelhano (*Amér.*) e coloca um exemplo de uso retirado de uma obra literária argentina, a saber, *Martín Fierro*. É possível observar que o adjetivo *manco* (sem indicação de possível variação de gênero: *manco*, *-a* é a palavra que serve para encabeçar o lema “MANCO (NO SER uno)”. Dentro do parêntese, aparece a partícula de negação *no*, o verbo *ser* e *uno*, a forma coloquial utilizada em castelhano para referir-se à primeira pessoa do plural *nosotros*, *nosotras* ou o que seria no português do Brasil a alternância de uso entre “nós” e “a gente”. O que chama a atenção é que no lema parece que a locução *no ser uno manco* poderia aplicar-se apenas à primeira pessoa do plural e, no exemplo de uso, o autor a usa com a primeira pessoa do singular (*yo*), sendo necessário uma Nota ou Observação para esclarecer que o verbo *ser* poderia ser conjugado apenas com os pronomes pessoais de primeira pessoa, tanto do singular quanto do plural.

6.1.2 Elementos do contorno

Observamos que, em alguns casos, ocorreu a inclusão de elementos alheios à forma canônica de uma UF ou o que Silva (2007, p. 83) chama de “[...] elementos del contorno¹⁷⁵”. Embora Santiesteban (1985) defina a UF *ser de argolla*, a UF número 13, por meio de dois sinônimos, a saber, *ser de madre* e *ser de ampanga*, no exemplo apresentado, aparece apenas uma locução nominal: *cagazón de argolla*. Deveria ser indicado ao consulente que o verbo *ser* é opcional, já que a locução adjetiva *de argolla* também pode ser usada. A entrada deveria, portanto, ser registrada da seguinte maneira: ARGOLLA DE e não ARGOLLA (SER DE) e numa Nota ou Observação, poderia indicar-se que o verbo *ser* pode aparecer ligado à locução *de argolla*.

¹⁷⁵ “elementos do contorno”.

Outro tipo de elementos do contorno são os elementos constituintes, tais como: *algo*, *alguien* e as preposições associadas a eles, *a algo*, *a alguien*, por exemplo. A UF de número 16, *arráncarsela a alguien*, é registrada no formato de locução verbal com seus respectivos complementos, *se* (C.I.) e *la* (C.D.), e a indicação de que deve ser usada com pessoas (*a alguien*): ARRANCÁRSELA (a alguien). Como é possível perceber, esses elementos do contorno aparecem em letra minúscula, destacando-se das outras partes que constituem a UF.

6.1.3 A partícula “no”

Em relação à partícula de negação *no*, gostaríamos de citar García-Page (1998, p. 57):

No todas las series de estructura afirmativa pertenecientes al código fraseológico admiten ser negadas, ni todas las frases con indicadores de negación consienten la elusión de éstos para configurar una construcción afirmativa.¹⁷⁶

Sendo assim, é possível dizer que os signos de negação (*no*, *ni*, *sin*), embora possam, em alguns casos, serem alternados para mudar os efeitos de uma UF que os possua na sua forma canônica, são usados de forma condicionada pela fixidez das UFs ou pelo contexto em que possam ser utilizadas. Como já mostramos anteriormente, Santiesteban (1985) registra a primeira UF ou *fr.* na sua obra da seguinte maneira: ABUELITA (NO TENER). A partícula *no* aparece dentro do parêntese, precedendo o verbo seguindo o formato: **SUBST.** + (**NO** + **V**), nas UFs de número 1, 173, 277, 436: *no tener abuelita*, *no tener desperdicio*, *no tener madre*, *no tener tema*, respectivamente. Também aparece no formato: **SUBST.** + **ADJ.** + (**NO** + **V** + **ART.**), UF de número 43: BOCA CUADRA' (NO TENER LA) ou *no tener la boca cuadra'*. Outro formato que inclui elementos do contorno que expressam negação é o encontrado no registro da UF de número 169: **SUBST.** + (**NO** + **V** + **NI** + **ADV.** + **V** + **ART.**) - CHIVA (NO TENER NI DONDE AMARRAR LA) ou *no tener donde amarrar la chiva*. Nos três formatos que citamos aqui, a partícula *no* é parte da forma canônica das UFs em questão, isto é, sua presença não é

¹⁷⁶ “Nem todas as séries de estrutura afirmativa pertencentes ao código fraseológico admitem serem negadas, nem todas as frases com indicadores de negação consentem a supressão deles para configurar uma construção afirmativa”.

opcional e sim obrigatória, devido à fixidez e idiomaticidade dessas estruturas.

6.1.4 A partícula “se”

A presença da partícula *se* dos verbos reflexivos do espanhol nos lemas dos dicionários semasiológicos não tem sido devidamente estudada e: “De modo similar a lo que ocorre con el *no*, el tratamiento dispensado al *se* dista de ser uniforme [...]”¹⁷⁷. Santiesteban (1985) registra UFs com verbos reflexivos, como na UF de número 22, *darse la baja de la libreta*¹⁷⁸ ou BAJA DE LA LIBRETA (DARSE LA). Na estrutura do lema aparecem os elementos da seguinte forma: **SUBST. + PREP. + ART. + SUBST. + (V. R. + ART.)** e a partícula *se* aparece ligada ao verbo *dar*, já que, a UF tem sua forma fixa em oposição à frase *dar la baja de la libreta* que não a inclui. *Darse la baja de la libreta* significa morrer e remete à reflexividade do verbo *morirse* em espanhol. Já *dar la baja de la libreta* não tem caráter metafórico e significa tirá-lo do programa de racionamento de alimentos vigente em Cuba. Como é possível perceber, “[...] la presencia o ausencia de esa partícula implica cambios semánticos [...] o estructurales [...] y puede servir como un índice que identifica un patrón sintáctico y morfológico de una UF frente a otros posibles”¹⁷⁹ (SILVA, 2007, p. 115). Nesta pesquisa, optamos por utilizar a sigla **V. R** para referir-nos aos verbos que contivessem a partícula *se*.

6.1.5 A variação fraseológica e seu registro

Sobre a variação fraseológica, convém citar Silva (2007, p. 120), já que a autora afirma que existem dois tipos de variantes:

¹⁷⁷ “De modo similar ao que ocorre com o *no*, o tratamento dado ao *se* está longe de ser uniforme [...]”

¹⁷⁸ É necessário dizer que, em Cuba, os alimentos são racionados e vendidos à população sob um rígido controle feito nessa *libreta* ou carnê e, quando alguém morre, é retirado da lista de pessoas com direito a comprar alimentos. O autor se serve da definição por meio de sinônimo, embora não apresente uma UF equivalente e sim uma unidade léxica simples: *ñampiarse*, à qual faz remissão para referir-se a alguém que morre.

¹⁷⁹ “[...] a presença ou ausência dessa partícula implica em mudanças semânticas [...] ou estruturais [...] e pode servir como um índice que identifica um padrão sintático e morfológico de uma UF diante de outros possíveis”.

variantes en sentido estricto VARIANTES	Tienen el mismo significado, semejanza estructural, pertenecen a la misma lengua funcional, los cambios de elementos son limitados e independientes del contexto.	<i>coger las de Villadiego / tomar las de Villadiego</i>
[...]		
variantes en sentido amplio VARIACIONES	Variación diatópica, diastrática, diafásica, UF con casillas vacías, UF sinónimas (pero con diferencias formales), variación por modificación o transformación (parte de los sinónimos estructurales), series	[...] ¹⁸⁰

180

Variantes stricto sensu VARIANTES	Possuem o mesmo significado, semelhança estrutural, pertencem à mesma língua funcional, a troca de elementos é limitada e independente do contexto.	<i>coger las de Villadiego / tomar las de Villadiego</i>
[...]		
variantes lato sensu VARIAÇÕES	Variação diatópica, diastrática, diafásica, UF com espaços vazios, UF sinônimas (mas com diferenças formais), variação por modificação ou transformação (parte dos sinônimos estruturais), séries (antônimos estruturais, séries fraseológicas, <i>Konversiven</i>).	[...]

	(antónimos estructurales, fraseológicas, <i>Konversiven</i>).	series	
--	---	--------	--

Cabe destacar que Santiesteban (1985) registra, com maior frequência, as variantes fraseológicas *stricto sensu*, isto é, aquelas que apresentam poucas mudanças na sua estrutura, geralmente que podem ser usadas com um verbo ou com outro e o autor se serve da partícula *o* para indicar essa variação na forma da UF. Como exemplo, podemos citar a UF de número 192: *estar o quedar en estambay* ou ESTAMBAY (ESTAR o QUEDAR EN).

O autor apresenta um neologismo semântico na UF 192, já que o substantivo *estambay* é uma palavra que provém do inglês (*stand-by*) e que foi adaptada para a variante cubana do castelhano. Esse processo é comum em Cuba e Santiesteban (1985) os registra na sua obra, chamando a atenção do consulente para o fato de as lexias advindas do inglês adquirirem uma nova forma ao serem escritas como são ouvidas pelos usuários da variante cubana do castelhano. Dessa forma, os vocábulos que provêm da língua inglesa e que são usados pelos cubanos no cotidiano passam por um processo de adaptação ortográfica que, em nossa opinião, mais do que “espanholizar” ou “castelhanizar” as palavras, poderia afirmar-se que essas palavras são “cubanizadas”, pois outros falantes do castelhano podem não conhecer essas lexias de uso corrente em Cuba. Contudo, quando falamos de variação fraseológica na obra de Santiesteban (1985), nos referimos às variantes *stricto sensu*, isto é, às variantes das UFs que pertencem à variante cubana do castelhano.

6.1.6 Exemplos de uso

Sobre as UFs, cabe dizer que essas estruturas já foram usadas como exemplos de uso em dicionários semasiológicos. Contudo, pelo fato de essas estruturas serem formadas por mais de uma unidade léxica com certo grau de fixidez e de idiomaticidade, apresentar uma UF como exemplo de uso de uma única unidade léxica que a compõe poderia criar um conflito entre a definição dada para a lexia simples e o papel que ela tem na UF como um todo. Dessa forma, não consideramos que UFs possam ser utilizadas como exemplos de uso na microestrutura de uma entrada que registre o significado de uma lexia simples. Por outro lado, consideramos que a presença de exemplos de uso na microestrutura dos lemas que são UFs é uma forma de mostrar ao consulente quais elementos

do contorno podem e devem ser usados, assim como contextualizar o uso da expressão.

Além disso, conforme Silva (2007, p. 271) afirma:

La posibilidad de expresar datos culturales hace que los ejemplos puedan expresar información enciclopédica [...] En el caso de la fraseología, esto podría suceder con aquellas unidades en cuya formación intervienen determinados elementos que hacen referencia a aspectos culturales, acontecimientos históricos, obras literarias o anécdotas¹⁸¹.

Por exemplo, na definição conceitual por meio de paráfrase que Santiesteban (1985, p. 35) apresenta para a UF *tener aché*, isto é, em: “Tener un don o poder especial. Es voz yoruba. Aché es el don que, en el panteón yoruba, reciben los santos”, o autor oferece informações culturais ou enciclopédicas sobre a UF e, especialmente, sobre o substantivo *aché*. Além das informações culturais que aparecem em sua definição, no caso da UF de número 2, *tener aché*, a microestrutura registra dois tipos de exemplo de uso: um criado pelo autor: “Por ejemplo, Changó recibió de Olofi el *aché* de que no lo quemara el fuego” e outro retirado de uma canção popular: “...*porque yo tengo* mi aché. (De una canción popular)” (SANTIESTEBAN, 1985, p. 35). Aqui, gostaríamos de registrar que Santiesteban (1985, p. 35) contradiz o que Silva (2007, p. 271) afirma em relação à maior quantidade de informação cultural ou ideológica que possa ser veiculada por meio do tipo de exemplos de uso. Afirmamos isso com base nesta citação de Silva (2007, p. 271, grifos nossos):

Para Alvar Ezquerria (1993: 137), los ejemplos enciclopédicos, o falsamente enciclopédicos, son los que mayor información cultural e ideológica demuestran. No obstante, esto parece estar determinado, por lo menos en el caso de las UF, por el tipo de ejemplo, citado o inventado. En el primer caso, se registran más datos enciclopédicos y

¹⁸¹ A possibilidade de expressar dados culturais faz com que os exemplos possam expressar informações enciclopédicas [...] No caso da fraseologia, isto poderia acontecer com aquelas unidades em cuja formação intervêm determinados elementos que fazem referência a aspectos culturais, acontecimentos históricos, obras literárias ou anedotas.

culturales, mientras que los ejemplos *ad hoc* tienden a ser más bien neutros, en lo que a la introducción de informaciones enciclopédicas se refiere¹⁸².

De acordo com Silva (2007, p. 271), portanto, o que determinaria a quantidade de informação cultural contida num exemplo de uso de uma UF seria o tipo de exemplo: a) nos exemplos retirados de alguma outra fonte e citados haveria uma maior quantidade de informação enciclopédica; b) nos exemplos criados ou inventados pelo(s) autor(es) do dicionário haveria neutralidade em relação à quantidade de informações enciclopédicas oferecidas, isto é, os exemplos de uso inventados tenderiam a não apresentar informações culturais, na grande maioria dos casos. Como foi possível perceber nos exemplos de uso que Santiesteban (1985, p. 35) apresenta, o que ocorre é o contrário: a) há informações culturais no exemplo inventado pelo autor e, inclusive, na definição da UF e, b) no exemplo citado de uma canção popular não aparecem informações enciclopédicas sobre a origem da UF em questão. Apresentamos a citação de Silva (2007, p. 271) e o exemplo do dicionário de Santiesteban (1985, p. 35) com o objetivo de comprovar que a escolha do conteúdo semântico dos exemplos de uso num dicionário é relativamente livre, já que eles são usados, principalmente para mostrar o comportamento sintático de uma unidade léxica simples ou composta ou para oferecer informações semânticas adicionais, de acordo com Béjoint (2000, p. 135).

6.1.7 Notas ou Observações

Em relação à presença de Notas ou Observações na microestrutura dos verbetes do dicionário de Santiesteban (1985), foi possível perceber que não foram seguidos critérios claros em relação à sua presença ou não e, também, onde as informações adicionais deveriam aparecer. Vejamos o exemplo da UF de número 20, *cortar el bacalao*:

¹⁸² “Para Alvar Ezquerria (1993: 137), os exemplos enciclopédicos, ou falsamente enciclopédicos, são os que demonstram conter uma maior quantidade de informação cultural e ideológica. No entanto, isto parece estar determinado, pelo menos no caso das UF, pelo tipo de exemplo, citado ou inventado. No primeiro caso, se registram mais dados enciclopédicos e culturais, enquanto que os exemplos *ad hoc* tendem a ser mais neutros como tal, no que se refere à introdução de informações enciclopédicas”.

LEMA	BACALAO (CORTAR EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
INFORMAÇÃO SOBRE O USO	<i>Com.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de paráfrase.	Se dice del que manda. La Acad. define: “tener mucho manejo en una casa o con algunas personas”, lo cual dista mucho de nuestra acepción, a pesar de que en la Península se ha usado en igual sentido (Besses: <i>Diccionario del argot español</i>). Según Moreno Fraguinals (<i>El ingenio</i>), tenía gran relevancia en el ingenio el empleado que repartía las raciones de bacalao, alimento típico del esclavo.

Ficha 484 – 20. p. 57

No caso da UF *cortar el bacalao*, o autor considera que seu uso não se restringe a Cuba (*Cub.*), senão que se trata de uma lexia comum tanto na América que fala castelhano, quanto na Espanha (*Com.*). No entanto, de acordo com Santiesteban (1985, p. 57), o *Diccionario de la Real Academia Española (DRAE)* registra uma definição que “dista mucho”, ou seja, que está longe daquela que se usa em Cuba, isto é, quando *alguien corta el bacalao* em Cuba, esse alguém é quem manda em algo ou em algum lugar e não somente que “tem muita habilidade numa casa ou com algumas pessoas”, como define o *DRAE*. No caso desta UF, consideramos que o autor deveria ter registrado apenas o significado de “se dice del que manda” na parte destinada à sua definição. Na parte destinada para a Observação ou Nota de esclarecimento sobre o uso dessa lexia complexa, o autor poderia ter fornecido a informação de que a *RAE* apresenta uma definição diferente para ela, porém, em Cuba a UF se refere àquele que manda. Sendo assim, o autor poderia considerar a UF como pertencente à variante cubana do castelhano e mudado de comum (*Com.*), para usada em Cuba (*Cub.*).

6.1.8 A remissão

Sobre o uso da remissão na obra de Santiesteban (1985), a UF *ser árnica y diente e perro*, de número 15, apresenta na sua estrutura a

supressão da letra *d* da preposição *de* para referir-se às formações rochosas típicas de algumas partes do litoral, cujo formato afiado e pontiagudo, poderia lembrar os dentes de um cão. A expressão *ser retama* y *guayacol* é apresentada como sinônimo dessa UF. Contudo, quando procuramos essa UF no dicionário, Santiesteban (1985) nos informa que ela aparece às vezes, pois o sinônimo mais frequente seria apenas a UF *ser retama*. O substantivo *guayacol* não aparece registrado na obra de Santiesteban (1985):

LEMA	ÁRNICA Y DIENTE 'E PERRO (SER)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Ser lo peor de lo peor. Equivale a <i>ser retama</i> y <i>guayacol</i> .
SINÔNIMOS	<i>ser retama</i> y <i>guayacol</i>

Ficha 485 – 15. p. 53

No caso das UF *vender la baraja* e *vender el barco*, nas UFs 27 e 28, respectivamente, o autor faz uso de remissão ao verbo *vender*:

VENDER o VENDERLE. v. tr. e intr. *Cub.* Irse. // Abandonar. // Huir. Tiene incontables sinónimos, entre ellos: *abrir valla, chancletear, dejar una raya, echar una alpargata, echar un patín, echar un pie, echar un tacón, ir abajo, ir en pira, ir en venta, ir quita'ó, ir yumbo, quemar el plástico, quemar el tenis, rajar, recoger la serpentina, vender el barco, vender el cajetín, vender la baraja, vender el circo.*
...los otros le vendieron en ese momento... (V. Casaus: *Girón en la memoria*, 1970)
...parece – dijo riéndose – que el otro lo sonó duro, y le vendió... (A. C. Pérez: *La ronda de los rubíes*, 1973).

É possível perceber que há vários sinônimos para expressões utilizadas para dizer que alguém está indo embora, fugindo ou

abandonando algo ou alguém. Contudo, a remissão é feita apenas ao verbo *vender*, não deixando claro para o consulente se os sinônimos que encontrará serão unidades léxicas simples ou complexas e derivadas do núcleo da UF, formado pelo verbo *vender*. No caso da obra de Santiesteban (1985) caberia apontar que, consultando o verbo *vender*, outras “frases” poderiam ser encontradas e, que, *vender la baraja* não é sinônimo do verbo *vender* em seu sentido denotativo, isto é, poderia ser registrado desta forma: “Irse. V. *vender* y frs.”, em que o consulente seria direcionado a consultar as UFs e não apenas a lexia simples *vender*.

LEMA	BARAJA (VENDER LA)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Irse. V. <i>vender</i> .
EXEMPLO	<i>Le vendería la baraja no quiero asunto con la muerte. (S. Álvarez Conesa: Matar el tiempo, 1967)</i>
SINÔNIMOS	<i>vender</i>
REMISSÃO	V. <i>vender</i> .

Ficha 486 – 27. p. 61

LEMA	BARCO (VENDER EL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo.	Irse V. <i>vender</i> .
SINÔNIMOS	<i>vender</i>
REMISSÃO	V. <i>vender</i> .

Ficha 487 – 28. p. 62

Na UF 18, *estar caga 'o de aura*, o autor parafraseia o significado da UF e, também, apresenta duas UFs tidas como sinônimas, embora não se explicita que a remissão a estas entradas é possível, isto é, não aparece

a indicação (V.) antes ou depois das UFs apresentadas como equivalentes para a UF *estar caga'õ de aura*.

LEMA	AURA (ESTAR CAGA'Õ DE)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>
DEFINIÇÃO a) conceitual - por meio de sinônimo; - por meio de paráfrase.	Tener mala suerte, <i>estar sala'õ tener un chino atrás</i> .
SINÔNIMOS	<i>estar sala'õ tener un chino atrás</i>

Ficha 488 – 18 p. 56

A falta de sistematicidade no registro das UFs pode trazer dúvidas ao consulente, o qual não sabe exatamente se encontrará a estrutura que procura na entrada formada pelos verbos (*estar; tener*), pelo substantivo (*chino*), pelo adjetivo (*sala'õ*) ou pelo advérbio (*atrás*).

6.1.9 A definição de unidades fraseológicas do ponto de vista da fraseografia

Sobre a UF 19, cabe dizer que Santiesteban (1985, p. 57) utiliza, primeiramente, a definição por meio de paráfrase para dizer que a expressão pode ser utilizada para referir-se a alguém que tenha azar. Depois de explicar a possível etimologia da UF em questão, apresenta sinônimos para registrar o significado da UF *tener que ir al babalao* e apresenta uma UF que pode ser utilizada, às vezes, como equivalente: *tener que ir a Guanabacoa*. Depois, apresenta outros dois sinônimos (V. *estar sala'õ y tener un chino atrás*) para essa UF, fazendo uso da remissão.

LEMA	BABALAO (TENER QUE IR AL)
INFORMAÇÃO GRAMATICAL	fr.
MARCAS DIATÓPICAS	<i>Cub.</i>

<p>DEFINIÇÃO</p> <p>a) conceitual</p> <p>- por meio de sinônimo;</p> <p>- por meio de paráfrase.</p>	<p>Se aplica, festivamente, a la persona que tiene mala suerte. Puesto que la villa de Guanabacoa ha sido tradicionalmente la Meca de los <i>babalaos</i>, la anterior idea expresa a veces como <i>tener que ir a Guanabacoa</i>.</p> <p>V. <i>estar sala'o y tener un chino atrás</i>.</p>
<p>SINÔNIMOS</p>	<p><i>tener que ir a Guanabacoa</i></p> <p><i>estar sala'o</i></p> <p><i>tener un chino atrás</i></p>
<p>REMISSÃO</p>	<p>V. <i>estar sala'o y tener un chino atrás</i>.</p>

Ficha 489 – 19. p. 57

Ao longo da apresentação dos diversos tipos ou formatos possíveis para os lemas da obra de Santiesteban (1985), foi possível perceber heterogeneidade, também, na forma como as UFs aparecem definidas, isto é, em relação aos tipos de definição utilizados por Santiesteban (1985) na microestrutura das suas entradas. Carneado Moré (1985, p. 41) afirma que a definição das UFs é um dos aspectos descuidados nos dicionários cubanos, já que num mesmo dicionário é possível detectar o uso de diferentes critérios de definição dessas unidades. Contudo, Silva (2007, p. 173-174) afirma que:

[...] la diversidad de definiciones puede entenderse como un requisito propio de cualquier UL, ya que se cree que diferentes tipos de unidades tienen diferentes propiedades semánticas y deben, por tanto, ser definidas de manera distinta¹⁸³ [...].

No dicionário de autor de Santiesteban (1985), percebemos que não é possível aplicar o critério de heterogeneidade/homogeneidade, pois, devido às características da sua obra, o autor apresenta procedimentos

¹⁸³ “[...] a diversidade de definições pode ser entendida como um requisito próprio de qualquer UL, já que se acredita que diferentes tipos de unidades possuem diferentes propriedades semânticas e devem, portanto, ser definidas de maneira distinta¹⁸³ [...].”

fraseográficos diversificados e adaptados ao tipo, à quantidade e ao formato da informação que ele deseja oferecer aos seus consulentes.

6.1.10 Proposta de verbete de dicionário fraseológico

Acreditamos que, a partir das leituras feitas, da reflexão a partir delas e do *corpus* de UFs coletado da obra de Santiesteban (1985) que apresentamos nesta pesquisa, seja possível elaborar um dicionário fraseológico que registre essas estruturas de forma tal que os artigos lexicográficos apresentem uma configuração mais nítida e coerente. Referimo-nos, em primeiro lugar ao formato dos *lemas*.

Considerando que o autor registrou UFs no formato de locuções verbais, seria possível começar a utilizar esse critério para a constituição da macroestrutura de um dicionário fraseológico da variante cubana do espanhol, isto é, **as entradas seriam formadas pelo verbo e, a partir dele, as outras categorias poderiam ser acrescentadas.**

Em relação às definições para os lemas, Porto Dapena (2002, p. 58) aponta que em um dicionário monolíngue a língua exerce uma função metalinguística, já que se trata de uma descrição do léxico mediante a língua de que este faz parte:

[...] solo cabe hablar propiamente de definiciones en los diccionarios monolingües y, por supuesto, de tipo semasiológico. Pero aun en este último caso es muy probable que no todo el mundo esté dispuesto a llamar *definición* a cualquier tipo de equivalencia o explicación contenida en los artículos. De ahí la condena frecuente, por ejemplo, de la llamada **definición sinonímica**, porque se parte del supuesto de que toda definición debe caracterizarse por ser analítica o perifrástica, o que, por otro lado, se consideren poco ortodoxas las denominadas **definiciones descriptivas** para referirse más a las realidades que propiamente a las palabras que las representan. Ante semejante situación nosotros creemos preferible partir del concepto más amplio posible de ‘definición lexicográfica’, llamando así a todo tipo de equivalencia establecida entre la entrada y cualquier expresión explicativa de la misma en un diccionario monolingüe¹⁸⁴.

¹⁸⁴ [...] somente cabe falar propriamente de definições nos dicionários monolíngues e, logicamente, de tipo semasiológico. Porém, ainda neste último

Dessa forma, propomos que a **definição conceitual por meio de paráfrase** seja adotada. Contudo, quando fosse possível, recomendamos a presença de UFs **sinônimas** na microestrutura do verbete, às quais se faça remissão no próprio dicionário fraseológico; acreditamos que esse procedimento seria enriquecedor para o consulente.

Os consulentes poderiam enriquecer suas produções orais e escritas com **exemplos de uso** que contenham UF na variante cubana do castelhano, porém, como já afirmamos antes, o registro das UF nos dicionários beneficia primeiramente as atividades de compreensão de enunciados escritos e orais, assim como as atividades de tradução. Os **exemplos de uso** poderiam conter exemplos de outros vocábulos com os quais poderiam se combinar. Esses exemplos de uso deveriam ser retirados de textos que façam parte de *corpora* da variante cubana do castelhano.

Apresentamos, a seguir, uma proposta de registro de UFs da variante cubana do castelhano:

ARRANCÁRSELA (a alguien) – *fig. & fam. loc. verb. Cub.* Matar (a alguien). Σ *Arrancársela a seis o siete de ellos, guindarlos...* (R. Moya: Amor entre las llamas, 1981). **V.** ñampiar. **NOTA:** -

O registro das UFs no formato deste protótipo será feito levando em consideração, pelo menos:

caso é muito provável que não todo mundo esteja disposto a chamar de *definição* a qualquer tipo de equivalência ou explicação contida nos artigos. Daí a condensa frequente, por exemplo, da chamada **definição sinonímica**, porque se parte do pressuposto de que toda definição deve caracterizar-se por ser analítica ou perifrástica, ou que, por outro lado, se considerem pouco ortodoxas as denominadas **definições descritivas** para referir-se mais às realidades que propriamente às palavras que as representam. Diante de tal situação preferimos partir do conceito mais amplo possível de ‘definição lexicográfica’, chamando assim a todo tipo de equivalência estabelecida entre a entrada e qualquer expressão explicativa da mesma num dicionário monolíngue

<ul style="list-style-type: none"> • a(s) forma(s) verbal(is), assim como outros elementos (artigos, preposições, advérbios etc.);
<ul style="list-style-type: none"> • parêntese para incluir os elementos do contorno, tais como <i>algo, alguien, nada, no, etc.</i>;
<ul style="list-style-type: none"> • a indicação de que a UF não está sendo utilizada no seu sentido literal (<i>fig.</i>);
<ul style="list-style-type: none"> • a indicação do registro da UF pertencente à linguagem coloquial (<i>fam.</i>);
<ul style="list-style-type: none"> • a classificação gramatical da locução (<i>loc. verb.</i>);
<ul style="list-style-type: none"> • a indicação de que se trata de uma UF pertencente a uma variante do castelhano que não a cubana, quando necessário (<i>Esp.</i>);
<ul style="list-style-type: none"> • a definição com base em dicionários monolíngues do castelhano ou outras fontes, no formato de paráfrase definitiva;
<ul style="list-style-type: none"> • a indicação da fonte de onde foi retirada a definição;
<ul style="list-style-type: none"> • símbolo que indica o registro de exemplo de uso (Σ);
<ul style="list-style-type: none"> • um exemplo de uso na variante cubana do castelhano;
<ul style="list-style-type: none"> • a indicação da fonte de onde foi retirado o exemplo (pode ser adaptado de <i>CREA</i>, por exemplo).
<ul style="list-style-type: none"> • apresentar UFs consideradas como sinônimas e indicar a remissão por meio do símbolo V.;
<ul style="list-style-type: none"> • uma nota com esclarecimentos, quando necessário. (NOTA:).

Sabemos que uma proposta de registro de UFs não esgota todas as suas possibilidades de significação. Contudo, nossa intenção é a de oferecer ao consulente informações complementares àquelas que aparecem em dicionários semasiológicos gerais. Nosso objetivo é o de auxiliar, mais especificamente, aqueles que se interessam pelas variantes linguísticas do castelhano e a riqueza de formatos e de informações que as UFs podem veicular quando descritas apropriadamente.

6.2 O CONTEÚDO IDEOLÓGICO VEICULADO POR MEIO DAS UFS

Após as leituras sobre a presença da ideologia na língua e no discurso e com a análise fraseográfica feita, é possível afirmar que **as UFs são veículos de conteúdo ideológico.**

Separamos as esferas em que a ideologia de uma determinada comunidade de falantes pode aparecer e comprovaremos a sua presença por meio da contextualização de UFs retiradas da obra em análise.

6.2.1 A ideologia no âmbito governamental

Após a Idade Média e do feudalismo, começa a Idade Moderna e surgem os países Estado, os quais buscaram centralizar o poder que estava fragmentado na mão dos senhores feudais até então. Este é um fenômeno recente e aconteceu na Europa, no século XVII. O papel do Estado moderno passou a ser, desde então, o de administrar e coordenar a sociedade, monopolizando de forma legítima a força.

Escolhemos a esfera do Estado ou o âmbito governamental para iniciar esta parte da análise das UFs porque esta instituição moderna está acima da esfera social, da esfera religiosa e da esfera familiar. De acordo com Oliveira (2006a, p. 203, grifos nossos):

Em qualquer sociedade, apenas o Estado tem o direito de recorrer à violência, à coação, para obrigar alguém a fazer alguma coisa [...]. O Estado é essencialmente um agente de controle social. Difere de outras instituições, na medida em que tem poder para regular as relações entre todos os membros da sociedade.

Sendo assim, o Estado é que organiza a máquina pública, cobra os impostos e cria uma força policial e um exército permanentes para policiar as fronteiras do país e para estabelecer os deveres dos cidadãos.

Em Cuba, após a Revolução de 1959, liderada por Fidel Castro Ruz, o sistema de governo passou a controlar a população por meio de Aparelhos Repressores do Estado (ARE), na concepção de Althusser (MUSSALIN, 2001, p. 104). Um dos exemplos desses ARE são os *Comités de Defensa de la Revolución (CDR)*, os quais são constituídos por pessoas fieis ao governo e que vigiam e controlam os atos da vizinhança, sendo responsáveis por uma centena de indivíduos, em média. Na Ficha 38, é possível perceber o controle exercido pelo *Comité*, quando Santiesteban (1985, p. 468) registra a UF *pegar tarros* (cometer adultério) e coloca este exemplo de uso: “Hoy si vas a *pegar un tarro*, ahí tienes al Comité vigilando”. O exemplo de uso que Santiesteban registra no verbete para a UF *pegar tarros* é uma enunciação que demonstra o poder controlador do Estado cubano e como a ideologia é veiculada por meio

do discurso, corroborando o que o que Eagleton (1997, p. 194, grifos nossos) afirma na citação a seguir:

A ideologia é antes uma questão de “discurso” que de “linguagem” – mais uma questão de certos efeitos discursivos concretos que de significações como tal. Representa os pontos em que o poder tem impacto sobre certas enunciações e inscreve-se tacitamente dentro delas.

Esse poder de que se fala na citação anterior é exercido por meio do Estado, o qual busca garantir que seus cidadãos conheçam seus deveres e a(s) ideologia(s) dominante(s). Para que isto aconteça é necessário disseminar alguns conceitos chave, os quais deverão ser assimilados pelos membros de uma determinada comunidade linguística após serem expostos a efeitos discursivos que os farão aceitar a(s) ideologia(s) dominante(s). Dessa forma, o Estado cubano interfere na sociedade, controlando os atos dos seus cidadãos, inclusive, na esfera da vida privada, já que conta com os membros do *Comité* para vigiarem a vizinhança e deixarem claro que é o Estado que está no controle. No exemplo de uso apresentado para a UF *pegar tarros*, é possível perceber que a ideologia do sistema de governo cubano está presente na vida dos usuários desta variante do castelhano e o autor o demonstra por meio do trecho de uma obra literária escrita por Cofiño (1982) ao dizerem que “Hoje, se você vai botar um chifre em alguém (*pegar tarros*), aí está o Comitê vigiando”.

Os dicionários têm o papel social de registrarem as formas de expressão próprias de uma determinada comunidade de falantes e Santiesteban (1985) vai além, ao acrescentar informações nas entradas dos verbetes da sua obra por meio dos exemplos de uso, como foi possível verificar neste exemplo. Dessa forma, a(s) ideologia(s) pode(m) ser veiculada(s) por meio das definições das UFs e, também, por meio dos exemplos de uso dessas estruturas. Neles, o autor do dicionário se posiciona em relação às visões de mundo que compartilha com a comunidade de falantes à qual direciona sua obra e que são legitimadas ou não pelo sistema de governo no poder.

No caso do dicionário de Santiesteban (1985), é possível afirmar que o autor é porta-voz da(s) ideologia(s) do sistema de governo cubano no poder desde 1959, após a *Revolución* liderada por Fidel Castro na ilha. Podemos afirmar isso com base nas informações registradas nas Fichas 82 e 245. Na Ficha 82 analisamos a UF *echar un pie* (SANTIESTEBAN,

1985, p. 391), que significa fugir ou escapar. No exemplo de uso desta UF aparece a seguinte informação: “Cuando el pueblo dijo que Batista *echó un pie* decía una verdad que no completaba con la modosa expresión de “que se fue”... (M. Kuchilán: *Fabulario*, 1970)” (SANTIESTEBAN, 1985, p. 391). A partir do trecho dessa obra literária que o autor escolheu para exemplificar o uso da UF *echar un pie*, é necessário esclarecer quem é a pessoa que escapou ou se mandou de Cuba e sobre o qual Santiesteban (1985) faz questão de registrar um ato tido como covardia. Trata-se de Fulgencio Batista Zaldívar (1901-1973), o qual foi o presidente eleito da ilha de Cuba entre 1940 e 1944. Depois disso, por pertencer ao exército cubano, deu um golpe militar em 1952 e permaneceu no poder até janeiro de 1959, quando a *Revolución* liderada por Fidel Castro tomou o poder da ilha.

Além de registrar no exemplo de uso da UF *echar un pie* que Batista foi embora com pressa de Cuba em 1959 e que abandonou o país, Santiesteban (1959) deixa claro que desaprova tudo o relacionado com o governo anterior à *Revolución*, por meio da definição dada para a UF registrada na Ficha 245, isto é, para *darle candela al jarro*. Nessa definição, o autor se serve de “informações históricas” para explicar o uso da UF em questão:

Historia: algún testaferro batistiano hizo suya la frase, clamando por más represión. A la caída del régimen dictatorial, el pueblo comentaba que le habían dado tanta candela al jarro, que en lugar de soltar el fondo se habían quedado con el asa en la mano (SANTIESTEBAN, 1985, p. 101, grifos nossos)¹⁸⁵.

Por meio de algumas palavras-chave, o autor do dicionário demonstra a sua postura ideológica, a qual é contrária ao governo anterior à *Revolución*: ele usa os vocábulos *testaferro* e *batistiano*, para dizer que era uma prática comum do governo de Batista, que pessoas mentissem dizendo que algo tinha sido feito em seu nome ou que algo pertencia a elas. Tudo isso acontecia no seio de um *régimen dictatorial*, no qual a repressão era tão intensa que o povo comentava que eles tinham ido além

¹⁸⁵ “História: algum testa-de-ferro ou laranja simpatizante do sistema de governo do Fulgencio Batista tornou sua essa frase, clamando por mais repressão. Na queda do regime ditatorial, o povo comentava que tinham procedido com tanto rigor, que em lugar de soltar o fundo do caneco, eles tinham ficado era com a asa na mão (SANTIESTEBAN, 1985, p. 101, grifos nossos).

do rigor e cometido excessos. Dessa forma, verificamos que é possível veicular informações que atestem a concordância com o sistema de governo vigente e a(s) sua(s) ideologia(s), por meio da crítica a outros sistemas de governo. Isto é, nos contextos em que as UFs *echar un pie* foi definida e *darle candela al jarro* foi exemplificada, o autor se posiciona ideologicamente contra o governo de Batista em Cuba e, portanto, como favorável ao sistema de governo vigente na ilha na década de 1980, quando foi publicada a obra.

Por último, chamou a nossa atenção a UF registrada na Ficha 226, isto é, *tirarse pa' la calle'el medio* (SANTIESTEBAN, 1985, p. 97), já que a postura ideológica do autor em relação ao governo de Fulgencio Batista aparece materializada na definição para essa UF em forma de paráfrase e, também, no exemplo de uso que é registrado no verbete. Santiesteban (1985, p. 97) define que alguém que *se tira pa' la calle'el médio* é alguém que: “Deja de admitir trabas morales o de otra índole”, ou seja, alguém que apresenta comportamento imoral e contra os bons costumes da sociedade. E, para exemplificar o que seria um comportamento dessa índole, o autor cita este exemplo de uso para a UF em questão: “Batista, tirado por la calle del medio, insiste con el embajador en que se obligue a Mendieta a aceptar la presidencia... (M. Kuchilán: *Fabulario*, 1970)¹⁸⁶” (SANTIESTEBAN, 1985, p. 97). Novamente aparece a figura de Fulgencio Batista para exemplificar o uso de uma UF e, desta vez, a definição dada associa o ex-presidente de Cuba a uma conduta tida como imoral na sociedade, passando da esfera governamental ou do Estado, para a esfera dos valores morais e cívicos.

6.2.2 A ideologia no âmbito moral

Dessa forma, passamos para a análise de UFs no âmbito social, no qual, a ideologia “[...] deve figurar-se como uma força social organizadora que constitui ativamente sujeitos humanos nas raízes de sua experiência vivida” (EAGLETON, 1997, p. 194, grifos nossos). Sendo assim, em qualquer sociedade, há uma série de orientações e de deveres sociais que os cidadãos devem seguir para serem aceitos no convívio com os outros membros da sua comunidade. A língua possibilita que sejam estabelecidos códigos de conduta, materializando o pensamento e a ideologia de um determinado grupo social e, nesta parte do texto,

¹⁸⁶ “Batista, sem nenhum tipo de travas morais, insiste com o embaixador para que Mendieta seja obrigado a aceitar a presidência... (M. Kuchilán: *Fabulario*, 1970)”.

gostaríamos de exemplificar esse processo por meio de uma análise mais específica de algumas UFs retiradas da obra de Santiesteban (1985).

Na Ficha 362, é possível perceber numa UF o resumo da necessidade de que os membros de uma sociedade possam “Tener un nivel de vida decoroso” e, portanto, *vivir como la gente* (SANTIESTEBAN, 1985, p. 228). Esta UF veicula a ideologia da comunidade linguística que a utiliza para estabelecer que “viver como gente” é ter um nível de vida que preze pelo decoro, pelo pudor e pela dignidade. Isso envolve ter condições de moradia, de acordo com o que Santiesteban (1985, p. 228) expressa no exemplo de uso que aparece nesse verbete: “Cuando se casaron pensaba *vivir como la gente*, tener su apartamento... (R. González: *Siempre la muerte...*, 1982)”. Nesse exemplo, aparece a ideia de que, após o casamento, o casal deve ter um lugar digno para morar, encaixando-se, dessa forma, no que a sociedade considera positivo e aceitável.

Como em qualquer sociedade, há alguns valores considerados positivos, como já dissemos, e que são incentivados por meio do discurso e seus efeitos enunciativos e que aparecem cristalizados em forma de UFs de um determinado grupo social. Por exemplo, na comunidade linguística que usa a variante cubana do castelhano, o fato de alguém ser trabalhador e eficiente é algo considerado positivo, como é possível perceber na UF *ser una bibijagua*, registrada na Ficha 135 (SANTIESTEBAN, 1985, p. 70), exatamente na sua definição: “Por similitud con el mencionado insecto, se aplica a persona laboriosa”¹⁸⁷. Dessa forma, quem é uma formiga (mais especificamente, uma *Atta insularis*, encontrada somente em Cuba) é alguém trabalhador.

Além disso, considera-se que alguém que *sabe más que las bibijguas* (SANTIESTEBAN, 1985, p.105) é alguém sábio ou esperto e essa UF é definida da seguinte forma:

Se usa para encarecer la sapiencia o la astucia de alguien. Alude a lo inusitado del comportamiento de ese himenóptero, hábil constructor de galerías, cuyo instinto “es comparable a la inteligencia”, en el decir de A. Martínez Andreu (*Plagas agrícolas de Cuba*)¹⁸⁸.

¹⁸⁷ “Por associação com o inseto mencionado, aplica-se a pessoas trabalhadoras”.

¹⁸⁸ “Usa-se para encarecer a sapiência ou a esperteza de alguém. Alude ao inusitado do comportamento desse himenóptero, hábil construtor de galerias, cujo instinto “é comparável à inteligência”, nas palavras de A. Martínez Andreu (*Pragas agrícolas de Cuba*)”.

Dessa forma a(s) ideologia(s) se estabelece(m), sendo veiculadas, também, pelo uso das UFs e são passadas de geração em geração por meio de enunciados orais e escritos em que os membros de uma determinada sociedade passam a entender o que é positivo ou negativo.

Em relação ao que é considerado negativo, citamos, por exemplo, a UF *fumarse una marihuana*, registrada na Ficha 180, na qual Santiesteban (1985, p. 312) apresenta a seguinte definição: “Además del sentido recto: albergar proyectos o ideas disparatadas o de imposible realización¹⁸⁹”. Além de expor que usar drogas como a maconha é algo ilegal e não aceito na sociedade, na definição é possível perceber que os indivíduos que são usuários de substâncias entorpecentes ou alucinógenas não podem ser dignos de confiança, portanto, quando se diz que alguém “fumou uma maconha”, também se diz que seus projetos ou ideias não têm nenhum sentido e que não devem ser levadas em consideração pela sociedade. Nessa UF é possível diferenciar a legalidade da moralidade, já que os valores morais do indivíduo são diferentes dos valores inspirados pela legalidade, isto é, por lei é proibido usar maconha e as pessoas que seguem a legalidade simplesmente não fazem uso dela para não serem punidas. Contudo, quando se usa uma UF no sentido metafórico, como é o caso de *fumarse una marihuana*, é possível perceber que a comunidade de falantes que usa essa estrutura considera que o indivíduo que faz uso dessa droga não é digno de confiança, não pela legalidade, mas pela moralidade ou pela postura ideológica da maioria.

No seio dos estudos sociológicos, Durkheim (1974, p. 21), se preocupou em demonstrar que uma educação moral laica era possível e define a moral da seguinte forma: agir bem é obedecer bem. Para esse autor, o plano moral corresponde a uma realidade humana em que a obediência aparece. Essa realidade humana é passível de ser ocupada pelos mandamentos do Ser Coletivo, mas, durante séculos, foi despertada pela religião. Dessa forma, as crenças dos indivíduos podem promover a obediência a determinados códigos de conduta, portanto, consideramos relevante analisar como a ideologia é veiculada, também, por meio de práticas religiosas.

6.2.3 A ideologia no âmbito religioso

¹⁸⁹ “Além do sentido literal: albergar projetos ou ideais disparatadas ou impossíveis de realizar”.

Além de servir como referência nas esferas governamental e cívica, a ideologia busca equiparar as pessoas “[...] com formas de valor e crença relevantes para suas tarefas sociais específicas e para a reprodução geral de ordem social” (EAGLETON, 1997, p. 194), isto é, a(s) ideologia(s) aparece(m) nas crenças das pessoas, geralmente sistematizadas mediante o que chamamos de religiões, as quais influenciam o comportamento dos indivíduos em sociedade. Em Cuba, assim como no Brasil, aconteceu o chamado sincretismo religioso, isto é, a religião católica advinda da colonização europeia misturou-se às diversas religiões que os escravos vindos do continente africano trouxeram consigo.

Em Cuba, como já dissemos, a presença de indigenismos na variante do castelhano usada na ilha não é tão abundante, já que os aborígenes da ilha não resistiram ao trabalho escravo imposto pelos colonizadores espanhóis. Dessa forma, nas UF's que foram registradas por Santiesteban (1985) em sua obra, não encontramos alusão às religiões praticadas pelos aborígenes. Encontramos, apenas duas UF's relacionadas à religião católica e três UF's relacionadas à religião do povo *yoruba* ou iorubá, proveniente dos territórios africanos que hoje são chamados de Nigéria, e dos quais foram trazidos milhares de pessoas na época do tráfico de escravos para as Américas.

A primeira UF encontrada na obra de Santiesteban (1985, p. 35) que veicula conteúdos ideológicos referentes à religião ou formas de crenças em algo superior é *tener aché*, registrada na Ficha 5. Em Cuba, de acordo com Santiesteban (1985, p. 35), *tener aché* significa ter um dom ou poder especial e tem a sua origem na língua do povo iorubá. Embora a UF se refira a algo que acontece no seio da religião citada, os usuários da variante cubana do castelhano a usam para referir-se a qualquer outro dom ou poder especial que a pessoa tiver.

Sobre o vocábulo *aché*, Santiesteban (1985, p. 35) afirma que este é o dom que os santos recebem, no panteão iorubá. E para sabermos mais sobre este, citamos um trecho da obra de Ford (1999, p. 206), em que aparece a palavra *santería* ou a forma como a religião dos iorubás passou a ser conhecida em Cuba:

O panteão iorubá, conhecido como os orixás, é significativo não só por ocupar uma posição central na cultura iorubá, mas também porque os orixás sobreviveram nas Américas, constituindo o coração vibrante de práticas espirituais afro-caribenhas e afro-sul-americanas como a *santería*,

a macumba, a capoeira e o candomblé, às quais se entrelaçaram o [sic] cristianismo.

Em Cuba, a *santería* se estabeleceu como religião e as palavras e UFs formadas por elas passaram a ser de uso comum para a população. Por exemplo, para indicar que alguém está azarado e que precisa se livrar dessa carga de má sorte, utiliza-se a UF *tener que ir al babalao* (SANTIESTEBAN, 1985, p. 57), a qual:

Se aplica, festivamente, a la persona que tiene mala suerte. Puesto que la villa de Guanabacoa ha sido tradicionalmente la Meca de los *babalaos*, la anterior idea expresa a veces como *tener que ir a Guanabacoa*.

Por meio da UF *tener que ir al babalao* e sua definição, é possível entender que a origem dessa expressão está na crença de que, se alguém se apresenta ao sacerdote iorubá, este é capaz de livrá-lo da carga negativa que carrega por meio de rituais religiosos específicos. Essa UF registrada na Ficha 115 nos permite conhecer, também, que os sacerdotes iorubás ou *babalaos* ou babalaôs, em português, costumavam ir à cidade de Guanabacoa, na região ocidental de Cuba para uma peregrinação, já que o autor cita essa cidade e diz que é a Meca dos *babalaos*.

A crença de que o ritual praticado pelo sacerdote iorubá pode afastar a má sorte tem a sua origem na ideologia de que os orixás se envolvem no cotidiano das pessoas, como é possível ler nesta citação de Ford (1999, p. 206): “[...] nas tradições míticas da África se permite que a divindade participe da vida humana [...]”. Além de participarem do cotidiano das pessoas, as entidades do panteão iorubá são vistas como “[...] entidades ou forças, ‘seres de fato’, capazes de possuir aqueles que os invocam pela dança, pela música, pelo ritmo dos tambores e por outros recursos rituais” (FORD, 1999, p. 206). Para entendermos um pouco mais sobre a *santería* e a ideologia por trás dela, citaremos outra UF, registrada na Ficha 309, e retirada do dicionário de Santiesteban (1985, p. 157): *coger o bajarle a alguien el changó* e que significa: “Caer en estado de posesión religiosa, *coger el santo*. (Changó es corrupción de Shangó, integrante del olimpo yoruba.) // Enfadarse en grado sumo”. Para entender que alguém possa entrar em transe ou que o santo baixe em alguém, como se diz em português, é necessário entender que: “As próprias declarações de seus praticantes contribuem para esse ponto de vista, pois muitos escrevem as várias divindades como cavalgadores, ou seja, que montam

neles como num ‘cavalo’” (FORD, 1999, p. 206-207). Dessa forma, explica-se a primeira acepção da UF *coger o bajarle a alguien el changó*, sobre o fato de alguém ser possuído por uma das entidades do panteão iorubá, já que estas são vistas como entidades que podem controlar o corpo e a mente daqueles que os invocam por meio de rituais específicos. Contudo, existe a segunda acepção para essa UF, que diz respeito a aborrecer-se ao extremo. Essa segunda acepção, de acordo com a ideologia iorubá, tem a ver, não com a abordagem simbólica dos orixás, mas com a abordagem pessoal, sobre a qual Ford (1999, p. 207) afirma:

Há, todavia, outra abordagem, que considera os orixás personificações daquelas energias-arquétipo que se manifestam na natureza e na vida humana. Assim, os orixás podem ser vistos não como se estivessem fora do indivíduo, mas profundamente interiorizados; e o indivíduo, por intermédio do espírito, se apossa desses deuses e deusas como formas de recarregar esses traços essenciais e divinos do próprio *self* [...] que dão vazão aos nossos pensamentos, sentimentos e atitudes conscientes

Na UF anteriormente citada, é possível perceber as duas abordagens de estudo da ideologia religiosa dos orixás, no panteão iorubá, a saber: a abordagem simbólica, quando alguém é possuído por *Changó* ou *Shangó* e essa possessão é considerada ‘religiosa’, na primeira acepção e tem a ver com a invocação dessa entidade; e a abordagem por meio da personificação, em que padrões de comportamento, tais como aborrecer-se ao extremo, também são associados aos orixás, não por possuírem o corpo do indivíduo, mas, por trazerem à tona “[...] as tendências padrão da nossa personalidade, que afinal são moldadas pelas circunstâncias e educação que tivemos e por nossas experiências de vida” (FORD, 1999, p. 207). Dessa forma, a UF serve para veicular a ideologia própria da religião do povo iorubá, a qual passa a fazer parte do *self* das pessoas. Sobre o assunto, Ford (1999, p. 207) afirma que:

Esses modelos da psique são de tal forma universais que Jung sugeriu pensarmos que eles não existem no inconsciente de cada indivíduo, mas no *inconsciente coletivo*, compartilhado, da humanidade, comparável à atmosfera comum a todos.

É possível concluir que a ideologia religiosa influenciada pelo povo iorubá encontra-se presente em Cuba, já que as UFs citadas anteriormente resgatam modelos de pensamento que já se encontram arraigados nos usuários da variante cubana do castelhano, se não pelas práticas dos rituais da *santería*, pelo menos por comportamentos que as pessoas têm e que remetem à influência de certos orixás. Como já citamos anteriormente, Ford (1999, p. 206) considera que a força da presença da religião do povo iorubá está em não ter desaparecido quando os membros dessa religião foram forçados a deixarem sua terra natal e a trabalharem como escravos nas Américas. Além disso, as práticas espirituais afro-caribenhas de que estamos falando, se misturaram aos rituais do catolicismo nos territórios latino-americanos, no já citado sincretismo religioso.

Dessa forma, junto às religiões africanas, o catolicismo foi levado para Cuba pelos colonizadores espanhóis e suas práticas se tornaram comuns nos novos territórios conquistados. No dicionário de Santiesteban (1985, p. 261), encontramos a UF *casarse por detrás de la iglesia*, a qual registramos na Ficha 376. Essa UF é considerada de conhecimento comum para os falantes de castelhano e significa que o casal não passou pelo rito do casamento e vive amasiado, amancebado ou amigado, em português.

Além do ritual do casamento, os católicos costumam fazer o sinal da cruz. Essa prática foi mencionada pela primeira vez por Tertuliano, em sua obra *De corona militis*, no ano 211 d. C.:

Ad omnem progressum atque promotum, ad omnem aditum et exitum, ad vestitum, ad calciatum, ad lavacra, ad mensas, ad lumina, ad cubilia, ad sedilia, quacumque nos conversatio exercet, frontem [crucis] signaculo terimus¹⁹⁰.

Como é possível perceber na citação acima, fazer o sinal da cruz deve ser um ato cotidiano de todo católico. No dicionário de Santiesteban

¹⁹⁰ “Em cada caminhada e movimento, em cada entrada e saída, no vestir, no calçar, no banho, no estar à mesa, no acender as luzes, no deitar, no sentar, no lidar com qualquer ocupação, marcamos a testa com o sinal [da cruz]”. Disponível em:

<<http://www.tertullian.org/latin/de_corona.htm>> Acesso em: 24 mar. 2016.

(1985, p. 147) é registrada a UF *hacer la cruz*, a qual aparece na Ficha 58, e é definida da seguinte maneira pelo autor do dicionário:

Hacer o no hacer la cruz equivale a hacer o no hacer la venta inicial del día. Alude a la vieja práctica que acostumbran los comerciantes en pequeño, de persignarse haciendo la señal de la cruz con la moneda que se obtenga al realizar la primera venta del día... (Rodríguez Herrera). Por extensión, hoy se aplica a otras acciones que no están relacionadas con venta alguna¹⁹¹.

Como é possível perceber na definição que citamos anteriormente, a UF *hacer la cruz* (SANTIESTEBAN, 1985, p. 147) já teve um significado específico, ao ser utilizada por aqueles que trabalhavam em pequenos comércios para indicarem se tinham ou não feito a primeira venda do dia. Posteriormente, passou a ser comum para a comunidade de falantes que faz uso da variante cubana do castelhano para indicar se alguma ação foi realizada ou não.

Essa perda do significado religioso, relacionado ao ato de persignar-se ou benzer-se, fazendo-se o sinal da cruz pode estar relacionada aos acontecimentos sociopolíticos após o triunfo da *Revolución Cubana* liderada por Fidel Castro, em 1959. Cabe citar a obra de Frei Betto, intitulada de *Fidel e a religião* e publicada em Cuba no ano de 1985, já que a necessidade de uma obra dessas ser escrita pode ser um sintoma do conflito *Revolución Cubana versus Igreja Católica* ou *Estado Laico versus religião*. Afirmamos isso com base no artigo publicado por Frei Betto em 2011 e intitulado “*Recuerdos de Cuba: à luz dos 52 anos de Revolução*”.

Nesse artigo, o autor faz um resumo do seu contato com o socialismo a partir de 1959 e até 2011, incluindo as suas conversas com o líder cubano Fidel Castro sobre o tema da religião. Citaremos a seguir as palavras de Frei Betto (2011, p. 218) sobre suas experiências como religioso em contato com as ideias socialistas de Fidel Castro:

¹⁹¹ “Fazer ou não fazer o sinal da cruz equivale a efetuar ou não efetuar a venda inicial do dia. Alude à velha prática que costumam fazer os pequenos comerciantes, de persignar-se fazendo o sinal da cruz com a moeda que se obtenha ao realizar a primeira venda do dia... (Rodríguez Herrera). Por extensão, hoje se aplica a outras ações que não estão relacionadas a nenhuma venda”.

Revolução e Igreja

Em 1980, convidado ao primeiro aniversário da Revolução Sandinista, em Manágua, surgiu-me a oportunidade de encontrar Fidel pela primeira vez. Tinha a certeza de que seria também a última [...]. Duas perguntas marcaram o nosso diálogo. A primeira, “Por que o Estado e o PC cubanos são confessionais?”. Fidel reagiu quase indignado: “Como confessionais?”. “Sim, comandante, tanto a afirmação quanto a negação da existência de Deus são manifestações confessionais, contrárias à laicidade que a modernidade imprime às instituições políticas.” Fidel admitiu jamais ter encarado a questão por essa óptica. Anos depois, o congresso do Partido eliminou seu caráter ateu e passou a admitir o ingresso de militantes adeptos de denominações religiosas. (Surpreendeu o número de antigos militantes que se revelaram crentes.) O mesmo ocorreu em relação ao Estado, cuja mudança na Constituição determinou seu caráter laico.

Neste trecho do artigo de Frei Betto (2011, p. 218), é possível resgatar algumas informações relevantes sobre a postura ideológica da *Revolución Cubana* em relação à religião: 1) nos primeiros anos do sistema socialista em Cuba no poder a existência de Deus foi negada, como é possível constatar quando o autor afirma que: “[...] tanto a afirmação quanto a negação de Deus são manifestações confessionais”; 2) nas primeiras décadas da *Revolución*, quem era membro do Partido Comunista de Cuba (PCC) não podia professar uma religião, já que o partido tinha “[...] caráter ateu”; 3) o Estado cubano é laico, como é possível ler na última parte da citação anterior.

Frei Betto (2011, p. 218, grifos nossos) nos apresenta, ainda, a segunda pergunta que fez a Fidel Castro em 1980 na Nicarágua, a qual estava diretamente ligada à Igreja Católica:

A segunda pergunta concernia à relação entre Revolução e Igreja católica. Antes que Fidel respondesse, apresentei três hipóteses: 1) “A Revolução persegue a Igreja. Eis uma boa política favorável ao imperialismo, interessado em comprovar a incompatibilidade entre socialismo e cristianismo”. 2) “A Revolução é indiferente à

Igreja. Também de agrado do governo dos Estados Unidos, pois faz da Igreja em Cuba reduto de contrarrevolucionários e descontentes com o regime”. 3) “A Revolução, como ente político, dialoga com a Igreja e procura inseri-la no processo de construção do socialismo”. Fidel admitiu que a política revolucionária, embora jamais perseguisse denominações religiosas, estava equivocada quanto à Igreja católica. Há 16 anos ele não concedia audiência aos bispos.

Nas três hipóteses apresentadas acima por Frei Betto (2011, p. 218), parece haver, na verdade, um relato dos acontecimentos em Cuba que envolveram o sistema de governo e a Igreja Católica. Em primeiro lugar, Fidel Castro afirmou que jamais perseguiu denominações religiosas, contudo, num Estado laico, em que o PCC era o único partido político aceito e cujo caráter era ateu, já que não permitia que seus membros professassem uma religião, é possível deduzir que muitos deles escondiam suas crenças religiosas e suas ideologias por medo a serem reprimidos. O próprio Frei Betto (2011, p. 218) expressa surpresa com a constatação de que havia um número considerável de membros do PCC que tinham uma religião, mas que a escondiam por medo de represálias: “(Surpreendeu o número de antigos militantes que se revelaram crentes)”. Dessa forma, embora o líder da *Revolución Cubana* não admitisse em 1980 que a política revolucionária perseguia denominações religiosas, suas próprias palavras e ações revelam o contrário: por que haveria necessidade de eliminar o caráter ateu do PCC para que pudesse “[...] admitir o ingresso de militantes adeptos de denominações religiosas” (FREI BETTO, 2011, p. 218)? Porque antes dessa ação as pessoas que eram adeptas de denominações religiosas não poderiam entrar no PCC, o único partido que tinha permissão para existir na ilha, e, ainda, os que já eram membros dele não podiam professar a sua fé, pois a perseguição religiosa aconteceria ao serem expulsos do citado partido.

Num segundo momento da história de Cuba, aconteceu uma indiferença por parte do governo cubano em relação à Igreja Católica, como é possível verificar nas palavras de Frei Betto (2011, p. 218), ao afirmar o que o próprio Fidel Castro reconhece: “Há 16 anos ele não concedia audiência aos bispos”. Isto é, de 1964 a 1980, Fidel Castro tinha se negado a receber os representantes da Igreja Católica para um diálogo. Com isso, é possível deduzir que o catolicismo, assim como outras religiões, não gozava de grande prestígio em Cuba, pois, como já dissemos, o Estado não tinha uma religião oficial, o único partido político

na ilha tinha caráter ateu e não aceitava que os seus membros professassem uma fé e o líder do governo, Fidel Castro, não recebia os líderes religiosos católicos fazia alguns anos.

Num terceiro momento histórico, acontece uma abertura para o diálogo com a Igreja Católica, como registra Frei Betto (2011, p. 218) em seu artigo sobre seu encontro com Fidel Castro em 1980 na Nicarágua, quando este: “Perguntou se eu estaria disposto a colaborar para a retomada do diálogo”, ocorrendo que “em 1981 [...] pisei pela primeira vez em Havana. Porém, o contato com os bispos só viria a ocorrer em fevereiro de 1983”. Nesse encontro com os bispos cubanos, Frei Betto (2011, p. 218) afirma que: “Os bispos puseram para fora seus fantasmas, manifestaram temores e perigos. Receavam que eu fosse manipulado pelo Partido. Pediram que eu saísse da sala por uma hora. Afinal, deram-me apoio”. Contudo, a preocupação de Frei Betto (2011, p. 222, grifos nossos) em relação às novas gerações foi além da religião, como é possível verificar nas suas palavras:

Preocupa-me muito a educação ideológica das novas gerações. E não creio que um partido comunista possa fazê-lo, pois seus limites são estreitos e o importante é justamente atingir aqueles que estão fora do partido. Também não vejo como a escola formal possa dar conta dessa tarefa.

O autor do artigo considerava que as novas gerações deveriam receber uma educação ideológica corretamente orientada, não somente pelos ideais do PCC ou pelos ensinamentos da escola formal, mas por meio de uma metodologia de educação popular. Vejamos o que Frei Betto (2011, p. 222) afirma sobre isso: “[...] interessa, de fato, ao governo cubano que a Igreja aqui assuma a linha da Teologia da Libertação?”. Fidel não relutou em dizer que sim”. Cabe destacar que a Teologia da Libertação (TdL) “*Teologicamente* (ideologicamente) interessa-se por discutir a natureza, o valor evangélico, a qualidade cristã das opções em jogo [...]. Portanto, o colocar-se ao lado dos pobres e daí julgar as opções é o aspecto original da TdL” (LIBANIO, 1987, p. 118) e, ainda, se considera que:

Toda teologia, sendo a reflexão sistemática da fé de cristãos que vivem cada dia sua prática religiosa na sociedade, na Igreja, na família, em relação a Deus,

envolve necessariamente uma situação de e na práxis (LIBANIO, 1987, p. 117).

De acordo com Frei Betto (2011, p. 220-222, grifos nossos), por meio da TdL, seria educar ideologicamente as novas gerações, já que, até esse momento: “Supunha-se – equivocadamente – que a própria sociedade socialista, por meio de seu aparelho ideológico, como escolas e meios de comunicação, formava a cabeça da juventude”. Cabe destacar que a TdL tem um fim prático para os ensinamentos dos Evangelhos, isto é, as crenças dos indivíduos devem ser “[...] relevantes para suas tarefas sociais específicas e para a reprodução geral de ordem social” (EAGLETON, 1997, p. 194), conforme citamos anteriormente. Dessa forma, a ideologia que a ser disseminada por meio da religião católica em Cuba, com a ajuda de Frei Betto e a concordância de Fidel Castro, pretendia educar e preparar as novas gerações a respeito do Estado cubano, dos valores socialistas em sociedade, da fé e da família, para a realização de ações que estivessem de acordo com a ordem social proposta pela *Revolución*.

6.2.4 A ideologia no âmbito familiar

Sendo assim, não poderíamos deixar de lado o contexto em que as pessoas têm o seu primeiro contato com os outros membros da comunidade linguística a que pertencem, isto é, o contexto familiar. Ao falarmos dos papéis sociais das pessoas no seio da família, é possível afirmar que ela:

[...] também é a responsável pela transmissão de valores culturais de uma geração para outra. Essa transmissão de conhecimentos e significados possibilita o compartilhar de regras, valores, sonhos, perspectivas e padrões de relacionamentos, bem como a valorização do potencial dos seus membros e de suas habilidades em acumular, ampliar e diversificar as experiências (DESSEN; POLONIA, 2007).

Na citação anterior, é possível falar da transmissão de valores ideológicos por parte dos membros da família responsáveis pela educação das novas gerações. No seio da família é feita a seleção dos valores cívicos, morais e religiosos que irão ser respeitados não somente em sociedade, mas na intimidade do lar.

Nas UFs *no tener abuelita* (Ficha 1) e *no tener madre* (Ficha 3) foi possível verificar que “a ideologia não pode ser divorciada do signo” e “o signo também não pode ser isolado das formas concretas de intercâmbio social” (EAGLETON, 1997, p. 172). Essas ‘formas concretas de intercâmbio social’ a que se refere Eagleton (1997, p. 172) aparecem no núcleo familiar e as lexias simples *abuelita* e *madre* fazem referência a essas formas de nos relacionarmos em sociedade. Se analisarmos essas lexias simples isoladamente, poderíamos adentrar nos campos semânticos do significante *madre* e do significante *abuelita*.

Quando os indivíduos não encontram apoio na família, aparecem os problemas na psique e com os outros membros da comunidade, conforme apontam Dessen e Polonia (2007, p. 25): “Contatos negativos, conflitos, rompimentos e insatisfações podem gerar problemas futuros, particularmente nas crianças”. Dessa forma, é possível inferir que ter mãe e ter avó são coisas consideradas positivas pela comunidade de falantes que usa o castelhano e a variante cubana deste, já que, quando a partícula de negação *no* é inserida nas UFs *no tener abuelita* e *no tener madre*, as duas expressões atribuem características negativas à pessoa sobre a qual se fala. Isto é, àquela pessoa que não para de autoelogiar-se, é feita a seguinte pergunta em tom irônico: ¿*no tienes abuelita?*, demonstrando que, no seio da comunidade de falantes que usa esta UF, é considerado como negativa a falta de modéstia ou de bom senso. Isso é relacionado, portanto, ao fato de essa pessoa não ter alguém que cumpra o papel dos avôs e que possa oferecer-lhe elogios que satisfaçam a suas necessidades de aprovação.

A forma de pensar ou a ideologia dos usuários dessas duas UFs se torna mais clara, também, quando a partícula *no* volta a aparecer na UF *no tener madre*, o qual equivale a ser alguém desprezível ao extremo. Dessa forma, as lexias complexas *no tener madre* e *no tener abuelita* apresentam um significante no formato **SUBST. + (NO + V)**, no qual aparece a partícula de negação *no*, trazendo consigo novos significados ou possibilidades para o que os falantes entendem como *tener abuelita* ou *tener madre*. Isto é, algo que é considerado positivo e proveitoso pela sociedade, se a pessoa não o tiver, é associado ao fato de alguém não ter modéstia (*no tener abuelita*) ou ao fato de alguém ser extremamente desprezível (*no tener madre*). Sendo assim, é possível comprovar que estas duas UFs, como signos, “[...] e sua situação social estão inextricavelmente fundidos, e essa situação determina a partir de dentro a forma e a estrutura de uma elocução” (EAGLETON, 1997, p. 172).

A inserção da partícula de negação *no*, portanto, serve para determinar, desde dentro, a estrutura das UFs que expressam o consenso

da comunidade de falantes que as usa sobre a importância dos laços familiares e das funções que cada membro da família deve exercer nela. De acordo com a ideologia desses falantes, quem não tem nem avó e nem mãe pode correr o risco de não ter uma conduta socialmente aceita e, se isto acontecer, a origem do problema é atribuída à falta das figuras da mãe e da avó.

Como já dissemos, “a ideologia não pode ser divorciada do signo, então o signo também não pode ser isolado das formas concretas de intercâmbio social” (EAGLETON, 1997, p. 172), dessa forma, as UFs carregam consigo valores, visões de mundo de uma determinada comunidade de falantes ou ideologias, os quais ganham vida no intercâmbio entre as pessoas, tudo isso relacionado com a base material da vida em sociedade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram analisadas as unidades léxicas complexas ou unidades fraseológicas (UFs) presentes no dicionário de autor de Santiesteban (1985), intitulado *El habla popular cubana de hoy*. Além da heterogeneidade nas definições dessas UFs, foram achados 231 tipos de formatos para as entradas no dicionário já citado. Foi verificado, também, que a ideologia própria dos usuários da variante cubana do castelhano foi veiculada por meio das UFs escolhidas para análise e contextualização, nas esferas do governo, da moral, da religião e da família.

A partir da metodologia de análise proposta, com base na Fraseografia e na Tradução Intralinguística dessas estruturas, verificamos a necessidade de se elaborar definições adequadas na microestrutura dos verbetes para que o consulente possa usar adequadamente as UFs. Para tentarmos amenizar esses problemas de registro de UFs num dicionário, apresentamos uma proposta metodológica para a elaboração da microestrutura de um dicionário fraseológico que registre UFs da variante cubana do castelhano. Na microestrutura devem aparecer: a) paráfrases definitórias das UFs e, quando possível, fazer uso da remissão a outras UFs sinônimas; b) indicações de que se trata de uma expressão em sentido figurado; c) indicações de que seu uso é mais coloquial do que culto; d) notas ou observações com esclarecimentos quando for necessário; e) exemplos de uso das estruturas e f) indicação de combinatórias sintagmáticas das UFs.

Esta pesquisa busca ser um instrumento de consulta para pesquisadores da área da Lexicografia, da Tradução, da Fraseologia e da Fraseografia, considerando-se que um dicionário não é uma obra neutra, isto é, ele é depositário da ideologia de uma determinada comunidade de falantes ou de traduções intralinguísticas da linguagem do pensamento e isso pode aparecer no formato de UFs.

Ao longo deste estudo, apresentamos considerações teóricas de autores que serviram como referência para o levantamento e estudo das 483 UFs presentes no dicionário de autor elaborado por Santiesteban (1985). Este autor elaborou um material em que registrou as lexias simples e complexas mais frequentes em Cuba nas décadas de sessenta a oitenta e que faziam parte da variante cubana do castelhano, sobre cujas características discorremos no primeiro capítulo deste trabalho. Constatamos que as iniciativas de se registrar os *cubeques* ou as formas de falar próprias dos cubanos começaram já no século XVIII em Cuba.

O terceiro capítulo desta pesquisa foi dedicado à Lexicografia e à(s) Semântica(s). O objetivo desse capítulo foi o de demonstrar que uma

UF deve ser bem definida por meio de uma tradução intralinguística adequada, isto é, seu significado deve ser descrito de forma tal que, quando um consulente de um dicionário leia a definição de uma UF, ele seja capaz de apreender o que está registrado no lema. A partir daí, nos perguntamos como foram definidas as UFs da variante cubana do castelhano registradas na obra de Santiesteban (1985) e que foram nosso objeto de pesquisa. Verificamos que a falta de classificação do tipo de UFs fez que o autor incluisse tipos diferentes de UF na categoria de *frases* ou *fr.*, sem fazer distinção entre enunciados completos e enunciados com certa unidade oracional, isto é, entre locuções verbais e parêmiias, por exemplo. **Portanto, além de não haver um consenso em relação à delimitação e à classificação das UFs, verificamos que isso se reflete na microestrutura dos verbetes, nos quais o consulente não sabe se a lexia complexa é um enunciado completo ou se precisa de outros elementos do contorno.**

Verificamos que, nessa obra, as UFs apareciam com frequência, correspondendo a aproximadamente 15% do número total de entradas registradas por Santiesteban (1985) em seu dicionário de autor. Portanto, dedicamos o Capítulo 4 à Fraseologia e à Fraseografia como ciências e à conceituação e descrição dos diversos tipos de UFs, de acordo com autores como Zuluaga (1980), Cowie (1990), Sinclair (1991), Corpas Pastor (1996), Silva (2006) e Ortíz Álvarez e Huelva Unternbäumen (2011), entre outros. Após o estudo dessas estruturas, constatamos sua relevância dentro de um sistema linguístico, por seu conteúdo cultural e, portanto, ideológico. As UFs são relevantes por serem veículos da identidade e da tradição da comunidade linguística que as usa e as preserva, ora por meio da tradição oral, ora mediante o seu registro escrito, feito por lexicógrafos, já que, de acordo com Biderman (2001, p. 27): “o grande depositário de hábitos gráficos de uma língua é o dicionário”. A dificuldade encontrada neste capítulo foi que Corpas Pastor (1996) e outros autores apresentam classificações possíveis para as UFs, contudo, na prática, **ainda não se chegou a um consenso em relação à delimitação dessas estruturas e isso se reflete no seu registro nos dicionários.**

No **Capítulo 5**, fizemos o levantamento de 483 unidades léxicas complexas, consideradas como *frases* ou *fr.* por Santiesteban (1985). Verificamos que, ao contrário dos dicionários semasiológicos, as UFs figuravam como *lemas* do dicionário de autor objeto de nosso estudo e não como *sublemas* ou como informações adicionais de um *lema*. Foi possível contatar que as entradas formadas por um dos elementos constituintes das UFs possuem formatos diversos e que não há

uniformidade na forma ou na ordem como as categorias gramaticais aparecem registradas. Dessa forma, constatamos que Santiesteban (1985) utilizou 231 formatos diferentes para registrar as 483 UFs presentes na sua obra. **Além da heterogeneidade no formato dos lemas mencionados, verificamos que o autor não seguiu critérios preestabelecidos e uniformes para a elaboração do restante das informações que as entradas poderiam conter na sua microestrutura.** Dessa forma, foi necessário fazer uma análise das partes dos verbetes que continham as UFs e chegamos a um modelo de análise fraseográfico que compartilhamos no quarto capítulo desta pesquisa. Neste, também, mostramos como a ideologia é veiculada por meio de UFs e, para isso, contextualizamos essas estruturas na esfera governamental ou do Estado cubano, na esfera social ou de valores morais e cívicos, na esfera das crenças ou das práticas religiosas e, por último, no ambiente familiar. Verificamos que Santiesteban (1985) serviu-se das definições e dos exemplos de uso que apareciam nos lemas formados pelas UFs da variante cubana do castelhano para traduzir intralinguisticamente a sua concordância com os valores ideológicos do sistema de governo vigente em Cuba desde 1959, a *Revolución cubana*.

Retomando as palavras de Jakobson (1959, p. 233), o autor definiu o processo de tradução intralinguística (*intralingual translation* ou *rewording*) como: “an interpretation of verbal signs by means of other signs of the same language¹⁹²”. Shuttleworth e Cowie (2007[1997], p. 87-88) em seu *Dictionary of Translation Studies* definem *Intralingual Translation (or Rewording)* da seguinte maneira:

In other words, intralingual translation is not translation in the strict sense, but rather relies either on the use of synonyms (although these will of course always be approximate, at least to some degree) or circumlocution in order to reword a message in the language of the original. For example, simplifying a technical text for non-specialist readership, adapting a classic for a children’s audience or producing a version of Chaucer in modern English are all process which can be classified as intralingual translation¹⁹³

¹⁹² “uma interpretação de signos verbais por meio de significados de outros signos da mesma língua”.

¹⁹³ “Em outras palavras, a tradução intralinguística não é uma tradução no sentido estrito, mas depende ou da utilização de sinônimos (embora estes evidentemente

(SHUTTLEWORTH; COWIE, 2007[1997], p. 87-88).

Dessa forma, quando expressamos o mesmo conteúdo por meio de outras palavras, fazemos uma tradução intralinguística, a qual pode ser registrada num dicionário de língua, no seio de uma definição feita por meio de uma falsa paráfrase que em que aparecem sinônimos para os signos a serem definidos ou por uma reformulação da mensagem na língua original. De acordo com Gorlée (*apud* SHUTTLEWORTH; COWIE, 2007 [1997], p. 88), “[...] the amount of information which is lost during the recodification process is lower here than with the other types [of translation]¹⁹⁴”, contudo, **embora a tradução intralinguística conserve uma maior quantidade de informações no processo, ainda assim enfrenta o mesmo problema das equivalências parciais ou inexistentes que ocorrem no seio da tradução interlinguística, à hora de se traduzir uma unidade léxica de uma língua para outra.**

Para tentarmos amenizar esses problemas de registro de UFs num dicionário, pretendemos dar continuidade a esta pesquisa por meio da elaboração de um dicionário fraseológico que registre UFs da variante cubana do castelhano e que apresente: a) paráfrases definitórias das UFs e, quando possível, fazer uso da remissão a outras UFs sinônimas; b) indicações de que se trata de uma expressão em sentido figurado; c) indicações de que seu uso é mais coloquial do que culto; d) notas ou observações com esclarecimentos quando for necessário; e) exemplos de uso das estruturas e f) indicação de combinatórias sintagmáticas das UFs.

Por último, esperamos que, mediante os pressupostos teóricos apresentados e os dados coletados, tenha sido possível perceber que um dicionário não é uma obra neutra, isto é, ele é depositário da ideologia de uma determinada comunidade de falantes. Estes não têm consciência dos valores e formas de ver o mundo que carregam consigo, contudo, é a ideologia, presente no seu léxico e nas UFs que eles usam, que os move, tanto em seus pensamentos, quanto nas suas ações. Traduzir esses pensamentos é fazer uma tradução intralinguística do “mentalês” e fazê-lo por meio de UFs é, num primeiro momento, causar estranhamento, já

serão sempre aproximados, pelo menos em algum grau) ou da circunlocução, a fim de reformular uma mensagem no idioma do original. Por exemplo, simplificar um texto técnico para leitores que não são especialistas, adaptar um clássico para o público infantil ou produzir uma versão de Chaucer em inglês moderno são todos processos que podem ser classificados como tradução intralinguística”.

¹⁹⁴ “[...] a quantidade de informação que é perdida durante o processo de recodificação é menor aqui do que em outros tipos [de tradução]”.

que, A possui um significado próprio, assim como B. Contudo, quando um falante passa a fazer uso de um neologismo semântico e sintagmático e usa $A+B=C$, faz com que surja uma UF nova, já que C não possui um significado relacionado, nem com A e nem com B.

Por meio desta pesquisa, constatamos que uma UF, fruto de uma criação neológica do tipo $A+B=C$ é uma tradução intralinguística de um pensamento comum, cristalizado e compartilhado por uma determinada comunidade de falantes, portanto, uma UF pode ser definida como sendo **uma tradução intralinguística e ideológica**, a qual é passível a ser registrada num dicionário fraseológico, cujas macro e microestrutura devem ser elaboradas a partir das necessidades dos seus usuários.

Esperamos que esta pesquisa possa auxiliar aqueles que se interessarem pela variante cubana do castelhano, especificamente pelas UFs próprias desse sistema linguístico. Além de poderem conhecer mais sobre essas estruturas, esperamos que este estudo possa ser aplicado a outros sistemas linguísticos e às suas variantes, por meio do modelo de análise fraseográfica proposto no Capítulo 4. Além disso, esperamos que a proposta metodológica para a elaboração da microestrutura de verbetes que compõem um dicionário fraseológico possa ser discutida e aplicada noutros contextos como forma de dar continuidade a esta pesquisa. Ainda há muito a ser feito e esperamos que a Tradução, a Lexicografia e a Fraseologia possam dialogar entre si para enriquecerem a Fraseografia, como área do conhecimento mais recente.

REFERÊNCIAS

Textos teóricos:

AHUMADA LARA, I. *Aspectos de lexicografía teórica*. Granada: Universidad de Granada, 1989.

_____. Las voces onomásticas en la lexicografía del español. In: PRADO ARAGONÉS, J.; GALLOSO CAMACHO, M. V. (Eds.). *Diccionario, léxico y cultura*. Huelva: Universidad de Huelva, 2004, p. 11-22.

AITCHISON, J. *Words in the mind: an introduction to the mental lexicon*. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

ALONSO, A. *Historia del ceceo y del seseo españoles*. In: *Thesaurus*, vol. VII, n. 1, 2 e 3, 1950. Disponível em: <http://cvc.cervantes.es/lengua/thesaurus/pdf/07/TH_07_123_123_0.pdf> Acesso em: 07 jul. 2015.

AMADO, A. *Estudios Lingüísticos: temas hispanoamericanos*. Madrid: Gredos, 1961.

AUGUSTO, M. C. A Fraseologia ligada aos conceitos de *vida* e de *morte* no dicionário bilíngue: registro e função numa abordagem contrastiva. In: ISQUERDO, A. N.; BARROS, L. A. (Orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. V. Campo Grande: Ed. UFMS, 2010.

AZCONA, J. *Para comprender la antropología*. Navarra: Verbo Divino, 1988.

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986 [1929].

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. 5. ed. São Paulo: Hucitec/Editora da UNESP, 2002 [1975].

BALLY, Ch. *Précis de stylistique*. Genebra: Eggimann, 1905.

_____. *Traité de Stylistique Française*. vol. I. Genebra: Heidelberg, 1909.

_____. *Linguistique générale et linguistique française*. Paris: E. Leroux, 1932.

BARBOSA, M. A. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. *Caderno de Terminologia*, n. 1, p. 23-45, 2001.

BEJÓINT, H. *Modern Lexicography: An Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

BENVENISTE, É. Natureza do signo linguístico. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas: Pontes, 2005.

BETTO, F. *Recuerdos de Cuba: à luz dos 52 anos de Revolução*. *Estudos Avançados*. n. 25 (72), 2011, p. 217-226.

BIDERMAN, M. T. C. A. *Dimensões da palavra*. Filologia e lingüística portuguesa. n. 2, 1998.

_____. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2ªed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001a.

_____. *Teoria lingüística*. Teoria lexical e lingüística computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001b

BIZZOCCHI, A. L. Os problemas da classificação tradicional das unidades léxicas e uma proposta de solução: o critério sêmico-táxico. *Alfa*, São Paulo: Universidade Estadual Paulista, v. 43, p. 89-103, 1999.

BLUME, R. F.; PETERLE, P. (Orgs.) *Tradução e relações de poder*. Florianópolis: Copiart, 2013.

- CAMACHO BARREIRO, A. Las marcas sociolingüísticas en una muestra de la lexicografía cubana: tipología y evolución. *Revista de Lexicografía*, vol. XIV, Universidade da Coruña, p. 43-58, 2008.
- CANALE, M. De la competencia comunicativa a la pedagogía comunicativa del lenguaje. In: LLOBERA, M. (coord.) *Competencia comunicativa: documentos básicos en la enseñanza de lenguas extranjeras*. Madrid: Edelsa, 1995, p. 63-81.
- CARNEADO MORÉ, V.; TRISTÁ, A. *Estudios de fraseología*. La Habana: Editorial Ciencias Sociales, 1985.
- CARVALHO, C. de. *Para compreender Saussure*. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CASARES, J. *Introducción a la lexicografía española*. Madrid: CSIC, 1950.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.
- COLLISON, R. L. *A History of Foreign-Language Dictionaries*. London: , 1982.
- CONSELHO DE EUROPA. *Marco común europeo de referencia para las lenguas: aprendizaje, enseñanza, evaluación*. Madrid: Instituto Cervantes; Ministerio de Educación, Cultura y Deporte; Anaya, 2002.
- CORDER, P. The Significance of Learners 'Errors. *IRAL*, Heidelberg, v.5, n.4, p.161-170, 1967.
- CORPAS PASTOR, G. - *Manual de fraseología española*. Madrid: Gredos, 1996.
- COWIE, A. P. Pedagogical descriptions of language: Lexis. In: *Annual Review of Applied Linguistics* n.10, p. 196-209.
- CRONIN, M. *Translation in the digital age*. London: Routledge, 2013.

CUDÍN SANTOS, M.; OLEATA RUBIO, R. El argot en los diccionarios y gramáticas de ELE. In: *Actas del 15º Congreso Internacional de ASELE*. Sevilla: Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Sevilla, 2005.

DAVIDOFF, L. L. *Introdução à Psicologia*. 3 ed. São Paulo: Pearson Makron Books, 2006.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. da C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, v. 17 (36), 2007, p. 21-32.

DE TORO, A. Figuras de la hibridez. Fernando Ortiz: transculturación. Roberto Fernández Retamar: Calibán. In: REGAZZONI, S. (ed.). *Alma cubana: transculturación, mestizaje e hibridismo*. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert, 2006, p. 15-35.

DEYERMOND, A. *Historia de la literatura española*. vol. I. Barcelona: Ariel, 1979.

DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. Dordrecht: Foris Publications, 1989.

DOMÍNGUEZ HERNÁNDEZ, M. ¿Comunión o transgresión? Nuevas reflexiones en torno al léxico culto de la ciudad de La Habana. In: KNAUER, G. et al. (Eds.). *Transgresiones cubanas*. Cultura, literatura y lengua dentro y fuera de la isla. Madrid/ Frankfurt: Iberoamericana/ Vervuert, 2006, 175-190.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Lingüística*; trad. Frederico Pessoa de Barros. [et al]. São Paulo: Cultrix, 1999 [1973].

DUCROT, Oswald. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In: _____. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

DURÃO, A. B. A. B. *Análisis de errores en la interlengua de brasileños aprendices de español y de españoles aprendices de portugués*. 2 ed. Londrina: Editora UEL, 2004.

_____. Aproximação a uma bibliografia especializada sobre Interlândia (1972- 2005). In: *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 9/1, p. 43-94, jun. 2006.

_____. *La Interlândia*. Madrid: Arco/Libros, 2007.

DURKHEIM, E. *L'education morale*. Paris: PUF, 1974.

EAGLETON, T. *Ideologia*. Uma introdução. Trad. Silvana Vieira, Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora UNESP: Editora Boitempo, 1997.

ELLIS, R. *Second language acquisition*. Oxford. Oxford University Press, 1997. p. 31-71.

ESPINA BARRIO, A. *Manual de Antropología Cultural*. Rio de Janeiro: Massangana, 2007.

FASLA FERNÁNDEZ, D. El español hablado en Cuba: préstamos vigentes, lexicogénesis y variación lingüística. In: *Cuad. Invest. Filol.*n. 33-34, 2007-2008, p. 73-96.

FIGUEROA ARENCIBIA, J. Aproximación al estudio del español chino hablado en Cuba. In: *RILL*, n. 1 (11), 2008, p. 185-204.

FORD, C. W. *O herói com rosto africano: mitos da África*. ROSA, C. S. M. (Trad.). São Paulo: Selo negro, 1999.

FORMENT, María del Mar. La didáctica de la fraseología ayer y hoy: del aprendizaje memorístico al agrupamiento en los repertorios de funciones comunicativas. In: MORENO, F.; GIL, M.; ALONSO, K., La enseñanza del español como lengua extranjera: del pasado al futuro. *Actas del VIII Congreso Internacional de ASELE*. Alcalá de Henares: Publicaciones de la Universidad de Alcalá de Henares, 1998, p. 339-347.

FRAGO GRACIA, J. A. *Historia del español de América*. Madrid: Gredos, 1999.

FREI BETTO. *Recuerdos de Cuba: à luz dos 52 anos de Revolução*. In: *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 25, n. 72, p. 217-226, jan. 2011.

GARCÍA-PAGE, M. Expresiones fijas de polaridad negativa. In: *Lingüística Española Actual*. n. XX/1, 2008, p. 55-78.

GUERRERO RUIZ, P.; PASTOR PASTOR, B.; DEPESTRE CATONY, L. Glosario popular cubano (estudio de cubanismos actuales). In: *Lenguaje y Textos*, n. 20, 2002, p. 139-160.

HAENSCH, G.; WOLF, L.; ETTINGER, S.; WERNER, R. *La lexicografía – de la Lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982.

HARTMANN, R. R. K.; JAMES, G. *Dictionary of Lexicography*. Londres: Routledge, 1998.

HAUSMANN, H. J.; WERNER, O. 1991. Spezifische Bauteile und Strukturen zweisprachiger Wörterbücher: eine Übersicht. In: Hausmann, F. J. et al. (ed.), vol. 3. p. 2729-2770, 1991.

HENRÍQUEZ UREÑA, P. *Sobre el problema del andalucismo dialectal de América*. Buenos Aires: Hernando, 1932.

HIGUERAS GARCÍA, M. Estudio de las colocaciones léxicas y su enseñanza en español como lengua extranjera. *ASELE, Colección Monografías* n° 9, Málaga, 2000.

HOWATT, A. P. R. *A history of English Language Teaching*. Oxford: Oxford UP, 1984.

HUMBLÉ, P. Os Estudos da Tradução e os dicionários. In: *Trab.Ling.Aplic.*, Campinas, 44(2) - Jul./Dez., 2005

HUNDT, C. *Untersuchungen zur portugiesischen Phraseologie*. Wilhelmsfeld: G. Egert., 1994.

HUNT, A.; BEGLAR, D. Current Research and Practice in Teaching Vocabulary. In: RICHARDS, J. C.; RENANDYA, W. A. (Ed.).

Methodology in Language Teaching: An Anthology of Current Practice. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

HYMES, D. On communicative competence. *Sociolinguistics*. Eds. Pride, J.B. y J. Holmes. Londres: Penguin Books. 269-293, 1972.

JAKOBSON, R. On Linguistic Aspects of Translation, Language and Culture. In: *On Translation*. Harvard: Harvard University Press, 1959.

JONES, S.; SINCLAIR, J. M. English lexical collocations. *Cahiers de lexicologie* 24: 15-61, 1974.

KELLER, H. *The story of my life*. New York: Doubleday, Page & Company, 1905.

KERNERMAN, I. Dictionary *n. Obsolete?* *Kernerman Dictionary News*. n. 21, p. 1, jul. 2013.

KRASHEN, S.D. *The Input Hypothesis: Issues and Implications*. New York: Longman, 1985.

LADO, R. *Linguistics across cultures: Applied linguistics for language teachers*. University of Michigan Press: Ann Arbor, 1957.

LANDAU, S. *Dictionaries: the art and craft of lexicography*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

LAPESA, R. *Léxico e Historia*. vol. II. Madrid: Istmo, 1992.

LARA, L. F. O dicionário e suas disciplinas. In: *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. II. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

LEWIS, M. *The Lexical Approach: the state of ELT and a way forward*. Hove: LTP, 1993

LIBANIO, J. B. *Teologia da Libertação*. Roteiro didático para um estudo. São Paulo: Edições Loyola, 1987.

LINO, T. Terminodidáctica: uma nova área de investigação. In: *Actas do VII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, 1991, p. 14.

_____. Langues de spécialité: variantes terminologiques de la langue portugaise – Portugal et Brésil. In: *Actes du Colloque Cette Terre Brésilienne/Esta Terra Brasileira*. Lyon: Université Lumière – Lyon 2, 2006.

LUQUE DURÁN, J. de D.; PAMIES BERTRÁN, A. (Eds.). Léxico y Fraseología. *Trabajos del proyecto Granada-San Petesburgo de Tipología Léxica y Semántica*. 1998.

MARTÍNEZ DE SOUSA, J. *Diccionario de lexicografía práctica*. Barcelona: Vox, 1995.

MEC/SEB. *Orientações curriculares para o ensino médio*. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Conhecimentos de Línguas Estrangeiras; Conhecimentos de Espanhol. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Básica, 2006, p. 85-124; p. 127-164. Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.Pdf>> Acesso em 03 mai. 2013.

MORENO DE ALBA, J. *El español en América*. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

MUSSALIM, F. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. (Orgs.). *Introdução à Linguística 2*. São Paulo: Cortez, 2001.

NASCIMENTO, M. do R. L. do. *Definição: Paráfrase ou Perífrase?* Análise da Estrutura de Definições nos Dicionários. Brasília. Dissertação de Mestrado, UnB, 2001.

OLIVEIRA, P. S. de. *Introdução à Sociologia*. São Paulo: Ática, 2006a.

OLIVEIRA, R. P. de. Semântica. In: MUSSALIM, F., BENTES, A. C. *Introdução à linguística*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006b.

ORLANDI, E. P. Lexicografia discursiva. *Alfa – Revista de Lingüística*, São Paulo, v 44, p. 97-114, 2000.

ORTIGOZA, Arelis Felipe. *A ideologia por trás do léxico no ensino da gramática do espanhol em Cuba*. 2006. 51 f. Monografia (Especialização em Ensino de Línguas Estrangeiras) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina. 2006.

_____. *A contextualização sociolingüística e histórico-política como explicação para usos e sentidos de unidades léxicas ideologicamente marcadas: uma Análise Contrastiva do espanhol considerado padrão em relação à variante lingüística falada em Cuba*. 2008. 139 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2008.

ORTÍZ ÁLVAREZ, M. L. *Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira*. Campinas. Tese de doutorado, UNICAMP, 2000.

ORTIZ ALVAREZ, M. L.; HUELVA UNTERBÄUMEN, H. (Orgs.). *Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológica*. São Paulo: Pontes, 2011.

OUSTINOFF, M. *Tradução: História, teorias e métodos*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

PINKER, S. *Como a mente funciona*. Companhia das Letras, SP, 2008.

PENADÉS MARTÍNEZ, I. *La enseñanza de las unidades fraseológicas*. Madrid: Arco/Libros, 1999.

PEREIRA, V. W. Estudos sobre leitura: Psicolinguística e interfaces. In: PEREIRA, V. W.; GUARESÍ, R. (Orgs.). *Estudos sobre leitura: Psicolinguística e interfaces*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

PHARIES, D. A. *Breve historia de la lengua española*. Chicago: University of Chicago Press. 2007.

PORTO DAPENA, J-A. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arco/Libros, 2002.

PRADO ARAGONÉS, J.; GALLOSO CAMACHO, M. V. (Eds.). *Diccionario, léxico y cultura*. Huelva: Universidad de Huelva, 2004.

PULIDO FERNÁNDEZ, Á. *Los israelitas españoles y el idioma castellano*. Barcelona: Riopiedras. 1993.

RAKOTOJOELIMARIA, A. Esbozo de un diccionario de locuciones verbales español-malgache. Tese (Doutorado en Filología Hispánica) – Universidad de Alcalá, 2005. Disponível em: <<<http://www.sgi.mec.es/redele/biblioteca2005/rakotojoelimaria.shtml>>> Acesso em 26 mar. 2013.

RAFEL I FONTANALS, J. La lexicografía institucional: el cas del català. In: BATTANER, P.; DECESARIS, J. (ed.) *Actas del I Symposium Internacional de Lexicografía*. Barcelona, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 2004.

REY-DEBOVE, J. — Léxico e dicionário. Trad., de Clóvis Barleta de Morais. *Alfa*, São Paulo, 28(supl.), p. 45-69, 1984.

RIBEIRO, G. C. B. *Tradução técnica, terminologia e linguística de corpus*: a ferramenta Wordsmith Tools, 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/viewFile/6479/5974>> >Acesso em 25 mar. 2010.

RICHARDS J.; RODGERS, T. *Approaches and methods in language teaching*. Cambridge: C.U.P, 1986.

RUIZ GUILLO, L. Aspectos de fraseología teórica española, *Cuadernos de Filología*, Anejo XXIV, València: Universitat de València, 1997, p. 17.

_____. *Las locuciones en español actual*. Madrid: Arco Libros, S.L., 2001, p. 44.

SANTIESTEBAN, A. *El habla popular cubana de hoy*. 2ª. ed. La Habana: Editorial Ciencias Sociales, 1985.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein, 28 ed. São Paulo, SP: Cultrix, 2000 [1916].

SELINKER, L., Interlanguage, *International Review of Applied Linguistics in Language Teaching*, 10:3, p. 209, 1972.

SHUTTLEWORTH, M.; COWIE, M. *Dictionary of Translation Studies*. London/New York: Routledge, 2007 [1997].

SILVA, V. L. T. da. Competência comunicativa em língua estrangeira (Que conceito é esse?). In: *SOLETRAS*, Ano IV, N° 08. São Gonçalo: UERJ, jul./dez., 2004, p. 7-17.

SILVA, M. B. da. Uma palavra só não basta: um estudo sobre as unidades fraseológicas. In: *Rev. de Letras*, n. 28, vol. 1/2, jan/dez, 2006, p. 11-20.

SILVA, M. E. O. de O. *Fraseografía teórica y práctica*. Frankfurt am Main, Berlin, Bern, Bruxelles, New York, Oxford, Wien: Peter Lang, 2007.

SINCLAIR, J. *Corpus, Concordance, Collocation*. Oxford-New York: Oxford University Press, 1991.

SVENSÉN, B. *A Handbook of Lexicography: the Theory and Practice of Dictionary-Making*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

THUN, H. *Probleme der Phraseologie. Untersuchungen zur wiederholten Rede mit Biespielen aus dem Französischen, Italienischen, Spanischen und Rumänischen*. Tübingen: Max Niemeyer, 1978.

VALDÉS BERNAL, S. En torno a los remanecientes del aruaco insular en el español de Cuba. In: *Islas*, n. 77 (jan.-abr.), 1984, p. 5-22.

_____. Las bases lingüísticas del español en Cuba. In: DOMÍNGUEZ HERNÁNDEZ, M. A. (ed.). *La lengua en Cuba: Estudios*. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela, 2007, p. 27-55.

VAQUERO RAMÍREZ, M. T. Orígenes y formación del español de América: período antillano. In: ALONSO, C. H. *Historia y presente del español de América*. Madrid: Arco Libros, 1992, p. 251-266.

VARANTOLA, K. Use and Usability of Dictionaries: Common Sense and Context Sensibility? In: CORRÉAD, M. H. (ed.): *Lexicography and Natural Language Processing: A Festschrift in Honour of B. T. S. Atkins*, Stuttgart: Euralex, 2002, p. 30-44.

VINIGRADOV, V. V. *As questões principais acerca da fraseologia russa como disciplina linguística*. Leningrado: LGU, 1947a.

VINOGRADOV, V.V. Acerca dos tipos principais de unidades fraseológicas na língua russa (em russo). In: SCHAHMATOV, A. A. 1864-1920. *Coletânea de artigos e Materiais*. Academia das Ciências da URSS, 1947b, p. 339-364.

WELKER, H. A. *Dicionário – uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.

_____. Pesquisando o uso de dicionários. *Linguagem & Ensino*, v.9, n.2, p.223-243, jul./dez.2006.

WERNER, R. La definición lexicográfica. In: HAENSCH, G. *et al. La lexicografía*. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982.

WOTJAK, G. (Coord.). *Teoría del campo y semántica léxica*. Frankfurt a. Main: Peter Lang, 1998.

XATARA, C. M. O campo minado das expressões idiomáticas. In: *Alfa*, São Paulo, 42(n.esp.), p. 147-159, 1998.

ZAMORA VICENTE, A. *Dialectología española*. Madrid: Gredos, 1970.

ZULUAGA, A. *Introducción al estudio de las expresiones fijas*. Frankfurt: Verlag Peter D. Lang, 1980.

_____. Spanisch: Phaseologie. Fraseología. In: HOLTUS, G.; METZELTIN, M.; SCHMITT, CH. (Eds.) *Lexikon der Romanistischen Linguistik (LRL) 6/1*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1992, p. 125-131.

Dicionários consultados

DRAE. *Diccionario de la Real Academia Española*. Disponível em: <<http://lema.rae.es/drae/>>. Acesso em: 17 dez. 2012.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio* (versão 5.11^a). Rio de Janeiro: Positiva, 2004.

MOLINER, M. *Diccionario de Uso del Español*. Madrid: Editorial Gredos, 2001.

ANEXOS

ANEXO 1 - LISTA DE UFS RETIRADAS DE SANTIESTEBAN (1985)

	Verbetes
1.	ABUELITA (NO TENER) fr. <i>Com.</i> Autoalabarse. Se usa generalmente en forma de pregunta (<i>¿Tú no tienes abuelita?</i>) a quien entona loas a sí mismo, aludiendo a la manía del abuelo que ve en cada nieto una creación portentosa de la naturaleza. (p. 34)
2.	ACHÉ (TENER) fr. <i>Cub.</i> Tener un don o poder especial. Es voz yoruba. <i>Aché</i> es el don que, en el panteón yoruba, reciben los santos. Por ejemplo, Changó recibió de Olofi el <i>aché</i> de que no lo quemara el fuego. ... <i>porque yo tengo</i> mi aché. (De una canción popular) (p. 35)
3.	AGILA'O (IR) fr. <i>Cub.</i> Trasladarse con gran velocidad. (p. 38)
4.	AGUA (JUGAR) fr. <i>Cub.</i> Bañarse. También se dice <i>jugar a los bomberos</i> y <i>jugar humón</i> . (p. 39)
5.	AGUA (DAR) fr. <i>Cub.</i> En el dominó, revolver las fichas. p. 513
6.	ALPARGATA (ECHAR UNA) fr. <i>Cub.</i> Huir con suma precipitación, <i>echar un pie</i> . (p. 45)
7.	AMARRAR CORTO fr. <i>Cuba.</i> Restringir la libertad de alguien, meterlo en un puño. (p. 46)
8.	AMPANGA (SER DE) fr. <i>Cub.</i> Lo mismo que <i>ser de madre</i> (V.), o <i>ser del carajo</i>). También se dice <i>ser de yuca</i> y <i>ñame</i> o <i>ser de argolla</i> . Ortiz (<i>Glosario de afronegrismos</i>) cita a Dapper al afirmar que Ampanga o Mpanga fue capital de un reino congolés. ... <i>porque me han dicho que es de ampangas con las mujeres...</i> (R. González: <i>Siempre la muerte, su paso breve</i> , 1982) p. 47
9.	ANJÁ (SER DE) fr. <i>Cub.</i> Lo mismo que <i>ser de madre</i> (V). ... <i>con muchas ventanas, y mucha reja en las ventanas y mucha columna por aquí y por allá, y mucho de todo lo que hace falta para que una casa sea de anjá!</i> (F. Chofre: <i>La Odilea</i> , 1968) <i>El hambre que se nos venía encima era de anjá.</i> (R. González: <i>La fiesta de los tiburones</i> , 1978) p. 50
10.	AO o AO POR REGLA (SER) fr. <i>Cub.</i> Estar anulado, destruído o seguramente atrapado. Del inglés <i>out</i> , por la vía del argot beisbolero. ... <i>yo con un avión de caza, me tiro</i> y es ao por regla. (V. Casaus: <i>Girón en la memoria</i> , 1970) p. 50
11.	APÉAME UNO (SER DE) fr. <i>Cub.</i> Se aplica a lo de calidad ínfima, muy barato o vulgar.

	<p>...tu camisa de liquidación y tu apéame-uno de dril 99... (J. Z. Tallet; <i>La semilla estéril</i>, 1923-1939) p. 50-51</p>
12.	<p>APEARSE DE (NO) fr. <i>Cub.</i> Cuando se hacen cálculos o estimados, “no ser menos de” o “ser al menos”.</p> <p>...había calculado que la tajada no se le apeaba de veinte mil pesos... (L. Otero: <i>La situación</i>, 1963) p. 51</p>
13.	<p>ARGOLLA (SER DE) fr. <i>Cub.</i> Lo mismo que <i>ser de madre</i> o <i>ser de ampanga</i> (V.) <i>Cuando el pueblo dice que Batista en Palacio el 13 de marzo de 1957, tenía una cagazón de argolla expresa que tenía mucho más que un miedo insuperable.</i> (M. Kuchilán: <i>Fabulario</i>, 1970) p. 52</p>
14.	<p>ARIQUES PUESTOS (TENER TODAVÍA LOS) fr. <i>Cub.</i> Conservar la apariencia o las costumbres del <i>guajiro</i>. p. 53</p>
15.	<p>ARNICA Y DIENTE ‘E PERRO (SER) fr. <i>Cub.</i> Ser lo peor de lo peor. Equivale a <i>ser retama y guayacol</i>. p. 53</p>
16.	<p>ARRANCÁRSELA (a alguien) fr. <i>Cub.</i> Matarlo. V. <i>ñampiar</i>. – <i>Arrancársela a seis o siete de ellos, guindarlos...</i> (R. Moya: <i>Amor entre las llamas</i>, 1981) p. 53</p>
17.	<p>ATMÓSFERA (FORMAR o ARMAR) fr. <i>Cub.</i> Provocar una discusión o reyerta. p. 55</p>
18.	<p>AURA (ESTAR CAGA’O DE) fr. <i>Cub.</i> Tener mala suerte, <i>estar sala’o tener un chino atrás</i>. p. 56</p>
19.	<p>BABALAO (TENER QUE IR AL) fr. <i>Cub.</i> Se aplica, festivamente, a la persona que tiene mala suerte. Puesto que la villa de Guanabacoa ha sido tradicionalmente la Meca de los <i>babalaos</i>, la anterior idea expresa a veces como <i>tener que ir a Guanabacoa</i>.</p> <p>V. <i>estar sala’o y tener un chino atrás</i>. p. 57</p>
20.	<p>BACALAO (CORTAR EL) fr. <i>Com.</i> Se disse del que manda. La Acad. define: “tener mucho manejo en una casa o con algunas personas”, lo cual dista mucho de nuestra acepción, a pesar de que en la Península se ha usado en igual sentido (Besses: <i>Diccionario del argot español</i>).</p> <p>Según Moreno Friginals (<i>El ingenio</i>), tenía gran relevancia en el ingenio el empleado que repartía las raciones de bacalao, alimento típico del esclavo. p. 57</p>
21.	<p>BAJA (COGERLE a alguien LA) fr. <i>Cub.</i> Avasallar, someterlo o descubrirle su talón de Aquiles.</p> <p><i>A mí ninguno me cogió la baja, pero sí me hicieron tragar bilis muchas veces.</i> (M. Barnet: <i>Canción de Rachel</i>, 1969)</p> <p><i>¡Maldito! ¡Me tiene cogida la baja!</i> (C. Montenegro: <i>Hombres sin mujer</i>, 1937) p. 59</p>
22.	<p>BAJA DE LA LIBRETA (DARSE LA) fr. <i>Cub.</i> Morir.</p> <p>V. <i>ñampiñarse</i>. p. 59</p>
23.	<p>BALIJÚ (DARSE) fr. <i>Cub.</i> Darse importancia, bombo. Del inglés <i>ballyhoo</i>, bombo. p. 60</p>
24.	<p>BANDA (ESTAR EN) fr. <i>Cub.</i> Hallarse en mala situación económica.</p>

	<i>Bebe algo...</i> Estoy en banda. (E. Álvarez Jané: <i>Macuta La Habana</i> , 1981). p. 61
25.	BANDA (DEJAR a alguien EN) fr. <i>Cub.</i> Dejarlo desprovisto de algún bien o servicio, abandonarlo “a la buena de Dios”. <i>Estos jartones son muy capaces de dejarnos en banda.</i> (F. Chofre: <i>La Odilea</i> , 1986).
26.	BANQUETE (SER UN) fr. <i>Cub.</i> Se aplica a las personas divertidas. p. 61
27.	BARAJA (VENDER LA) fr. <i>Cub.</i> Irse. V. <i>vender.</i> <i>Le vendería la baraja</i> <i>no quiero asunto con la muerte.</i> (S. Álvarez Conesa: <i>Matar el tiempo</i> , 1967) p. 61
28.	BARCO (VENDER EL) fr. <i>Cub.</i> Irse V. <i>vender.</i> p. 62
29.	BARCO (VENDERLE a alguien EL) fr. <i>Cub.</i> Abandonarlo: “la novia <i>le vendió</i> el barco”.
30.	BARRA (DAR) fr. <i>Cub.</i> Efectuar el coito. p. 63
31.	BASE (COGER a alguien FUERA DE) fr. <i>Cub.</i> Cogerlo in fraganti. Se deriva del argot beisbolero. p. 64
32.	BASURITA (DEJARLE CAER a alguien UNA) fr. <i>Cub.</i> Darle una propina o pequeña dádiva.
33.	BAYOYO, A (ESTAR) fr. <i>Cub.</i> Abundar, pulular. // Estar obeso.
34.	BEMBA'E PERRO (SER UN) fr. <i>Cub.</i> Se dice de quien se las da de guapetón, pero no respalda con hechos su jactancia. - <i>Hay gente que no son más bamba de perro (...) y uno de esos tipos es el ocabote que acaba de palabrear.</i> (F. Chofre: <i>La Odilea</i> , 1986) <i>Repentinamente [Batista] se mostró parlanchín y bamba'e perro.</i> (M. Kuchilán: <i>Fabulario</i> , 1970). p. 67
35.	BEROCOS (RONCARLE LOS) fr. <i>Cub.</i> Se aplica a todo lo relevante o inaudito. p. 68
36.	BIBIJAGUAS (SABER MÁS QUE LAS) fr. <i>Cub.</i> Se usa para encarecer la sapiencia o la astucia de alguien. Alude a lo inusitado del comportamiento de ese himenóptero, hábil constructor de galerías, cuyo instinto “es comparable a la inteligencia”, en el decir de A. Martínez Andreu (<i>Plagas agrícolas de Cuba</i>). <i>Pajarito es mu rabioso y sabe más que las bibijaguas...</i> (C. Villaverde: <i>Cecilia Valdés</i> , 1882). p. 69
37.	BIBIJAGUA (SER UNA) fr. <i>Cub.</i> Por similitud con el mencionado insecto, se aplica a persona laboriosa. p. 70
38.	BICICLETA (JODERSE LA) fr. <i>Cub.</i> Malograrse un asunto. Se origina la frase en uno de los inefables cuentos verdes de Pepito, el niño terrible. p. 70
39.	BILLETERO (QUEDAR QUE NI PA') fr. <i>Cub.</i> Se aplica al que sale muy malparado de un lance cualquiera. Observ.: Hace alusión al gran número de inválidos que vendía billetes. p. 71
40.	BIYAYA (SER) fr. <i>Cub.</i> Se dice que lo es la persona inquieta o traviesa. Se aplica preferentemente a los niños. <i>Biyaya</i> es voz que registró Pichardo en el siglo pasado como corrupción de <i>bibijagua</i> (V.) La tremenda actividad de este animalito explicaría la frase. p. 73

41.	BLANCO (ESTAR) fr. <i>Cub.</i> En el dominó, quedar con un grupo de fichas que totalizan un pequeño número de puntos. Cuando se <i>está blanco</i> se propicia el cierre del juego, pues el ganador es el jugador que menor número de tantos tenga en su mano.
42.	BLANCO Y TROCADERO (ESTAR EN) fr. <i>Cub.</i> Hallarse en pésima situación económica. // Estar en ayunas. Es forma fantasiosa de decir “estar en blanco”, y se basa en una intersección de calles de la ciudad de La Habana. p. 73
43.	BOCA CUADRA’ (NO TENER LA) fr. <i>Cub.</i> Cuando se reparte comida o bebida, quien no quiere ser excluido recuerda a los demás que él <i>no tiene la boca cuadra’</i> . Otros consiguen el mismo fin proclamando: “Yo no soy el hijo de la comadrona.” p. 75
44.	BOMBA (SER UNA) fr. <i>Cub.</i> Se aplica a las personas antipáticas, o a las tareas penosas. p. 79
45.	BOMBEROS (JUGAR A LOS) fr. <i>Cub.</i> Bañarse.
46.	BOMBÍN (PONER a alguien COMO UN) fr. <i>Cub.</i> Apostrofarlo, dirigirle los peores dicerios.
47.	BONDAD AL CRIMEN (LLEVAR a alguien DE LA) fr. <i>Cub.</i> Ponerlo en situación desesperada. // Tratarlo con desconsideración o rigor extremos. Sinón.: <i>llevar con la de palo, llevar aprisa, llevar a toque de diana, llevar como carrito de helado.</i> p. 80
48.	BORDE DE LA PIRAGUA (ESTAR AL) fr. <i>Cub.</i> Encontrarse en una situación inestable, abocado a una catástrofe. - <i>Seis meses al borde de la piragua, hermano...</i> (O. Jorge Cardoso, <i>Abrir y cerrar de ojos</i> , 1969) Otros dicen <i>en el pico de la piragua:</i> <i>...Habrían de poner punto final a mi oficio de mucano, y (...) en el pico de la piragua se me pondría el otro de jardinero...</i> (G. Eguren: <i>Aventuras de Gaspar Pérez...</i> , 1982) p. 81
49.	BOTA’O (ESTAR) fr. <i>Cub.</i> Hallarse en una situación envidiable. // Abundar, pulular: “en esta temporada el tomate está <i>bota’o</i> ”. p. 82
50.	BOTARLA o BOTAR LA PELOTA fr. <i>Cub.</i> Lo mismo que <i>comérsela</i> (V.), tener una actuación relevantemente positiva o negativa. Se deriva del argot beisbolero. <i>Es el sobrepasamiento, pelota lanzada fuera de la valla - ¡la botó! – puro trascender de nuestra intrascendencia.</i> (F. García: en <i>Unión</i> , diciembre de 1968) p. 82
51.	BOTIJA (DECIRLE a alguien HASTA) fr. <i>Col. y Cub.</i> Dirigirle los peores dicerios. p. 83
52.	BRINCO (COGER o TRABAR a alguien EN EL) fr. <i>Cub.</i> Sorprenderlo infraganti. <i>...le esperaba un castigo terrible al que fuera trabado en el brinco...</i> (P. de la Torriente Brau: <i>Presidio Modelo, 1932-1935</i>) p. 85
53.	BULTO (HACER) fr. <i>Com.</i> Hacer acto de presencia en un lugar para que el evento que allí se celebra resulte concurrido: “sólo fui a la boda a <i>hacer bulto</i> ”. Viene de al argot del teatro español, donde <i>hacer bulto</i> es lo mismo que hacer de comparsa. p. 87
54.	CABALLO (SER UN) fr. <i>Cub.</i> Se aplica a la persona alta y robusta. p. 89
55.	CABALLOS (METERSE EN LAS PATAS DE LOS) fr. <i>Cub.</i> Ponerse en situación espinosa, comprometida o riesgosa, por propia decisión. p. 89

56.	<p>CABEZA o LA CABEZA (JUGAR) fr. <i>Cub.</i> Evitar algo habilidosamente, hurtar el cuerpo. <i>...ganar una onza con mucho trabajo</i> y jugando la cabeza. (F. J. Valerio: <i>Perro huevero...[bufo]</i>, 1868) <i>...insistía con Batista (...)</i> que presentara al juzgado los procesados (...) pero el coronel le jugaba la cabeza. (M. Kuchilán: <i>Fabulario</i>, 1970) p. 90</p>
57.	<p>CABILLA (DAR) fr. <i>Cub.</i> Efectuar el coito. p. 90</p>
58.	<p>CABLE (CRUZÁRSELE a alguien UN) fr. <i>Cub.</i> Enloquecer. // Trastabillar, confundirse. // Enamorarse: “a Fulano se le <i>cruzó un cable</i> con Mengana”. <i>...al hombre se le ha cruzado un cable...</i> (I. Álvarez: <i>La sonrisa y la otra cabeza</i>, 1971)</p>
59.	<p>CABLE (ESTAR COMIÉNDOSE un) fr. <i>Cub.</i> Estar en pésima situación económica. <i>...yo me estoy comiendo un cable</i> <i>pero tengo paciencia...</i> (Canción popular) <i>...en el periódico Ahora, me estaba comiendo un cable.</i> (J. Z. Tallet: en <i>Unión</i>, diciembre 1969) A veces la frase toma una forma más enfática agregándole: <i>con forro y to'.</i> p. 90</p>
60.	<p>CABO (ESTAR algo DE CHUPA Y DÉJAME EL) fr. <i>Cub.</i> Estar de rechupete. p. 90</p>
61.	<p>CABO DE TABACO (VALER MENOS QUE UN) fr. <i>Cub.</i> No valer nada. Con frecuencia se aplica para catalogar la condición moral abominable de alguno. p. 91</p>
62.	<p>CABRA (ESTAR MÁS LOCO QUE UNA) fr. <i>Com.</i> Estar loco de atar. Se ha usado en España (V. cap. IV de <i>Misericordia</i>, de Galdós), pero la Acad. lo ha ignorado. En Cuba se oye también <i>estar más loco que una chiva</i>.</p>
63.	<p>CABRÓN (SER UN) fr. <i>Cub.</i> Refiriéndose a una disciplina cualquiera, dominarla. Observ.: la voz <i>cabrón</i> es bastante inasible. No es lo mismo gritarle a un niño que acaba de cometer una travesura: “¡<i>Cabrón</i>, muchacho!”, que llamarlo <i>cabroncito</i> en tono tierno. El término tiene otros usos – o abusos, vaya usted a saber – entre los cuales podemos inventariar: “ese trate te queda <i>cabrón</i>”, por decir “te sienta terriblemente mal”, etcétera. <i>...en medio de una noche cabrona...</i> (E. Álvarez Jané: <i>Macuta La Habana</i>, 1981) p. 91</p>
64.	<p>CABUYA (SOLTARLE o DARLE a alguien) fr. <i>Cub.</i> Darle libertad de acción, pero manteniéndolo bajo vigilancia. p. 92</p>
65.	<p>CACHIMBA LLENA`E TIERRA (Tenerle a alguien LA) fr. <i>Cub.</i> Tenerle furioso por repetidos despropósitos. p. 93</p>
66.	<p>CAFUNGA (MORIR COMO) fr. <i>Cub.</i> Se suele decir cuando alguien sufre un descalabro o desemboca en un fin fulminante. Se afirma que Cafunga fue un desmochador de palmiche que se accidentó fatalmente, en el ejercicio de su trabajo, en la finca El Espino, Alicante, Sancti Spiritus (Ortiz cita a escritor anónimo). p. 94</p>
67.	<p>CAJA (CUADRAR LA) fr. <i>Cub.</i> Por extensión de lo que hace el cajero, significa poner a punto, atar todos los cabos. p. 95</p>
68.	<p>CAJETÍN (VENDER EL) fr. <i>Cub.</i> Irse. Nació el vocablo entre jugadores, pues cajetín es la caja de madera o metal donde se colocan los naipes después de barajados. V. <i>vender</i>. - <i>Vendo – repitió el Agresivo – les vendo el cajetín, me largo.</i> (D. Buzzì: <i>La religión de los elefantes</i>, 1968)</p>

	<p>...agarrar la colt y venderle el cajetín a todos... (A. Benítez R.: en <i>Unión</i>, dic. de 1968)</p> <p><i>¡Qué va,</i> <i>yo les vendo el cajetín!</i> <i>Al payaso y a la risa</i> <i>yo les vendo el cajetín.</i></p> <p>(Canción popular)</p> <p><i>El marido le vendió el cajetín, se fue a la pira, la dejó...</i> (H. Zumbado: <i>Limonada</i>, 1978). p. 96</p>
69.	<p>CAJÓN (CAGARSE FUERA DEL) fr. <i>Cub.</i> Sufrir un descalabro, errar.</p> <p><i>...pensó que no debía dejarlo andando para no gastar petróleo y ahí fue donde se cagó fuera del cajón...</i>(R. Moya: <i>Amor entre llamas</i>, 1981) p. 96</p>
70.	<p>CALZONCILLOS (VÉRSELE a alguien LOS)fr. <i>Cub.</i> . En el argot del dominó, lo mismo que <i>agacharse</i> (V.) p. 97</p>
71.	<p>CALLE 'EL MEDIO (TIRARSE PA' LA) fr. <i>Com.</i> Dejar de admitir trabas morales o de otra índole. También en España tiene ese significado, según Besse, pero la Acad. ha ignorado este modismo.</p> <p><i>Batista</i>, tirado por la calle del medio, <i>insiste con el embajador en que se obligue a Mendieta a aceptar la presidencia...</i> (M. Kuchilán: <i>Fabulario</i>, 1970) p. 97</p>
72.	<p>CAMA (PREPARARLE a alguien UNA) fr. <i>Cub.</i> Tenderle una celada, prepararle una trampa.</p> <p><i>Hacerle</i> a alguien <i>un número ocho</i> es su equivalente en algunas situaciones. La Acad. sólo recoge "hacer una cama", con igual significado. Aquí se utilizan ambos verbos indistintamente.</p> <p><i>...la desconfianza natural de Batista que no se convencía del todo de que mister Welles no le estuviera preparando una cama...</i>(M. Kuchilán: <i>Fabulario</i>, 1970) p. 98</p>
73.	<p>CAMPANA (ESTAR) fr. <i>Cub.</i> Estar muy bien. p. 99</p>
74.	<p>CANALLAS (MATAR) fr. <i>Cub.</i> Hacer algo chapucera, por salir del paso. Tiene un sinónimo en <i>matar el gallo</i>. p. 100</p>
75.	<p>CANCHA (ESTAR) O CANCHA (ESTAR EN) fr. <i>Cub.</i> Hallarse preparado o entrenado; estar bien; <i>estar campana</i> (V.)</p> <p>La Acad. sólo registra, como modismo chileno, "estar en su cancha", por hallarse en su alimento. p. 100</p>
76.	<p>CANDELA AL JARRO (DARLE) fr. <i>Cub.</i> Llevar alguna empresa hasta sus últimas consecuencias. La idea completa, a veces expresada explícitamente, es: <i>darle candela al jarro hasta que suelte el fondo</i>. // Proceder con rigor.</p> <p>Historia: algún testarfero batistiano hizo suya la frase, clamando por más represión. A la caída del régimen dictatorial, el pueblo comentaba que le habían dado tanta candela al jarro, que en lugar de soltar el fondo se habían quedado con el asa en la mano. p. 101</p>
77.	<p>CANDELA (COMER) fr. <i>Cub.</i> Ser muy valiente o decidido. p.101</p>
78.	<p>CANDELA COMO AL MACAO (DARLE a alguien) fr. <i>Cub.</i> Proceder enérgicamente para que haga abandono de alguna posición, etcétera.</p> <p>Alude al hecho de que al citado crustáceo (parecido al ermitaño) sólo se le puede obligar a salir de su concha por medio del calor.</p> <p><i>Porque al fascista, para que suelte sus aspiraciones a Madrid, va a haber que hacerle como al macao y darle candela...</i> (P. de la Torriente Brau: <i>Peleando con los milicianos</i>, 1936) p. 101</p>
79.	<p>CANDELA (SER) fr. <i>Cub.</i> V. <i>ser de anjá</i>, o <i>de madre</i>, o <i>de ampanga</i>, o <i>del carajo</i>. Otros dicen <i>ser la candela</i>.</p> <p><i>Dicen que soy candela...</i></p>

	(Canción popular) p. 101
80.	CANTA (ESTAR algo o alguien QUE) fr. <i>Cub.</i> Apestar en grado sumo. Sinón.: <i>oler a cordelito de guagua.</i> p. 102
81.	CANTO EN EL PECHO (DARSE CON UN) fr. <i>Cub.</i> “Darse por contento cuando lo que ocurre es más favorable o menos adverso que lo que podía esperarse”, dice la Acad. Aquí tiene un significado general (que incluye al anterior, pero también a otras situaciones) pues equivale a enorgullecerse, felicitarse a sí mismo. <i>Por eso yo me puedo dar con un canto en el pecho. En tal obra había una reina, ésa era yo...</i> (M. Barnet: <i>Canción de Rachel</i> , 1969) p. 103
82.	CAÑA (METER) fr. <i>Cub.</i> Esforzarse, enfrentar resueltamente un asunto. Según Moreno Fragnals, es voz de origen azucarero, nacida en el trapiche. p. 103
83.	CAÑA (TENER) fr. <i>Cub.</i> Tener fuerza. p. 103
84.	CAÑA A TRES TROZOS (ESTAR O PONERSE LA) fr. <i>Cub.</i> Presentarse difícil una situación. <i>Al isleño también se le había puesto la caña a tres trozos...</i> (R. González: <i>La fiesta de los tiburones</i> , 1978) p. 104
85.	CAÑÓN (ESTAR COMO UN) fr. <i>Cub.</i> Encontrarse en su mejor forma, <i>estar campana</i> (V.). p. 104
86.	CAO (HABLAR MÁS QUE UN) fr. <i>Cub.</i> Hacerlo incansablemente. Alude al insistente graznido de ese pajarraco (V.). p. 105
87.	CARA por alguien (SACAR LA) fr. <i>Com.</i> Salir en su defensa. También en España (Besses) p. 108
88.	CARAJOS (MANDAR PA' L) fr. <i>Cub.</i> Enviar a paseo, <i>mandar a casa de yuca.</i> p. 108
89.	CARAJOS (IRSE PA' L) fr. <i>Cub.</i> Largarse. p. 109
90.	CARCAÑAL DE INDÍGENA (SER MÁS DURO QUE) fr. <i>Cub.</i> Lo mismo que <i>ser fu</i> (V.) Se suele aplicar al avaro: <i>Estrada Palma</i> , más duro que el calcañal de indígena... (P. González: <i>La fiesta de los tiburones</i> , 1978) p. 109
91.	CARITATE (DAR) fr. <i>Cub.</i> Causar envidia o celos. Es voz bastante antigua, aún vigente: <i>... me parece que serías capaz de querer a cualquier hombre con tal de darme caritate.</i> (C. Villaverde: <i>Cecilia Valdés</i> , 1882) <i>... para dar caritate a sus pretendientes...</i> (E. Roig de L.: <i>El caballero que ha perdido a su señora</i> , 1923) <i>Cree Sinforosa Riva</i> <i>que porque su novio Oñate</i> <i>siempre le da caritate,</i> <i>es mujer caritativa.</i> (En <i>Diario de La Marina</i> , 26 de febrero de 1931) p. 110
92.	CARMELINA (VIVIR COMO) fr. <i>Cub.</i> Llevar una existencia regalada. p. 110
93.	CARNAVAL (PONERLE a alguien UN) fr. <i>Cub.</i> Múltiples acepciones. Entre ellas, atacar ininterrumpidamente. <i>Ellos empezaron a retirarse, porque la gente aprovechó el instante y le pusimos un carnaval en un momentico...</i> (V. Casaus: <i>Girón en la memoria</i> , 1970) p. 110
94.	CARNE 'E ABAJO 'EL RABO (SER) fr. <i>Cub.</i> Lo mismo que <i>ser fu</i> o <i>ser un culo</i> . Se aplica con frecuencia a los avaros

	<i>Próximo a Ciego de Ávila vivía un isleño adinerado, que de verdad era carne de abajo del rabo...</i> (S. Feijóo: <i>Cuentos populares cubanos de humor</i> , 1981) p. 110
95.	CARNE 'E CALLO (SER) <i>Cub.</i> Igual al anterior modismo. p. 111
96.	CARNE (ESTAR EN) fr. <i>Cub.</i> No tener dinero. V. (con el v. estar en todos los casos), <i>en la fuácata, en la tea, atrás, bruja.</i> p. 111
97.	CARRITO DE HELADOS (LLEVAR a alguien COMO) fr. <i>Cub.</i> Tratarlo con rigor. La idea completa es <i>llevar como carrito de helados: a empujones y campanillazos.</i> V. los sinón. en <i>llevar aprisa.</i> p. 112
98.	CARRO (GUARDAR EL) fr. <i>Cub.</i> Morir. V. los sinón. en <i>ñampiarre.</i> <i>¿Estoy al guardar el carro? ¿Ya?</i> <i>¡Qué pena!</i> (J. Z. Tallet) p. 113
99.	CARTA DE LA BARAJA (SER LA ÚLTIMA) fr. <i>Cub.</i> Ser lo peor de su género. En <i>Tradiciones peruanas</i> leemos “último triunfo de la baraja”, con igual significado. <i>Muchos negros de aquí también los despreciaban [a los jamaquinos y haitianos] para no sentirse ellos como la última carta de la baraja...</i> (R. González: <i>La fiesta de los tiburones</i> , 1978) p. 113
100.	CARTA (ECHAR UNA) fr. <i>Com.</i> Defecar. es un eufemismo que también se escucha en España (Besses). p. 113
101.	CARTÓN de alguien o de algo (PONERSE PA'L) fr. <i>Cub.</i> Mostrar interés en esa persona o asunto. Las razones de ese interés son innumerables: <i>ponerse pa'l cartón</i> de alguien puede significar estar enamorado de esa persona o estar vigilándola para agredirla. Todo cabe en el modismo. p. 113
102.	CASA DEL TROMPO (VENIR A BAILAR A) fr. <i>Cub.</i> Tratar de aparentar gran conocimiento de una materia ante quienes son peritos en ella. p. 114
103.	CÁSCARA (HABLAR) fr. <i>Cub.</i> Igual al modismo que sigue. p. 115
104.	CÁSCARA DE PIÑA (HABLAR) fr. <i>Cub.</i> Decir sandeces. <i>¿Qué manera de hablar cáscara de piña!</i> (E. Labrador Ruiz: “Nudo en la madera”) p. 115
105.	CASCO Y LA MALA IDEA (QUEDAR EN EL o CON EL) fr. <i>Cub.</i> Se dice de la persona o cosa desmantelada. <i>...pero me he quedado en la polilla asquerosa con el casco y la mala idea, y creo que una novela no me sale...</i> (M. Barnet: <i>Canción de Rachel</i> , 1969) p. 115
106.	CATANA (ÉRAMOS POCOS Y PARIÓ) fr. <i>Cub.</i> Equivale a “ya estábamos apretados y vienen más”, o a “ya eran bastantes nuestras penas y otras se les suman” p. 116
107.	CATIBÍA (COMER) fr. <i>Cub.</i> Lo mismo que <i>comer bola</i> (V.). p. 117
108.	CERCA (LLEVARSE LA) fr. <i>Cub.</i> En el béisbol, sacar la pelota fuera del terreno, lograr un <i>jonrón.</i> // Por ext., tener una actuación relevante en cualquier campo de la actividad humana. V. <i>botarla.</i> p. 119
109.	CINCO PESOS (SER algo OTROS) fr. <i>Cub.</i> Ser diferente, ser otra cosa. Algunos, en lugar de “cinco pesos” dicen “veinte pesos”, pero la idea es la misma. El Autor prefiere callarse el origen de esta frase, en aras de la tambaleante decencia de este libro. p. 120
110.	CINTURA (DAR) fr. <i>Cub.</i> Bailar. // Efectuar el coito. p. 120
111.	CLARO (ESTAR) fr. <i>Cub.</i> Profesar ideas revolucionarias. (Del reaccionario se ha dicho que <i>está oscuro.</i>) Estos modismos tuvieron su mayor auge a raíz

	del triunfo insurreccional de 1959, en ocasión de la batalla ideológica que en esos días tuvo su más intenso momento. p. 121
112.	COBA (ESTAR EN) fr. <i>Cub.</i> Se dice que lo está el elegantemente vestido. p. 123
113.	COBA (DARLE a alguien) fr. <i>Cub.</i> Tiene la acepción académica (adular), pero es también dar explicaciones o presentar excusas para evitar una pelea. p. 123
114.	COCAL (ESTAR PA'L) fr. <i>Cub.</i> En la porción oriental del país se escucha como sinónimo de “estar loco de atar”. p. 123
115.	COCO con algo o con alguien (TENER o HACER UN) fr. <i>Cub.</i> Tener capricho, monomanía por esa persona o cosa. <i>...es un coco</i> <i>lo que tengo contigo</i> (Canción popular) p. 123
116.	COCO VACÍO (QUEDARSE CON EL) fr. <i>Cub.</i> Tener una idea brillante. <i>El invento de la rueda fue el punto de partida de la civilización, te imaginas, se le quedó el coco vacío...</i> (M. Cossío: <i>Sacchario</i> , 1970) p. 123
117.	COCUYERA (ESTAR algo HECHO UNA) fr. <i>Cub.</i> Se dice de lo que está sumamente agujereado: “esa camiseta está hecha una <i>cocuyera</i> ”. Es modismo que sólo se escucha en el oriente de la Isla. Las <i>cocuyeras</i> eran lámparas que se construían agujereando repetidamente una güira, que después se llenaba de cocuyos (R. Martínez: <i>Oriente folklórico</i>). p. 124
118.	COCHE (SALIR o IR EN) fr. <i>Cub.</i> Salir de una situación espinosa menos desfavorablemente de los [sic] que se esperaba.
119.	CODOS (CAMINAR CON LOS) fr. <i>Cub.</i> Ser muy avaro. p. 125
120.	COJONES (ECHAR) fr. <i>Cub.</i> Bravuconear.
121.	COJONES (RONCARLES o ZUMBARLE a algo o a alguien LOS) fr. <i>Cub.</i> Se utiliza, exclamativamente, en situaciones extremas. - ¡Le ronca los cojones! <i>Todavía se nos va a escapar.</i> (W. Gálvez: <i>Salida 19</i> , 1981) p. 126
122.	COJONES (TENER UNOS) fr. <i>Cub.</i> Dicho en tono de exclamación se asocia a innumerables significados: se dice que <i>¡tiene unos cojones!</i> el muy valiente, o el muy holgazán, o el muy irresponsable, etcétera. Todo depende del contexto. p. 126
123.	COLÁRSELE a alguna materia. fr. <i>Cub.</i> Dominarla: “ <i>se le cuela a la mecánica</i> ”. p. 127
124.	COMEJÉN AL PALO (CAERLE) fr. <i>Cub.</i> Surgir un contratiempo. Otros dicen <i>caerle comején al piano</i> . Madera por madera... p. 129
125.	COMEJÉN AL PIANO (CAERLE) fr. <i>Cub.</i> V. ficha anterior. - Le cayó comején al piano – <i>exclamó el Guille...</i> (E. Álvarez: <i>Macuta en La Habana</i> , 1981) p. 130
126.	COMEJÉN EN LA AZOTEA (TENER) fr. <i>Cub.</i> Estar loco. p. 130
127.	COMER CALIENTE fr. <i>Cub.</i> Hacerlo adecuadamente. La situación contraria, como anota Suárez, es <i>comer frío</i> o <i>comer de cantina</i> , modismos ambos que se aplican a quien recibe pitanza deficitaria. p. 130
128.	COMER FRÍO fr. <i>Cub.</i> V. lo dicho en <i>comer caliente</i> . p. 130
129.	COMÉRSELA fr. <i>Cub.</i> Tener una actuación sensacional, en cualquier sentido. Por ejemplo, lo mismo <i>se la come</i> el que dice un gran despropósito que el que afirma algo excepcionalmente atinado. El contexto, por tanto, es imprescindible. V. <i>botarla y devorársela</i> . <i>Chévere, eso mismo</i> . Te la comiste. (L. Otero: <i>La situación</i> , 1963) p. 131
130.	CÓMODO (LLEVAR a alguien) fr. <i>Cub.</i> Hacerle objeto de consideraciones, proporcionarle lo más deseable, distinguirlo. p. 131

131.	CONFRONTA (COGER a alguien LA) fr. <i>Cub.</i> Hacérsele lo suficientemente tarde como para tener que esperar por la <i>confronta</i> (V.). ... <i>leímos de un tirón a Zaratustra sin que nos cogiera la confronta...</i> (M. Kuchilán: <i>Fabulario</i> , 1970) // Por extensión, verse en una situación comprometida, problemática. p. 134.
132.	CONOZCA a alguien QUE LO COMPRE (EL QUE) fr. <i>Cub.</i> Así se expresa el que no puede ser engañado por quien se presenta en calidad de lo que no es. Según Rodríguez Herrera este modismo se escucha también en Colombia. El que no te conozca que te compre. <i>Dale con la palabra y vuelta con su reputación y pocas veces, si alguna, cumpliendo con exactitud.</i> (C. Villaverde: <i>Cecilia Valdés</i> , 1882) p. 135
133.	COÑO (NO DECIR o NO OÍRSELE a alguien NI UN) fr. <i>Cub.</i> Se aplica a quien nunca dice obscenidades. Alude a que esta voz es peccata minuta en comparación con otras de nuestras "malas palabras". p. 139
134.	CORDELITO DE GUAGUA (OLER algo o alguien A) fr. <i>Cub.</i> Apestar en grado extremo. Alude al cordel que accionaban los conductores (V.) de <i>guagua</i> (V.) para registrar en un aparato contador cada pasaje cobrado. Es de suponer que, a fuerza de manoseo, tal cordel no oliese a rosas precisamente. V. <i>estar que canta y oler a mono cuque'ao.</i> p. 140
135.	CORDOBÁN (MORDER EL) fr. <i>Cub.</i> Trabajar. A veces se dice simplemente <i>morder</i> . p. 140
136.	COSAS (PONERSE PA' LAS COSAS) fr. <i>Cub.</i> Alertarse, hacerse cargo, atender, no descuidarse. Lo contrario sería <i>no estar en nada o estar detrás del palo.</i> p. 143
137.	COSTURA (METERLE o DARLE a algo EN LA MISMA) fr. <i>Cub.</i> Se dice de lo que se domina brillantemente. Es modismo heredado de la jerga beisbolera. ... <i>le dio por darle al aburrimiento en la misma costura...</i> (F. Chofre: <i>La Odilea</i> , 1968) <i>Le meto al danzón en la misma costura...</i> (M. Cossío: <i>Sacchario</i> , 1970) p. 143
138.	COTORRA (COMER) fr. <i>Cub.</i> Se le pregunta si lo ha hecho al individuo muy hablador. p. 143
139.	COTORRA (DARLE a alguien UNA) fr. <i>Cub.</i> Darle una <i>muela</i> (V.) p. 143
140.	CRANQUE (COGER) fr. <i>Cub.</i> Dejarse dirigir en las propias acciones según las indicaciones aviesas de tercera persona. p. 144
141.	CRANQUE (DAR) o CRANQUEAR fr. y v. tr. <i>Cub.</i> Convencer a alguien de que debe lanzarse a alguna empresa (V. las dos fichas anteriores). // Indisponer a una persona contra otra, cizañar. ... <i>fue de los pocos que no mataron a nadie...pero en cambio como decían los presos con rencor: - ¡Nadie ha dado más cranque que ese!</i> (P. de la Torriente Brau: <i>Presidio Modelo</i> , 1932-1935) p. 144
142.	CRUZ (HACER LA) fr. <i>Cub.</i> "Hacer o no hacer la cruz equivale a hacer o no hacer la venta inicial del día. Alude a la vieja práctica que acostumbran los comerciantes en pequeño, de persignarse haciendo la señal de la cruz con la moneda que se obtenga al realizar la primera venta del día..." (Rodríguez Herrera). Por extensión, hoy se aplica a otras acciones que no están relacionadas con venta alguna. - <i>Güenos días, caserite. ¿No me toma naa hoy? Entoavía no he hecho la cru...</i> (C. Villaverde: <i>Cecilia Valdés</i> , 1882) - <i>Hay días que no hago la cruz...</i> (E. Serpa: <i>Noche de fiesta</i> , 1951) p. 145

143.	CUCHARETA (METER LA) fr. <i>Cub.</i> Inmiscuirse en un asunto. La Acad. sólo registra “meter su cuchara” y “meter su cucharada”.
144.	CUENTO (NO HACER EL) fr. <i>Cub.</i> No sobrevivir. ... <i>el que se cae de esa altura</i> no hace el cuento...(P. de la Torriente Brau: <i>Presidio Modelo, 1932-1935</i>) p. 148
145.	CUERPO (DAR DEL) fr. <i>Cub.</i> Hacer del cuerpo, defecar. Así, pues, <i>dar del cuerpo es ¡menuda donación!</i> ... <i>se le aflojaron las tripas y le dieron ganas de dar del cuerpo...</i> (S. Feijóo: <i>Cuentos populares cubanos de humor, 1981</i>) p. 149
146.	CUJE de alguien (SER EL) fr. <i>Cub.</i> Tenerle bajo su dominio gracias al miedo. Úsase sobre todo en el oriente del país. p. 149
147.	CULO (SER UN) fr. <i>Cub.</i> Se aplica a la persona despreciable. Puede tomar el giro eufemístico de ser <i>carne</i> ’ “ <i>abajo</i> ’ el rabo”. p. 150
148.	CUMPLÍO (ESTAR) fr. <i>Cub.</i> Es modismo de guapetones, que dicen que <i>están cumpli</i> ’os para afirmar que en nada estiman la vida y que “se la ripian con cualquiera”. Dos probables orígenes: primero: en la jerga de los galleros se dice que <i>está cumpli</i> ’o el gallode lidia que ya resulta viejo; segundo: se dijo que lo estaba el esclavo cuya manumisión era próxima. p. 151
149.	CUÑO a algo (PONERLE o PEGARLE) fr. <i>Cub.</i> Darlo por seguro o confirmado. p. 152
150.	CURIELA (SER UNA) fr. <i>Cub.</i> Se dice que lo es la mujer de numerosa prole, aludiendo a la gran fertilidad de los cobayos. En España se dice <i>ser una coneja</i> con igual significado (Besses) p. 153
151.	CHACUMBELE (MORIR COMO) fr. <i>Cub.</i> Se aplica a quien obtiene funestos resultados como consecuencia de sus propias acciones. Del legendaro Chacumbele se dice que “él mismo se mató”. p. 513
152.	CHÁGARA (PASAR POR LA) fr. <i>Cub.</i> Matar (de chaira o <i>chágara</i> , cuchilla del zapatero). // Poseer sexualmente. p. 155
153.	CHANGÓ (COGER o BAJARLE a alguien EL) fr. <i>Cub.</i> Caer en estado de posesión religiosa, <i>coger el santo</i> . (Changó es corrupción de Shangó, integrante del olimpo yoruba.) // Enfadarse en grado sumo. ...y el <i>bongó se rompe al volverse loco</i> , y a niña <i>Tomasa</i> le baja el changó. (J. Z. Tallet: <i>la semilla estéril, 1923-1939</i>) p. 157
154.	CHAO (ESTAR) fr. <i>Cub.</i> Estar dos personas en situación tal que ninguna deba nada a la otra. // Quedar empatados. p. 158
155.	CHECHE (ESTÁ o VIVIR DE) fr. <i>Cub.</i> Se dice del que vive cómodamente sin apreciable sacrificio de su parte. p. 160
156.	CHELES (RECOGER LOS) fr. <i>Cub.</i> Irse. V. <i>cheles</i> . p. 160
157.	CHICLE (NO GANAR NI PA’L CHICLE) fr. <i>Cub.</i> Ganar muy poco. Sinón.: <i>no ganar ni pa’ la fuma</i> . p. 514
158.	CHICLE (SER UN) fr. <i>Cub.</i> Recordando una propiedad de la goma de mascar, se dice que lo es el individuo que se pega a las personas con insistencia, el <i>pegote</i> . p. 152
159.	CHICHÍ (PICARLE a alguien EL) fr. <i>Cub.</i> Además de su sentido recto (V. <i>chichí</i>), significa, figuradamente, sufrir un descalabro de cualquier índole. Sólo hemos escuchado el modismo en la región oriental. p. 163
160.	CHIFLA (IR QUE) fr. <i>Cub.</i> Lo mismo que <i>salir en coche</i> (V.). // Se aplica al que se traslada apresuradamente. p. 163
161.	CHINA (PONÉRSELA a alguien EN) fr. <i>Cub.</i> Plantearle una situación difícil, ponerlo en aprietos, <i>parquearle una tiñosa</i> (V.). / Darle una respuesta que, por lo ingeniosa o irrefutable, resulta aplastante. p. 164

162.	CHINO ATRÁS (TENER UN) fr. <i>Cub.</i> Tener mala suerte, mala agallas, ser apocado. Alude a la indefensión de los chinos, que fueron por mucho tiempo brutalmente discriminados en Cuba. En este modismo <i>gollejo</i> es, claro está, <i>hollejo</i> . p. 165
163.	CHINO ATRÁS (TENER UN) fr. <i>Cub.</i> Tener mala suerte, mala sombra. Son sinónimos: <i>estar sala'o</i> , <i>tener que ir a Guanabacoa</i> , <i>ser un saco'e sal y estar caga'o de aura</i> . <i>Cuando alguien tenía una racha de mala suerte decía:</i> Tengo un chino atrás. p. 165
164.	CHINO QUE TE PONGA UN CUARTO (BÚSCATE UN) fr. <i>Cub.</i> Fórmula de rechazo. <i>Una mujer considerada decente, aunque un chino le cayera bien, tenía miedo arrimársele. Cuando un hombre iba a pelearse con una mujer, le decía:</i> Búscate un chino que te ponga un cuarto. (R. González: <i>La fiesta de los tiburones</i> , 1978) p. 166
165.	CHIRINGA (MANDAR a alguien A EMPINAR) fr. <i>Cub.</i> Lo mismo que <i>mandarlo a freír tusas</i> (V.). p. 167
166.	CHISPA ATRASA' (TENER LA) fr. <i>Cub.</i> Ser lento, lerdo. p. 168
167.	CHISPA ENCENDÍ'A (TENER LA) fr. <i>Cub.</i> Mostrarse ágil, vigilante, rápido, presto. Su antónimo es <i>tenerla chispa atrasa'</i> . p. 168
168.	CHIVA (ESTAR) fr. <i>Cub.</i> Estar disgustado. <i>chivatea'o</i> . p. 168
169.	CHIVA (NO TENER NI DONDE AMARRAR LA) fr. <i>Cub.</i> Describe una situación económica apretadísima. Tiene sinónimos en <i>estar comiéndose un cable</i> , <i>estar en la tea</i> , etcétera. <i>La cuestión del dinero estaba muy apretada para la familia. Cuba era rica, pero los míos no tenían ni donde amarrar la chiva.</i> (R. González: <i>La fiesta de los tiburones</i> , 1978) p. 168
170.	CHIVO LOCO (HACERSE EL) fr. <i>Cub.</i> Fingirse tonto, hacerse el sueco. <i>¡Óyeme, catalán! ¡Dame el vuelto, no te vengas haciendo el chivo loco conmigo porque llamo un policía!</i> (R. Martínez: <i>Oriente folklórico</i> , 1934) p. 171
171.	CHORRO 'É PLOMO (SER UN) fr. <i>Cub.</i> Se dice que lo es el individuo antipático, <i>pes'ao</i> , y de esto último (aludiendo a la alta densidad de este metal) se deriva el modismo. p. 172
172.	DEDO (NO CHUPARSE o NO MAMARSE EL) fr. <i>Cub.</i> Proclama que no lo hace quien asegura que no es tonto. <i>...Aponte, tú parece que no me conoces, o que crees que yo me mamo el dedo...</i> (C. Villaverde: <i>Cecilia Valdés</i> , 1882) p. 176
173.	DESPERDICIO (NO TENER) fr. <i>Cub.</i> Se dice que no lo tiene aquello que se desea ponderar. Se aplica frecuentemente a lo que resulta hilarante. p. 181
174.	DEVORÁRSELA fr. <i>Cub.</i> Lo mismo que <i>comérsela</i> (V.). p. 182
175.	DIANA (LLEVAR a alguien A TOQUE DE) fr. <i>Cub.</i> Lo mismo que <i>llevar aprisa</i> (V.). p. 182
176.	DIEZ (COGER UN) fr. <i>Cub.</i> Lo mismo que “coger un cinco” (V.). <i>...dejaba tranquilos a los presos para que cogieran un diez...</i> (E. Álvarez Jané: <i>Macuta La Habana</i> , 1981) p. 182
177.	DILIGENCIA (HACER UNA) fr. <i>Cub.</i> Eufemismo para “defecar”. Aquí también se escucha, con igual sentido, <i>echar una carta</i> , común también en España. <i>... estaba haciendo una diligencia debajo de una mata de mango...</i> (S. Feijóo: <i>Cuentos populares cubanos de humor</i> , 1981) p. 183

178.	DISCO (CAMBIAR EL) fr. <i>Amér.</i> Cambiar el tema, hablar de algo diferente. Generalmente, en imperativo: “ <i>¡Cambia el disco!</i> ” p. 184
179.	DULCE (SER) fr. <i>Cub.</i> Se dice que alguien es dulce para aquello que atrae: “ <i>Fulano es dulce para la desgracia</i> ”. p. 185
180.	ECHARLE a alguien fr. <i>Cub.</i> Jugarle una mala pasada, engañarlo o estafarlo. // Hablar mal de esa persona. V. <i>rayo (echar con el)</i> . p. 187
181.	ECHAR PA'LANTE. fr. <i>Cub.</i> Hacer frente a una situación de manera resuelta. // Denunciar. ...zapatos por malanga...dinero por puerquitos...los deberías echar para adelante...(Del guión de la película cubana <i>Ustedes tienen la palabra</i>) - <i>Un día esa vieja lo echa pa'lante...</i> (E. Álvarez Jané: <i>Macuta La Habana</i> 1981) p. 187
182.	ECHARSE a alguien fr. <i>Cub.</i> y <i>Méx.</i> Matarlo, eliminarlo. ...les hizo frente a todos los cuicos y federales del pueblo y se los echó...(M. Azuela: <i>Los de abajo</i> , 1915) // Poseer sexualmente: “ <i>Fulano se echó a Mengana</i> ”. p. 187
183.	EJE (PARTIR a alguien Por EL) fr. <i>Com.</i> Hacerle un gran daño. Un ejemplo sudamericano: <i>Ella creyó partirlo por el eje y darle calabazas rotundas...</i> (R. Palma: <i>Tradiciones peruanas</i>) Besses reportó su uso en España. La Acad. ignora el modismo. p. 188
184.	ELEPEVÉ (ESTAR) fr. <i>Cub.</i> Es sinónimo, cuando se aplica a una mujer, de esta <i>buena</i> (V.) p. 188
185.	EMBARCOA (ESTAR) fr. <i>Cub.</i> Estar embarazada. Se forma por atracción fonética del nombre de la más oriental de las ciudades cubanas. p. 188
186.	EMBARCUTEY (ESTAR) fr. <i>Cub.</i> Igual al anterior. p. 188
187.	ENSILLA' O LLA' (ANDAR o ESTAR) fr. <i>Cub.</i> En lenguaje carcelario, portar un arma oculta. p. 188
188.	ENTERO, RA (ESTAR) fr. <i>Cub.</i> Encontrarse en perfectas condiciones. // Se dice que está <i>entera</i> la real hembra. p. 196
189.	ENTRAR PA'DENTRO. fr. <i>Com.</i> Pleonasma. No es éste tampoco un pecado que nos puedan cargar con exclusividad a los hispano-americanos, como se ve en la cita que sigue: <i>Replicó Don Quijote: Majadero, insensato, ¿no ves desde aquí los altos chapiteles, y la famosa puente levadiza, y los dos muy fieros grifos que defienden su entrada a aquellos que contra la voluntad del castellano pretenden entrar adentro...</i> (<i>El Quijote</i> de Avellaneda, 1614) Son también muy comunes <i>salirpa'fuera, subir pa'rriba y bajar pa'bajo</i> . p. 197
190.	ESPEJERA (HACERLE a alguien UNA) fr. <i>CUB.</i> Molestarlos, importunarlos con insistencia impertinente. p. 201
191.	ESPUELA (DAR) fr. <i>Cub.</i> Efectuar cierta práctica sexual. p. 201
192.	ESTAMBAY (ESTAR o QUEDAR EN) fr. <i>Cub.</i> Esperar, quedar en la expectativa. Del inglés <i>stand by</i> , popularizado por el argot de las comunicaciones radiales. ...no teníamos balas para pelear y nos quedamos en stand by...(J. QUEVEO: <i>La batalla de El Jigüe</i> , 1976)
193.	ESTAR ATRÁS fr. <i>Cub.</i> Lo mismo que <i>fuácata (estar en la)</i> (V.). // Estar mal informado, desconocer lo que es notorio. p. 202
194.	ESTAR QUERIDO, DA fr. <i>Cub.</i> expresa que algo está resuelto, que no existen dificultades.

	<i>No se ocupe, que esto está querido.</i> (H. Zumbado: <i>Limonada</i> , 1978) p. 202
195.	ESTAR FAJA'O fr. <i>Cub.</i> Se dice que lo está la persona que combina su ropa con mal gusto (camisa de cuadros y pantalones de rayas, etcétera). p. 202
196.	ESTAR HECHO fr. <i>Cub.</i> Encontrarse en buena situación. p. 203
197.	ESTILO (ESTAR EN EL) fr. <i>Cub.</i> Hallarse física o económicamente maltrecho. p. 203
198.	ETCÉTERA (ESTAR HECHO UNA) fr. <i>Cub.</i> Estar hecho una birria, un adefesio. // No tener dinero. p. 203
199.	FÁCIL (ESTAR) fr. <i>Cub.</i> Encontrarse disfrutando de cualquier situación agradable o conveniente. p. 203
200.	FANA (COMER) fr. <i>Cub.</i> Nuevamente se dice que el vanidoso o el tonto comen, figuradamente, alguna materia repulsiva. V. lo dicho en <i>comebola</i> . p. 206
201.	FANA (SER UN) fr. <i>Cub.</i> Gravísimo insulto entre los orientales; lo mismo que ser un <i>fanoso</i> (V.). p. 206
202.	FAROL o UN FOCO (FUNDIRLE a alguien UN) fr. Golpearlo en un ojo. p. 207
203.	FICHA (PASARSE CON) fr. <i>Cub.</i> En el dominó, dejar de efectuar una jugada aunque se tienen fichas de los palos que están en mesa. // Se aplica burlonamente a quien comete un error fácilmente evitable. p. 208
204.	FLAUTA (TOCAR LA) fr. <i>Cub.</i> Efectuar la práctica sexual conocida con el nombre latino de <i>fellatio</i> . Algunos dicen <i>tocar la flauta de Bartolo</i> , que se deriva de la canción: <i>Bartolo tenía una flauta con un agujero solo. Todo el mundo se divertía con la flauta de Bartolo.</i> Hay otras versiones de este modismo que preferimos no repetir. Anótese que el papel que aquí juega la flauta lo desempeña la corneta en otro país. p. 211
205.	FLETADO (IR) fr. <i>Cub.</i> Ir a gran velocidad. Anótese que, según la Acad., en la Argentina llaman <i>flete</i> al caballo ligero. p. 211
206.	FLI (DARLE a alguien) fr. <i>Cub.</i> Rechazarlo, despedirlo, eliminarlo del círculo de los preferidos. p. 212
207.	FO (HACERLE a alguien o a algo) fr. <i>Cub.</i> “Fo” es también aquí una interjección de asco, pero <i>hacerle fo</i> a una persona, a una invitación, etcétera, es rechazarla con altivez. Le hiciste fo a la niña más linda del baile y esto picó mi curiosidad... (C. Villaverde: <i>Cecilia Valdés</i> , 1882) p. 213
208.	FOTO CARNÉ (HACERSE UNA) fr. <i>Cub.</i> Sustituir el habitual baño por un lavado de cara y torso. Forma parte del argot estudiantil de los becarios o <i>becados</i> , como nosotros decimos. p. 215
209.	FRIJOLES (QUEMÁRSELE a alguien LOS) fr. <i>Cub.</i> Introducirse los pantalones, generalmente por defecto en la hechura, entre ambos glúteos. p. 217
210.	FRÍO (DARLE a alguien) fr. <i>Cub.</i> Lo mismo que <i>darle hielo</i> (V.). p. 514
211.	FRÍO (METERLE a alguien) fr. <i>Cub.</i> Atemorizarlo. p. 217
212.	FUÁCATA (ESTAR EN LA) fr. <i>CUB.</i> No tener dinero. Sinón.: <i>estar atrás, estar bruja</i> . p. 218
213.	FUETE (DARLE a algo) fr. <i>Cub.</i> Castigarlo con un uso demasiado fuerte o intenso: “¡Qué <i>fuete</i> le das a esa camisa!” p. 219

214.	FUMA (NO GANAR o NO HACER NI PA' LA) fr. <i>Cub.</i> Ganar muy poco o nada. <i>Tabaquero en sus años mozos, no hacía ni pa' la fuma...</i> (E. Robreño: <i>Cualquier tiempo pasado fue...</i> , 1979) <i>V. estar atrás, estar bruja y estar en la fuácata.</i> p. 220
215.	FUSIL (LIMPIAR EL) fr. <i>Cub.</i> Efectuar el coito. En México dicen <i>afilar el hierro</i> (Trejo). p. 221
216.	GALLETA CON GORGOJO (SER) fr. <i>Cub.</i> Estar casado. // Tener avanzada edad. p. 223
217.	GALLO (CANTAR EL) fr. <i>Cub.</i> Se dice que va a <i>cantar el gallo</i> cuando se va a efectuar algún pago. Puede haber tenido alguna relación con el modismo español <i>cantar el grillo</i> , aquí desconocido, y que significa “hacer sonar el dinero” (Besses). p. 223
218.	GANDINGA (TENER) fr. <i>Cub.</i> Se dice que la tiene el indolente - <i>Tú sí tienes gandinga. Lunes, miércoles y viernes, de nueve a diez y media, el tipo se da sillón en tu casa. al final dice: adiós, señora, adiós, señor...y pam...San Isidro...</i> (E. Álvarez Jané: <i>Macuta La Habana</i> , 1981) p. 224
219.	GENTE (VIVIR COMO LA) fr. <i>Cub.</i> Tener un nivel de vida decoroso. <i>Cuando se casaron pensaba vivir como la gente, tener su apartamento...</i> (R. González: <i>Siempre la muerte...</i> , 1982) p. 228
220.	GIRO, RA (TENER a alguien) fr. <i>Cub.</i> No darle descanso, ya sea con impertinencias, bravuconerías o trabajo excesivo. p. 228
221.	GOLILLA (LLEVARSE a alguien POR o EN LA) fr. <i>Cub.</i> Matar. Se originó en el argot de los <i>galleros</i> . V. <i>golilla</i> . // Eliminar, en cualquier sentido. // En materia de amores, conquistar <i>Jeba que se ponga a tiro, jeba que se lleva en la golilla.</i> (H. Zumbado: <i>Limonada</i> , 1978) p. 229
222.	GOLLEJO A UN CHINO (NO TIRARLE NI UN) fr. <i>Cub.</i> Ser completamente indefenso, inocuo. p. 229
223.	GORRA (PEGAR LA) fr. <i>Cub.</i> Comer en casa ajena. La Acad. sólo recoge: “De gorra m. adv. A costa ajena.” p. 229
224.	GUAGUANCÓ (VIVIR DEL) fr. <i>Cub.</i> Lo mismo que “vivir del cuento”. p. 234
225.	GUAPACHÁ (VIVIR DEL) fr. <i>Cub.</i> Vivir del cuento. p. 238
226.	GUÁSIMA (COMERSE LA) fr. <i>Cub.</i> Faltar el alumno a la escuela, en especial cuando sus padres se imaginan que en ella se encuentra. Se suele escuchar en el oriente del país. Observ.: hay diccionarios en los que se escribe <i>guásima</i> , en tanto que en otros leemos <i>guácima</i> . p. 243
227.	GUATAO (ACABAR CON LA FIESTA DEL) fr. <i>Cub.</i> Según parece, en el pueblo de <i>El Guatao</i> , cercano a la ciudad de La Habana, hubo una fiesta memorable cuyo final no fue muy armonioso, pues el modismo equivale a terminar a puros golpes. p. 244
228.	GUAYABITOS EN LA AZOTEA (TENER) fr. <i>Cub.</i> Se dice que los tiene el que ha enloquecido. Sinón.: estar <i>quendi, creisi, tosta'o, quema'o, sansi, o pa'l cocal</i> . V. también tener un <i>pase a tierra</i> y estar <i>sulfata'o</i> . p. 248
229.	GÜEVOS o HUEVOS (SALIRLE a alguien algo DE LOS) fr. <i>Cub.</i> Darle su realísima gana. <i>...porque a él, personero del orden, simplemente le salía de los güevos...</i> (E. Álvarez Jané: <i>Macuta La Habana</i> , 1981) p. 249

230.	GUILLA'O (HACERSE EL) fr. <i>Cub.</i> Lo mismo que <i>guillarse</i> (V.). <i>No andaba pidiéndoles dinero a las mujeres. Ellas tenían que metérmelo en los bolsillos, en las botas, mientras me lavaba. Me hacía el guilla' o.</i> (R. González: <i>La fiesta de los tiburones</i> , 1978) p. 250
231.	GUINEO (SER UN o CORRER MÁS QUE UN) fr. <i>Cub.</i> Ser muy rápido en la carrera, como lo es el ave de marras (<i>Numida meleagris</i>), de la cual el pueblo afirma que nace corriendo: rompe el cascarón y sale a mil. p. 251
232.	GUIISO a alguien (DARLE) fr. <i>Cub.</i> Matarlo. // Eliminarlo de cualquier modo. // Destruirlo. <i>V. cepillar, ñampiar y dar tafía.</i> <i>...cualquier cosa que pase, que me den guiso o algo, ustedes le llevan la cadena a la niña...</i> (V. Casaus: <i>Girón en la memoria</i> , 1970) // Poseer sexualmente. Salillas reportó la voz <i>guisado</i> como sinónimo de mancebía, en el habla del delincuente español. p. 252
233.	HABANA EN GUANABACOA (METER LA) fr. <i>Cub.</i> Meter algo donde no cabe. Es graciosa figuración que nos remite a la imposibilidad de hacer entrar toda la capital en uno de sus arrabales. // Por extensión, intentar una empresa descabellada. p. 254
234.	HACHA (SER UN) fr. <i>Cub.</i> Distinguirse en cualquier desempeño. p. 254
235.	HÍGADO (SER UN) fr. <i>Amér. Cent. y Cub.</i> Se aplica a la gente antipática. Otros dicen <i>ser un bofe</i> . p. 258
236.	HIJO DE LA COMADRONA (SER EL) fr. <i>Cub.</i> Se dice que lo es el que no alcanza nada a la hora del reparto de algo apetecible. p. 258
237.	HIJO MACHO (HACERLE a alguien UN) fr. <i>Arg., Cub., Méx., Per., P. Ric. y Urug.</i> Ponerlo en aprieto mayúsculo. p. 258
238.	HORA (ESTAR algo o alguien QUE DA LA) fr. <i>Com.</i> Sirve para ponderar la excelencia de sus cualidades. Es modismo de la germanía que la Acad. ha aceptado. p. 259
239.	HORNO PA' PASTELITOS (NO ESTAR EL) fr. <i>Cub.</i> Se usa para reprobar lo inoportuno de algún dicho o hecho. p. 260
240.	HUEVOS (FREIR) fr. <i>Cub.</i> Expresar descontento o desprecio. Alude al sonido con que ello suele manifestarse, que remeda el de la grasa cuando hierve en presencia de agua u otra materia que la contenga. <i>Dolores hizo con la boca el sonido onomatopéyico que llamara freír un huevo, cual sino creyera ni jota...</i> (C. Villaverde: <i>Cecilia Valdés</i> , 1882) <i>...hizo con la boca eso que nosotros llamamos freír huevos...</i> (P. de la Torriente Brau: <i>Presidio Modelo</i> , 1932-1935) - <i>Te va a acusar.</i> <i>Arturo fríe un huevo...</i> (J. Soler Puig: <i>El pan dormido</i> , 1977) p. 261
241.	HUMÓN (JUGAR) fr. <i>Cub.</i> Bañarse. <i>V. jugar a los bomberos</i> . p. 261
242.	IGLESIA (CASARSE POR DETRÁS DE LA) fr. <i>Com.</i> Amancebarse. Besses lo registra en su vocabulario popular español. p. 261
243.	INFINITO, TA (ESTAR) fr. <i>Cub.</i> Entre campesinos se dice que lo está quien se encuentra en el punto extremos de la delgadez y el deterioro físico. p. 263
244.	INGLÉS (TRABAJAR PA'L) fr. <i>Com.</i> Esforzarse en beneficio ajeno, en detrimento propio. Tenía igual significado en la época colonial, y así Pichardo lo registra. <i>¡Como que yo me mamo el dedo! No siempre había de trabajar para el inglés.</i> (C. Villaverde: <i>Cecilia Valdés</i> , 1882) <i>...y ya los pies</i> <i>los tengo mudando el cuero,</i> <i>y, vamo, hombre, que no quiero</i>

	<p>trabajar para el inglés. (M. Salas: <i>Trabajar para el inglés</i> [bufo], 1887) ...no ha hecho más que trabajar para el inglés... (F. Jamis: <i>Cuerpos</i>, 1966) Observación: <i>inglés</i> han llamado al acreedor en el lenguaje popular español. p. 264</p>
245.	<p>ININ (COMPLICARSE EL) fr. <i>Cub.</i> Embrollarse, <i>enyerbarse</i> una situación. Del inglés <i>inning</i>, a través del argot beisbolero. p. 264</p>
246.	<p>IR ABAJO fr. <i>Cub.</i> Irse, marcharse, largarse. V. los sinón. en <i>vender</i>. // Morirse. V. <i>ñampiar</i> y <i>romperse</i>. // Perder una posición de mando, prestigio o distinción. -<i>Esa jeva</i> fue abajo... (E. Álvarez Jané: <i>Macuta La Habana</i>, 1981) p. 266</p>
247.	<p>JABÓN (DARLE a alguien) fr. <i>Com.</i> Lo mismo <i>quedarle vaselina</i>. p. 267</p>
248.	<p>JAMO (CAER EN EL) fr. <i>Cub.</i> Ser atrapado, física o figuradamente. p. 270</p>
249.	<p>JAMÓN (DAR) fr. <i>Cub.</i> Designa diversas aberraciones sexuales, principalmente el exhibicionismo. - ¡Inmorales! – <i>dijo una pepilla. Bobby se viró</i> y le dio jamón. (J. Díaz: <i>Los años duros</i>, 1966) // Por extensión, exhibir, mostrar con ánimo de echador. <i>En la Universidad siempre andaban dando jamón de pistola</i>. (L. Otero: <i>La situación</i>, 1963) p. 270</p>
250.	<p>JÁQUIMA (TENER a alguien COGI’O POR LA) fr. <i>Cub.</i> Tenerlo bajo total control. p. 271</p>
251.	<p>JEJÉN PUSO EL HUEVO (SABER HASTA DÓNDE EL) fr. <i>Cub.</i> Se Emplea para ponderar la sapiencia de alguien. Puesto que el jején no alcanza siquiera los dos milímetros, se comprende con claridad el sentido de la frase. ...<i>esas sectas que saben hasta donde el jején puso el huevo y que no creen en dios ni en el diablo, sino en aprovecharse...</i> (Del guión de la película cubana <i>Ustedes tienen la palabra</i>). <i>El jején, ese pequeño insecto por todos conocido, es famoso por dos razones: por sus picadas constantes y por el hipotético sitio donde pone sus huevos, que nadie conoce. Por eso se oye decir, al referirse a alguien que sabe mucho: “Ése sabe hasta donde el jején puso el huevo.”</i> (R. Cisneros J.: <i>Pequeño Managüí de cosas nuestras</i>, 1981) p. 273</p>
252.	<p>JI NI JA (NO DECIR NI) fr. <i>Cub.</i> No decir ni esta boca es mía. <i>El amo no dijo ni ji ni ja</i> (C. Villaverde: <i>Cecilia Valdés</i>, 1882) Según Rodríguez Herrera, este modismo también se escucha en Perú y Puerto Rico. “Sin decir ni tus ni mus” es variante castiza que la Acad. recoge y que es aquí desconocida. p. 273</p>
253.	<p>JIBE (ESTAR HECHO UN) fr. <i>Cub.</i> Se dice de los que está muy agujereado. p. 274</p>
254.	<p>JIRIBILLA (SER UNA) fr. <i>Cub.</i> Se dice de la persona (generalmente un niño) intranquila. <i>Jiribilla</i>, como gracia o salero, ha perdido toda vigencia. p. 276</p>
255.	<p>JUGAR AL FLOJO fr. <i>Cub.</i> Llevar a cabo una empresa sin rigores, sosegadamente, sin exigirse demasiado Es extensión del significado que tiene en el béisbol. p. 280</p>
256.	<p>JUTÍA (CHUPARLE EL RABO A LA) fr. <i>Cub.</i> Emborracharse. p. 282</p>

257.	LADILLA (SER UNA) fr. <i>Cub.</i> Se aplica a la persona desmedidamente insistente. Alude a las molestias que causa el diminuto parásito. A veces este modismo toma la forma de <i>ser una ladilla bugarrona</i> o <i>ser una ladilla con espais</i> . p. 283
258.	LÁMPARA (SER TREMENDA) fr. Lo mismo que “ser tremenda perla”. p. 284
259.	LATA (DARLE LA PATA’ A LA) fr. <i>Cub.</i> Acertar, generalmente de manera casual, como el “flautista” de la fábula. // Morirse. V. <i>ñampiarse</i> . p. 285
260.	LECHE QUE DA LA VACA, QUE SE LA TOME EL TERNERO (PA’LA) fr. <i>Cub.</i> Expresión con la cual se declara que una empresa rinde tan magros beneficios que es mejor abandonarla. p. 285
261.	LECHE (ESTAR CRIA’O A TO’A) fr. <i>Cub.</i> Se aplica al niño malcriado. p. 286
262.	LECHONES MUERTOS EN LA BARRIGA (TENER LOS) fr. <i>Cub.</i> No tener vitalidad, ser indolente, perezoso o tardo. Otros dicen, en lugar de “los lechones”, “los hijos”. <i>...se quedan callados como</i> si tuvieran los lechones muertos en la barriga... (F. Chofre: <i>La Odilea</i> , 1968) p. 286
263.	LEÑA (HACERSE) fr. <i>Cub.</i> Desbaratarse, hacerse trizas (tanto en sentido recto como en el figurado). p. 287
264.	LEÑA (ESTAR HECHO) fr. <i>Cub.</i> Se aplica al que se encuentra sin recursos, económicamente desprovisto. - Yo, con una manzana, estaría “hecho” - Hecho leña. (B. Iznaga: <i>Las cercas caminaban</i> , 1969) Sinón.: <i>estar hecho tierra</i> . p. 287
265.	LEVA (ENCENDERLE a alguien LA) fr. <i>Cub.</i> Pegarle. // Reprenderle. p. 288
266.	LEVA (HALARLE a alguien LA) fr. <i>Cub.</i> Adularle, demostrarle servilismo. V. los sinón. <i>chicharronear, guataquear, tracatanear, oler culo</i> . p. 288
267.	LIBRE (ESTAR POR LA) fr. <i>Cub.</i> Aplicado a personas, desconocer trabas o normas, estar <i>tira’o por la calle’el medio</i> . Puede estar relacionado con <i>estar de libre</i> , modismo en el argot de la prostitución española (Besses). //Aplicado a mercancía, no estar sujeta a racionamiento. p. 288
268.	LIJA (DARSE) fr. <i>Cub.</i> Darse tono, importancia. p. 289
269.	LIMÓN (TOCAR a alguien CON) fr. <i>Cub.</i> Muchísimas acepciones. Entre ellas: poseer sexualmente, golpear, engañar, timar, sobornar. <i>...los cheques palatinos con los que tocaba con limón a organismos, instituciones, folicuarios...</i> (M. Kuchilán: <i>Fabulario</i> , 1970) p. 289
270.	LINGA (DAR) fr. <i>Cub.</i> Dañar o enganar. V. <i>arañar y dar</i> . //Usar un útil sin medida, en su detrimento: “¡Qué <i>linga</i> le das a esa camisa!” // Efectuar el coito. p. 290
271.	LISTAS (VENDER) fr. <i>Cub.</i> Pasar repetidamente el enamorado, con ánimo de ser visto, por donde se encuentra el objeto de su afición. p. 290
272.	LOMA (IRSE PA’LA) fr. <i>Cub.</i> Alzarse en armas, declararse en insurrección, siempre que ésta tenga escenario rural. p. 291
273.	LOMO (DOBLAR EL LOMO) fr. <i>Cub.</i> Trabajar. <i>...mejor que doblar el lomo tienes que doblar la frente</i> . (N. Guillén: <i>West Indies Ltd.</i> , 1934)

	- <i>¿Y tú qué haces, perro? ¿Por qué no metes mano?</i> Dobra el lomo... (C. Villaverde: <i>Cecilia Valdés</i> , 1882) p. 292
274.	LUCHA (COGER) fr. <i>Cub</i> Empecinarse, coger algo a pechos. V. <i>antiluchín</i> . p. 292
275.	LLEVAR a alguien APRISA fr. <i>Cub</i> . Tratarlo con rigor o desconsideración. Muchísimos sinónimos (antepóngase a todos el verbo llevar): <i>de la bonda' al crimen; a toque de diana; con la de palo; como carrito de helado; a empujones y campanillazos; a la una mi mula; tenso; recio; a la marcha'e un tren; a la marcharé</i> . p. 293
276.	MADRE (MENTAR LA) fr. <i>Amér.</i> Ofender a alguien por medio de frases que lesionen la dignidad de su madre. Las variantes son infinitas y, entre ellas, la más elemental, consiste en situar ante la palabra <i>madre</i> una partícula posesiva: <i>su o tu</i> . Ya se ha señalado que queda sobrentendido, entre ambas voces, un adjetivo ultrajante. Comenta Ortiz que nuestros dramaturgos han evitado siempre esta combinación de palabras, bajo la amenaza de la gritería del público cuando aparece el equívoco en algún inocente parlamento: “¡Paso!”, como diciendo, con la jerga del dominó “eso no va conmigo”. En el lenguaje coloquial también se esquivo la infeliz combinación, generalmente cambiando “madre” por “mamá”. Anótese de paso que en algún país latinoamericano <i>ser un puta madre</i> es todo un elogio...que aquí provocaría una reyerta. Eufemísticamente <i>mentarle la madre</i> a alguien se transforma en <i>recordarle la progenitora</i> . V. <i>¡la tuya!</i> <i>...al Coronel se le había ocurrido un simulacro de naufragio...¡Me cago en su madre!</i> (P. de la Torriente Brau: <i>Aventuras del soldado desconocido cubano</i> , 1936) - <i>Oye, ¡tu madre!</i> (C. Montenegro: <i>Hombres sin mujer</i> , 1937) - <i>¡La madre de ustedes, cabrones!</i> (D. Alonso: <i>Tierra inerte</i> , 1961) <i>...la madre del que me diga que no me debe más de un favor.</i> (F. Chofre: <i>La Odilea</i> , 1968) - <i>¡Tu madre, abusador!</i> (R. Garriga: <i>El barrio de las ranas alegres</i> , 1969) <i>Ahora perdónenos si alguna vez le mentamos la madre...</i> (H. de Arturo: <i>Pido la palabra</i> , 1969) <i>Entonces nosotros les mentamos la madre y abrimos fuego.</i> (V. Casaus: <i>Girón en la memoria</i> , 1970) <i>Me cago en su madre, echó a andar sin esperar a que acabara de bajarme...</i> (R. Moya: <i>Amor entre las llamas</i> , 1981) Un ejemplo colombiano en medio de esta “mentadera de madre”: <i>Franco no quiso responderle ni jota; pero cuando vio que habían traído perraje, le mentó la mamá.</i> (José Eustasio Rivera: <i>la vorágine</i> , 1924) p. 297
277.	MADRE (NO TENER) fr. <i>Cub</i> . Se aplica a gente despreciable en extremo. Son los que a veces provocan que se les pregunte: “¿Tú naciste en una incubadora?” p. 298
278.	MAÍZ (COGER o TRABAR a alguien ASANDO) fr. <i>Cub</i> . Sorprenderlo in fraganti. Coincidentemente, en Centroamérica dicen <i>coger asando elotes</i> . p. 299
279.	MALA (CAERLE a alguien LA) fr. <i>Cub</i> . Caer en desgracia, <i>salarse</i> . <i>...tienes que ser un sinvergüenza.</i> <i>Si no, te cae la mala</i> (J. Z. Tallet: <i>La semilla estéril</i> , 1923-1939) p. 301

280.	MALA (DARLE a alguien LA) fr. <i>Cub.</i> Dejarle la peor parte en un asunto o hacerlo objeto de una acción que le perjudique de cualquier manera. // Engañarlo. // No pagarle lo que le corresponde. p. 301
281.	MALO (PONER) fr. <i>Cub.</i> Aplicada a una fiesta, a una reunión, etcétera, lo mismo que <i>formar atmósfera</i> (V.): “ <i>puso malo el baile</i> ” p. 302
282.	MANCO (NO SER uno) fr. <i>Amér.</i> Se usa para afirmar que uno no se encuentra en estado de indefensión, y que es capaz de ripostar cualquier ataque. La Acad. registra otras acepciones, pero Besses recogió en su vocabulario popular español la de “pegar fuerte”, idea cercana a la nuestra. Véase una cita de un clásico argentino: <i>No soy manco pa la guerra...</i> (Martín Fierro) p. 305
283.	MANGOS BAJITOS (COGER LOS) fr. <i>Cub.</i> Aprovecharse de una situación propicia. // Competir con ventaja. <i>...los que cogieron los mangos bajitos cuando ellos [los romanos] comenzaron a echar pa trás...</i> (P. de la Torriente Brau: <i>Aventuras del soldado desconocido cubano</i> , 1936) <i>...ahí empezaron los vividores a no querer trabajar. A ellos les gustaban los mangos bajitos...</i> (R. González: <i>La fiesta de los tiburones</i> , 1978) p. 306
284.	MANICERO (CANTAR EL) fr. <i>Cub.</i> Morirse. El modismo surge con la conocida canción-pregón de Moisés Simons, donde el <i>manicero</i> anuncia que “se va”: <i>Maní...Maní...</i> <i>Caserita, no te acuestes a dormir</i> <i>sin comerte un cucurucho de maní.</i> <i>¡Qué sabrosito y rico está!</i> <i>Ya no se puede pedir más...</i> <i>Ay, caserita, no me dejes ir</i> <i>porque después te vas a arrepentir</i> <i>y va a ser muy tarde ya.</i> <i>Manicero se va...manicero se va...</i> Y la letra termina repitiendo “me voy”. V. <i>ñampiarse</i> . p. 307
285.	MANO (ÍRSELE a alguien LA) fr. <i>Cub.</i> Excederse. p. 310
286.	MANSO A NADA (NO SER) fr. <i>Cub.</i> Se aplica al listo, advertido, vivo, avisado. p. 310
287.	MANTECA’O (PROBAR EL) fr. <i>Cub.</i> Iniciarse en materia de sexo. <i>...la que aguanta tantos años sin marido, después de haber proba’o el manteca’o, es de ley...</i> (F. Chofre: <i>La Odilea</i> , 1968) p. 310
288.	MÁQUINA o UNA MÁQUINA (CORRERLE a alguien) fr. <i>Cub.</i> Mofarse, hacer de él el hazmerreír. <i>-Vamos, compadre, que le están corriendo máquina.</i> (M. Cossío: <i>Sacchario</i> , 1970) Sinón.: <i>coger pa’l trajín, trajinar</i> . p. 311
289.	MARCHA DE UN TREN (LLEVAR a alguien A LA) fr. <i>Cub.</i> Lo mismo que <i>llevarlo aprisa</i> (V.). p. 312
290.	MARCHERÉ (LLEVAR a alguien A LA) fr. <i>Cub.</i> Lo mismo que <i>llevarlo aprisa</i> (V.). p. 312
291.	MARICÓN (CAGARSE EL) fr. <i>Cub.</i> Suceder algo imprevisto y catastrófico, <i>formarse la cagazón vigueta</i> .

	Se aplica en las mismas situaciones en que los angloparlantes utilizan la frase <i>when the shit hit the fan</i> (cuando la mierda golpeó contra el ventilador). p. 312
292.	MARIHUANA (FUMARSE UNA) fr. <i>Cub.</i> Además de su sentido recto: albergar proyectos o ideas disparatadas o de imposible realización. p. 312
293.	MATA (CAERSE DE LA) fr. <i>Amér.</i> Enterarse tardía y repentinamente. Seguramente tiene relación con la forma castellana “caerse del nido”, pues ambas frases se aplican a gente ingenua, poco avisada. p. 315
294.	MATA (SACUDIR LA) fr. <i>Cub.</i> Eliminar lo corrupto, depurar (en sentido figurado). p. 316
295.	MEA (SER EL QUE MÁS) fr. <i>Cub.</i> Para ello no es imprescindible sufrir de una dolencia renal: se aplica al que manda, al que dice la última palabra. <i>...el mandamás Zeulorio, reconocido por todo aquello como el que más mea...</i> (F. Chofré: <i>La Odilea</i> , 1968) p. 320
296.	MEAR DULCE fr. <i>Cub.</i> Lo mismo que <i>orinar dulce</i> (V.). <i>Nosotros enrojecíamos en cuanto alguien hablaba de que estábamos desarrollando y que a lo mejor ya meábamos dulce.</i> (R. González: <i>Siempre la muerte...</i> , 1982) p. 320
297.	MEDIA (HACER UNA) fr. <i>Cub.</i> Tomar un breve descanso, <i>coger un cinco</i> (V.). // Entretener a la <i>chaperona</i> o a la acompañante en beneficio de un amigo. // También <i>hacerle una media</i> a alguien es acompañarlo o visitarlo. p. 321
298.	MÉDICO CHINO (NO CURAR a alguien NI EL) fr. <i>Cub.</i> Se dice de los casos perdidos, irremediablemente desahuciados. ¿Quién fue el legendario médico asiático? R. Martínez, en su <i>Oriente folklórico</i> , registra la existencia de D. Damián Morales, médico chino que curaba el cólera. Su método era originalísimo, pues hacía vibrar los tendones de los sobacos como medida terapéutica. Antonio Chuffat, en su <i>Apunte histórico de los chinos en Cuba</i> (1927), se refiere a Kan Shi Kon, afamado médico botánico, pero sólo agrega como dato complementario que murió en 1885, en Rayo, esquina a San José. Quizás el médico chino que gozó de más fama fue Cham Bombiá, quien llegó a La Habana en 1858. Se afirma que era un sabio herbolario que había sabido conjugar estos conocimientos con los adelantos de la medicina occidental. Desprendido (“si tiene linelo paga pa mí; si no tiene, no paga”), pronto despertó la animadversión de sus colegas. Ejerció en Matanzas (Mercaderes esquina a San Diego) y más tarde pasó a Cárdenas, donde murió en forma misteriosa. Para más datos sobre Cham Bom-biá, consúltese <i>médicos y medicina en Cuba</i> , de Emilio Roig de Leuchsenring. p. 321
299.	MELCOCHA (SER o ESTAR HECHO UNA) fr. <i>Cub.</i> Se dice de la gente meliflua. p. 322
300.	MIA’O (SER) fr. <i>Cub.</i> Ser lo peor de lo peor. 325
301.	MIERDA (COMER) fr. <i>Cub.</i> Hacer o decir tonterías. - <i>Déjate de comer mierda, Andrés. Lo que hay que hacer es aplastar la insurrección.</i> (M. Kuchilán: <i>Fabulario</i> , 1970) // Desempeñar, en cualquier sentido, un papel desairado o inconveniente. // Se dice también que <i>come mierda</i> el fatuo, el echador, el orgulloso, el <i>plantillero</i> . p. 326
302.	MINGO (COGER a alguien DE) fr. <i>Cub.</i> Hacerle objeto de burlas, tomarlo como memo. “Alude al uso del <i>mingo</i> , que es la bola de billar que más se golpea” (Muñoz Proenza). Sinón.: <i>trajinar o coger para el trajín</i> . p. 327

303.	MOJÓN (COMERSE UN) fr. <i>Cub.</i> No consiste en practicar la coprofagia. Equivale a llevarse un chasco. p. 329
304.	MONA (COGER a alguien DE) fr. <i>Com.</i> Lo mismo que <i>ponerle</i> a alguien <i>rabó</i> (V.). p. 330
305.	MONA NO CARGA AL HIJO (PONERSE LA COSA QUE LA) fr. <i>Cub.</i> Se utiliza para describir una situación difícil. p. 330
306.	MONDONGO (TIRAR a alguien A) fr. <i>Cub.</i> Menospreciarlo, ignóralo. - <i>¡Qué va! Ni soñarlo.</i> Me tirarían a mondongo. (F. Chofre: <i>La Odilea</i> , 1968) <i>Y lo que es peor, en esa actitud desafiante de espérate-no-me-agites-que-estoes-poco-a-poco. Y sientes que te tiran a mondongo,</i> (H. Zumbado: <i>¡Esto le zumba!</i> , 1981) p. 330
307.	MONO (CHIFLAR EL) fr. <i>Cub.</i> Se dice que <i>chifla el mono</i> cuando hace mucho frío (al menos en nuestro criterio de gente tropical). <i>Una de esas noches en que chifla el mono de mala manera y la cosa no está para andar de serenata por ahí...</i> (F. Chofre: <i>La Odilea</i> , 1968) p. 332
308.	MONOS (PINTARLE a alguien) fr. <i>Cub.</i> Atraer su atención con arrumacos. // <i>Saltearle.</i> p. 332
309.	MONTE (COGER) fr. <i>Cub.</i> Enfadarse. <i>...dándole de vez en cuando su agüita para que no se chivatee y coja monte...</i> (C. Montenegro: <i>Hombres sin mujer</i> , 1937) Cogió monte. <i>Llamó a Portela para plantear su protesta...</i> (M. Kuchilán: <i>Fabulario</i> , 1970) p. 332
310.	MONTON (TIRAR PA'L) fr. <i>Cub.</i> Desechar, eliminar. // Matar. Observ.: <i>dar abajo</i> es sinónimo, en ambas acepciones. p. 332
311.	MONO VIRA'O (TENER EL) fr. <i>Cub.</i> Estar malhumorado. En <i>Cecilia Valdés</i> Leonardo le pregunta a Nemesia si tiene el <i>moño tuerto</i> . Hoy se dice como se señaló antes. Con frecuencia toma la forma <i>amanecer con el moño vira'o</i> . <i>Amanecer con el moño virao. Esta frase suele emplearse entre la gente del pueblo como señal de haber amanecido de mal carácter y, por lo tanto, no se está para juegos.</i> (R. Cisneros J.: <i>Pequeño managüí de cosas nuestras</i> , 1981) p. 333
312.	MOTA (PASAR LA) fr. <i>Cub.</i> Adular. <i>Qué es el amor...</i> <i>Un niño que pasándonos la mota se hace de nuestros cuerpos soberano.</i> (F. Fernández: <i>Retórica y poética</i> [bufo], 1882) // Pedir disculpas. // Mostrar, por medio de apariencias engañosas, algo distinto a lo que en realidad se persigue. <i>...se me figura que a ti te pasan la mota y que no lo sientes...</i> (C. Villaverde: <i>Cecilia Valdés</i> , 1882) p. 336
313.	NADA (NO ESTAR EN) fr. <i>Cub.</i> Lo contrario de <i>estar puesto para las cosas</i> . p. 339
314.	NUMERITO (HACER o MONTAR UN) fr. <i>Cub.</i> Fingir, simular, especialmente cuando se hace despliegue de alarde histriónico. p. 346
315.	NÚMERO (PONERSE alguien PA'SU) fr. <i>Cub.</i> Pagar. // Contribuir económicamente. <i>...muchos ricachos civiles se pusieron para su número...</i> (M. Kuchilán: <i>Fabulario</i> , 1970) // Alertarse, <i>ponerse pa' las cosas</i> . - <i>Pues como no te pongas para tu número te veo en el pico del aura...</i>

	- (F. Chofre: <i>La Odilea</i> , 1986) p. 346
316.	OLA (ESTAR algo QUE HACE) fr. <i>Cub.</i> Abundar en grado sumo. <i>Y la cervia está por la libre. El carta blanca, que hace olas</i> (H. Zumbado: <i>¡Esto le zumba!</i> , 1981) Sinón.: estar <i>bayoyo</i> , <i>pululo</i> , <i>sato</i> o <i>telero</i> ; haber <i>como loco</i> ; etcétera. p. 352
317.	ONDA (ESTAR EN LA) fr. <i>Cub.</i> Estar incluido en un asunto o empresa cualquiera. // Vestir a la moda. // Estar bien informado. ...estaba en la onda, <i>bien enterado</i> ... (M. Kuchilán: <i>Fabulario</i> , 1970) p. 352
318.	ORINAR DULCE fr. <i>Cub.</i> Se les pregunta si ya lo hacen a los niños que van entrando en la pubertad, con el ánimo bromista de que prueben su propia orina. <i>A ustedes los vamos a llevar cuando orinen dulce – les dice el Haitiano a los varones.</i> (J. Soler Puig: <i>El pan dormido</i> , 1977) p. 353
319.	PAGAR AL TINTÍN. fr. <i>Cub.</i> Hacerlo al contado. Seguramente alude al sonido de las monedas en su trasiego de mano a mano. <i>A veces se escucha la forma caprichosa pagar al tintín de la ciruela.</i> p. 356
320.	PAILA (ECHAR A LA) fr. <i>Cub.</i> Ingerir. p. 356
321.	PALITO o PALILLO DE BARQUILLERO (TRAER o COGER a alguien COMO o DE) fr. <i>Com.</i> Hacerlo trabajar inmoderadamente; molestarlo con frecuencia desconsiderada, etcétera. ...lo que es <i>coger a un patriota</i> como palito barquillero? (R. González: <i>La fiesta de los tiburones</i> , 1978) <i>Esa noche había en la casa cena por lo grande y a causa de ello andaba yo como palillo de barquillero...</i> (G. Eguren: <i>Aventuras de Gaspar Pérez de Muela Quieta</i> , 1982) p. 359
322.	PALO (DAR UN) fr. <i>Cub.</i> Efectuar un robo. // Llevar a cabo una acción espectacular, sorprendente (¿se deriva de <i>dar el palo</i> , modismo de la jerga periodística?). Ejemplo: “ <i>Juantorena dio el tremendo palo</i> en los juegos Olímpicos de Montreal.” p. 361
323.	PALO (ESTAR) fr. <i>Cub.</i> Hallarse en condiciones óptimas. // Aplicada a una mujer, lo mismo que estar <i>buena</i> (V.). p. 361
324.	PALO (ESTAR A MEDIO) fr. <i>Cub.</i> Estar medio embriagado. p. 361
325.	PALO (ESTAR DETRÁS DEL) fr. <i>Cub.</i> Estar desprevenido o desinformado (dicho sea de paso, “desinformado” no forma parte del léxico oficial de la Acad.). p. 361
326.	PALO (LLEVAR CON LA DE) fr. <i>Cub.</i> Lo mismo que <i>llevar aprisa</i> (V.). p. 361
327.	PALO (TIRARSE DEL) fr. <i>Cub.</i> Levantarse, abandonar la cama. Es graciosa figuración imaginada por nuestros guajiros, por analogía con lo que hacen las aves de corral al amanecer. <i>El día amaneció que no se podía pedir más de bonito (...)</i> <i>Telesforo</i> se tiró del palo... (F. Chofre: <i>La Odilea</i> , 1968) p. 361
328.	PALOMA (HACER LA) fr. <i>Cub.</i> Lavar la única ropa que alguien tiene mientras el poseedor espera...en pelotas. p. 361
329.	PALO TE VAS A AHORCAR (SI SABRÁS EN QUÉ) fr. <i>Cub.</i> Se aplica a los irresolutos. p. 361
330.	PAN (COMERSE UN) fr. <i>Cub.</i> Llevarse un chasco. Sinón.: <i>comerse el millo</i> . p. 362
331.	PAN CON NÁ (ESTAR A) fr. <i>Cub.</i> Forma elocuente de expresar el máximo quebranto económico.

	Sinón.: <i>estar en la tea, estar en la fuácata, estar bruja, estar en carne.</i> p. 362
332.	PANETELA (SER) fr. <i>Cub.</i> Se aplica a todo lo excelente. // Por otra parte, se dice que es una <i>panetela</i> la persona de carácter afable. p. 364
333.	PANZA (ESTAR DE) fr. <i>Cub.</i> Estar en una situación económica bonancible. // No trabajar. <i>...el tallo de tu tractor se podía arreglar en el campo (...). Venir para el taller es pasarse la mañana aquí de panza...</i> (Del guión de la película cubana <i>Ustedes tienen la palabra</i>) p. 365
334.	PAPA (ESTAR EN LA) fr. <i>Cub.</i> Encontrarse en una situación favorable, próspera. Puede ser corrupción de <i>estar en la parra</i> , que Suárez registró en 1921 con igual significado y que hoy se desconoce. p. 366
335.	PAPA (NO SABER NI) fr. <i>Amér.</i> No saber absolutamente nada. p. 3666
336.	PARIPÉ (HACER EL) fr. <i>Cub.</i> Ya Rodríguez Herrera señaló que aquí no es válida la definición académica de “presumir, darse tono”. Entre nosotros es efectuar alguna maniobra engañosa, representar una farsa, aparentar. <i>...porque las mujeres dicen las mentiras como si tal cosa y en eso de hacer el paripé no hay quien las gane...</i> (R. González: <i>Siempre la muerte...</i> , 1982) p. 371
337.	PARIR (PONER a alguien AL) fr. <i>Cub.</i> Colocarlo en una situación apretada, insoportable. Perdona, pero es que los abusos me ponen al parir. (L. Otero: <i>La situación</i> , 1963) <i>Vamos a poner a los gusanos al parir.</i> (R. Moya: <i>Amor entre las llamas</i> , 1981) En la germanía se ha escuchado con una ligera diferencia: <i>poner</i> a parir. p. 371
338.	PASO (DAR UN MAL) fr. <i>Cub.</i> Se dice que lo ha dado la mujer que ha tenido contacto sexual premarital. p. 374
339.	PASO (NO ESTAR PA`L) fr. <i>Cub.</i> No hallarse en disposición de soportar impertinencias. p. 374
340.	PATA`E PUERCO (NO SER UN) fr. <i>Cub.</i> Valer, no ser un cualquiera. - <i>José González de la Cruz, vicario, juez eclesiástico, comisario del santo oficio de Inquisición y de la Santa Cruzada (véase cómo el padre González no era pata de puerco...</i> (Á. de la Iglesia: <i>Cuadros viejos</i> , 1915) p. 375
341.	PATADAS (DARSE CUARENTA) fr. <i>Cub.</i> Darse mucho tono. Sinón.: <i>comer mierda, tirarse los peos más altos que el culo.</i> p. 375
342.	PATAS COME YERBA (SI SE CAE EN CUATRO) fr. <i>Cub.</i> Se usa para subrayar la brutalidad o la terquedad de alguien. - <i>¡Gente bruta, cará! ¡Si se caen en cuatro patas comen yerba!</i> (Del guión de la película cubana <i>Ustedes tienen la palabra</i>) p. 376
343.	PATÍN (ECHAR UN) fr. <i>Cub.</i> Irse apresuradamente, escapar. V. los sinón., en <i>vender</i> . p. 377
344.	PECES DE COLORES (REÍRSE DE LOS) fr. <i>Cub.</i> Mostrar despreocupación, pues el hablante se considera a salvo de cualquier amenaza o fracaso. p. 378
345.	PEDACITO (VIVIRLE a alguien UN) fr. <i>Cub.</i> Menoscar su dignidad u hombría. Es voz eminentemente hampesca. p. 378
346.	PEDACITO (VIVIR UN) fr. <i>Cub.</i> Darle excesiva importancia a lo intrascendente, preocuparse por lo irrelevante. p. 378

347.	PEGA' (DARSE UNA) fr. <i>Cub.</i> Variadísimas acepciones, entre las cuales se cuentan: trabajar mucho, beber generosamente, comer opíparamente, darse una golpiza. p. 379
348.	PELOTA de alguien (SER LA) fr. <i>Cub.</i> Se aplica a la persona preferida, a la especialmente predilecta: "ese niño es mi <i>pelota</i> ". p. 381
349.	PEOS MÁS ALTOS QUE EL CULO (TIRARSE LOS) fr. <i>Cub.</i> Tener aires de grandeza. // Lanzarse a empresas superiores a la propia capacidad. <i>Porque yo me pregunto, si no saben, para qué se meten en este lío de ampliaciones y estas ganas de tirarse el peo más alto que el culo.</i> (R. Moya: <i>Amor entre las llamas</i> , 1981) p. 383
350.	PERROS A MEAR (SACAR LOS) fr. <i>Cub.</i> Se dice que para eso ha quedado el individuo insignificante, inocuo. - <i>¡Miren pal consumido éste! Ahora resulta que en vez de sacar los perros a mear, también se ocupa de cuidarle la ñuela a la gente...</i> (F. Chofre: <i>La Odilea</i> , 1968) <i>Así me quité la salación de una mujer que ya no me servía ni para sacar los perros a mear.</i> (R. González: <i>La fiesta de los tiburones</i> , 1978) p. 386
351.	PESOS (ESOS SON OTROS VEINTE) fr. <i>Cub.</i> Lo mismo que "eso es harina de otro costal". p. 387
352.	PESTAÑAS (QUEMARSE LAS) fr. <i>Com.</i> Estudiar con ahínco. <i>Sin quemarme estudiando las pestañas</i> <i>Ni ajustarme a versar en buenas leyes,</i> <i>De mi pobre cacumen fuerzas saco</i> <i>Para cantar en contra del ajíaco.</i> (El Cucalambé: "Adiós al ajíaco") p. 387
353.	PESTAÑAZO (ECHAR UN) fr. <i>Cub.</i> Disfrutar de una breve sueño <i>...voy a echar un pestañazo que esta noche tengo un motivito...</i> (A. Iznaga: <i>Las cercas caminaban</i> , 1969) p. 387
354.	PETATE (FORMAR o ARMAR UN) fr. <i>Cub.</i> Lo mismo que formar un <i>tingó</i> (V.). p. 387
355.	PICA'O (ESTAR) fr. <i>Cub.</i> Estar tuberculoso. p. 388
356.	PICA'O DE LOS FUELLES (ESTAR) fr. <i>Cub.</i> Igual a la anterior. p. 388
357.	PICADERO (PONER LA CABEZA EN UN) fr. <i>Cub.</i> Es modismo que utiliza el hablante para dar énfasis a alguna afirmación: " <i>pongo la cabeza en un picadero</i> de que el equipo Habana gana el campeonato". Otros, de hablar más tremebundo, <i>ponen en el picadero</i> porciones de la anatomía menos inocentes que la cabeza. p. 389
358.	PICO DEL AURA (ESTAR EN EL) fr. <i>Cub.</i> Encontrarse en una situación desesperada, amenazado por peligro inminente. Algunos, más dados a lo dramático, agrega: "y el aura tiene ganas de estornudar". <i>Estar en el borde la piragua</i> describe igual situación. <i>...como no te pongas para tu número te veo en el pico del aura...</i> (F. Chofre: <i>La Odilea</i> , 1968) p. 389
359.	PICO (ECHARSE AL) fr. <i>Cub.</i> Incontables significados. Entre ellos eliminar, anular, derrotar; matar; conquistar sexualmente. p. 390
360.	PIE (DAR) fr. <i>Cub.</i> La Acad. acepta sólo "hacer pie", encontrarse en un punto de un río, lago, mar, etc., donde se puede respirar mientras se apoyan los pies en el fondo. Se conserva para "dar pie" la acepción académica de dar motivo u ocasión. p. 391
361.	PIE (ECHAR UN) fr. <i>Cub.</i> Irse apresuradamente, escapar.

	<p>V. <i>vender y dejar una raya</i>. <i>Cuando el pueblo dijo que Batista echó un pie decía una verdad que no completaba con la modosa expresión de “que se fue”...</i> (M. Kuchilán: <i>Fabulario</i>, 1970) // Bailar. <i>Vayámonos pues, a echar un pie esta noche sabatina en la Avenida del Puerto...</i> (G. Robreño: <i>Cualquier tiempo pasado fue...</i>, 1979) p. 391</p>
362.	PIEDRA (PASAR POR LA) fr. <i>Cub.</i> Matar. // Eliminar de cualquier otra manera. // <i>Amér.</i> Poseer sexualmente. p. 392
363.	PIEDRA (PONERSE) fr. <i>Cub.</i> Ponerse duro, inflexible, intransigente. Generalmente como imperativo cuando se ve que alguien va a flaquear: “¡ponte piedra!”. // Tornarse físicamente agraciada una persona: “Fulana se puso piedra después que engordó”. p. 392
364.	PIEDRA (PONERLE a alguien UNA) fr. <i>Cub.</i> Ayudarlo en la consecución de un fin, especialmente cuando para ello se intercede ante un tercero. <i>Ponerle una piedra</i> a alguien con el objeto de su amor, es ejercer el antiquísimo papel de trotaconventos. p. 392
365.	PIEDRAS AL MORRO (TIRARLE) fr. <i>Cub.</i> Tratar de agredir a lo que es inexpugnable o emprender cualquier tarea tan ilusoria como lo sería tratar de dañar a pedradas los muros del mencionado castillo habanero. p. 392
366.	PIÑA (METERSE EN LA) fr. <i>Cub.</i> Abochornarse, ruborizarse, acouquinarse. p. 397
367.	PIÑA (ENTRAR EN LA) fr. <i>Cub.</i> Incorporarse a una <i>piña</i> (V.). p. 397
368.	PIOJO (LARGAR EL) fr. <i>Cub.</i> Pasar apuros en pos de algo: “Argelio largó el piojo buscando cubanismos”. // Morirse. V. <i>ñampiarse</i> . p. 397
369.	PIREY (DAR) fr. <i>Cub.</i> Botar, eliminar (tanto en el sentido recto como el figurado). Es una variante de <i>pirar</i> (V.) en su segunda acepción. Se forma por atracción fonética con <i>pirey</i> , hipotética sustancia blanqueadora que una firma comercial, en los años ’50, aseguraba que contenía sus jabones. Por otra parte, la cerveza <i>pirey</i> es la que fábrica no entrega a los establecimientos comerciales por haber existido anomalías en el proceso de envasar. p. 399
370.	PITA (ENREDAR LA) fr. <i>Cub.</i> Complicar una situación, hacerla difícil. <i>Diestro [Caffery] para las lenguas, lo primero que hizo fue aprenderse lo más posible de nuestro vocabulario vernáculo en su más rancia y genuina expresión. Para decirlo con legítima expresión cafferiana, vino a enredar la pita...</i> (M. Kuchilán: <i>Fabulario</i> , 1970) p. 400
371.	PITA (JODER LA) fr. <i>Cub.</i> Molestar, <i>enredar la pita</i> . // Bromear. // Pasarla bien, divertirse, fiestar. p. 400
372.	PITO (HABERSE TRAGADO UN) fr. <i>Cub.</i> Figuradamente, se dice que lo ha hecho quien tiene voz muy aguda. p. 401
373.	PONER A GOZAR. fr. <i>Cub.</i> En contra de lo que parece, frecuentemente este modismo se utiliza para describir situaciones apretadas, desesperadas. p. 405
374.	PONER EN TRES Y DOS fr. <i>Cub.</i> Poner a alguien en situación tal que no puede evitar tomar alguna decisión importante. Se deriva del argot beisbolero. p. 405
375.	PONERSE FATAL fr. <i>Cub.</i> Muy usado para describir el poco éxito de una empresa. p. 405
376.	PLATA, DE LA QUE CAGÓ LA GATA (SER) fr. <i>Cub.</i> Se usa para rechazar lo que aparenta excelencias que en realidad no posee. p. 407

377.	PLÁTANO PA' SINSONTE (ESTAR COMO) fr. <i>Cub.</i> Lo está aquello que es excelente en su género. La variante <i>estar como patada de sinsonte</i> , que Suárez registró en 1921, nos resulta completamente desconocida. p. 407
378.	PONER UNA (NO) fr. <i>Cub.</i> Fracasarse invariablemente. p. 408
379.	PORTAÑUELA (CUIDARLE a alguien LA) fr. <i>Cub.</i> Dictarle normas morales sobre su comportamiento amoroso. <i>¡Miren pal consumidor este! Ahora resulta que en vez de sacar los perros a mear también se ocupa de cuidarle la portañuela a la gente.</i> (F. Chofre: <i>La Odilea</i> , 1968) p. 409
380.	POTALA (SER UNA) fr. <i>Cub.</i> Se aplica al antipático, <i>al sangrigordo</i> o <i>pesa'o</i> . Se origina en la voz marinera “potala”, que puede designar a la piedra que se usa como ancla o también al barco muy pesado. p. 410
381.	POZO (BAJAR AL) fr. <i>Cub.</i> Efectuar la práctica sexual que los médicos designan con el modoso latinajo de <i>cunnilingus</i> . V. <i>mamancia</i> . p. 410
382.	PRECISA (PONERLE a alguien LA) fr. <i>Cub.</i> Forzarlo, llevarlo a una situación en la que no puede elegir sus acciones; obligarlo a definirse. <i>¿Quiénes decidieron? Los militares, por supuesto, ante la precisa yanqui de defenestrar a Grau...</i> (M. Kuchilán: <i>Fabulario</i> , 1970) p. 411
383.	PRIETO (ESTAR) fr. <i>Cub.</i> En el dominó se dice que lo está el jugador que tiene una <i>data</i> de muchos puntos. Su antónimo es <i>estar blanco</i> . p. 411
384.	PUESTO (ESTAR) fr. <i>Cub.</i> Estar embriagado. Equivale a <i>estar ajuma'o, jala'o</i> o <i>en nota</i> . p. 413
385.	PULIRLA fr. <i>Cub.</i> Esforzarse denodadamente: “tuvo que <i>pulirla</i> para aprobar la matemática”. <i>Cierto que en la manigua la pulió...</i> (E. Robreño: <i>Cualquier tiempo pasado fue...</i> , 1979) p. 414
386.	PUNTA (NO VERLE a algo LA) fr. <i>Cub.</i> Se aplica a lo que no se comprende plenamente: “ <i>no le veo la punta</i> a ese chiste”. p. 414
387.	PUNTO FIJO (SER) fr. <i>Cub.</i> Se dice que lo es, con respecto a un lugar, el individuo que puede ser hallado allí invariablemente: “ <i>Reniel es punto fijo</i> en la pelota”. Sin lugar a dudas es voz que se formó en el seno de la jerga de los jugadores, y que por extensión adquirió el significado antes apuntado. p. 415
388.	PUNALÁ' (DARSE LA) fr. <i>Cub.</i> Malversar. Quizás alude al gesto de atraer algo hacia sí. p. 415
389.	PUNETA (IRSE A LA) fr. <i>Cub.</i> Lo mismo que <i>irse al carajo</i> . <i>...bueno, a la mierda, a la mismísima puñeta...</i> (E. Álvarez Jané: <i>Macuta en La Habana</i> , 1981) p. 416
390.	QUEDAR PUESTO Y CONVIDA'O fr. <i>Cub.</i> No estar dispuesto a repetir alguna experiencia amarga. p. 417
391.	QUESO, (ESTAR algo OSCURO Y OLER A) fr. <i>Cub.</i> Haber gato encerrado, existir algún designio oscuro y malicioso. Está oscuro y huele a queso. <i>Es una encerrona.</i> (J. Díaz: <i>Los años duros</i> , 1966) p. 419
392.	QUILO PRIETO (VALER MENOS QUE UN) fr. <i>Cub.</i> Tener ínfimo valor. Frecuentemente se usa para calificar una deficitaria condición humana, El <i>quilo prieto</i> era el centavo americano, acuñado en cobre. Formaba parte, dicho sea de paso, de más de una receta <i>bilonguera</i> . p. 420

393.	QUÍMICO (CAMINAR COMO) fr. <i>Cub.</i> Hacerlo con pasos menudos y afectadamente. Seguramente alude a la meticulosidad y cuidado típicos de los habituados a andar entre frágiles matraces, atadores y retortas. Es vez que hoy sólo suele escucharse de labios añejos. p. 421
394.	QUINTA Y CON LOS MANGOS (ACABAR CON LA) fr. <i>Cub.</i> Arrasarlo todo. ... <i>un bando de gente vivebién nos quieren</i> acabar con la quinta y con los mangos... (F. Chofre: <i>La Odilea</i> , 1968) p. 422
395.	QUIQUIRIQUÍ (SER UN) fr. <i>Cub.</i> Se dice del que se va a las manos con facilidad. p. 422
396.	QUIT'AO (IR) fr. <i>Cub.</i> Ir a escape. V. los sinón. en <i>vender</i> . p. 422
397.	RABO A LA JUTÍA (CHUPARLE EL) fr. <i>Cub.</i> Emborracharse. <i>Y volvió la moda de chuparle el rabo a la jutía. Cuando los cubanos andaban tristes, como barcos escorados, buscaban el ron.</i> (R. González: <i>La fiesta de los tiburones</i> , 1978) p. 423
398.	RABO (PONERLE a alguien) fr. <i>Cub.</i> Burlarse de él, ponerle en situación desairada o ridícula. p. 423
399.	RATÓN (MATAR EL) fr. <i>Cub.</i> Ingerir una dosis de alcohol en la mañana siguiente a una borrachera, para suprimir sus secuelas. El increíble malestar de la <i>resaca</i> ha hecho sospechar al borracho, desde tiempos inmemoriales, que tiene alguna suerte de animalejo fastidioso alojado en el estómago o en la caja craneana. En Brasil dicen <i>matar o bicho</i> . p. 425
400.	RAYA (DEJAR UNA) fr. <i>Cub.</i> Irse apresuradamente. V. los sinón. en <i>vender</i> . p. 426
401.	RAYO (ECHARLE a alguien CON EL) fr. <i>Cub.</i> Atacarlo verbalmente, hablar mal de él. <i>No te eché con el rayo en la asamblea...</i> (J. Díaz: <i>Los años duros</i> , 1966) Observ.: <i>¿es echar con el rayo</i> – con lo cual, metafóricamente, fulminaríamos al oponente – o <i>echar con el rallo</i> , o sea, desmenuzarlo? p. 426
402.	RECORTE (COGER) fr. <i>Cub.</i> Imitar una técnica o procedimiento. // Plagiar (una idea, una obra, etcétera). p. 427
403.	REGUILETE (SER UN) fr. <i>Cub.</i> Se aplica a las personas muy activas. p. 429
404.	RETAMA (SER) fr. <i>Cub.</i> Ser lo peor, o lo más despreciable, o lo más temible, etcétera. A veces toma forma complicada de <i>ser retama y guayacol</i> o hasta <i>ser retama y guayacol en pomo chato</i> . Equivale a <i>ser árnica y diente 'e perro</i> . p. 431
405.	REUMA EN EL CODO (TENER) fr. <i>Cub.</i> Se dice que de eso padecen los avaros, a los cuales nunca se les ve doblar dicha articulación en gesto de sacar dinero del bolsillo. p. 431
406.	REVENTA'O (ESTAR) fr. <i>Cub.</i> Tener muy buena suerte. <i>Tira la raqueta contra el suelo y le ruga al contrario:</i> - ¡Estás reventao! (H. Zumbado: <i>Limonada</i> , 1978) p. 432
407.	RINQUINCALLA (SER) fr. <i>Cub.</i> Se aplica a la persona muy traviesa, sobre todo a los niños. // Lo mismo que <i>ser de madre</i> . p. 515
408.	RONCARLE o RONCARLE LOS MAMEYES fr. <i>Cub.</i> Lo mismo que <i>traquetearle</i> (V.). p. 434

409.	<p>RUEDA (COGER a alguien La) fr. <i>Cub.</i> No se trata de un equivalente de “coger la rueda de la fortuna”, sino que de todo lo contrario: ser aplastado, suprimido.</p> <p>- <i>A ustedes en la vuelta ésta los va a coger la rueda – dijo el Pelirrojo.</i></p> <p>(D. Buzzi: <i>La religión de los elefantes</i>, 1968) p. 435</p>
410.	<p>SABLE (SACARLE a alguien UN) fr. <i>Cub.</i> Hacer pública contra esa persona una censura o crítica que se ha callado con el fin de sacarla a la luz en el momento más comprometedor.</p> <p>¡Mala estirpe la de los que <i>sacan sables!</i> ¡<i>Solavaya!</i> p. 438</p>
411.	<p>SACO ‘E SAL (SER o ESTAR HECHO UN) fr. <i>Cub.</i> Tener muy mala suerte.</p> <p>V. <i>tener un chino atrás y estar sala’o.</i> p. 438</p>
412.	<p>SALSA con alguien (ESTAR EN) fr. <i>Cub.</i> Coquetearle. p. 441</p>
413.	<p>SALSA QUE EL PESCA’O (GUSTARLE a alguien MÁS LA) fr. <i>Cub.</i> Equivale al castellano “vale más la salsa que los perdigones”, o sea, que quien así piensa considera que lo accesorio muchas veces referido a artes amatorias) es más sustancioso que lo principal. p. 441</p>
414.	<p>SÁNSARA (DAR) fr. <i>Cub.</i> Moverse ininterrumpidamente, caminar sin descanso.</p> <p><i>...tuvo que dar sánsara como un mes, porque Rafael lo andaba buscando para meterle un trompón.</i></p> <p>(S. Feijóo: <i>Cuentos populares cubanos de humor</i>, 1981) p. 443</p>
415.	<p>SANTO (DARLE a alguien EL) fr. <i>Cub.</i> Caer en trance o posesión religiosa.</p> <p><i>Era más católica que santera, pelo le daba el santo.</i></p> <p>(J. Calderón: <i>Amparo, millo y azucena</i>, 1970)</p> <p>Otros dicen <i>coger el santo</i>, lo cual parece ser un problema de sintonía espiritual”, igual que se “coge” una estación radial.</p> <p>Figuradamente, es sinónimo de enfadarse en grado sumo. p. 444</p>
416.	<p>SANTOS (QUEDARSE PA’ VESTIR) fr. <i>Com.</i> Quedarse solterona.</p> <p><i>La solterona se queda para vestir santos por orgullo, por necesidad, y las más de las veces por coquetería.</i></p> <p>(J. V. Betancourt: “<i>La solterona</i>”, 1846)</p> <p><i>...se quedaron para tías y para vestir santos...</i> (C. Villaverde: <i>Cecilia Valdés</i>, 1882)</p> <p>- <i>No seré de las que se quedan para vestir santos o cuidar sobrinos...</i></p> <p>(C. Villaverde, <i>ibíd.</i>)</p> <p><i>... abundando que es bendición de Dios las hembras de buen palmito, que si su Divina Majestad y una ley del próximo Congreso no lo remedian, quedarán para peinar a santa Catalina o vestir virgencitas de Chinguquirá, angelitos de cera y San Antoñitos...</i> (R. Palma: <i>Tradiciones peruanas</i>) p. 445</p>
417.	<p>SAOCO (SER) fr. <i>Cub.</i> Se aplica a todo lo relevante.</p> <p><i>...poseionados allí con los tanques, ametralladoras, morteros, bazucas...lo que iban metiendo para atrás era saoco...</i>(V. Casaus: <i>Girón en la memoria</i>, 1970) p. 445</p>
418.	<p>SEGUNDA (HACER LA) fr. <i>Cub.</i> Lo mismo que <i>hacer la media</i> (V.), en el sentido de apoyo a una persona para consecución de un fin. p. 448</p>
419.	<p>SERPENTINA (RECOGER LA) fr. <i>Cub.</i> Irse // Retirarse poco airosamente de una empresa. p. 450</p>
420.	<p>SERVÍ’O (IR o ESTAR) fr. <i>Com.</i> Se dice del que no tiene atenuantes o escapatoria.</p>

	Es modismo muy común en el habla carcelaria de Cuba. Besses anoto su uso dentro de la jerga del delincuente español. p. 451
421.	SIPOTE (IRSE PA'L) fr. <i>Cub.</i> Irse para el infierno, figuradamente. ... <i>todo lo que habíamos estado disfrutando en casa de Sise se fue pa'l sipote...</i> (F. Chofre: <i>La Odilea</i> , 1968) p. 454
422.	SOLAR (BOTARSE o TIRARSE PA'L) fr. <i>Cub.</i> Comportarse con grosería y agresividad. p. 457
423.	SOMBRITA (IR POR LA) fr. <i>Cub.</i> Al despedir a alguien se le suele decir en tono jocoso <i>ve por la sombrita</i> , lo que equivale a “no te metas con nadie” o “no hagas ninguna travesura”. p. 458
424.	SUELO (TIRARSE EN EL) fr. <i>Cub.</i> Protestar ruidosamente, expresar inconformidad. p. 459
425.	SUERO (PASARSE o PONERSE UN) fr. <i>Cub.</i> Tomar un tentempié. p. 459
426.	TABLA (PERDER LA) fr. <i>Cub.</i> Sonrojarse. // Enfadarse. <i>Y sencillamente los imperialistas pierden la tabla, han perdido la tabla, como se dice corrientemente, están sumamente irritados, saben que no les tememos...</i> (F. Castro Ruiz: Discurso del 24 de octubre de 1981) p. 462
427.	TABLITAS (SALVARSE EN) fr. <i>Cub.</i> Salvarse de milagro. p. 462
428.	TACÓN (ECHAR UN) fr. <i>Cub.</i> Bailar. Sinón.: <i>girar, rular.</i> // Irse apresuradamente, escapar. V. los sinón. en <i>vender</i> . p. 463
429.	TAFIA (DAR) fr. <i>Cub.</i> Lo mismo que <i>dar guiso</i> (V.). p. 463
430.	TANA (SER) fr. <i>Cub.</i> Lo mismo que <i>ser de madre</i> (V.). p. 465
431.	TÁNGANA (DAR LA) fr. <i>Cub.</i> Protestar ruidosamente. p. 465
432.	TAPA AL POMO (PONERLE LA) fr. <i>Cub.</i> En cualquier sentido, llegar a extremos inimaginables. p. 466
433.	TARROS (PEGAR) fr. <i>Cub.</i> Cometer adulterio. <i>Hoy si vas a pegar un tarro, ahí tienes al Comité vigilando.</i> (M. Cofiño: <i>Amor a sombra y sol</i> , 1982) p. 468
434.	TEA (ESTAR EN LA) fr. <i>Cub.</i> Hallarse en deplorable situación económica. Ortiz (1923) registra la forma <i>estar en la tea brava</i> , hoy en desuso. Sí se escucha, por “no tener dinero”, <i>estar en la tea incendiaria</i> . Equivalen a la definida las siguientes frases: todas con el verbo “estar” <i>en la fuácata, en la prángana, atrás, bruja, en carne, hecho tierra, en la calle y sin llavín y pelea' o con el portero</i> ; etcétera. p. 469
435.	TELERO (ESTAR) fr. <i>Cub.</i> Se dice de lo que abunda. <i>El mosquito ta telero, con frío y too...</i> (El Labrador Ruiz: “El gallo en el espejo”) ... <i>por ahí anda el jején telero...</i> (F. Chofre: <i>La Odilea</i> , 1968) ... <i>por la noche el tiro estaba telero desde las azoteas de la ciudad...</i> (M. Kuchilán: <i>Fabulario</i> , 1970) <i>El chiva está telero en el Café Colón.</i> (E. Álvarez Jané: <i>Macuta La Habana</i> , 1981) p. 471
436.	TEMA (NO TENER) fr. <i>Cub.</i> No confrontar problema alguno. p. 471
437.	TENIS o EL PLÁSTICO (QUEMAR EL) fr. <i>Cub.</i> Irse apresuradamente; huir. V. <i>vender</i> . p. 472
438.	TENSO (LLEVAR) fr. <i>Cub.</i> Tratar con rigor, <i>llevar aprisa</i> (V.). p. 472
439.	TÍA (QUEDARSE PA') fr. <i>Cub.</i> Se aplica a la mujer de edad avanzada que no se ha casado. V. <i>jamona</i> . p. 473

440.	TÍBIRI TÁBARA (ESTAR EN EL) fr. <i>Cub.</i> Múltiples significados: estar pasándole bien, no estar ni bien ni mal, etc. Durante muchos años fue respuesta usual cuando se preguntaba cómo andaba el interlocutor. Hoy es modismo poco usado. La frase fue popularizada por una canción. p. 473
441.	TIERRA (ESTAR HECHO) fr. <i>Cub.</i> Estar en deplorable situación económica. Algunos dicen, eufemísticamente, que si lloviera “se volverían fango”. V. frases equivalentes en <i>estar en la tea</i> . p. 475
442.	TIERRA Y DARLE PISÓN (ECHARLE a algo) fr. <i>Cub.</i> Se usa cuando se conmina a dar por terminado un asunto. Es una forma enfática del castizo “echar tierra”. Úsase generalmente en imperativo. p. 475
443.	TIGRE (SER UN) fr. <i>Cub.</i> Al igual que “pantera”, “león”, “fiera”, etcétera, se aplica a quien se distingue en un campo cualquiera. p. 476
444.	TIMBALES (RONCARLE a alguien o a algo LOS) fr. <i>Cub.</i> Se aplica a todo lo inaudito, a todo lo tremendo, en cualquier sentido. Tiene mucha utilización como interjección: <i>¡le roncan los timbales!</i> Lo verdaderamente increíble es que figure en nuestra toponimia: hay un barrio santiaguero conocido como <i>A-mí-me-ronca</i> . p. 4777
445.	TIÑOSA (PARQUEARLE a alguien UNA) fr. <i>Cub.</i> Hacerle responsable de algún asunto espinoso, pedirle algún servicio enojoso o complicado. p. 478
446.	TIRA DEL PELLEJO (ARRANCARLE a alguien LA) fr. <i>Com.</i> Equivale al castizo “quitarle el pellejo”, o sea, murmurar de él, traerle en bocas en su ausencia. - <i>Vamos, niñas, guarden las tijeras (...) No le arranquen la tira del pellejo a esa pobre rubia.</i> (L. V. Betancourt: “ <i>Los primos</i> ”, s. XIX) - <i>¿A quién le vas a arrancar hoy la tira del pellejo?</i> - (R. Roa: <i>La jornada revolucionaria del 30 de septiembre</i> , 1934) p. 479
447.	TIRAR PA'LLÁ fr. <i>Cub.</i> Encarcelar. En esta frase <i>allá</i> es eufemismo por prisión. Sinón.: <i>cargar y encanar</i> . p. 480
448.	TIRO (EMBARAJAR EL) fr. <i>Cub.</i> Lo mismo que <i>embarajar</i> (V.). p. 481
449.	TIRO (PONER) fr. <i>Cub.</i> Iniciar una ronda en el juego de cubilete. p. 481
450.	TIRO (SER o ESTAR HECHO, CHA UN) fr. <i>Cub.</i> Se dice de aquello cuya excelencia desea subrayarse. - <i>A mí me gustó mucho él, es un tiro ese tipo.</i> - (L. Otero: <i>La situación</i> , 1963) p. 481
451.	TIZÓN (SER UN) fr. <i>Cub.</i> Se aplica al negro de piel muy oscura. Sinón.: <i>ser negro teléfono</i> . p. 481
452.	TORO (SER UN) fr. <i>Cub.</i> y <i>Sto. Dom.</i> Tiene la acepción académica (referida a la fortaleza física), pero por extensión, se aplica a quien brilla en cualquier campo: “es un <i>toro</i> sumando mentalmente”. Igual uso tienen ser un <i>caballo</i> , una <i>fiera</i> , una <i>pantera</i> , etcétera. p. 485
453.	TORTILLA (VIRARSE LA) fr. <i>Cub.</i> Equivalente al castizo “volverse la tortilla”, cambiar una situación de manera inesperada. p. 485
454.	TRABAJO MÁS QUE UN PUERCO A SOGA (PASAR MÁS) fr. <i>Cub.</i> Atravesar graves quebrantos. En Santiago de Cuba, en lugar de “puercos”, dicen <i>macho</i> en este modismo, como atestigua Cisneros. p. 487

455.	<p>TRAJÍN (COGER a alguien PA'L) fr. <i>¿Cub.?</i> Lo mismo que <i>correrle máquina</i> (v.). A quien <i>cogen pa'l trajín</i> lo hacen objeto de burlas, se divierten a costa suya o le tratan con desconsideración y se aprovechan de él, principalmente abusando de sus servicios. Se aplica también a seres inanimados: <i>coger pa'l trajín</i> una prenda de vestir es usarla con immoderada frecuencia. p. 487</p>
456.	<p>TRAQUETE A (LE) fr. <i>Cub.</i> Se dice que a algo o a alguien le <i>traquetea</i> cuando es relevante, tanto en sentido positivo como negativo. <i>Le ronca</i> se usa con igual fin. Cualquiera de las dos frases suele acompañarse de algún sustantivo no apto para oídos sensibles. Úsase también como interjección. p. 489</p>
457.	<p>TRINA (ESTAR algo QUE) fr. <i>Cub.</i> Está vigente la acepción académica de “estar rabiando”, pero también significa “apestar en grado sumo” En tal sentido es sinónimo de <i>estar que canta</i>. <i>V. cordelito de guagua y mono cuquea'o.</i> p. 490</p>
458.	<p>TROMPO (VENIR A BAILAR A CADA DEL) fr. <i>Cub.</i> Dárselas de entendido en una materia ante quienes son expertos en la misma. p. 491</p>
459.	<p>TRUCO (ESTAR DE) fr. <i>Cub.</i> Se dice de todo lo de mala calidad: “ese café <i>está de truco</i>”. p. 491</p>
460.	<p>TRUENO (SER o ESTAR HECHO UN) fr. <i>Cub.</i> Pondera la excelencia del sujeto. p. 491.</p>
461.	<p>TURNO (VOLAR) fr. <i>Cub.</i> Dejar de comer (o de bañarse) en alguna de las ocasiones que su periodicidad naturalmente indica. p. 494</p>
462.	<p>TUSAS (MANDAR A FREÍR) fr. <i>Cub.</i> Mandar a paseo, mandar a hacer gárgaras. p. 494</p>
463.	<p>UNA MI MULA (LLEVAR a alguien A LA) fr. <i>Cub.</i> Tratarlo con rigor, <i>llevarlo aprisa</i> (V.). Tiene su origen en un juego infantil, que se acompaña de una tonada: “A la una, mi mula; / a las dos, mi reloj...” (p. 495)</p>
464.	<p>VACA POR LA CHIVA (CAMBIAR LA) fr. <i>Cub.</i> Efectuar un canje desventajoso. p. 496</p>
465.	<p>VACILÓN (ESTAR EN EL) fr. <i>Cub.</i> Encontrarse en situación envidiable. p. 497</p>
466.	<p>VACILÓN (VIVIR DEL) fr. <i>Cub.</i> Lo mismo que <i>vivir del cuento</i>”. p. 497</p>
467.	<p>VALLA (ABRIR) fr. <i>Cub.</i> Irse precipitadamente; escapar. <i>V. los sinón. en vender.</i> p. 498</p>
468.	<p>VALLA! (¡SE CAYÓ LA) fr. <i>Cub.</i> Con este modismo se pondera lo animado o divertido de una situación: “cuando salió el payaso <i>se cayó la valla</i>”. - <i>Ave María, negra.</i> ¡Se cayó la valla! (F. Fernández: <i>El bautizo</i>, [bufo], 1868) p. 498</p>
469.	<p>VASELINA (DAR) fr. <i>Cub.</i> Adular. // Tratar de convencer a fuerza de melosidad. p. 4999</p>
470.	<p>VELA (AGUANTAR LA) fr. <i>Cub.</i> Soportar estoicamente alguna majadería. Con frecuencia se aplica a quien recibe una visita desagradablemente larga. p. 500</p>
471.	<p>VELOCIDAD CON EL TOCINO (CONFUNDIR LA) fr. <i>Cub.</i> Lo mismo que “confundir el culo con las tómporas”. p. 501</p>
472.	<p>VELOCIDAD (TIRARLE a alguien UNA) fr. <i>Cub.</i> Hacerle objeto de una bravuconería. p. 501</p>
473.	<p>VENTA (IR EN) fr. <i>Cub.</i> Lo mismo que <i>vender</i> (V.). p. 502</p>

474.	VIDRIO INGLÉS (CORTARSE CON) fr. <i>Cub.</i> ¡Embarrarse accidentalmente de excremento! Besses, en su vocabulario del hampa española, registró <i>cortarse</i> con esa misma acepción. p. 504
475.	VIVA (ESTAR EN LA) fr. <i>Cub.</i> Estar alerta o enterado. ... <i>debemos</i> estar en la viva. <i>A nosotros no pueden agarrarnos mansitos esos esbirros...</i> (R. Garriga: <i>El barrio de las ranas alegres</i> , 1969) <i>Eso permite al tigre estar siempre en la viva y no comer mierda como los venados...</i> (E. Álvarez Jané: <i>Macuta La Habana</i> , 1981) p. 505
476.	VOLADOR DE A PESO (SALIR o ARRANCAR COMO) fr. <i>Cub.</i> Hacerlo con suma rapidez Y arrancaste <i>de allí</i> como volador de a peso... (A. Benítez R.: en <i>Unión</i> , dic. de 1968) p. 505
477.	YUCA (ASUSTAR LA) fr. <i>Cub.</i> Maniobra culinaria que consiste en agregar agua fría a la yuca que está hirviendo, con el fin de que se ablande. p. 515
478.	YUCA (HACERSE LA) fr. <i>Cub.</i> Masturbarse. p. 510
479.	YUCA Y ÑAME (SER DE) fr. <i>Cub.</i> Lo mismo que <i>ser de madre</i> (V.). <i>La situación era, dicho sea en el sermo vulgaris de la época de yuca y ñame.</i> (M. Kuchilán: <i>Fabulario</i> , 1970) p. 510
480.	YUMBO (IR) fr. <i>Cub.</i> Irse. V. los sinón. en <i>vender</i> . p. 510
481.	ZAFRA (HACER) fr. <i>Cub.</i> Recibir un gran beneficio. <i>Alejandro analizó los tirones de nylon. Pica como pargo, pensó. A lo mejor hacemos zafra.</i> (E. Álvarez Jané: <i>Macuta La Habana</i> , 1981) p. 511
482.	ZAPATERÍA (PONERLE a alguien UNA) fr. <i>Cub.</i> y <i>Méx.</i> Darle una pateadura. Es fácil imaginarse en qué zona anatómica le ponen a la víctima el establecimiento de marras. p. 511
483.	ZAPATO TENIS EN LA CABEZA (TENER UN) fr. <i>Cub.</i> Se dice que lo tiene (en lugar del cerebro) quien es tardo en discurrir o en aprender. p. 511